



NUMBER ONE BESTSELLER

RACHEL CAINE

BITE CLUB

The Morganville Vampires Book Ten

'A FIRST-CLASS STORYTELLER'

CHARLAINE HARRIS, AUTHOR OF *TRUE BLOOD*





BITE CLUB

(Clube da Mordida)

RACHEL CAINE





The Morganville Vampires Series

Glass Houses

The Dead Girls' Dance

Midnight Alley

Feast of Fools

Lord of Misrule

Carpe Corpus

Fade Out

Kiss of Death

Ghost Town

Bite Club 





SINOPSE

Depois de descobrir que os vampiros habitam em sua cidade, a universitária Claire Danvers sabe que os mortos-vivos só querem viver as suas próprias vidas. Mas alguém quer que eles se preparem para um conflito.

Há um novo esporte radical rolando na internet: lutas sem luvas colocando vampiros capturados um contra os outros — ou seres humanos. Ao seguir essa pista remota leva Claire — acompanhada por seus amigos e amigos/inimigos — a descobrir que o que começou como uma briga on-line, em breve ameaçará todos em Morganville...





INTRODUÇÃO

BEM VINDO À MORGANVILLE. VOCÊ NUNCA VAI DESEJAR IR EMBORA.

Então, você é novo em Morganville. Bem-vindo, novo habitante!

Há apenas algumas regras importantes que você precisa saber para se sentir confortável em nossa pequena e calma cidade:

- Obedeça os limites de velocidade;
- Não faça bagunça;
- Não importa o que faça, não vá para o lado dos vampiros maus.

Sim, nós dissemos vampiros. Lide com isso. Como um humano recém-chegado, você precisará encontrar um vampiro Protetor para si — alguém disposto a assinar um contrato para guardar você e os seus, a salvo (especialmente dos outros vampiros). Em retorno, você pagará taxas... como em qualquer outra cidade. Claro, a maioria das outras cidades, já que, aquelas taxas não são arrecadadas pelo banco de sangue móvel.

Ah, e se você decidir não obter um Protetor, pode fazer isso, também... mas é melhor que você aprenda a correr rápido, ficar distante das sombras, e construir uma rede de amigos que possa te ajudar. Tente entrar em contato com os moradores da Glass House — Michael, Eve, Shane e Claire. Eles sabem por onde podem andar, ainda que, de alguma maneira, sempre acabem no meio de problemas.

Bem-vindo a Morganville. Você nunca vai querer ir embora.

E ainda que queira... bem, você não poderá. Desculpe por isso.





CAPÍTULO 1

Lembrando do passado mais tarde, Claire pensou que ela deveria ter imaginado que esse problema iria acontecer. Mas em Morganville, *qualquer coisa* podia ser um problema. Seu professor universitário não aparecia para a aula? Provavelmente porque ele tinha sido mordido por vampiros. Esqueceram de colocar cebolas no seu hambúrguer para a viagem? O cara que fornece cebola regularmente desapareceu de novo, provavelmente devido a vampiros. E assim por diante. Para uma cidade universitária, Morganville tinha uma notável quantidade de vampiros.

Claire era uma especialista nesses assuntos: Universidade Prairie do Texas e, é claro, os vampiros. E desaparecimentos misteriosos. Ela quase tinha sido um desses, mais frequentemente do que ela queria admitir.

Mas este problema não era um desaparecimento. Era uma aparição — de algo novo, algo diferente, e algo legal, pelo menos na opinião do seu namorado, Shane, porque enquanto Claire estava vasculhando através das pilhas de “lixo” e “importante” do correio de sua pequena e estranha fraternidade de quatro pessoas, Shane agarrou o folheto que ela colocou no “lixo” e o leu com a expressão mais exaltada que ela já tinha visto em seu rosto. Assustador. Shane não se empolgava com muita coisa; ele era reservado com os seus sentimentos, na maioria das vezes, exceto com ela.

Agora ele parecia tão feliz como uma criança no Natal.

— Mike! — ele gritou, e Claire fez uma careta e colocou as mãos nos ouvidos. Quando Shane gritou, ele fazia isso com toda a sua força. — Ei, Homem Morto, traga o seu traseiro aqui em baixo!

Michael, seu terceiro companheiro de casa da Glass House, deve ter pensado que havia uma emergência a caminho — não uma suposição irracional, porque, ei, é Morganville. Então, ele chegou correndo, empurrando a porta aberta e parecendo mais pálido do que de costume, e mais perigoso do que o habitual, também. Quando ele agia como um cara normal, ele parecia calmo e doce, talvez um pouco prático demais algumas vezes, mas o vampiro Michael era totalmente e diferentemente atraente.





Sim, ela estava vivendo em uma casa com um vampiro. E, estranhamente, essa não era a parte mais estranha de sua vida.

Michael piscou os reflexos vermelhos para longe de seus olhos azuis, percorreu as mãos em seu cabelo loiro ondulado, e franziu o cenho para Shane. — Qual é o seu problema? — ele não esperou para saber, porém, ele andou até o balcão e pegou uma de suas xícaras de café maltratadas e descombinadas. Essa era preta com uma letra gótica roxa que dizia *veneno*. A xícara pertencia a sua quarta companheira de casa, Eve, mas ela ainda não tinha aparecido nessa manhã.

Quando você dorme até mais tarde do que um vampiro, Claire pensou, *provavelmente exagerou um pouco*.

Enquanto enchia a caneca com café, Michael esperou que Shane fizesse algum sentido. O que Shane finalmente fez foi erguer o folheto branco com uma impressão mal feita. O folheto estava dobrado nas bordas para caber na caixa do correio. — O que eu sempre quis nessa cidade? — ele perguntou.

— Um clube de strip-tease que deixasse garotos de quinze anos entrar? — Michael disse.

— Isso foi quando eu tinha quinze anos. Não, é sério. O que é?

— Uma loja de armas?

Shane fez um som de repreensão. — Ok, para ser justo, é, essa é uma boa resposta alternativa. Mas não. Eu sempre quis ter um lugar para treinar a lutar sério, certo? Um lugar que não achasse que aeróbica é uma arte marcial. E olha!

Claire pegou o papel da mão de Shane e alisou-o sobre a mesa. Ela viu isso quando estava vasculhando o correio, ela achou que era algum tipo de academia. O que era, de certa forma, mas não estava ensinando spinning, yoga e todas essas coisas.

Era um ginásio e um estúdio de artes marciais, e ensinava autodefesa. Ou pelo menos era o que Claire achava pela foto de um cara com uma jaqueta branca e calças chutando o ar, e as palavras **DEFENDA A SI MESMO** em grandes letras em negrito na parte inferior.

Bebendo de forma barulhenta seu café, Michael inclinou seu ombro. — Hum — ele disse. — Estranho.

— Nada estranho em pessoas que querem aprender um pouco de habilidades para preservar a vida, cara. Especialmente por aqui. Não é como se nós estivéssemos esperando uma velhice tranquila — Shane disse.





— Eu quero dizer, é estranho quem está ensinando — Michael disse. — Sendo que esse cara — ele apontou para o nome na parte inferior da página, — é um vampiro.

Vassily era o nome dele, o que Claire somente viu quando procurou por ele. A fonte era pequena. — Um vampiro ensinando autodefesa — ela disse. — Para nós. Os seres humanos.

Shane ficou desconcertado por cerca de apenas um minuto, e então ele disse: — Bem, quem melhor? Amelie fez um decreto de que os seres humanos eram livres para aprender essas coisas, não é? Cedo ou tarde, algum vampiro seria coagido a conseguir dinheiro desse jeito.

— Você quer dizer conseguir dinheiro de nós — Claire disse. Mas ele meio que tinha razão. Um vampiro instrutor de artes marciais? Isso devia ser assustador ou incrível, ou ambos. Ela não experimentaria isso, pessoalmente, ela duvidava que ela tivesse metade do músculo ou massa corporal que exigia. Mas Shane... Bem, seria natural para Shane. Ele era competitivo, e ele não se importava de levar uma surra enquanto estivesse gostando da luta. Ele esteve reclamando da falta de uma verdadeira academia por um tempo.

Claire entregou o folheto de volta para ele, e Shane cuidadosamente dobrou-o e colocou-o no bolso. — Cuidado — ela disse. — Saia de lá se alguma coisa se tornar estranha. — Embora em Morganville, no Texas, o lar da estranheza, esse não era um pedido totalmente razoável. Afinal, era um vampiro que iria ensinar autodefesa. Isso em si já era a coisa mais estranha que ela tinha ouvido falar em um bom tempo.

— Ok, mamãe — Shane disse, mas ele sussurrou isso intimamente e perto de seu ouvido, e depois beijou o ponto em seu pescoço que sempre a fazia corar e tremer. — Coma o seu café da manhã.

Ela virou-se e beijou-o em cheio, apenas um doce e esfregar rápido de lábios, porque ele já estava se afastando... e em seguida, ele inesperadamente voltou e a beijou novamente, mais lento, mais ardente, *melhor*.

Michael, deslizando em um assento à mesa da cozinha com sua xícara de café, abriu a páginas quatro do jornal fino de Morganville e disse: — Um de vocês deveria estar em algum lugar agora mesmo. Eu estou apenas avisando, mas não do jeito que um pai faria.

Ele estava certo, e Claire interrompeu o beijo com um grunhido frustrado de baixo de sua garganta. Shane sorriu.

— Você fica tão linda quando faz isso — ele disse. — Você parece um gatinho realmente feroz.





– Morda-me, Collins.

– Opa, companheiro de casa errado. Eu acho que você quis dizer isso para quem bebe plasma.

Michael fez uma saudação com um dedo, sem tirar os olhos do seu estudo sobre os mais recentes desastres dos esportes da escola do ensino médio de Morganville. Claire duvidava que ele estivesse realmente interessado nisso, mas Michael tinha que ter um material de leitura, ela achava que ele não tinha dormido muito nestes dias, e ler era como ele passava o tempo. E ele provavelmente tirava algo disso, mesmo que fosse apenas o conhecimento de futebol local para impressionar a sua namorada, Eve, no entanto.

Claire agarrou o seu café da manhã – uma Pop-Tart recentemente saída da torradeira – e envolveu-a em um guardanapo para que ela pudesse levá-la com ela. Com a mochila dos livros na mão, ela soprou um beijo no ar para Shane e Michael quando chegou na porta traseira, dirigindo-se para o frio do outono de Morganville.

O outono em outras partes do mundo era uma época bonita e cheia de folhas marrons, laranjas, amarelas... Aqui, as folhas tinham sido marrons por um dia e depois caíram das árvores para sacudirem-se ao redor das ruas e quintais como ossos. Mais uma temporada deprimente para adicionar a todas as outras que foram deprimentes nesta cidade. Mas pelo menos era mais fria do que o verão escaldante, o que já era alguma coisa. Claire na verdade tinha tirado uma camiseta de manga comprida e vestido uma blusa por cima porque as rajadas de vento eram como chicotes afiados enquanto o inverno se aproximava. Em breve, ela precisaria de um casaco, luvas, chapéu, e talvez botas se a neve caísse bastante.

Morganville no verão tinha um verde maçante na melhor das hipóteses, mas toda a grama havia secado e a maioria dos arbustos havia perdido suas folhas. Agora eles eram esqueletos negros tremendo de frio. Não era um lugar bonito, nem um pouco, embora algumas donas de casa orgulhosas tenham tentado fazer alguns paisagismos, e a Sra. Hennessey do outro lado da rua colocava do lado de fora animais estranhos de concreto. Este ano, ela colocou um veado cinza falso bebendo de uma fonte de pedra vazia, e um par de esquilos de concreto que parecia mais ameaçadores do que bonitos.

Claire olhou para o relógio, deu uma mordida na sua Pop-Tart, e quase se engasgou quando percebeu o quão pouco tempo ela tinha. Ela começou a correr lentamente, o que era difícil, considerando o peso de sua mochila no ombro, e em seguida, começou uma corrida completa quando passou os





grandes portões de ferro da Universidade Prairie do Texas. O semestre no outono era cheio; vários calouros estúpidos vagando confusamente com mapas, ou ainda tirando as caixas dos seus carros. Ela chegou perto de duas ou três colisões, mas chegou aos degraus do Edifício Ciência sem muito incidente e com dois minutos inteiros de sobra. Ótimo — ela precisava deles para recuperar o fôlego de volta.

Enquanto ela mastigava o resto de seu café da manhã, desejando ter uma garrafa de água, outros que ela conhecia de vista passaram por ela: Bruce de Física Computacional, que era quase tão deslocado aqui quanto ela se sentia; Ilaara, de uma das aulas de matemática que ela fazia, mas Claire não conseguia lembrar qual.

Ela não fez amigos íntimos na UPT, o que era uma vergonha, mas essa escola não era desse tipo — especialmente se você sabia sobre o funcionamento interno de Morganville. A maioria dos estudantes-só-de-passagem passava um ou dois anos aqui com as festas habituais do campus, exceto pelas lojas específicas e amigáveis com universitários, que eram localizadas a apenas algumas quadras dali, a maioria dos alunos nunca se preocupava em deixar os portões da universidade. E isso provavelmente era melhor.

Era perigoso lá fora, afinal.

Claire encontrou sua sala de aula — uma sala pequena; nenhuma sala com o seu nível de estudo tinha muitas pessoas — e pegou seu lugar de costume no meio da sala, ao lado de um estudante de graduação fedorento chamado Doug, que aparentemente odiava higiene pessoal. Ela pensou em se mudar, mas o fato é que não havia muitos outros lugares, e o cheiro de Doug era detectável a dez metros, de qualquer forma. Melhor conseguir uma dose intensa de perto para que o seu nariz pudesse se acostumar rapidamente.

Doug sorriu para ela. Ele parecia gostar dela, o que era assustador, mas pelo menos ele não era um grande tagarela ou um daqueles caras que vinham com insinuações extravagantes — pelo menos, normalmente não. Ela certamente se sentou no lugar pior. Bem, talvez não em termos de odor corporal. — Ei — ele disse, inclinando-se mais para perto. Claire resistiu ao impulso de se inclinar para o outro lado. — Ouvi dizer que ele vai mostrar uma nova experiência de laboratório hoje para nós. Algo enlouquecedor.

Como ela já trabalhava para o cara mais esperto de Morganville, talvez do mundo inteiro, e uma vez que ele tinha pelo menos algumas centenas de anos e bebia sangue, Claire suspeitava que a escala de enlouquecedor dela era um pouco maior do que a de Doug. Não era incomum ir ao esconderijo





secreto/laboratório subterrâneo de Myrnin (sim, ele realmente tinha um) e descobrir que ele tinha inventado chapéus comestíveis ou um iPod que funcione em baixo d'água. E considerando que seu chefe havia construído computadores bebedores de sangue que controlavam portais dimensionais, Claire não antecipava qualquer problema em entender as atribuições de um mero professor universitário. Metade do que Myrnin a mandava ler não era nem mesmo em uma língua viva. Era incrível o quanto ela havia aprendido — quer queira ou não.

— Boa sorte — ela disse para Doug Fedorento, tentando não respirar muito profundamente. Ela olhou para ele, e ficou surpresa ao ver que ele estava ostentando dois olhos roxos — curando, ela percebeu depois do primeiro choque, mas ele tinha apanhado com muita força. — Uau. Contusões legais. O que aconteceu?

Doug encolheu os ombros. — Entrei em uma briga. Não foi grande coisa.

Alguém, Claire pensou, não gostou do odor corporal dele mais do que o normal.

— Você ganhou?

Ele sorriu, mas era um sorriso do tipo privado, quase cínico — uma piada que ele não podia compartilhar. — Oh, eu vou — ele disse. — Em grande estilo.

A porta se abriu no outro extremo da sala, e o professor entrou. Ele era um homem baixo e gordo com olhos malvados e muito juntos, ele gostava de camisas havaianas em cores odiosamente fortes — na verdade, ela tinha relativamente certeza de que ele e Myrnin compravam na mesma loja. Uma loja desagradável.

— Acalmem-se! — ele disse, embora eles não fossem exatamente a classe mais arruaceira da UPT. Na verdade, ela era perfeitamente tranquila. Mas o professor Larkin sempre dizia isso, Claire suspeitava que ele na verdade era surdo, então ele dizia isso apenas para garantir. — Certo. Espero que vocês todos tenham feito suas leituras, porque hoje vocês começam a fazer algumas aplicações dos princípios que vocês já devem saber. Todo mundo se levante, se ajeitem e sigam-me. Traga o material de vocês.

Claire não tinha se preocupado em tirar nada da mochila ainda, então ela apenas jogou a mochila no ombro e seguiu o professor Larkin, feliz por estar temporariamente fora do ar abafado por Doug. Não que Larkin fosse agradável, tampouco — ele cheirava a suor velho e bacon — mas pelo menos ele tinha tomado banho recentemente.





Ela olhou para o pulso do professor. Nele havia uma faixa de couro preso com uma placa de metal gravada com um símbolo, e não era o símbolo da Fundadora que Claire usava como um alfinete na gola do seu casaco, mas outro símbolo de vampiro. De Oliver, aparentemente. Isso era um pouco incomum, Oliver não supervisionava pessoalmente muitos seres humanos. Ele estava acima de tudo isso. Ele era o dono do local da Máfia de Morganville.

Larkin viu ela olhando e deu-lhe uma careta severa. — Você tem algo a dizer, senhorita Danvers?

— Bela pulseira — ela disse. — Eu só vi outra igual a essa. — O que ela tinha visto tinha estado em torno do pulso da sua própria inimiga pessoal, Monica Morrell, a princesa herdeira (ela bem queria!) de Morganville. Uma vez a filha do prefeito, agora a irmã do novo prefeito, ela achava que podia fazer o que queria... e com a proteção de Oliver, ela provavelmente podia, mesmo que seu irmão, Richard, não fosse tão indulgente como o papai dela tinha sido.

Larkin só... não parecia do tipo que Oliver se incomodaria, a menos que ele não fosse o que parecia ser.

Larkin cruzou as mãos atrás das costas enquanto caminhava pelo amplo corredor quase vazio, o resto da classe se arrastando atrás. — Eu deveria dar a você um passe para o experimento de hoje — ele disse. — Confidencialmente, eu tenho certeza de que vai ser uma brincadeira de criança para você, dado a sua... ocupação a tempo parcial.

Ele sabia sobre Myrnin, ou pelo menos ele sabia de *alguma coisa*. Não havia muitas pessoas que realmente conheciam Myrnin, e menos ainda que tinha ido para o laboratório e tinha alguma compreensão do que se passava lá dentro.

Ela nunca tinha visto Larkin lá ou ouvido seu nome ser mencionado por alguém com influência.

Então, ela teve cuidado com a sua resposta.

— Eu não me importo. Eu gosto de experiências — ela disse. — Desde que não seja do tipo que tenta me comer ou me explodir. — Ambos, infelizmente, ela se deparou em seu trabalho no laboratório.

— Oh, nada de tão dramático — Larkin disse. — Mas eu acho que você pode gostar.

Isso a assustou um pouco.

Quando ela chegou na sala de laboratório, no entanto, não parecia ser nada assustador. Algumas lâmpadas incandescentes de alto espectro





iluminavam, do tipo que você usaria para manter répteis aquecidos; em cada mesa havia alguns pequenos frascos classificados com o que parecia...

Sangue.

Oh, droga. Isso nunca era um bom sinal em Morganville (ou, Claire pensou, em qualquer outro lugar, qualquer um). Ela deu uma parada súbita e deu a Larkin um olhar de olhos arregalados. O resto da turma foi se acumulando por trás dela, falando em voz baixa, ela sabia que Doug tinha chegado por causa da poluição que se instalou ao seu redor. Claro, Doug pegou o banquinho do laboratório ao lado dela. *Droga.* Isso é uma desgraça, como Shane teria dito, Claire cobriu seu desconforto enviando-lhe um pequeno sorriso não muito entusiasmado quando soltou a mochila no chão, tendo cuidado com o laptop dentro. Ela odiava sentar em bancos de laboratório, pois eles só enfatizavam o quão baixa ela era. Ela sentia como se estivesse de volta a segunda série novamente, incapaz de tocar o chão de sua cadeira.

Larkin assumiu a sua posição no centro das mesas de laboratório e pegou uma pequena pilha de papel da sua mochila preta. Ele passou as instruções, e Claire leu-as, franzindo a testa. Eram simples o suficiente — coloque uma amostra do “fluido” em uma lâmina, ligue a luz espectro, observe e registre os resultados. Uma vez que fosse observada uma reação, misturar o sangue reativo identificado com o sangue controlado até a não reação ser alcançada. Em seguida, trabalhar as equações que explicam a reação inicial e a não reação, para traçar a liberação de energia.

Não havia dúvidas do motivo disso, Claire pensou. Os vampiros estavam usando os estudantes para fazer as pesquisas para eles. Abelhas operárias de graça. Mas por quê?

Larkin era sutil, ela tinha que admitir; ele fez piada dizendo que com a popularidade dos vampiros no entretenimento poderia ser divertido aplicar um pouco de física no problema. Parte do sangue foi “alterado” para permitir uma reação, e uma parte não. Ele fez tudo parecer muito científico e lógico, para o benefício de oito em cada dez não-residentes de Morganville na sala.

Claire chamou a atenção de Malinda, do outro lado da sala, que estava usando um símbolo de vampiro. O rosto bonito de Malinda estava imóvel com uma expressão preocupada e assombrada. Ela arregalou os olhos e ergueu as mãos em silêncio, como se dissesse, *o que fazemos?*

Vai ficar tudo bem, Claire murmurou. Ela esperava que não estivesse mentindo.





— Legal — Doug Fedorento disse, inclinando-se para olhar para o papel. Os olhos de Claire lacrimejaram um pouco, e ela sentiu uma vontade de espirrar. — Vampiros. *Eu quero beber o seu sangue!* — Ele simulou uma mordida em seu pescoço que assustou-a tanto que ela quase caiu do banco.

— Não faça isso de novo — ela disse. Doug pareceu um pouco surpreso com a reação dela. — E, a propósito, chuveiros. Vá atrás deles, Doug!

Isso foi um pouco demais para o estilo habitual de Claire, mas ele tinha assustado ela, e simplesmente saiu. Doug parecia magoado, e Claire imediatamente se sentiu mal. — Eu sinto muito — ela disse, sinceramente. — É só que... você não cheira muito bem.

Agora era a vez dele de parecer envergonhado. — Sim — ele disse, olhando para o papel. — Eu sei. Eu sinto muito. — Ele estava com aquele olhar secreto e complacente mais uma vez. — Acho que eu preciso ficar rico o suficiente para ninguém ligar para como o meu cheiro é.

— Isso, ou, você sabe, tomar banho. Isso funcionaria melhor.

— Tudo bem. Da próxima vez eu vou cheirar como um buquê de aniversário.

— Não apenas aplicar desodorante e loção pós-barba ou algo assim. Uma lavagem de verdade. Está precisando.

— Você é exigente. — Ele deu-lhe um sorriso de estrela de cinema que parecia realmente estranho com a descoloração em torno de seus olhos. — Falando nisso, quando eu tomar esse banho, você estaria interessada em sair para jantar?

— Eu vou perguntar ao meu namorado — ela disse. — E nós temos trabalho a fazer.

Ela preparou a lâmina, e Doug acendeu a lâmpada. No instante em que a iluminação de espectro atingiu o fluido, houve uma reação de borbulhamento visível sob o vidro, como se o sangue tivesse carbonatado. Levou cerca de trinta segundos para a reação seguir o seu curso, uma vez que ela seguiu, tudo o que restou foi um resíduo preto e cinza.

— Que maneira — Doug disse. — Sério? Onde você acha que conseguiram isso? Tirando de vampiros de verdade? — Havia algo estranho na maneira como ele disse — como se ele realmente soubesse de alguma coisa. O que ele não deveria, Claire sabia. Ele definitivamente não deveria.

— Isso é provavelmente apenas um aditivo químico sensível à luz — Claire disse. — Eu não tenho certeza como isso funciona, no entanto. — Isso era verdade. Por mais que ela estudasse, ela não entendia a natureza da





transformação de vampiro. Não era um vírus — exatamente. E não era uma contaminação, embora tivesse elementos disso. Havia coisas nisso, ela suspeitava, que todas as abordagens científicas deles não conseguiam capturar, por mais que eles tentassem. Talvez eles estivessem apenas medindo as coisas erradas.

Doug largou a especulação desconfortável. Ele não era tão mau como um parceiro de laboratório, se você esquecesse a parte do fedor, ele era um bom observador, e não tão ruim com cálculos. Ela deixou ele fazer a maior parte do trabalho, porque ela já tinha feito muito isso com Myrnnin. Foi interessante que Doug tenha vindo com uma fórmula um pouco diferente no final do que a dela e, ela pensou, a dele era um pouco mais elegante. Eles foram os primeiros a chegar a uma mistura estável do sangue, e os segundos a chegarem aos cálculos — mas os de Doug, Claire estava confiante, eram melhores do que o da outra equipe. Você não tem que terminar primeiro para ganhar, não na ciência. Você tinha que estar mais certo do que os outros.

Tudo estava indo bem até que ela pegou Doug tentando pegar uma amostra de sangue.

— Ei — ela disse, e pegou seu pulso. — Não faça isso.

— Por que não? Seria fantástico em festas.

Novamente, aí estava esse tom inquietante, um pouco presunçoso, um pouco *sabe tudo*. O que quer que fosse que ele pretendia com isso, ela duvidava que era para se amostrar em festas.

— Não faça isso. — Claire encontrou os seus olhos. — Eu estou falando sério. Deixe isso aqui, ele pode conferir depois. Pode ser tóxico... — Fatal, ela queria dizer, porque se os vampiros descobrissem que Doug estava pegando amostras de... Bem, acidentes aconteciam, mesmo no campus da UPT. A estupidez não era coberta pelo Acordo Geral de Proteção, e Doug parecia ter apanhado um pouco demais por sinal.

Doug, a contragosto, recostou de volta na mesa. O professor Larkin se aproximou, verificou os frascos de amostras e catalogou-os com uma folha. Quando ele se afastou e ela e Doug arrumaram a mochila, Claire disse: — Viu? Eu disse que ele iria conferir.

— Sim — Doug sussurrou de volta. — Mas ele já conferiu a gente.

E antes que ela pudesse detê-lo, ele pegou um par de frascos, colocou-os em sua bolsa e foi embora.

Claire engoliu o impulso de gritar e, em seguida, de chutar a mesa em frustração. Ela não se atreveu a dizer a Larkin, ele era Protegido, e Doug não





tinha ideia do que estava se metendo. Ela tinha que convencê-lo a colocar o frasco de volta. O idiota não tinha ideia do que fazer com aquilo, de qualquer maneira.

Ela esperava.





CAPÍTULO 2

Infelizmente, Doug Fedorento não era tão fácil de encontrar. Primeiramente, ela nunca soube seu sobrenome. Vasculhar os registros de classe do professor Larkin seria fácil, mas Claire tinha outras aulas, uma após a outra até o meio da tarde. Em seguida, ela tinha que ir para o laboratório – o verdadeiro laboratório. E uma noite de ciência estranha com o chefe mais estranho de todos.

Myrnin, ela esperava, não notaria se ela chegasse um pouco atrasada. Ele tinha um conceito de tempo bastante flexível.

Claire parou no Centro Universitário, que tinha Wi-Fi, e reivindicou uma mesa na área do café bar. Sua companheira de casa, Eve, deve ter finalmente se arrastado para fora da cama porque ela estava atrás do balcão, bocejando e bebendo lentamente um copo grande do que, conhecendo Eve, devia ser um expresso puro.

– Ei, linda – Eve disse, e inclinou-se no balcão para sorrir para Claire. – As manhãs são difíceis.

– Não é de manhã – Claire disse, impassível.

Eve fez uma careta trágica. – Eu vou corrigir. As tardes são difíceis. As manhãs são pura maldade do fundo do inferno, é por isso que eu não vejo mais elas. – Ela tomou um gole do seu copo, estremeceu e disse: – Oh, yeah, essa coisa aqui. Está me cafeinando. Então, Belo Cérebro, o que eu posso fazer por você?

– O de sempre, eu acho.

– Um café mocha bem quente e extra grande, saindo! – Eve anotou o pedido e pegou o dinheiro de Claire. Enquanto ela contava o troco, ela afastou os cabelos pretos recém repicados do rosto pálido e sorriu. O sorriso realmente não combinava com a coisa toda gótica, mas essa era Eve. Ela não era fã de rótulos. – Ei, você viu o quão animado Shane ficou com aquela coisa de artes marciais? Ele quase me atropelou quando eu descí as escadas. Eu nunca vi alguém tão animado ao ser convidado para levar porrada.

– Ele estava bem eufórico – Claire concordou. – E você? Você vai?





— Ter aulas? Se eu vou *pagar* por aquilo? Quem você acha que eu sou, uma menina da faculdade ou algo assim? Além do mais, eu me defendo muito bem. — Ela se defendia mesmo, na verdade. Eve não só fazia suas próprias estacas, mas ela também enfeitava com cristais. As estacas de madeira eram mais ou menos como armas de choque para vampiros; madeira não podia matar a maioria deles, apenas imobilizá-los, a menos que os vampiros fossem muito jovens como Michael.

Mas Eve também fazia de prata, e essas eram mortais. Claire sentiu um arrepio ao longo de sua espinha quando ela lembrou as quão mortais elas poderiam ser. Não era sua intenção, mas ela destruiu um vampiro desse jeito. Desagradável. E mesmo que ela o tenha feito em autodefesa, ela não se sentia bem com isso.

— Hmmm — Eve estava dizendo agora, de uma forma contemplativa. Ela bateu no lábio com uma unha preta e sorriu. — A academia pode ter uma utilidade, afinal, pensando bem. Sabe, tem uma arte marcial que eu gosto.

— Qual é?

— É uma surpresa, Urso Claire. Yeah, isso definitivamente pode ser um pouco divertido. Você pode até se divertir, também. — Uma ruga pequena e fofa apareceu lentamente entre suas sobrancelhas. — Você está bem? Você parece assustada.

— Sim, vindo de alguém que se parece com um fantasma...

— Respeite esse look incrível, minha amiga. Ok, se você não quiser conversar, não converse. Um moca, chegando! Sente-se, eu vou trazer. Está calmo, de qualquer maneira.

Não estava apenas calmo, esta hora do dia, estava deserto. Claire deixou Eve perto da máquina de expresso (algo que Eve era surpreendentemente boa, na verdade) e abriu seu laptop. Levou exatamente sete minutos para ela invadir a lista da classe de Larkin e descobrir que o nome completo de Doug Fedorento era Doug Legrande. Larkin, assustadoramente, tinha todos os endereços, números de telefone e e-mails, embora Claire tivesse certeza de que ela nunca tinha fornecido qualquer uma informação. Ou a universidade era realmente generosa com os dados pessoais deles, ou Larkin tinha conexões.

Dã, ela já sabia disso. Ele tinha uma pulseira de Oliver. A palavra *conexões* nem chegava perto.

— Você vai beber isso?

Claire olhou para cima. Eve estava sentada de frente para ela, caída na cadeira de plástico frágil e bebericando seu copo enorme do que quer que seja





— era o próprio copo de Eve, com *personagens de desenho sangram?* no lado. No campus, isso era engraçado. Fora do campus... nem tanto.

Quando Claire olhou fixamente para ela, Eve acenou para o mocha que tinha magicamente aparecido ao lado do laptop dela. — O creme está ficando todo derretido — Eve disse. — É terrível desperdiçar chantilly. Oh, só que não é chantilly — isso é uma coisa enlatada, que é meio nojenta, então aí está. Talvez seja uma boa escolha, afinal de contas, deixá-la derreter. O que você está fazendo?

Essa era Eve, mesmo quando ela estava com sono. Para acompanhá-la era necessário um belo gole do café e um cérebro muito ativo. — Eu estou tentando encontrar Doug Fedorento — Claire disse. — Ele mora no campus, no Dormitório Lansdale, eu acho.

—Doug Fedorento? Oh, Deus. Por favor, me diga que você vai fazer uma caridade para todo mundo e dar a ele algum sabonete líquido. A última vez que ele veio aqui, eu achei que eu ia ter que chamar aqueles caras que trabalham com riscos biológicos. Embora se isso for alguma coisa de paixonite da faculdade estranha e inconcebível, eu não quero saber. Deixe-me ter minhas ilusões frágeis.

Claire revirou os olhos. — Confie em mim, eu não iria beijar Doug nem mesmo depois de um banho com sabonete e descontaminação. Não, ele fez algo estúpido, e eu preciso convencê-lo a não tornar isso pior, isso é tudo. — Ela explicou sobre o experimento, o sangue e a idiotice de Doug. Eve continuou bebendo constantemente o seu café com os olhos semicerrados.

— Você consideraria dedurar ele? — ela perguntou. — Porque, honestamente, não seria a pior das ideias. Apenas certifique-se de que Larkin saiba que não foi você que pegou. Deixe-o tirar suas próprias conclusões.

— É a mesma coisa que jogar Doug sob um ônibus — Claire disse. — Olha, ele é apenas um idiota, isso é tudo. E ele não sabe sobre... — Claire acenou vagamente ao redor, indicando Morganville, — tudo isso. — Bem, ela não estava cem por cento certa de que isso era verdade, mas ele não deveria saber. Isso contava.

— Se ele tivesse um pouco de noção, ele não seria pego morto com essas coisas. Ouviu o que eu falei? *Pego morto?* Esse trocadilho foi demais. — Eve bebeu mais café, que provavelmente, neste momento, ela não precisava mais. — Então você vai visitar Doug Fedorento e adverti-lo, sem explicar o porquê. É esse o seu plano?

— Mais ou menos.





— Incrível. Deixe-me pensar como vai ser, Garota do Plano.

— Você tem alguma ideia melhor?

Eve tomou outro gole delicado de café. — Bem — ela disse, — Doug Fedorento tem um monte de aulas. Se você tem o endereço do dormitório dele, o quão difícil seria entrar no lugar, encontrar o negócio e se livrar dele? Ninguém precisa saber.

— Ótimo. E você realmente conhece um ninja?

— Sim — Eve disse, e deu-lhe um sorriso luminoso e sonolento. — Ele é o meu namorado.

Hmmm. Claire teve que ponderar por alguns longos segundos, porque tecnicamente vampiros eram como ninjas — silenciosos, furtivos, rápidos e mortais. E quando eles queriam, eles poderiam ser perturbadoramente invisíveis. — Ele faria isso? — ela perguntou. Isso não era o que ela queria perguntar, na verdade, ela queria perguntar: *Ele diria a Oliver?*

Porque, querendo ou não, Michael era um vampiro tanto quanto ele era seu amigo, e mesmo que ele tentasse ficar do lado dos humanos, às vezes ele tinha que ser um vampiro em primeiro lugar. Talvez esse fosse um desses momentos.

Eve levantou as sobrancelhas negras dois centímetros a cima em resposta.

— Ok — Claire disse finalmente. — Eu admito, ele tem qualidades ninjas significativas.

— É isso aí. Eu vou chamar o ninja. Ah, e tire uma pausa para o almoço enquanto nós arrombamos.

— Você vai também?

— Eu não sou uma ninja suficiente? Você está dizendo que eu tenho carência de habilidades de ninja?

— Não, eu só achei que você está um pouco, uh, reconhecível, talvez?

Eve bateu os cílios grossos. — Ora, muito obrigada, docinho. Esse foi o melhor insulto que eu recebi hoje, sem contar com o atleta que disse que me namoraria, mas ele tinha uma ordem de restrição para necrofilia. Eu prometo, eu vou até deselegante para a ocasião. Eu só vou gastar cinco minutos. — Ela pegou o celular do bolso e mandou uma mensagem enquanto falava. — Prometa-me que você não vai sair sem mim.

— Eu prometo.

— Quer meter Shane nessa posse, também?

— Ele está no trabalho. — Claire suspirou. Ela adoraria que Shane fosse adicionado nessa confusão, mas ele já não estava tão bem no trabalho,





considerando que ele tinha faltado duas vezes neste mês — uma vez por ser um legítimo dia de folga, mas o outro tinha sido apenas por puro tédio. — Da próxima vez que formos cometer um crime, nós vamos ter certeza de incluí-lo.

Eve levantou uma mão enquanto continuava a escrever com um polegar, e Claire bateu na mão dela. Eve terminou com uma enxurrada de batidas nas teclas, fechou o celular e bebeu seu café. — Certo. Mikey está a caminho. Estarei anti-Eve em cinco minutos. Aproveite o seu mocha.

Claire aproveitou bebendo rápido. Foi uma coisa boa ela ter feito isso, porque em apenas cerca de cinco minutos Michael estava andando pelo salão grande aberto do CU fora da área de café com um estojo de guitarra pendurado em suas costas. Ele deveria ter chamado a atenção — Michael era simplesmente lindo, e as garotas *olhavam* — mas ele estava andando com os ombros caídos, as mãos nos bolsos da calça, olhando para baixo e com uma aura de *Não olhe para mim* projetada com tanta força que Claire não viu uma única pessoa, a não ser ela mesma, notando ele.

Ele deslizou para um assento ao lado dela e apoiou a case da guitarra contra a mesa. — Então, agora vamos ser verdadeiros criminosos — ele disse.

— E, veja só, você trouxe uma guitarra.

Ele deu-lhe um olhar. — Eu estava no meu caminho da prática.

— Oh. Bem, obrigada.

— Parece que eu não tinha muita escolha. Esse cara tem sangue de vampiro?

— Eu acho que sim. Larkin estava usando para algum experimento. Eu acho que ele foi autorizado.

— Larkin? Tinha que ser. Ele não se atreveria a fazer isso se soubesse a verdade. — Michael cutucou o copo de mocha vazio com uma ponta do dedo. — Cadê Eve?

— Bem aqui, Ninja com Presas. — Eve debruçou-se atrás dele, colocou os braços ao redor de seu pescoço, e beijou exatamente sobre suas veias azuis e frias. — Claire disse que eu tinha que ir disfarçada como uma pessoa normal.

E ela tinha se disfarçado. Eve tinha tirado todos os traços de sua personalidade gótica e amarrado os cabelos negros para trás em um rabo de cavalo apertado. Ela vestiu um capuz preto liso — um sem crânios ou símbolos, por isso Claire imaginou que ela tinha invadido o armário de outra pessoa para pegá-lo. A única coisa que restava para indicar que ela não era como todas as outras meninas de idade universitária do campus eram as botas de sola





grossa que ela estava usando. Ainda assim, elas não eram tão perceptíveis. Ela tinha até mesmo vestido um par velho de calças jeans.

— Uau. Estamos realmente furtivos agora — Claire disse, e fechou o computador. — Podemos guardar as coisas lá dentro?

— Claro, meu armário tem até mesmo um cadeado de verdade.

Claire ergueu as sobrancelhas e puxou o cordão do capuz preto. — E você tinha isso dentro dele?

— Eu não disse que os armários não podiam ser arrombados. Mas, na verdade, minha boa amiga, Edie, nunca trava o dela, de qualquer maneira. Vamos lá, vamos deixar essas coisas no armazenamento.

No final, eles deixaram a guitarra de Michael, a mochila de Claire (com o laptop), e praticamente todo o resto para trás, enquanto Eve se aprontava para a pausa para o almoço e trancava a caixa registradora.

Num surpreendentemente curto espaço de tempo, eles estavam indo para fora novamente. Michael tinha trazido um chapéu de couro, que tinha um estilo maneiro desleixado e sombreava seu rosto e pescoço. Ele mantinha as mãos nos bolsos.

— Você não é tão sensível mais — Claire disse. — Ao sol, eu quero dizer. — Porque quando Michael saiu de casa primeiro, ele teve que se cobrir com um cobertor para evitar se queimar.

— Bem, está nublado — ele ressaltou. E estava, havia nuvens escuras ameaçadoras no céu, e o sol tinha desaparecido atrás dessa cortina. — E eu estou com duas camadas de roupa. Mas, sim, está melhor agora do que antes. — Ele disse isso como se ele não tivesse certeza de como ele se sentia sobre isso, o que era estranho. Claire supôs que cada vez que ele se sentisse mais estável, significava que ele também se sentia mais como um vampiro. — Eu vou ficar bem, a menos que o sol saia com força total novamente.

O que, Claire tinha certeza, não iria acontecer. A chuva iria chegar, o tipo de chuva torrencial deserta que afogava as ruas e criava enchentes nos riachos de fora da cidade e iria desaparecer completamente amanhã. Já havia relâmpagos escondidos dentro das nuvens.

Felizmente, eles não estavam longe do dormitório de Doug Fedorento. Ele abrigava os estudantes do sexo masculino e feminino, o que era ótimo, porque isso significava que os três eram ainda menos perceptíveis, e não havia necessidade de registro ao entrar. Quando eles chegaram na escada, Michael tirou o chapéu, enfiou-o em sua jaqueta e subiu as escadas correndo com mais facilidade do que Claire, arfando um pouco no rastro dele, ela se perguntou





se talvez esta coisa de vampiro não acabe bem, afinal de contas. Oito lances de escadas não combinavam com ela.

No topo, ela e Eve recuperaram o fôlego e se juntaram a Michael quando ele saiu para verificar o corredor. Ele acenou para elas o seguirem, por isso devia estar limpo. Claire ficou surpresa ao ver que este corredor do dormitório era muito parecido com o seu antigo, aquele que ela morou quando se mudou para Morganville — sujo, maltratado, com cheiro de cerveja velha e desespero. As portas estavam fechadas ao longo de todo o corredor, com exceção de um casal no final do corredor que escutava uma música que ela não reconheceu no volume máximo em algum tipo de guerra estéreo.

O quarto de Doug Fedorento era o terceiro à esquerda. Michael parou na frente dele, inclinou-se e escutou, depois assentiu. Ele sacudiu a maçaneta. Fechada.

Era por isso que era bom ter um vampiro junto, porque uma simples virada de seu pulso, e esse bloqueio não era mais problema. Michael abriu a porta e desapareceu lá dentro, e Eve e Claire o seguiram, fechando a porta atrás delas.

E Claire engasgou, porque o aroma pessoal de Doug Fedorento não era nada em comparação com o estado de seu dormitório. Seus olhos lacrimejaram. Ela não conseguia dar uma respiração completa, porque ela estava com muito medo de vomitar. Não que isso fosse piorar o fedor.

— Eca — Eve disse, lastimosamente, segurando o nariz fechado. — Oh, meu Deus! O que morreu aqui?

Michael acendeu as luzes. Por um par de segundos, eles olharam em silêncio, e depois Eve disse em uma voz muito baixa e abafada, — Isso era para ser uma pergunta retórica.

Porque Doug estava deitado na cama, com os olhos abertos e olhando para cima, e ele estava definitivamente e completamente morto. Não há muito tempo, Claire adivinhou, porque o sangue ainda escorria do ferimento no pescoço.

Não foi uma mordida de vampiro. Havia uma enorme poça de sangue ensopando o colchão debaixo de Doug, manchando sua camiseta de vermelho.

Michael tinha ficado muito, muito pálido — da cor de mármore, na verdade. Ele se inclinou sobre o corpo, talvez para verificar os sinais vitais, e balançou a cabeça. Enquanto Claire e Eve ficavam presas ao chão em estado de choque, ele vasculhou a mochila de Doug, então revistou os bolsos do





morto, retirando as chaves, um celular, pastilha de hortelã (isso de repente deixou Claire triste, que ele carregasse aquilo quando ele era geralmente tão desagradável para os sentidos), uma carteira, algumas moedas.

Nenhum frasco de sangue.

— Temos que ir — Michael disse. — Agora. Nesse minuto.

— Foram... Foram vampiros? — Eve perguntou. — Você sabe dizer?

— Eu acho que não.

— Mas...

— Os que eu conheço não deixariam tão sangrento — Michael disse. —

Nós temos que ir.

Eles foram em direção as escadas, e Claire ainda estava sentindo uma sensação estranha e distante de desconexão, quando a realidade do que ela tinha visto realmente a atingiu, a cor, o som e o cheiro todos voltaram em foco no mesmo instante.

Doug estava *morto*. Ele tinha sido *assassinado*.

Ela parou, se recostou de volta contra a parede do corredor, e deslizou até o chão. Ela não conseguia respirar. Seu corpo inteiro estava tremendo. Ela tinha visto um monte de coisas desagradáveis desde que se mudou para Morganville, mas isso... isso era pior. Isso parecia tão... frio.

E a pior parte era, Michael achava que os monstros não tinham feito isso. Não o lado da cidade que ela geralmente considerava como monstros, de qualquer maneira.

Eve estava debruçada sobre ela, puxando o braço dela. Sem a maquiagem gótica, ela parecia extremamente pálida agora. — Vamos lá, Claire, precisamos dar o fora daqui. Muitas perguntas.

— Mas não podemos... deixá-lo...

— Nós não vamos — Michael disse, e pegou o outro braço dela. Ele a puxou para seus pés e segurou-a até que seus joelhos pararam de tremer. — Mas nós não vamos ficar. Eve está certa.

Claire agarrou-se ao corrimão no caminho para baixo. Ela não conseguia tirar a imagem de sua mente, a forma como o rosto de Doug parecia tão relaxado e vazio, a forma que seus olhos fitavam o nada. A forma como o sangue tinha encharcado sua cama embaixo dele.

Ela parou no patamar do terceiro andar e colocou a cabeça para baixo, respirando rápido. Eve e Michael já estavam a meio caminho para o próximo nível, mas eles viraram e voltaram. Eles estavam falando, mas ela não conseguia ouvi-los.





Demorou muito para eles começarem a se mover novamente e, uma vez que eles estavam fora do lobby do dormitório, eles tentaram agir normalmente. Ela segurou o braço de Michael, principalmente por apoio. Do lado de fora, ele colocou o chapéu de novo e levou-a para a sombra de uma árvore, onde ela entrou em um colapso patético na grama. Lá em cima, as folhas secas sacudiam e farfalhavam. Algumas se soltavam na brisa fresca.

Michael agachou-se ao lado dela, e Eve se ajoelhou no outro lado. — Claire? — ele perguntou. Seus olhos estavam muito azuis, muito claros e muito preocupados. — Claire, fale comigo. Você está bem?

— Não — ela disse. Sua voz soava baixa, frágil e muito longe. — Ele está morto. Alguém o matou.

Eve e Michael trocaram olhares preocupados. Michael balançou a cabeça. — Eu vou falar com Richard e Hannah — ele disse. — Isso precisa ser tratado discretamente. Eles precisam saber o que aconteceu antes que fique fora de controle.

E bem na hora, a música trovejante do último andar do dormitório foi interrompida, e de uma janela aberta veio o som de um grito de menina muito alto com horror afiado nele. Esse era o grito que Claire não tinha manifestado, o que ainda borbulhava dentro dela. De alguma forma, ouvir outra pessoa gritar ajudava a aliviar a pressão. Ela não se sentia mais tão fraca e doente.

— Eu acho que o navio afundou, Michael — Eve disse, olhando em direção ao dormitório. Sem a maquiagem, ela parecia tão jovem e tão determinada. — É melhor fazer a ligação logo. Isso vai se tornar uma loucura rápido.

Michael acenou com a cabeça, levantou-se e usou seu celular. Não foi uma longa conversa, mas depois ele discou outro número, e levou muito mais tempo. Oliver, Claire imaginou, pelo tom geral e linguagem corporal de Michael. Apenas Oliver conseguia fazê-lo ficar tenso assim.

Ele voltou quando terminou a chamada, e olhou para ela. — Você vai ficar bem? — ele perguntou.

— Você quer dizer agora ou eventualmente?

Isso o fez sorrir um pouco. — Agora.

— Eu vou sobreviver — Claire disse. — Geralmente, isso é um pouco difícil. Eu não nasci em Morganville. Ainda estou me acostumando com todo a...

— Mutilação — Eve disse, pela primeira vez não rindo ou fazendo uma piada. — Sangue. Morte. Sim, infelizmente, é algo que você se acostuma. Mas, ainda assim, essa me pegou de surpresa, também. Vou ligar para Shane, ok?





— Não, não, não. Ele vai tirar folga do trabalho, e eu estou bem. Eu vou ficar bem. — Ela estava mentindo feio. Ela se sentia fria e instável e desejava — oh, Deus, mais do que tudo — que Shane estivesse aqui agora. Ou seus pais. Ela nunca sentiu falta da sua mãe e seu pai mais do que ela sentiu neste momento, o que era idiota, porque o que eles iriam fazer?

Abraça-la. Fazer ela se sentir segura novamente, apenas por pouco tempo. Porque isso era o que os pais faziam, ou pelo menos o que eles deveriam fazer. Eve não tinha tido esse privilégio, porque sua vida em casa tinha sido uma porcaria, e nem Shane, que tinha tido o pior pai do mundo. Mas a família de Claire tinha sido ótima, e ela nem sabia o quanto ela sentia falta disso até que... bem, até agora.

Enquanto esperavam que as sirenes chegassem, Claire pegou o celular e discou o número do celular de seu pai. Ele atendeu no terceiro toque.

— Oi, querida — ele disse. Ele parecia melhor do que antes, quase normal. Forte. Considerando que ele tinha saído de Morganville em uma ambulância e quase morrido, não por causa dos vampiros, mas por causa de seu próprio coração ruim — era tão bom ouvi-lo parecer mais como si mesmo. A ligação crepitava e zumbia. — Desculpe pelo barulho. Eu estou caminhando. Está ventando muito.

— Aqui também. Parece que vai chover.

— Nós tivemos um pouco de chuva no início desta manhã. Está esfriando as coisas um pouco. Como você está, Claire?

— Bem — Claire disse, e engoliu. — Eu... só queria saber como você estava, papai.

— Estou indo bem. Eles têm me feito andar muito, tentando construir a velha saúde cardiovascular novamente. Eu tenho que confessar, eu estou feliz que eu finalmente tenha conseguido fazer a cirurgia. Eu não percebi o quão ruim eu estava me sentindo até que eu me senti melhor. — Ele fez uma pausa, e, com aquele radar de pai que ela sempre amava e temia, ele disse: — Você não ligou só para dizer oi, querida. O que há de errado?

— Nada. — A preocupação em sua voz deixou-a trêmula novamente, e a fez querer chorar, mas ela não podia fazer isso. Ela não o faria. — Está tudo no mesmo aqui; você sabe como é. Como está a mamãe?

— Ela se juntou em um tipo de clube de scrapbooking. Eu nunca soube que você poderia gastar tanto tempo e dinheiro para colar fotos em álbuns, mas essa é a sua mãe. Quando ela fica animada com alguma coisa...





— Eu sei, ela fica louca — Claire concluiu, e sorriu um pouco. Ela conseguia imaginar a sua mãe voltando para casa com sacolas de material para fazer colagem com as memórias. — Como está a casa nova?

— Embarçosamente grande. Com um quintal, também. Talvez eu tenha que aprender a fazer jardinagem.

— Plante algo para mim. Íris. Eu gosto de íris.

— Roxas, certo?

— Sim, roxas são bonitas.

— Querida, você tem certeza de que está tudo bem? Você parece estranha.

— Só... alergia — ela disse, e enxugou seus olhos com lágrimas. — Se cuida, papai. Vejo você em breve, ok?

— Ok — ele disse, com ar de dúvida. — Me ligue amanhã. Sua mãe vai me odiar se ela não conseguir falar com você.

— Eu ligo. Tchau.

Eve tinha se afastado, observando o dormitório, mas ela estava prestando atenção. Quando Claire terminou a ligação, ela disse: — Sente-se melhor?

— Sim — Claire disse. Ela se sentia. Ela ainda estava trêmula, mas firme por dentro, que era onde importava.

— Eu gostaria de poder fazer isso — Eve disse. — Ligar para a minha mãe. Mas não. Ouvir a vadia chorando e reclamando provavelmente não teria o mesmo efeito, embora definitivamente me faria esquecer Doug por um segundo.

Michael estendeu a mão, e Eve pegou-a, e seus olhos se encontraram por um segundo antes de Eve desviar o olhar. — Sim — ela disse. — A vida é uma merda, nós morremos, ou não. A mamãe é o menor dos meus problemas, certo?

— Nesse momento? Sim — Michael disse. — E agora eu que quero ligar para os meus pais.

Claire achou que ele poderia estar brincando, mas quando se tratava de Michael, você nunca tinha certeza. Os pais dele eram legais; ela se encontrou com eles uma vez, mas eles não viviam em Morganville mais, e eles não moravam nem mesmo próximo. Como os pais de Claire, que tinham tido permissão de irem embora por causa de problemas médicos. Michael não falava muito sobre eles, mas por outro lado, Michael era do tipo reservado.

De qualquer forma, ele não teve tempo de fazer qualquer coisa, porque um carro da polícia com sirenes tocando e luzes brilhando parou na frente do dormitório no estacionamento, onde uma multidão de estudantes estava





reunida. Quase todos os alunos imediatamente pegaram seus celulares e começaram a se ocupar tirando fotos e gravando vídeos da presença da polícia. Próxima parada: internet. — Essa foi a pior invenção do mundo — Claire murmurou. Myrnin já estava falando sobre como desativar os recursos dos celulares dentro de Morganville. Em momentos como este, ela meio que concordava.

Hannah Moses foi a segunda a chegar na cena, parecendo saudável e engomada em seu uniforme da polícia; ela tinha colocado seu cabelo com tranças africanas sob o seu boné, e com exceção da barra de ouro na lapela de sua blusa azul, ela parecia exatamente como os outros policiais, que estavam ocupados isolando a cena. Dois outros homens saíram de um carro cinza claro que parou atrás dela. Claire reconheceu o homem depois de um momento, porque ela não os tinha visto há algum tempo.

— Ei — o detetive Travis Lowe disse, acenando para ela. Ele tinha perdido peso, ela pensou, e ele parecia um pouco mais grisalho do que antes. O detetive Joe Hess não tinha mudado nada, exceto por seu sorriso que estava mais cauteloso quando ele acenou com a cabeça, também. — Ouvi que vocês encontraram uma pessoa morta de verdade.

— Travis — Hannah disse, franzindo a testa para ele. — Vá com calma com a garota.

— Ela? Ouça, eu a conheço. Ela é durona. Ela pode aguentar. Certo, Claire?

Ela assentiu com a cabeça, porque o que mais você fazia quando alguém dizia algo assim? Mas ela não se sentia durona. Não neste exato momento. Como se percebesse isso, o detetive Hess se atravessou na frente do seu parceiro e veio falar com ela. Ele tinha um jeito calmante, e o tom suave da voz que ele usou a fez se sentir um pouco menos... perdida.

— Alguém que você conhecia, certo? — Hess disse. — Você pode me dizer o que aconteceu?

Claire de repente percebeu que ela tinha uma decisão a tomar: dizer o motivo de ela, Eve e Michael terem vindo, ou mentir e fingir que era apenas mais uma daquelas coincidências loucas de Morganville. Ela não sentia vontade de mentir, no entanto. Não para o Detetive Hess. — É Doug, Doug Legrande. Ele era meu parceiro de laboratório na aula do professor Larkin. Ele pegou algo que não deveria ter pego, e eu vim pedir a ele para entregar de volta.





O Detective Hess era muito mais astuto do que a maioria das pessoas de Morganville, e ele deu um olhar para os lados enquanto disse muito casualmente: — Essa coisa seria algo que algumas pessoas da cidade não gostariam de compartilhar?

— Sangue — ela disse, mantendo sua voz em um sussurro. — Você sabe que tipo de sangue.

— Eu sei. Então, me diga o que aconteceu quando você chegou aqui. — E ele lentamente a fez contar passo a passo, desde o início. Ele também a afastou um pouco de seus amigos, e Claire viu que o Detective Lowe estava conversando com Eve, enquanto que Michael estava conversando com Hannah. Checando os fatos de dois lugares, Claire imaginou. A forma calma que ela foi investigada a fez se sentir muito menos nervosa. No momento em que ela terminou, o Detective Lowe tinha acabado com Eve e estava sentado no para-choque traseiro do carro cinza, fazendo anotações com um bloco e uma caneta enquanto falava com a Comandante Moses. Hannah tinha feito anotações também.

— Nós fizemos alguma coisa errada? — Claire perguntou finalmente, quando Hess anotou alguma coisa, também. — Quero dizer, nós tentamos fazer a coisa certa. Por Doug.

— Provavelmente teria sido melhor relatar imediatamente — Hess disse. Essa era uma coisa que ela gostava muito nele: ele era gentil, mas ele dizia a verdade a ela, não importava o quanto fosse difícil ouvi-la. — Eu não tenho certeza se isso ainda teria acontecido, porque não podemos chegar à conclusão de que o roubo teve a ver com o assassinato, mas você precisa entender que, se tiver, Doug não deveria ter morrido. Ele poderia ter sido preso, mas ele teria estado mais seguro. Entendeu?

Ela entendia, e se sentia miserável... mas, curiosamente, também mais centrada. Era o que ela estava pensando, de qualquer maneira. Ouvi-lo dizer isso não a fez se sentir pior; se tornou real o suficiente para que ela pudesse seguir em frente, aceitar isso como um erro, e um plano para nunca deixar que isso acontecesse novamente.

— Eu sinto muito — ela disse. Ela não tinha certeza se Hess entenderia, mas ela pensou que provavelmente sim.

— Você está aprendendo — ele disse. — Às vezes, certas lições vêm mais difíceis do que outras. Estou feliz que você esteja bem.

— Obrigada. — Ela limpou a garganta. — Hum, como você tem passado? Eu não vi você desde que, você sabe... — Ela não sabia como falar isso. Todos





eles evitavam falar sobre o Sr. Bishop, sem dúvida o vampiro mais frio que ela já conheceu; ele tinha sido cruel, calculista, e muito poderoso. O fato de que eles tinham sobrevivido a tentativa dele assumir Morganville tinha sido incrível... mas ninguém queria correr o risco de passar por isso de novo.

— Sim, desde aquilo — Hess disse. — Nós temos estado trabalhando. Travis tirou férias por seis meses, ele foi para fora da cidade. Fora isso, tudo na mesma. Esse é o primeiro assassinato relatado que tivemos em algum tempo, no entanto.

Ele não parecia nem incomodado, nem animado sobre isso. Apenas profissional. Claire não sabia o que dizer sobre isso, mas não parecia importar. Ele caminhou com ela de volta para os carros da polícia e foi falar com Hannah e seu parceiro.

— Você me leva aos lugares mais interessantes — Eve estava dizendo para Michael, quando ela voltou para eles. — A cenas de assassinato, interrogatórios...

Ele a abraçou em silêncio. Sobre a cabeça deles, um trovão ressoou e as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Um policial lhes trouxe um guarda-chuva dobrável de seu carro de polícia, e os três ficaram abrigados nele enquanto a chuva caía e a polícia começava a investigação. No momento em que a chuva diminuiu, Hannah disse que eles poderiam ir embora.

Claire disse adeus a seus amigos, pegou sua mochila no café bar, e depois foi direto para Myrnin.



— É possível — Myrnin estava murmurando para si mesmo enquanto andava pelo chão do laboratório. — Inteiramente possível. Bem provavelmente, até mesmo.

Claire, desceu os degraus da entrada, atirou sua mochila em sua habitual localização estratégica — o que significava que estava acessível se ela precisasse se defender ou fazer uma saída rápida. Ela estava acostumada a chegar no meio de conversas de Myrnin com ele mesmo. — O que é possível? — ela perguntou.

— Qualquer coisa — ele disse, distraído. — Mas não era isso o que eu estava falando. Oh, olá, Claire. Você chegou em um bom momento. Eu preciso de um par extra de mãos.





— Contanto que eu ainda possa ficar com elas — ela disse, o que lhe rendeu um olhar assustado.

— As coisas que você me diz, até parece que você pensa que eu sou algum tipo de monstro. Oh, aqui, me ajude com isso. — Ele apontou para uma das mesas do laboratório, que continha algum novo dispositivo brilhante com acessórios de metal — o que Myrnin sempre usava — tubulações, fios e algum tipo de válvula eletrônica de aparência estranha. — Eu preciso dele ali. — Ele apontou para uma mesa vazia do outro lado do laboratório. E então ele continuou sua caminhada, seu jaleco branco (sua recente descoberta, ele achava que o fazia parecer mais formal) balançando em torno dele. O jaleco era um pouco estranho perto de suas pantufas de coelhinho, ele mostrava suas presas a cada passo.

Oh. Ele não iria *ajudá-la* a mover isso. Bem, é claro que ele não iria. Myrnin poderia pegar com uma única mão e levar facilmente de um local para o outro, mas ele estava ocupado pensando. Transportar coisas era o trabalho dela. O de hoje, pelo menos.

Claire pegou o motor — ou seja lá o que era — e cambaleou com ele para a outra mesa. Ele parecia ter sido embalado com chumbo, e conhecendo Myrnin, isso não seria difícil de acreditar. O motor cheirava a sangue e flores, e ela hesitou só de imaginar o objetivo dele.

— O que é possível? — ela perguntou novamente, inclinando-se contra a mesa e tentando relaxar seus braços após esticá-los cerca de quinze centímetros com o peso daquela *coisa* estúpida, o que quer que ela fosse.

Myrnin estava murmurando baixinho, mas ele fez uma pausa e olhou para ela, mesmo assim ele continuou andando. — Esse seu amigo foi assassinado por alguém que acreditava que tinha uma droga. Talvez ele estivesse tentando vender o sangue.

— Como você já ficou sabendo sobre isso? — Ela ficou surpresa, porque ela tinha a intenção de contar a ele sobre isso. Myrnin fez sinal de desdém.

— Notícias interessantes andam rapidamente em uma cidade tão chata como essa — ele disse. — Além disso, eu costumo acompanhar as transmissões da polícia. O seu nome foi mencionado em conexão com a investigação. Eu fiz alguns telefonemas para descobrir o resto. Então, você acha que ele estava tentando desenvolver algum tipo de droga?

— Myrnin, Doug era fedorento, mas ele não era louco. Deve haver pessoas em Morganville que usaria qualquer coisa velha para ficarem drogados, mas





ele viu o sangue fervendo sob as luzes. Ele não ia tentar vendê-lo como uma droga.

— Você ficaria muito surpresa com o que as pessoas tramam. Mas, em qualquer caso, é possível que alguém tenha percebido o potencial do sangue, e Doug foi simplesmente danos colaterais. — Myrnin suspirou. — Eu soube que foi muito sangrento. Um terrível desperdício.

Ele não estava falando em relação ao *Doug*, é claro. Ele não conhecia Doug e Claire duvidava que se ele conhecesse ele teria realmente se importado. Não, Myrnin estava falando sobre o desperdício de *plasma*. O que fez Claire se arrepiar, e ela lembrou-se mais uma vez que não importava o quão bonito e fofo Myrnin poderia ser às vezes, havia algo nele que só... não aparentava muito bem.

Não para um ser humano, de qualquer maneira.

— Frank! — Myrnin gritou, fazendo-a pular. — Você tem ideias para compartilhar? Qualquer uma?

A voz de Frank Collins saiu de cada alto-falante do laboratório — do conjunto velho de rádio do canto, da TV nova montada na parede, do computador na mesa antiga e do próprio celular de Claire em seu bolso. — Você não precisa gritar. Acredite em mim, eu posso ouvir você. Eu desejaria mais que tudo que eu pudesse calar a sua boca.

— Bem, você não pode, e eu preciso da sua particular experiência — Myrnin disse. Ele soou presunçoso e um pouco vingativo; Myrnin não gostava de Frank, Frank não gostava de ninguém que bebia plasma, e a coisa toda era simplesmente estranha.

Porque Frank Collins, o pai de Shane, uma vez tinha sido um criminoso fodão caçador de vampiros e, em seguida, o Sr. Bishop o tinha transformado em um vampiro com auto-aversão, e agora ele estava... morto. Ela estava ouvindo um homem morto que falava no rádio.

Bem, não *morto*, exatamente. Depois de Frank morrer salvando Claire e Shane, Myrnin tinha esvaziado o seu cérebro ainda-meio-vivo, preso em uma banheira de plasma e conectado a um computador. Frank Collins era agora o cérebro que comandava Morganville e, felizmente, Shane não sabia.

Claire honestamente não conseguia imaginar para onde a conversa iria prosseguir quando ele descobrisse. Ela se sentia mal até mesmo em tentar imaginar.





— Seria mais fácil se você mostrasse o seu rosto — Myrnin disse. — Por favor. Leve em consideração que o *por favor* entende-se por *faça isso* ou eu vou colocar uma injeção de algo desagradável em seu plasma.

— Myrnin! — Claire gritou de olhos arregalados. Ele deu de ombros.

— Você não tem ideia do quão problemático ele tem sido ultimamente. Eu achava Ada um problema, mas ela era positivamente um modelo de decoro perto desse — ele disse. — E então? Eu estou esperando, Frank.

No canto, uma sombra fraca apareceu, um borrão estático que desintegrava em uma imagem plana no fundo tridimensional. Ele não tinha se incomodado em colocar uma imagem colorida; talvez Frank achasse que tons de cinza o fazia parecer mais durão.

Se era isso que ele achava, ele estava certo.

Sua imagem no computador parecia anos mais jovem do que quando Claire o vira pela última vez. Ele tinha uma boa aparência desleixada, apesar de seu cabelo ser longo e confuso, e ele ainda tinha uma cicatriz perversa no rosto. Ele estava usando couro preto, incluindo uma jaqueta com várias fivelas de prata, e botas grandes e pesadas. — Melhor? — perguntou a voz. A boca da imagem se moveu, mas a voz ainda veio dos alto-falantes. — E se você mexer comigo, eu vou bater em você de volta, seu sanguessuga nerd. Nem pense que eu não consigo.

Myrnin sorriu com as presas estiradas. — Bem, você pode tentar — ele quase ronronou. — Agora. Vamos ter uma conversa sobre os elementos criminosos de Morganville, já que você tem um conhecimento tão admirável e íntimo com eles.

O avatar 2-D de Frank não tinha muita expressão facial, mas por outro lado, Frank na forma 3-D não tinha sido ótimo em emoções, tampouco. Sua voz, no entanto, estava cheia de sarcasmo. — Sempre feliz por ajudar a comunidade de vampiros — ele disse. — Todos nós sabemos que não há crime em Morganville. E os seres humanos são todos muito felizes de estarem aqui. É o paraíso na terra. Não é isso que diz o folheto?

Myrnin perdeu seu sorriso, e seus olhos escuros estavam com aquele olhar perigosamente intenso que deixava Claire nervosa. — Eu suponho que você se acha insubstituível da sua posição atual — ele disse. — Você é um cérebro em um frasco, Frank. Por definição, você é certamente substituível.

Agora o avatar de Frank sorriu. O sorriso parecia tão artificial quanto o resto dele. — Então puxe a tomada se você acha que pode conseguir melhor.





O olhar de Myrnin deslizou até Claire, e ela sentiu aquele frio de novo, aquele que atravessava desde o fundo de sua coluna até o topo de sua cabeça. Ele não disse nada. Ele não precisava. Ela sabia que ele sempre tinha achado que ela era uma candidata melhor para o cérebro-na-jarra — o que significava que ele achava que ela seria mais fácil de controlar. Frank tinha estado no lugar certo e na hora errada para tomar o lugar dela.

Isso sempre poderia mudar.

Frank deve ter percebido isso, também, porque ele disse: — Se você tocar na garota do meu filho, eu vou acabar com essa cidade miserável. Você sabe que eu posso.

— Ada não conseguiu fazer isso e ela teve muito mais tempo para pensar sobre isso do que você — Myrnin disse, de repente voltando a ser ele mesmo. — Então, vamos abandonar as ameaças vazias, não é? E voltar ao assunto. Eu preciso entender quem nesta cidade poderiam estar dispostos a matar por uma amostra de sangue de vampiro.

A risada de Frank estava seca, áspera e cheia de desprezo. — Você quer que eu imprima uma lista telefônica? Entre as pessoas que querem descobrir como matar vocês mais rápido, os que querem proteger vocês porque eles têm muito dinheiro envolvido nisso e os que acabaram de descobrir a presença dos mortos-vivos, poderia ser qualquer um.

— Uma lista de qualquer um que seja conhecido por fabricar armas anti-vampiros, então — Myrnin disse com uma precisão fria. — E qualquer um que poderia, eventualmente, pesquisar como usar sangue de vampiro como uma droga.

— Esse navio afundou desde o século passado — Frank disse. — Todo mundo sabe que isso é uma merda como droga. Ninguém fica drogado com isso. Te faz ficar mais forte por um tempo, mas não causa nada extraordinário, e o efeito é pior do que os de esteroides. Eles tentaram combinar com outras coisas, mas não há nada que você possa adicionar a esse sangue de vampiro que não irá dar errado.

Silêncio. Myrnin ficou surpreso, Claire percebeu; ele não sabia que seres humanos já tinham pensado sobre isso. E isso o incomodava. Se incomodava Myrnin, deixaria os outros vampiros loucos. — Há quanto tempo foi isso?

— Já era notícia velha quando eu estava no colégio. — Frank deu de ombros. — As pessoas continuavam tentando, mas nada funcionava. Então eu acho que você pode riscar o ângulo de drogas. Agora, o motivo matar-a-sua-





espécie... nesse eu posso acreditar. Teria estado no topo da minha lista de natal.

Frank ainda estava se referindo a vampiros como *vocês*, e não *nós*, o que era interessante. Ele tinha sido um vampiro por um tempo relativamente curto, e Claire sabia que ele tinha sido forçado a isso; era algo que ele jamais teria escolhido por si mesmo. Ele tinha um prazer especial em ver os vampiros se darem mal.

— Então eu vou precisar de uma lista dessas pessoas — Myrnin disse. — Vamos precisar para entrevistá-los.

— Não.

A palavra saiu direta e definitiva. E ela ecoou na pedra fria das paredes e dos pisos do laboratório, até que Myrnin repetiu baixinho. — Não?

— Não. Eu era um deles, e eu não vou colocar os nomes deles em um pedaço de papel para você e a sua espécie saírem e caçarem.

— Talvez o seu filho saiba — Myrnin disse. Ele disse espontaneamente, e sem olhar para Claire. Ele estava olhando a imagem tremeluzente de Frank. — Talvez eu devesse perguntar a ele ao invés. Forçadamente.

A imagem de Frank mudou, e Claire podia *sentir* a ameaça sendo feita agora, como um vento gelado. — Talvez você não devesse sequer pensar em ir lá.

— Oh, eu penso — Myrnin disse, e levantou as sobrancelhas. — Eu penso sobre isso com muita frequência. — Havia algo enigmático saindo dele em resposta ao desafio de Frank; era algo que Claire quase nunca via. Talvez fosse uma coisa de homem.

Ela pegou a primeira coisa pontiaguda que achou — um par de tesouras — e pressionou contra as costas de Myrnin, não *dentro* de suas costas, mas o suficiente para causar uma impressão.

— Uou — ele disse, distraído, e olhou por cima do ombro para ela. — O que foi?

— Deixe Shane fora disso — ela disse baixinho. Isso foi tudo. Sem explicações, sem ameaças.

Myrnin virou muito lentamente para encará-la. Aquela luz estranha e desconfortável em seus olhos ainda estava brilhando, mas quando ele olhou para ela, ela desapareceu, como alguém que desligava um interruptor. — Tudo bem — ele disse. — Já que você pediu tão delicadamente.

— Eu não estava pedindo.





— Eu estou ciente disso. A ponta afiada nas minhas costas deixou isso claro. — Ele pegou seu pulso em um desses movimentos relâmpagos de vampiros e afastou a tesoura para longe dela. Ele colocou-a no bolso de seu jaleco. — Eu não quero que você se machuque.

— Não — Claire disse. — Você acha que esse é o seu trabalho.

Um flash rápido de um sorriso, não um muito bom, e Myrnin voltou-se para Frank. — Tudo bem, meu amigo desagradável, vamos fazer com ameaças, suas e minhas. Por favor, pelo bem da jovem Claire aqui, você vai ter a gentileza de me fornecer alguns lugares onde eu poderia procurar um assassino?

— O espelho é um ótimo lugar para começar — Frank disse. — Mas se você está falando de seres humanos, eu posso dar-lhe talvez dois nomes. Seria melhor que eles estivessem fora das ruas, de qualquer maneira.

— Trégua — Myrnin disse. — Que adorável.





CAPÍTULO 3

Claire não era necessária para a investigação propriamente dita. Myrnnin queria fazê-la por si mesmo... um fato que a deixou um pouco preocupada, não tanto por ele, mas pelas pessoas que ele estava investigando (pessoas não muito agradáveis, já que Frank Collins tinha decidido que valiam a pena perder). Ela deixou uma mensagem para Oliver, imaginando que isso era problema dele agora, e dirigiu-se para casa.

Ela esperava encontrar todo mundo lá, mas quando ela abriu a porta da frente da casa em Lot Street, parecia tranquila. Muito tranquila. Eles não eram um bando de estudiosos, seus colegas de casa. Se Shane estivesse em casa, haveria ruído de jogos; se Eve estivesse, música alta. Se ambos estivessem, gritos e mais essas duas coisas.

Michael não estava em casa, também, porque ela não ouviu o som do violão.

— Olááááááá — ela chamou quando trancou a porta atrás de si, uma medida de precaução de Morganville. — Casa fantasma? Alguém? — Não que eles tivessem uma casa fantasma mais, mas sempre parecia educado perguntar. Coisas estranhas tinham acontecido.

Silêncio. Claire colocou sua mochila no sofá, em cima da camisa que alguém (Shane) havia deixado enrolada lá, se jogou nele e se esticou. Ela raramente tinha a casa para si mesma; era bom. Estranho, mas agradável. Quando ninguém estava se movendo ao redor, ela podia ouvir algo como uma vibração baixa e elétrica por todos os lugares — as paredes, pisos e o teto. A vida da casa.

Claire se abaixou e deu um tapinha no chão de madeira. — Boa casa. Bela casa. Deveríamos fazer uma repintura ou algo assim. Deixaremos você bonita novamente.

Ela podia jurar que ouviu a casa zumbir repetidamente, um ronronar aprovador bem baixinho.

Depois de meia hora, ela se levantou e verificou a mesa e outros locais prováveis por qualquer sinal de bilhetes deixados para trás, mas não havia nenhum sinal de quando alguém poderia aparecer. Ela estava prestes a subir





para estudar quando o panfleto chamou sua atenção. Ele tinha escorregado da mesa da cozinha e estava enrolado contra a parede. Ela pegou e alisou-o.

A nova academia de artes marciais. Não era provável que Eve estivesse lá, mas Shane, era definitivamente uma aposta segura que ele estivesse lá. Claire bateu no papel, pensativa, depois sorriu.

— Por que não? — ela perguntou. A casa não respondeu ou deu nenhuma opinião de forma alguma. — Eu poderia aproveitar o exercício. E eu tenho que ver este lugar.

Ela correu até o andar de cima, vestiu um par de calças de moletom de cintura baixa e uma camiseta desbotada com estampa do The Killers, e no último segundo, acrescentou o pingente de ouro do colar da Fundadora. Ele arranhava, mas melhor isso do que ser pega sem proteção. Afinal, ela não tinha aprendido artes marciais *ainda*.

Ainda estava claro, mas desaparecendo rapidamente em direção ao crepúsculo. O vento frio girava as folhas nas sarjetas, e enquanto caminhava, Claire desejou ter pensado em trazer um suéter. Poucos carros passavam por ela, alguns com as janelas escurecidas por causa de vampiros, mas ninguém lhe deu mais do que um olhar pelo que ela sabia. A nova academia era localizada em uma das partes menos traficadas da cidade, perto de um monte de armazéns que tinha visto dias melhores e empresas com placas desbotadas de *fechado permanentemente* nas janelas. Em toda a devastação industrial, uma placa de néon ainda brilhava, com um dragão vermelho e verde balançando o rabo.

A fachada parecia recém-renovada, e Claire podia jurar que ainda cheirava a tinta fresca. Havia um monte de carros no estacionamento e ladeando a rua. Com surpresa, Claire reconheceu o carro funerário preto de Eve; ela não esperava que Eve fosse uma fã de boxe. Bem, as pessoas provavelmente não esperavam ela aparecer, tampouco.

Não havia janelas por onde olhar, por isso, Claire abriu a porta de metal pesada e entrou em uma grande área de azulejos com um balcão de madeira. Um cara bem vestido com a aparência de quem saiu recentemente da universidade estava sentado em um banquinho atrás dele, lendo uma revista. Ele tinha um monte de tatuagens, e um cabelo rapado particularmente espetado. Quando ele olhou para cima e a viu, suas sobrancelhas claras subiram.

— Está aqui para ter aula? — ele perguntou.

— Uh, talvez. Eu só queria dar uma olhada.





— Está certo. Você pode pagar menos pelas duas primeiras visitas, mas depois disso, vai ter uma taxa mensal sem nenhum reembolso. — Ele empurrou uma prancheta para ela, junto com uma caneta. — Preencha os formulários. É dez dólares.

Dez dólares eram muito para apenas olhar, mas Claire preencheu seu nome nos formulários, junto com o seu endereço, número de telefone, histórico médico e todas as outras coisas que foram questionadas sobre exercício e habilidades. Alguns desses pareciam muito pessoais. Ela entregou-o de volta, junto com a sua nota velha de dez dólares e ganhou uma etiqueta com seu nome para colar em sua camiseta. Em seguida, o segurança — ela não conseguia pensar nele como um recepcionista — apertou em um botão escondido e um zumbido forte e eletrônico soou.

— Empurre a parede, bem ali — ele disse, apontando. Ela empurrou, e ela abriu, interrompendo o zumbido. Ela se fechou atrás dela quando ela atravessou, e se foi bloqueada, ela não pôde ouvir sob o ruído.

Incrível que ela não tenha ouvido isso do outro lado da parede, porque este ginásio estava a todo vapor. O som estridente de pesos batendo nos apoios. Sons metálicos pesados e altos dos aparelhos de musculação enquanto homens e mulheres suavam, grunhiam e malhavam. O zumbido das rodas das bicicletas de exercício. E no centro da sala, um grande espaço aberto com esteiras no meio, e cerca de trinta pessoas vestidas com roupas brancas de artes marciais, de joelhos, com as mãos sobre as coxas, todos virados em direção ao meio.

Claire olhou rapidamente em volta, e embora ela reconhecesse alguns dos que faziam o exercício, ela não viu Shane ou Eve entre eles. Ela procurou ao redor uma esteira de escada desocupada e foi até ela para que ela pudesse obter um melhor ponto de observação da aula em progresso. Quem quer que tivesse usado a esteira antes, tinha configurado em velocidades assassinas; ela teve que diminuir a velocidade quase que imediatamente, e por isso ela quase não viu Shane, que estava sentado de frente para o tapete no canto.

Ela só o viu porque ele se levantou e caminhou até o centro das esteiras. O uniforme caía bem, ela percebeu, como se ele já tivesse usado antes. Talvez ele tivesse. Ele tinha aquele olhar, aquele que ela reconhecia de quando o via lutar, embora as outras tivessem sido mais perigosas do que lutas de artes marciais. Ele não estava olhando para qualquer coisa a não ser o homem em sua frente.





Shane era um cara muito grande para sua idade — de ombros largos, meio alto. E ele tinha pelo menos uns trinta centímetros a mais que o homem de frente para ele, que parecia congelado com a idade de cerca de trinta anos. O *instrutor vampiro*, Claire pensou. Ele tinha um cabelo comprido amarrado para trás em um rabo de cavalo.

Eles se curvaram um ao outro formalmente e se afastaram em algum tipo de postura, quase espelhando um ao outro.

Shane chutou, alto e rápido. O vampiro se abaixou e fez com que o movimento de Shane o fizesse girar para fora de posição e com um impulso leve, quase gentil, fazendo-o cair no tatame. Shane rolou e veio com as mãos, pronto para se defender, mas o vampiro já estava ali de pé, olhando para ele.

— Belo ataque — ele disse. — Mas eu posso te tirar para fora do caminho com um pontapé. Seria muito melhor se você se movimentasse mais perto, vai reduzir o meu tempo de reação. É a única chance real que você tem, entende? Você precisa se lembrar do quanto mais rápido nós podemos nos mover, e quanto mais observadores com coisas como mudanças de peso e movimentos dos olhos.

Shane assentiu com a cabeça, seu cabelo desgrehado ondulando ao redor de seu rosto severo e decidido, e deu dois passos rápidos e leves para fechar a distância. Ele atacou quando fez isso, e mesmo que ele não tenha dado o soco, ele chegou bem perto. A mão aberta do vampiro parou a menos de um centímetro de seu rosto.

Ele não se encolheu.

— Você é rápido — ele disse. — Muito rápido e, a menos que eu esteja enganado, você está muito acostumado a lutar contra todos os tipos de inimigos. Você é jovem para estar tão irritado, a propósito. Isso pode ser uma vantagem ou uma desvantagem, dependendo de quem você está lutando. E do motivo.

Shane andou de costas em uma posição de espera e não respondeu. O vampiro deu a ele um pequeno sinal de mais uma vez, e Shane foi dar um soco... mas foi uma distração, e desta vez, seu chute bateu realmente na lateral do joelho do vampiro, forçando uma mudança em seu equilíbrio.

O vampiro, sem parecer sequer pensar nisso, girou e chutou Shane direto para fora do tatame. Ele caiu sobre o chão de madeira e aos pés dos alunos ajoelhados como uma bola em pinos de boliche. Eles se dispersaram.

Claire arfou e segurou a esteira de escada com mais força, resistindo à vontade de pular e correr até ele. Ele já estava se levantando — mais lento do





que da última vez, o que era esperado — e caminhando de volta aos tatames. Ele colocou a mão direita contra a palma da mão esquerda, juntou os pés e se curvou.

O vampiro se inclinou para trás. — Mais uma vez — ele disse. — Quero parabenizá-lo por ser o primeiro a tocar em mim. Agora veja se você pode me machucar. — Ele mostrou os dentes em um sorriso selvagem. — Vamos lá, garoto. Tente.

Shane ficou em posição de ataque novamente, e então, de repente, não era de forma alguma por causa das artes marciais. Ele se tornou o lutador de rua, e o vampiro não estava preparado para isso. Na verdade, apesar de ser o vampiro mais rápido e mortal, Shane o desequilibrou em dois rápidos socos bem colocados, passou o pé por debaixo dele e mandou-o de costas para o chão.

E ele não parou por aí. Claire engasgou e parou de subir, congelada enquanto ele caía sobre o vampiro, batendo os joelhos no peito do homem e fingindo empurrar uma estaca em seu coração. Havia algo selvagem no rosto de Shane, algo que ela se lembrava de ter visto antes, mas só quando ele estava lutando por suas vidas. Um ódio profundo, real e ardente.

Shane não se mexeu. Ele estava olhando para o vampiro caído, e o vampiro estava encontrando seus olhos com o dele. Então, lentamente, ele se levantou, a mão com a estaca invisível caindo de volta para seu lado.

O vampiro rolou até os pés em um movimento rápido, fluido, mantendo uma distância saudável entre eles. Ele olhou para Shane por um segundo, então fez a saudação formal. Shane imitou ele.

— Você tem um dom — o vampiro disse. Isso não soou exatamente como um elogio. — Eu acho que você é muito avançado para esta classe de nível de iniciante. Procure-me mais tarde. Eu acho que você pode ser adequado para algumas aulas avançadas.

Shane curvou-se novamente, deu um passo para trás, e tomou seu lugar na beira do tatame, ajoelhando-se.

Uma menina loura e magra levantou-se para tomar o seu lugar, parecendo aterrorizada. Claire não a culpava. Shane tinha trazido uma sensação de violência real para o lugar, e tinha capturado a atenção de todos; o som de pesos ressoando e das pessoas falando tinha abafado e retardado, se não parado.

Claire percebeu que estava parada na esteira de escada, e começou a movimentar as pernas novamente, sua mente nem um pouco no exercício,





mesmo que seus músculos da panturrilha já estivessem latejando. Ela não conseguia parar de olhar para Shane agora. Ela podia ver apenas uma pequena parte de seu rosto entre os outros, mas através dessa pequena parte ela sabia que ele não estava prestando atenção na menina loira levando porrada — delicadamente — no meio do chão. Ele estava olhando para frente, com o rosto imóvel e calmo, e se a vitória lhe tinha dado qualquer tipo de paz ou de triunfo, ela não conseguia ver.

SHANE

Eu nem sempre fui assim. Eu sei que as pessoas pensam que eu gosto de lutar, e, sim, talvez eles estejam certos — eu gosto — mas eu não gostava quando eu era pequeno. Eu só queria me encaixar e me dar bem. O problema comum em uma cidade onde não se encaixar pode lhe meter em um monte de problemas.

Eu acho que a primeira vez que eu bati em alguém eu estava na escola primária, o que é bastante normal para os caras, mas não foi porque eu estava sendo atacado, particularmente. Não, eu dei o primeiro soco.

Eu bati em um cara chamado Terrence James porque ele estava empurrando o meu melhor amigo, que era pequeno e não podia defender-se para a salvar sua vida. Eu tinha quase o tamanho de Terrence, e por algum motivo, ver um cara grande mexer com um pequeno me deixou irritado.

Sim, eu não sou tão complicado. Eu sei porque eu me senti assim. O meu pai. Meu pai, o cara que era ok quando estava sóbrio, mas era um bêbado malvado. Ele não me batia muito, não antes, mas ele era assustador, e ele sempre gostava de empurrar as pessoas.

Era bom empurrar alguém como ele, para variar. Esmurrar Terrence não pareceu tão bom, no entanto. Meus dedos pareciam como se tivessem quebrado em pequenos pedaços, mas após o primeiro choque terrível, a dor se tornou um tipo bom de dor, e tudo isso adicionado a uma névoa vermelha de euforia enquanto eu olhava para Terrence deitado de costas com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, me dizendo que estava arrependido e que ele nunca faria isso de novo, nunca.

E foi assim que eu descobri que eu gostava dessa sensação, esse sentimento virtuoso e ardente de ganhar pelo que eu achava que era a causa certa. Eu não tinha medo de um pouco de dor para chegar lá, o que era sempre uma vantagem em uma luta. Vamos ser honestos: a maioria das pessoas não gostava de se machucar, por isso





que se você mostrasse que estava tudo bem com isso, eles ficassem um pouco estranhos. E talvez fugissem. Eu não me importo de uma vitória por desistência, contanto que eu ganhasse.

Quando fiquei mais velho, as pessoas praticamente me deixaram em paz. Eu tinha essa mentalidade de pit-bull e uma quantidade útil de altura e musculatura, ambos que eu provavelmente devia ao meu pai. As meninas gostavam, também, mas não o tipo certo de meninas, em geral. Eu ganhei a maioria das lutas, perdi algumas, mas eu nunca desisti. Aprendi boxe e luta livre na escola e me sai bem, mas eu não gostava muito das regras. Eu era um brigão de rua.

Acho que eu estava no caminho certo para ser meu pai – talvez não tão perverso, mas vamos ser sinceros, não foi fácil resistir ao buraco negro que era Frank Collins, e eu sempre tinha feito o que ele disse. Ele gostava que eu poderia me manter firme em uma luta. Depois da minha irmã e minha mãe morrerem, ficou piorou – muito pior. Me enviar de volta para Morganville para explorar minhas fraquezas tinha sido uma verdadeira demonstração de confiança do meu pai, mas quanto mais longe eu fiquei dele, mais eu percebi que eu não queria ser como ele mais. Ele tinha ido longe demais.

Encontrar Claire me fez perceber que eu poderia ser algo diferente. Algo melhor. A primeira vez que a vi, magoada, mas com um pequeno fundo estranho de força... Eu reconheci algo que tínhamos em comum. Nós não desistimos. E nós sofremos por isso.

Comecei querendo protegê-la, e quanto mais eu estava perto dela, mais eu percebia que ela era uma garota que poderia cuidar de si mesma. Eu não estava acostumado a garotas sendo equivalentes – e Claire era, e é. Ela não é tão forte fisicamente, mas ela é rápida, inteligente e destemida, e se às vezes eu fico super protetor com ela, ela é a primeira a me lembrar disso.

Mas eu quero estar pronto, se eu precisar lutar de novo – que eu vou. Não apenas contra os valentões humanos normais e criminosos; aqueles eram fáceis. Não, eu quero ser capaz de defendê-la contra os vampiros, e isso é muito mais difícil. Armas são ótimas, e eu nunca vou virar as costas para elas, mas a realidade é que eu não posso contar com sempre ter uma. Eu me preocupo. Houve um par de vezes – mais do que um par – quando apenas o fato de que Michael tinha a força de vampiro e adicionada com a minha tinha nos salvado.

E isso realmente me incomodou. Eu não poderia depender de Michael, também. Ou qualquer outra pessoa.

Misturar artes marciais – esse era o segredo. Bata no cara o tanto que você possa e o derrube rapidamente. Meu tipo de luta, e algo que poderia ser aplicado em vampiros, se você soubesse o que estava fazendo. Eu estava ansioso para experimentar, e quando o panfleto chegou pelo correio, pareceu que alguém lá em cima gosta de mim, afinal.





Michael tinha me chamado depois de Claire ir embora para dizer que ele não achava uma boa ideia. Eu disse a ele para calar a boca, mas de um jeito agradável, porque mesmo que ele tenha presas e sede, ele ainda é meu mano. Na maioria das vezes. Levei um tempo para aceitar isso, mas eu estou quase ok com todo o estilo de vida de caçador-da-noite agora.

Não significa que eu não quero ser capaz de chutar a bunda dele se eu precisar, apesar de tudo. A chance de aprender artes marciais de um vampiro... era muito boa para desperdiçar.

Eu sei como fazer as artes marciais de verdade. Quero dizer, eu fiz caratê até ter treze anos e decidi que eu era muito maneiro pra isso. Então eu sei como colocar o kimono, amarrar um cinto e ser formal nas esteiras. Acabou que fui bem, porque o instrutor – algum cara chamado Vassily, com um sotaque do Leste Europeu saído de um filme antigo – quis começar comigo.

Eu estava indo bem no primeiro par de ataques, quando ele me pegou para treinar. Foi como lutar com qualquer outra pessoa, não era grande coisa, até que ele começou a usar a velocidade de vampiro e força em mim. Eu não pude evitar; isso me deixou com raiva, e raiva meio que me faz esquecer as regras. Eu atingi seu joelho. Ele me atingiu como uma bola de demolição quebrando uma parede, e a próxima coisa que eu sabia era que eu estava tremendo com uma dor gigante no meu peito. Eu tinha tido sorte. Ele poderia ter desabado nas minhas costelas e perfurado o meu coração se ele tivesse me atacado com força total.

Então, não deixe ele bater em você de novo, perdedor. Eu quase podia ouvir a voz do meu pai, fria e zombeteira. Ele estava morto agora, mas na minha mente, ele estava sempre lá, sempre observando, e sempre julgando. Ele odiou vampiros. Eu não gostava muito, tampouco. Nós sempre tivemos isso em comum.

Eu não pensei em ir embora. Voltei para o tapete e me curvei, e no segundo que eu tive uma chance, eu ataquei com tudo o que eu tinha. A pleno vapor. Eu sabia que eu ia me machucar, talvez extremamente, talvez eu morresse, mas eu não ia ser humilhado. Não por um vampiro. De jeito nenhum.

Eu peguei ele. Com força. Eu pude ver o choque em seu rosto, e o ataque de raiva, e enquanto eu estive lá com o gosto da vitória sangrenta na minha boca, eu realmente queria que ele revidasse, viesse me pegar, porque, caramba, eu me sentia vivo, realmente vivo...

Mas ele me interrompeu, disse algo que eu não entendi e me fez uma reverência fora do tatame. Eu não me lembro de sair ou me abaixar. Eu só me lembro de pensar, da próxima vez, da próxima vez, da próxima vez, regularmente como um sino tocando na minha cabeça e abafando qualquer outro pensamento.





Eu o vi treinar com o resto da classe. Ele não machucou ninguém, mas ele poderia ter machucado. Ele queria; Eu podia ver flashes nos olhos dele. Eles são todos iguais, você sabe. Caçadores. Até mesmo Michael, embora ele esconda e, às vezes, eu finja não ver. Você tem que estar pronto para eles se voltarem contra você.

Porque se você não estiver pronto... alguém que você ama pode se machucar.

Fechei os olhos e imaginei Claire. Ela sempre me fez sentir melhor. Mas, embora eu pudesse ver seu rosto, seu sorriso, quase sentir sua presença, tudo o que eu conseguia pensar era como seria fácil para eles levá-la para longe de mim.

Eu não podia deixar isso acontecer.

Ocorreu-me que o que o vampiro tinha dito para mim era que ele queria me ver mais tarde. Algum tipo de classe especial? Inferno, é isso aí. Eu poderia fazer isso. Eu precisava fazer isso.

Eu precisava entender como combatê-los, um a um, sem ajuda ou armas ou esperança.

Só os vampiros poderiam me mostrar isso.

Ainda... sentado ali, com as mãos sobre os joelhos, respirando rápido, eu não podia evitar de sentir que mesmo que eu tenha ganhado, mesmo que eu tenha feito o impossível... de alguma forma, eu tinha perdido.

E foi o primeiro de uma série de prejuízos.



Observando Shane ajoelhado ali, tão reservado e tão... frio, Claire se sentiu mal. Ela não gostava disso. Ela não gostava de como ele tinha acabado de lutar, e ela não gostava de como ele parecia depois. Shane ficava geralmente feliz depois de uma briga, não... irritado.

Essa coisa toda é uma má ideia, ela pensou. Ela não sabia por que, mas ela sabia que era verdade.

— Ei — uma voz baixa disse em suas costas, e Claire olhou para trás e viu Eve parada lá. Para a academia, ela dispensou a maquiagem gótica, mas sua camiseta apertada tinha uma caveira cor de rosa com um laço, e também havia uma caveira e ossos cruzados em strass a baixo e dos lados da sua calça de treino. Ela tinha prendido o cabelo preto e liso para trás em um rabo de cavalo brilhante. Esse era um daqueles momentos em que Eve estava menos enfeitada, a menos que ela estivesse disfarçada. — Você viu? O que diabos foi isso? Shane virou um lobisomem, ou o quê?

— Eu não sei — Claire disse, e desceu da máquina de exercício. — Mas...





— Problemas de namorados — Eve terminou. — É, não me diga. Então, você veio para espionar, também?

— Também?

— Sério, qual é. Você me vê como o tipo que transpira demais? É claro que não. — Eve olhou-a criticamente. — E você não é, tampouco, mas você pode se passar por isso, provavelmente. Eles fizeram você pagar dez dólares para entrar?

— Sim.

— Isto é muito menos divertido do que eu esperava. Por um lado, ninguém aqui é digno de ser cobiçado, e se são, são muito suados. Ou assustadores. Ou as duas coisas. — Eve deu um pequeno tremor teatral. — O que você acha de fazer outra coisa?

— Como o quê? — Claire ainda estava distraída pela visão de Shane, ajoelhando-se como uma estátua na borda do espaço de boxe. Ele ainda estava nesse outro mundo, olhando para longe. Assustador.

Eve deu a ela um sorriso perverso e lento. — Deixe-me perguntar uma coisa. Alguma vez você já fez esgrima¹?

Por um segundo, Claire pensou que ela quis dizer uma cerca² do tipo tradicional da coisa, como martelar madeiras em frente de uma casa, mas depois ela entendeu. — Oh. Você quer dizer com espadas?

— Exatamente. Se eu vou suar, eu vou suar de forma mais legal. Me siga.

— Espere. Você sabe praticar esgrima?

— Eu aprendi na escola — Eve disse. — Vamos, andando e falando, andando e falando. Boa garota. Sim, eu tive que ter um esporte, mas eu não gosto dessas coisas nojentas de equipe. Esgrima parecia retrô e era legal, e ainda tem coisas pontiagudas que você tenta perfurar o seu oponente. Parecia uma boa ideia.

Eve tinha claramente passado muito tempo na academia verificando todos os lugares, porque Claire não tinha ideia de que havia outra parte da academia atrás de uma porta perto dos banheiros. Atrás dela havia um par de quadras de raquetebol (seguramente enjaulada por plástico transparente), e até mesmo uma quadra de tênis coberta; talvez os vampiros sempre desejaram isso e não podiam sair ao sol. Mas bem no fundo havia uma sala com chão de madeira com estantes nas paredes que mantinham espadas, assim como pilhas organizadas de uniformes brancos e capacetes com rede assustadores.

¹ *Fenced: Significa o esporte esgrima.*

² *Fenced: Significa cerca.*





— Certo. Eu não começaria com uma espada — Eve disse, afastando Claire da contemplação de uma determinada linha de escolhas. — Muito flexível para uma iniciante. Que tal esse florete velho e simples? Você só pode ter como alvo do pescoço até a cintura; sem toques duplos. Facinho.

Ela pegou um par de armas longas e finas e jogou uma para Claire, que a apanhou. Parecia estranha em sua mão, mas não muito pesada. A lâmina era meio que quadrada, e não havia uma ponta redonda no final. Ela fez um movimento de corte com a arma, e Eve riu.

— É uma arma para furar — ela disse. — Espere aí, vamos te adequar antes de começarmos a atacar qualquer coisa.

Adequar parecia muito menos complicado do que realmente era; no momento em que Eve tinha acabado de vesti-la como uma boneca carregando uma espada, Claire se sentiu desajeitada, com calor e claustrofóbica. Entre o tecido grosso e o capacete de malha apertado, ela não tinha ideia de como ela deveria se mover, muito menos lutar.

Eve tinha sua própria roupa de esgrima, que ela tirou de uma bolsa com uma caveira alegre. Sua roupa era preta com uma caveira pirata e ossos cruzados onde seria o coração. Ela parecia perigosa. E um pouco louca, mesmo sem o capacete de apicultor.

— Tudo bem — ela disse. — Primeira lição de luta é, nós não lutamos, então pare de apontar esse florete para mim. Ele não vai atirar.

Claire corou e baixou a espada em direção a ponta dos seus pés. — Desculpe.

— Não se preocupe. Você não pode me atingir, de qualquer maneira — Eve disse, e sorriu. — Eu vou me alinhar ao lado de você. Apenas faça o que eu fizer, ok?

A primeira coisa, aparentemente, era como segurar a espada corretamente. Isso levou um tempo. Em seguida, houve o ataque, que envolveu esfaquear a arma em uma linha e reta suave, enquanto afastava sua perna direita em um agachamento profundo.

Doeu. E muito. Na verdade, depois de cerca de dez tentativas, Claire estava ofegante e suando; em cerca de quinze, ela estava pronta para chorar. Eve parou depois de vinte minutos, mas parecia que ela tinha feito isso o dia todo.

— Eu tive que colocar isso tudo por quê? — Claire murmurou quando tirou seu capacete. Seu cabelo estava encharcado de suor e colando em seu rosto. — Sério? Ninguém sequer acenou com uma espada para mim!





— Você tem que se acostumar com o peso e mover-se nele — Eve disse. — Aguenta, novata.

— Você está gostando disso.

— Sim, bem, muito. Eu tive que gostar. Você devia, também. — Eve piscou. Ela afastou-se até um poste acolchoado que tinha um círculo vermelho marcado sob ele, e praticou alguns ataques por conta própria. A ponta da sua arma pousou no círculo todas as vezes.

Claire virou ao som de mãos batendo palmas. Ela não tinha ouvido ninguém entrar na sala, mas lá estava ele, usando roupa de esgrima branca com uma espada em uma mão e seu capacete debaixo do braço. *Oliver*. Ele parecia mais magro e mais rude com o uniforme.

Próximo a ele, também vestida de branco, havia outra pessoa. *Amelie*. A Fundadora de Morganville nunca pareceu tão pequena antes; as roupas que ela usava tinham a intenção de aumentar a sua altura, assim como seus saltos altos. Mas com esta roupa, Claire percebeu que *Amelie* não era muito mais alta do que ela, e era muito magra. Nas roupas de esgrima, ela poderia ter se passado por um menino, exceto pelos traços femininos de seu rosto.

— Você veio, Eve — *Amelie* disse. Eve interrompeu seus ataques e ficou muito ereta com a espada apontada para baixo. — Eu me lembro de quando você começou as suas aulas. Eu tive que dar a minha aprovação pessoal para quem praticasse esses tipos de artes marciais.

— Sim, bem, faz um bom tempo desde que eu pratico — Eve disse. — Ei, *Ollie*.

— Depois disso — *Oliver* disse — você pode pisar na pista.

— Eu não vim para lutar.

— Você está vestida para lutar. O que é isso, um florete? Bobagem. Você é mais adequada para uma espada. — *Oliver* bufou e pegou uma outra arma da parede, que ele jogou na direção de Eve. Ela agarrou-a no ar com a mão esquerda. A arma tinha uma aparência mortal, Claire percebeu; com uma lâmina mais triangular do que a base quadrada do florete. Ainda tinha uma ponta nela, mas parecia uma coisa mais difícil de dominar.

Eve deu de ombros e jogou o florete de volta para *Oliver*, que colocou-o na estante. — Tudo bem — ela disse, e cortou o ar com a arma — a espada — com um som de assobio. — É o seu funeral, cara.

Oliver mostrou os dentes em um sorriso cruel e colocou seu capacete. — Eu duvido — ele disse.





Eve também colocou seu capacete, e entrou no caminho estreito marcado no chão. Claire recuou para ficar perto de Amelie, que observava com uma expressão intensa e focada em seu rosto pálido. Quando Eve e Oliver levantaram suas espadas em saudação, ela balançou a cabeça e disse: — Agora.

Acabou, literalmente, em segundos. Claire estava acostumada aos combates dos filmes — duelos longos e barulhentos com muitos movimentos e ocasionais giradas de roupas. Este foi rápido e incrivelmente mortal. Ela nem sequer viu o que aconteceu, houve apenas um borrão de movimento, alguns sons metálicos que vieram muito rápidos para registrar, e de repente Eve estava lá com a ponta da espada de Oliver parada no tecido de seu emblema de caveira de pirata, bem em cima de seu coração. — Bem, que droga — Eve disse, e deu um passo para trás. — Não é justo usar velocidade vampiresca.

— Eu não usei — ele disse. — Eu não preciso. Esgrima era uma habilidade de sobrevivência da minha época. Mais uma vez?

— Claro. — Eve se apoiou no final da área marcada — a pista? — e se agachou de alguma forma que não pareceu nada estranho.

— Agora — Amelie disse, e houve outro borrão de movimento. Desta vez, Claire distinguiu duas coisas — uma, que Eve parecia mirar no peito de Oliver e depois mirou mais embaixo, e a ponta de sua espada atingiu-o na perna. A espada dele por cima do ombro dela. Eve bateu no chão e rolou até seus pés, levantando a espada em triunfo.

— Cara, te peguei! — ela disse. — Ferida mortal, bem aí. Artéria femoral. Você está tão morto.

Ele não respondeu nada, apenas caminhou de volta para o seu lugar no outro lado da pista.

— Sério? Você não podia ir embora com um empate? — Eve perguntou. Ela tirou o capacete, e seus olhos negros estavam brilhantes com crueldade. — Não podemos apenas ficar bem com isso?

— Espada — ele gritou. — Não fale.

Eve colocou o seu capacete de volta e tomou seu lugar na pista. Amelie respirou, e em vez de dar o sinal, disse: — Oliver, talvez você deva esquecer isso.

A frente do seu capacete se virou para ela, como se não pudesse acreditar no que ela disse, e então se concentrou de volta em Eve, que estava tomando a posição em guarda. — Nos avise quando a gente for começar — ele disse. — Dois de três.





— Ele não gosta de perder — Amelie disse a Claire, e encolheu os ombros.
— Muito bem. Agora!

Claire focou, e conseguiu ver exatamente o que aconteceu desta vez. Oliver se lançou. Eve se defendeu, mas ele estava pronto para isso, e colocou a sua lâmina de volta no lugar batendo na dela fora de sintonia. Ela tentou lançar outra ferida na coxa, mas dessa vez não funcionou.

Oliver bateu a ponta de sua espada no peito dela com tanta força que a jogou para trás e fez sua espada cair.

— Oliver! — Amelie falou irritada, e ele recuou. Eve cambaleou para trás, perdeu o equilíbrio e caiu sobre o seu bumbum. Sua espada bateu longe no chão enquanto ela colocou as duas mãos contra o peito, em seguida, estendeu a mão para tirar o seu capacete. Seu rosto tinha ficado muito branco, e seus olhos estavam enormes.

— Uau — ela disse. — Droga. Isso vai deixar uma marca.

Oliver se afastou, circulando sem descanso, girando sua espada continuamente em sua mão enluvada. — Você pediu por isso — ele disse. — Agora saia da pista se você for reclamar de uma contusão.

Eve rolou lentamente até os joelhos, pegando o seu capacete e espada, e se levantou. Ela não parecia muito estável.

— Vá ajudá-la — Amelie disse. — Certifique-se de que ela não quebrou uma costela. Oliver, isso foi desnecessário.

— O que foi desnecessário foi a alegria dela — ele respondeu. — Eu não vim aqui para lutar com crianças, e ela precisa aprender a mesma lição dura que eu aprendi: insultar aqueles que são mais fortes tem consequências.

— O mais forte tem uma responsabilidade com o mais fraco — Amelie disse. — Como você sabe muito bem.

— Eu tive responsabilidade o suficiente. E eu pensei que nós tivéssemos vindo aqui para lutar, mulher. Se tudo o que você quer é realizar discussões filosóficas enquanto está vestida atraentemente, certamente nós podemos fazer isso em outro lugar.

Eve parecia melhor agora, com a cor voltando para o seu rosto — voltando rápido demais para a alegria de Claire, porque havia um brilho em seus olhos irritado e assustado. — Valentão — ela murmurou.

Oliver tirou o capacete e olhou para ela. Ele parecia tão sólido como osso, e como alguém que ninguém queria se meter. — Eu não permito que as pessoas me insultem — ele disse. — E da próxima vez que a pretensão for de me chamar





por um nome de animal de estimação, eu vou fazer pior do que quebrar uma costela sua na pista. Agora saia do caminho. Os adultos necessitam de espaço.

Amelie inclinou a cabeça para um lado, observando-o, e disse: — Eu não gosto de todas essas regras. Vamos dispensar as regras, então?

— Certamente — Oliver disse, e jogou o seu capacete no canto. Ela colocou a dela com segurança para fora do caminho. — Armas?

— Eu prefiro a espada — ela disse. — Duas delas.

— Ah. Florentino. Parece ótimo.

Cada um deles pegou duas espadas, e quando Claire e Eve recuaram de volta para um banco no fundo da sala, Amelie e Oliver se enfrentaram. Amelie cruzou as duas espadas na frente de seu rosto, e Oliver seguiu o exemplo; o som de quatro lâminas cortando o ar em saudação fez Claire se arrepiar. — O que eles estão fazendo? — ela sussurrou.

— Luta livre — Eve respondeu, mantendo-a calma. — Não há regras. É mais como os duelos de estilo antigo.

— Não é bem assim — Amelie disse. Ela estava quase sorrindo. — Isso provavelmente não vai acabar em morte.

— Mas não há garantias — Oliver disse. Ele estava sorrindo, e não o seu sorriso habitual de mais-malvado-que-você de lábios curvados, tampouco. Ele quase parecia feliz. — Pronta?

— Claro. — Amelie não parecia estar; ela estava segurando suas espadas para baixo, quase parecendo não saber o que fazer com elas.

Oliver deu um passo em direção a ela, e as armas se ergueram e se direcionaram a ele muito rápido, Claire piscou. Oliver levantou uma sobre a sua cabeça em uma pose que a fez pensar em um ferrão de um escorpião, e circulou para a direita. Amelie circulou, também, mantendo a distância entre eles... até que de repente ela estava se movendo, dois passos rápidos e leves, um salto repentino, que terminou em uma investida, e ambas suas espadas atingiram os alvos, um corte na perna de Oliver, o outro de baixo de seu braço. Ele girou e bateu nas costas dela com um golpe desleal — ou tentou. Ela devia saber que ele iria fazer isso, porque ela se inclinou para a frente, graciosamente como um salgueiro, e dobrou seu joelho para aparar o próximo estocada.

E isso foi apenas o começo.

— Sabe — Eve disse distante, cerca de cinco minutos depois, enquanto os dois vampiros ainda estavam circulando, perfurando, cortando e marcando pontos um sobre o outro, — eu acho que talvez eu não devesse nunca irritá-la. Ou ela. Mais uma vez.





— Você acha? — Claire sussurrou de volta. — Deus. É como O *Exterminador do Futuro* versus *Buffy*.

— Como eles decidem quem ganha? Quero dizer, claramente, eles estão batendo um no outro, mas eles nem sequer fingem que isso está machucando.

— Eu não acho que isso importa — Claire disse.

Ela comprovou que estava certa trinta segundos mais tarde, quando Amelie estendeu a mão e tocou o ponta de uma espada três vezes no chão. Oliver, movendo-se para uma estocada, desviou-se no último segundo e foi para uma posição neutra.

— Pronta? — ele perguntou.

— Que divertido — ela disse. — Trinta e dois pontos mortais para você; trinta e um para mim. Mas eu não me importo de perder para um mestre, Oliver. — Ela inclinou-se ligeiramente com as espadas para baixo.

Ele se curvou para trás, um pouco mais profundamente. — Nem eu — ele disse. — Mas ganhar é sempre melhor. Você está favorecendo sua direita novamente, você sabe.

— Eu percebi. Nem todos podemos ultrapassar as desvantagens da natureza tão facilmente.

Eles trocaram um sorriso, um verdadeiro, e Claire trocou um olhar com Eve. Eve limpou a garganta.

— Vocês ainda estão aqui? — Oliver perguntou sem mudar sua expressão. Ele não olhou para longe de Amelie. — Vão embora.

— Certo — Claire disse. — Estamos indo.

Ela pegou as coisas de Eve e caminhou com ela para um dos pequenos vestiários para retirar os uniformes úmidos de suor. Eve colocou o dela dentro da bolsa e tirou sua blusa rosa. Claire engasgou com o hematoma se formando, que tinha, pelo menos, três centímetros de diâmetro e parecia muito doloroso.

— Droga — Eve disse. — Isso vai mostrar por cima do meu sutiã. Eu tenho que repensar o meu guarda-roupa para os próximos dias. — Ela sondou o machucado com a ponta do dedo e fez uma careta. — Nada quebrado, apenas um bom lembrete para não andar com Ollie na pista de dança com objetos pontiagudos.

— Eu não acredito que você lutou com ele.

— Lutou com ele? Droga, amiga, eu *atingi* ele. Você sabe como isso é difícil? Eu fui uma esgrimista por anos, mas eu nunca sequer cheguei perto de atingir ninguém sem pulso. Ele costumava duelar de verdade, sabia? Sem a segurança sob as lâminas.





Claire podia acreditar. O que ela não conseguia acreditar era que Eve achava isso legal.

Talvez, ela pensou, esgrima não fosse o meu esporte, afinal.





CAPÍTULO 4

Michael estava em casa quando eles chegaram, e surpreendentemente, ele não estava tocando violão. Ele estava sentado no sofá no local habitual de Shane, jogando um jogo. — Ei — ele disse quando Claire e Eve entraram. — Ninguém fez o jantar.

— Ninguém, mas você estava em casa para comer — Eve disse. — E eu acho que você também não fez.

— Não. — Ele matou um zumbi com uma serra elétrica, e se abaixou instintivamente quando outro se arremessou contra ele vindo das sombras da tela. — Acho que vamos todos para a cama com fome, já que somos crianças ruins.

— Acho que não. — Eve piscou para Claire, que segurava um saco manchado de óleo. — Sério, você não conseguiu sentir o cheiro dos hambúrgueres? Seu nariz de vampiro não funciona, Michael?

— Eu pensei que eu estava imaginando os hambúrgueres.

— Calado. Eu peguei um mal passado para você. Com pickles. Eu sei que você gosta de pickles.

Michael parou o jogo e colocou o controlador de lado, e quando ele se levantou, a porta se abriu e Shane entrou. Ele acenou para Michael quando ele deixou cair a sacola de lona no corredor, ao lado de Eve. — Quem trouxe hambúrgueres?

— Veja, ele consegue sentir o cheiro dos hambúrgueres! — Eve gritou da cozinha.

Michael ignorou isso. — Vocês foram para a academia?

— Sim — Shane disse. — O cara de artes marciais é muito barra pesada.

— Eu consegui um machucado! — Eve gritou. — Uma grande! Bem no meu coração! Adivinha quem o causou?

Michael ergueu as sobrancelhas para Shane, que ergueu as mãos. — Não eu, cara. Eu nunca a toquei.

— Oliver! — Eve saiu da porta da cozinha, segurando pratos, equilibrando-os como uma profissional. — Michael, aqui está o seu quase-cozinhado. Shane,





você ganhou o hambúrguer com pimenta jalapeño. Eu e Claire ficamos com os simples velhos e chatos.

— Nós estamos nos diversificando com as porcarias que chamam de comida — Michael disse. — Emocionante.

— Cala a boca. Você quer que eu aqueça o seu suco? — *Suco*, Claire percebeu, era o novo código de Eve para *sangue*. Bem, tecnicamente, era suco, Claire supôs. Suco de Pessoas.

— Eu vou pegar — Michael disse. — Obrigado. Shane, Claire, cocas?

— Sim! — Claire gritou ao mesmo tempo que Shane. Ele caminhou até ela, colocou seu braço ao redor dela e inclinou-se para beijá-la.

— Jinx³ — ele sussurrou.

— Eu gosto mais desta versão de jinxies do que da que eu fazia na escola — ela disse. Ele tinha gosto de sal e metal, mas ainda parecia sexy — assim como o modo que sua camiseta úmida se agarrava em seus ombros e peito. Ela nunca tinha achado suor sexy antes, mas Shane... bem. Shane mudou seu modo de pensar.

— Então, o que você fez na academia? — ele perguntou. — Eu achei ter visto você na esteira de escada.

Oops. Flagrada. — Eu fiquei nela por um tempo — ela disse. — Então Eve me levou para me ensinar a praticar esgrima.

— Não foi muito esgrima, foi mais como segurar uma espada e não deixá-la cair — Eve disse. — E então eu lutei com Oliver e empatei.

Shane sacudiu suas mãos. — Oh, e depois nós todos fomos escolhidos como princesas do gelo e pedimos para ir para a Disneylândia! — Ele revirou os olhos.

— Ria tanto o quanto você quiser. Eu vou parecer melhor em saias do que você — Eve disse. — E, além disso, eu não estou mentindo. Eu dei um toque mortal em Oliver. Pergunte a sua namorada.

— Ela acertou ele com a espada dela — Claire disse quando Michael e Shane olharam para ela. — Eu vi.

— E, em seguida, para se certificar de que eu sabia onde era o meu lugar, ele praticamente me atingiu com a espada no meu coração, mas, vocês sabem, detalhes. Daí a contusão. — Ela arrastou para baixo o decote de sua blusa para mostrar o início da contusão. Shane assobiou apreciativamente — não para os peitos dela, Claire tinha certeza. Para a contusão. Esse era o jeito de Shane.

³ **Jinx:** A palavra que uma das pessoas falam quando falam ao mesmo tempo a mesma coisa. Aqui no Brasil seria equivalente a tocar na cor verde.





— Eu não sabia que esgrima era um esporte de contato — ele disse. — Eu achei que fosse mais, você sabe, um esporte de fingimento. Como o golfe. Ou competição de comer.

— Ei, golfe é difícil. — Eve deu de ombros. — Sempre que você quiser que eu acabe com o seu traseiro com dezoito buracos, me avise.

— Eu apanhei o suficiente, obrigado. — Shane deixou-se cair na cadeira e puxou o prato na direção dele. — Eu poderia comer um animal morto, eu estou com tanta fome, mas sem o molho picante.

— Bem, você está com sorte, porque eu não tenho ideia do que realmente tem nestes hambúrgueres — Eve disse. Michael saiu da cozinha e colocou as três latas de Coca-cola gelada em cima da mesa, e uma garrafa esportiva que tinha a possibilidade de ter suco. Suco quente. Claire estava feliz da garrafa ser opaca. — Nós jantando juntos. Uau. Isso é uma novidade.

Isso não acontecia ultimamente. Eles todos faziam muito suas próprias coisas, normalmente dois deles comiam juntos, ou talvez três. Ter todos os quatro na mesa era uma grande mudança. Eve tagarelando sobre o trabalho, e o quão impressionante era a sala de esgrima (o salão?) da nova academia. Michael falou um pouco sobre o que estava acontecendo com a sua música, que ainda estava no ar após a viagem deles para Dallas para pegar a sua demo gravada. Parecia ótimo, mas Michael era todo cauteloso e pessimista.

Claire quase deixou escapar todo o confronto de Myrnin/Frank, mas percebeu que não podia, porque Shane estava lá, e Shane ainda não sabia que o seu pai havia sobrevivido... pelo menos, sob a forma de um cérebro em um frasco ligado a um computador. Shane achava que Frank estava morto, e ele estava em paz com isso, mais ou menos. Claire não sabia como ele ia se sentir com o resto disso, e ela não aguentaria magoá-lo. Não havia nenhuma razão para ele ter que saber.

Era isso o que ela continuava dizendo a si mesma, de qualquer maneira.

Foi um bom tempo juntos, e parecia com um lar. O riso entusiasmado, e os olhares e sorrisos ocasionais de Shane fizeram ela se arrepiar toda. Depois do jantar, ela e Eve lavaram os pratos (mas só porque era a vez delas), enquanto Michael e Shane reivindicaram o sofá e colocaram um novo jogo. Que acabou sendo — sem surpresa alguma — outro jogo de zumbi. Sangue e intestinos se sucediam. Claire enrolou-se entre eles no sofá com um livro, enquanto Eve estendeu-se no chão e folheou uma revista.

Uma noite normal. Muito, muito normal.

Até Shane perder o jogo.





— Droga! — ele gritou, e jogou o joystick na tela. Tipo, realmente jogou. Ele atingiu a borda da TV, em vez da parte mais macia da parte de LCD, e peças do joystick soltaram-se e foram parar em todos os lugares. Eve gritou e se levantou, juntando os pedaços de plástico. Claire se contraiu.

— Jesus, Shane, se acalme — Michael disse. — Você perdeu. Grande coisa, cara. Não é a primeira vez.

— Cale a boca — Shane disse. Ele levantou-se, pegou o joystick e olhou para ele. — Pedaço de merda.

— Não culpe o equipamento. Ele estava trabalhando muito bem antes de você jogá-lo.

— Como diabos você sabe? Você estava jogando com ele?

— Eu sei que você me deve um novo joystick.

— Vai se ferrar, mano. — Shane jogou o joystick quebrado em Michael desta vez. Não que isso seja um risco; Michael calmamente estendeu a mão e pegou-o, de forma tão suave que poderia ter sido algum tipo de efeito especial.

— Talvez você devesse relaxar.

— Talvez você devesse parar com os reflexos de vampiros no jogo!

Michael fez uma careta. Ele não costumava deixar Shane tirá-lo do sério, mas Claire podia ver a sua raiva se formando. — Eu joguei justamente.

— Justamente? — Shane soltou uma gargalhada. — Cara, você não tem mais ideia do que você está falando, não é? Você nem sequer sabe o quanto você está ferrado.

— Ei! — Claire disse, e levantou-se entre eles quando Michael se levantou também. O ar estava espesso e ameaçador agora, a casa refletindo os sentimentos de seus proprietários. — Vocês, parem! É apenas um jogo!

— Não, não é apenas um jogo. Saia fora do caminho!

— Pare! — ela disse bruscamente, e socou Shane no ombro. — Deus. Você não lutou o suficiente por um dia? O que é isso? Michael está certo. Você não pode destruir as coisas só porque você perdeu um jogo. Você não tem três anos, Shane!

Seus olhos escuros focaram nela, e ela sentiu um arrepio muito real e muito frio passar por ela. Esse não era o Shane que ela conhecia. Esse era outro Shane. — Não me bata — ele disse. — Eu não gosto disto.

Claire deixou as mãos caírem para os lados e respirou fundo. — Desculpe. Eu não deveria ter feito isso. Eu só queria chamar a sua atenção.





Bem, ela tinha conseguido, tudo bem. Ela desejou não ter conseguido. Mas pelo menos isso tinha interrompido o que estava acontecendo entre Shane e Michael.

Agora era apenas entre ela e Shane.

— Claire — Michael disse. Ela estendeu a mão sem olhar para ele, e ele ficou em silêncio.

E ela esperou Shane dizer alguma coisa.

SHANE

Eu odeio perder. Quero dizer, realmente, odeio muito. Eu costumo tentar disfarçar e fingir que não, mas há algo dentro de mim distorcido e perigoso. Porque perder significa que você está à mercê de outra pessoa, mesmo que seja em apenas um jogo. Mesmo que isso não signifique nada.

Eu tive muito disso na minha vida, estar no poder de outra pessoa. Primeiro meu pai. Em seguida, os vampiros. Havia sempre alguém que aparecia, alguém mais rápido, mais forte e mais cruel do que eu, e isso fazia eu me sentir como uma criança assustada o tempo todo.

Eu não estava mentindo. O joystick tinha me intimidado. Os botões emperraram. Não foi minha culpa eu ter surtado; foi do joystick. Eu não ia perder, não para Michael. Não mais. Sim, perder o controle do meu temperamento foi estúpido — quero dizer, eu tinha quebrado o meu joystick favorito — mas porque eu achei que não foi justo, que ele tinha trapaceado, que ele tinha usado aqueles reflexos de vampiro para ganhar e não mereceu isso... Ele me desrespeitou, ok? Me desrespeitou pra valer.

E eu queria acabar com ele.

Talvez tenha sido alguma coisa que tinha sido libertada na academia, algo que eu normalmente mantinha preso dentro de uma caverna escura. Quero dizer, era Michael. Mas só agora, olhando direito, eu me lembrei que ele não era, na verdade, o meu amigo. Não era quem eu tinha crescido, quem tinha me protegido, de qualquer maneira. Este era o corpo de Michael, mas ele não era a mesma pessoa dentro desse corpo. De modo nenhum.

As meninas ficaram chateadas. Claire estava tentando falar comigo, mas eu não estava ouvindo ela, não até que ela me deu um tapa no ombro. Pareceu um golpe forte, embora eu soubesse que não foi; era apenas porque todos os meus nervos estavam em chamas porque eu estava empolgado demais, e eu provavelmente tinha um machucado





ali, assim como em todos os lugares. Eu disse algo para ela, algo que provavelmente não foi muito legal, e eu senti um impulso asqueroso correr do meu cérebro para a minha mão.

Meus dedos se fecharam em um punho sólido de músculo, osso e poder.

Claire olhou para mim, preocupação e raiva em seu rosto, e, pela primeira vez, eu me vi refletido em seus olhos. Eu vi o que eu estava fazendo.

Eu conhecia aquele olhar. Aquele rosto. Eu tinha visto isso em toda a minha infância, quando meu pai vinha tropeçando em casa do bar. Eu tinha visto aquilo inúmeras vezes após Alyssa morrer.

Oh, Deus. Deus.

Era como uma cortina se fechando, inundando o meu interior com luz, e eu não gostava do que eu estava vendo em mim mesmo, nenhum pouco. Lutar era uma coisa. Mas isso... isso era outra coisa. Fez eu me tornar o que eu nunca quis ser.

...Mas no fundo... bem lá no fundo, eu percebi porque o meu pai tinha sido do jeito que ele era. Era fácil deixar de lutar contra todos os demônios, deixá-los rugirem.

E o fazia se sentir bem.

Isso era mais assustador do que qualquer outra coisa que eu já senti.



Claire realmente viu algo acontecer dentro dele, algum tipo de estalo. Shane piscou, e então ele era totalmente o *Shane* — amigável, verdadeiro e arrependido. — Oh, Deus, me desculpe — ele disse, e colocou os braços em volta dela. — Não foi a minha intenção. Eu sinto muito. — Ela sentiu a mudança da linguagem corporal, e imaginou que ele estava olhando para Michael, mesmo quando ele estava segurando-a. — Desculpe, mano.

— Tá bom — Michael disse. Ele não parecia convencido. — Ok. Só não leve tão a sério na próxima vez. É apenas um jogo, cara.

— Eu vou comprar um novo joystick amanhã — Shane disse. — Me desculpe, de verdade. — Claire percebeu através de seu tom de voz que ele estava falando a verdade; ele não estava apenas falando por falar. E ela imaginou que Michael percebeu também. — Eu acho que eu estava com muita adrenalina.

Eve, que estava deitada no chão, olhando para eles, finalmente, se levantou. — Homens — ela disse, e balançou a cabeça. — Eu não vou pegar os pedaços. Collins, esse é o seu trabalho. Aproveite. Eu estou fora.





— Tá certo, mas você está indo *embora*? — Shane perguntou. Foi um fraco esforço de insulto, mas pelo menos ele tentou. Ela lhe deu um sorriso rápido e mostrou o dedo do meio para ele — pela primeira vez naquela noite — e subiu as escadas. Claire pegou-se bocejando e olhou para o relógio. Uau, já era tarde. E ela tinha que acordar cedo amanhã.

Ela beijou o rosto de Shane, e ele virou a cabeça e se transformou em um beijo muito mais longo e mais doce. Que ela interrompeu, infelizmente, e disse: — Eu tenho que ir para a cama, também.

Ele fez um som baixo e questionador em sua garganta. Ela corou, porque Michael estava *bem ali*. Michael fingiu estar fazendo outra coisa, o que não queria dizer nada. Vampiros tinham sentidos afiados. Ele provavelmente poderia sentir o quão rápido o coração dela estava disparado. — Não — ela sussurrou, no ouvido de Shane. — Eu tenho que descansar.

— Ok — ele sussurrou de volta, e beijou o seu pescoço, exatamente onde a fazia estremecer. Ele sabia que era seu lugar favorito, e isso a deixava fraca nos joelhos. — Eu vou ficar bem. Oh, espere, eu estou sempre bem...

— Pare com isso. — Sua voz não soava tão certa agora. — Eu preciso descansar.

Ele a soltou e deu um passo para trás com as mãos para cima. — Tá legal — ele disse. — Vá.

Ela o fez, relutantemente — e quando ela olhou para trás, Shane estava pegando os pedaços do joystick quebrados no tapete, e Michael estava olhando para ele com uma pequena carranca ainda aparecendo entre as suas sobrancelhas, como se ele não conseguisse entender o que ele estava vendo.

Michael olhou para ela quando ela fez uma pausa nos degraus. — Boa noite — ele disse.

Ela acenou. — Sem brigas entre vocês dois — ela disse. — Prometem?

Ele fez um sinal de cruz no coração e fingiu cravar uma estaca nele, o que a fez sorrir e estremecer ao mesmo tempo. — Nós vamos ficar bem — ele disse. — Certo, Shane?

Shane olhou para cima. — Certo — ele disse. Mas havia algo estranho em seu rosto quando ele olhou para Michael, uma espécie de desconfiança que lembrou a Claire dos velhos tempos, logo quando Michael tinha se transformado em vampiro. Shane não confiava nele antes, e nem agora.

E ela não tinha certeza do motivo de ele de repente decidir não confiar em Michael de novo... mas ela tinha quase certeza de que era o que ela estava vendo.





Era tudo muito confuso, e ela estava muito cansada para processar isso. Mas quando ela ficou na cama, com a luz da lua caindo fria sobre os lençóis, ela não conseguiu dormir. Ela se revirou na cama, observando os galhos negros balançando nas janelas como mãos esqueléticas, e se perguntou o que Shane estava fazendo. Ela meio que esperava que ele viesse bater em sua porta, mas ele não tinha vindo.

Finalmente, ela começou a ficar sonolenta, e estava quase dormindo quando teve a impressão inequívoca de que alguém estava no quarto com ela, ali mesmo, de pé ao lado da cama.

Ela se virou com o coração batendo. A luz da lua não atingia esse lado da cama, e o quarto estava escuro, mas ela podia distinguir algo... uma sombra...

E então a sombra avançou para a luz, e era Myrnin. Não Shane.

Ele parecia... perigoso. Seu cabelo escuro encaracolado preto estava ao redor do seu rosto pálido, e seus olhos estavam muito amplos, muito escuros. Claire abriu a boca para exigir saber o que diabos ele estava fazendo ali, em seu quarto, mas ela não teve a chance. Sua mão brilhou para fora e cobriu a boca dela com a sua pele fria.

Ela tentou gritar, mas saiu um zumbido abafado, não alto o suficiente para alertar alguém. Myrnin colocou um dedo longo e fino em seus próprios lábios e se inclinou para perto.

— Me desculpe por fazer isso — ele sussurrou. — Eu percebo que não é apropriado. Não é mesmo? Vir aos aposentos de uma dama sem um convite ainda é inadequada, mesmo nesses círculos sociais de hoje?

Ela assentiu com a cabeça enfaticamente. Ele não a soltou, provavelmente porque ele sabia que ela iria gritar se ele o fizesse.

— Bem, sinto muito, mas isso é meio que uma emergência. Vista-se. Amelie quer nos ver.

Oh. Bem, os vampiros não mantinham as horas regulares das pessoas, mas ainda assim. *Isso não era legal.*

— Por favor, não grite — ele disse. — Seria algo muito ruim para mim, considerando todas as coisas.

Isso, mais do que qualquer coisa, fez ela assentir. A mão fria de Myrnin se afastou, e deu uma respiração profunda e convulsiva... mas não gritou. Ela se afastou para o outro lado da cama, se preparando para correr em um piscar de olhos.

— Você poderia ter ligado — Claire disse. Sua voz soava um pouco mais alta do que o habitual. — Eu tenho um celular.





— Eu perdi o meu — ele disse. Claire *realmente* acreditava nisso. — Coisas estúpidas. Tão pequenas. Tão fáceis de colocar no bolso e esquecê-las quando você lava suas roupas... Bem. Pareceu-me mais fácil vir aqui. Você está vestida?

— Eu não acredito que você está me perguntando isso. De pé no meu quarto no meio da noite. Você não acha que é um pouco assustador? Talvez até mesmo pervertido?

— Ah, você tem razão. Eu só vou... esperar lá fora. Mas depressa. E não diga a ninguém.

Claire esperou Myrnin sair pela porta do quarto, mas não, é claro, que isso seria muito normal, não é? Em vez disso, ele abriu a janela, o que dava para o quintal, e a atravessou. Ele caiu com toda a facilidade de alguém descendo de uma calçada, só que tinha seis metros, se não mais.

Claire nem sequer se preocupou em olhar. É claro que ele estava bem, e ela não se importava se ele não estivesse. Como ele poderia simplesmente aparecer desse jeito enquanto ela estava *dormindo*...

Ela estava mexendo no armário de roupa limpa, quando houve uma batida suave na porta. — Claire? Você está acordada?

Shane. Ela congelou e prendeu a respiração. Ela queria abrir, cair em seus braços, e esquecer tudo sobre Myrnin e seu comportamento estranho, mas a verdade era que Myrnin não aparecia para nada. Algo estava errado, e ele disse: *Não diga a ninguém*. Isso incluía Shane, infelizmente. Ela olhou para a maçaneta da porta, mas ela não virou, e depois de outra batida tranquila, ela ouviu seus passos se afastando, em direção ao seu quarto.

Claire soltou a respiração, balançou a cabeça e murmurou: — E mais uma vez, eu te odeio, Myrnin.

Vestida, mas não exatamente elegante, Claire colocou a cabeça para fora da janela de seu quarto. Como esperado, Myrnin estava andando lá com as mãos atrás das costas com a cabeça abaixada. Ele estava usando algum tipo de camisa neon-brilhante que era, provavelmente, um resquício dos anos oitenta, e estava usando seus shorts e sandálias confortáveis. Estas eram de couro, pelo menos, e parecia algo que um cara usaria. Se pressionado.

Ele não era exatamente um vampiro chique, como a cultura pop definia, mas Myrnin não conseguia se adaptar. Nunca.

Ele olhou para ela com o cabelo preto caindo para trás de seu rosto pálido, e disse: — Bem? Pule!

Uma coisa era um vampiro fazer isso. Outra bem diferente era uma humana frágil e não muito atlética. Claire balançou a cabeça. Myrnin





suspirou, puxou o seu cabelo com ambas as mãos, como se quisesse arrancar seu cérebro pelas raízes, e depois pareceu ter uma ideia brilhante. Ele correu para a escuridão.

Um momento depois, ele estava de volta, carregando uma escada — e não a escada deles. Ele roubou-a de um vizinho, Claire imaginou. Bem, era melhor do que pular.

A descida foi fria e assustadora, porque Myrnin não pensou em segurar a escada, que saltava e balançava inquieta com cada passo que ela dava. Claire saltou o último par de degraus, colocou os pés no chão e sussurrou: — De onde veio isso?

— Oh, dali — Myrnin disse, e acenou vagamente para a escuridão. — Nós não temos tempo para delicadezas. Vamos embora, por favor.

Ah, certo. Myrnin não dirigia, então não havia nenhum carro; o que significava caminhar. No escuro. Em uma cidade de vampiros. Bem, pelo menos ela tinha uma escolta, embora ele tinha pernas mais longas e não se dava ao trabalho de andar mais devagar por causa dela, então ela tinha que quase correr para acompanhá-lo.

— O que está acontecendo? — ela perguntou no momento em que eles chegaram na esquina da Lot Street. A rua estava deserta. A maioria dos postes de Morganville ficavam apagados quando você mais precisava deles. — Qual é a emergência?

— Eu descobri quem matou o seu amigo.

— Oh. — Ela respirou fundo enquanto eles atravessavam a rua e viravam à direita, em direção à Praça da Fundadora, no centro da cidade. — Quem?

Era uma pergunta simples, mas ela não esperava uma resposta simples. Myrnin era sempre vago quando ela mais precisava de clareza.

Por isso a surpreendeu quando ele disse: — Você realmente quer saber?

— É claro que eu quero!

— Pense bem antes de responder. Você quer saber, Claire?

Isso soou... sinistro. E Myrnin parecia muito, muito sério e no controle, o que era estranho, para dizer o mínimo.

— Existe alguma razão para eu não querer? — ela perguntou. Ele olhou para ela, e ela ficou novamente perturbada pela preocupação em sua expressão.

— Sim — ele disse. — Mais do que eu possa imaginar.

— Então por que me arrastar da cama para isso?

— Não foi ideia minha. Ordens de Amelie. Confie em mim, eu me opus. Eu fui vencido.





Claire se concentrou em andar por alguns momentos, até que a luz pálida dos postes da Praça da Fundadora iluminou a noite à frente deles. As casas que eles passaram estavam em silêncio e escuridão. Além de alguns cães latindo, ninguém parecia notá-los.

— Diga-me — ela disse. — Diga-me antes de chegarmos lá. É melhor eu saber no que eu estou me metendo.

— Eu sabia que você ia dizer isso. — Ela não pôde decidir se Myrnin parecia aprovar ou parecia resignado sobre isso. — Muito bem. Foi o irmão de Eve. Jason.

Jason. Bem... isso não chocou-a tanto quanto provavelmente deveria. Jason já tinha sentado com eles na mesa de jantar. Ele tinha até mesmo salvado a vida dela uma vez. Mas, por outro lado, ele a aterrorizou, a ameaçou, e ele realmente tinha machucado Shane. Com alegria. Jason lá no fundo não era uma boa pessoa.

— Eve vai ficar tão devastada — Claire disse. Ela não podia imaginar o quão ruim a amiga iria se sentir; Eve tinha estado tão animada com a suposta reviravolta de Jason, tão solidária a suas tentativas de tornar-se melhor. E agora isso. Isso vai surpreender ela.

— Você não está surpresa.

— Na verdade, não. Quer dizer, eu estou decepcionada mais do que surpresa. Eu queria que ele se tornasse... melhor.

— Ah, Claire. — Myrnin balançou a cabeça e estendeu a mão para dar-lhe um abraço feroz de um braço só. — Você quer que todos nós sejamos melhores do que somos. Isso é encantador, e alarmante. Eu a desapontei muitas vezes.

— Não desse jeito.

— Muito parecido com isso — ele disse. — Mas talvez não tão sangrento.

— O que vai acontecer com ele?

Myrnin deu-lhe um longo olhar de lado. Ela percebeu que essa talvez não fosse a pergunta mais perspicaz que ela já tinha feito. — Não — ela disse. — *Não*, Myrnin. Ele não matou um vampiro, não importa o que isso causou. Violência humana é julgada e punida por seres humanos. Essa é a regra.

— Amelie que faz as regras, minha criança.

Eles estavam em uma parte relativamente deserta da cidade agora, rumo à Praça da Fundadora. Normalmente, Claire não teria gostado de andar aqui no sol escaldante do meio-dia, nem mesmo com uma escolta, mas ter um vampiro ao seu lado tinha a deixado descuidada.





Ela não viu acontecer, não até Myrnin de repente parar e levantar a cabeça, seu rosto parado e estranhamente pálido ao luar prateado. Ele geralmente ficava parado com uma graciosidade estranha em um ângulo que era quase humano, mas agora ele assumiu uma quietude vampírica estranha que fez Claire se sentir tão... desajeitada. Tão vulnerável.

Exceto que Myrnin não estava abruptamente vampiro por causa dela; ele estava se concentrando em algo no escuro.

— Claire — ele disse em voz baixa, calmante e cuidadosamente controlada. — Eu gostaria que você pegasse o seu celular e ligasse para a polícia, por favor. Faça isso agora. Talvez o número de emergência.

Isso era tão completamente não típico de Myrnin que ela assustadoramente e desastradamente pegou o seu celular no bolso. — Por quê? — ela sussurrou quando começou a apertar os três números.

— Porque é uma emergência — ele disse, e então algo atingiu-o, algo mais rápido do que Claire podia realmente ver, e ela tinha acabado de digitar 911 e nem tinha pressionado ligar antes de Myrnin cair, algo segurou o seu pulso em um aperto esmagador. Ela teve a impressão confusa de sentir o cheiro pior que ela já tinha sentido, como o do pobre Doug Fedorento multiplicado por mil, e um brilho ardente de olhos, e uma cara que parecia um esqueleto com a pele esticada sobre ele...

Com dentes extremamente afiados que brilhavam como facas e vindo direto para a sua garganta.

Myrnin bateu nele — nisso? — com tanta força que os dois vampiros derraparam pelo menos quinze metros, rolando, socando e lutando, e Claire percebeu que ficar parada lá como uma idiota podia não ser a melhor estratégia de sobrevivência. Ela estava dormente e estúpida com o choque, mas ela viu a tela azul brilhante de seu celular na grama, ela correu até ele e apertou no botão de chamada. Ela olhou em volta freneticamente, tentando se orientar; tudo parecia escuro e estranho, mas ela viu a placa da rua com o brilho fraco do poste no canto.

Ela estava a apenas duas quadras da Praça da Fundadora.

Claire correu, segurando o celular no ouvido. Seu coração batia tão rápido que parecia um martelo batendo em seu peito. A calçada estava escura, muito escura, mas ela não se preocupou com as rachaduras ou o pavimento irregular, ou qualquer outra coisa além de correr tão rápido quanto ela poderia, indo para a segurança com uma quantidade questionável de ainda





mais vampiros, e, meu Deus, ela não podia acreditar que ela realmente estava correndo *para* os vampiros, mas aquela coisa, aquela coisa...

— 9-1-1. Qual é a sua emergência?

Ela não estava respirando, ela percebeu. Claire disse ofegante algo sobre onde ela estava, e estava prestes a tentar explicar o que diabos tinha acontecido quando tropeçou e o celular saiu voando quando ela perdeu o equilíbrio e o impulso empurrou-a para a frente, para o que ia ser um grande impacto com o choque do seu osso contra a calçada.

Ela colocou as mãos na frente dela, mas não foi na calçada que ela bateu.

Foi em Myrnin, que a pegou, deu-lhe um olhar que ela não conseguiu ler e agarrou o celular caído quando ela apontou debilmente para ele. Ele tinha sangue em seu rosto e os arranhões estavam curando lentamente. Suas roupas também estavam rasgadas e desfiadas.

Sem outra palavra, ele pegou-a em seus braços e correu para a Praça da Fundadora. Não demorou muito — trinta segundos, talvez — mas Claire usou o tempo para recuperar a sua sanidade e tentar abrandar o seu coração acelerado. *Você não vai morrer. Acalme-se.*

Ela repetiu tudo através de sua cabeça. O alarme de Myrnin. O vislumbre daquele rosto esquelético. O cheiro de morte.

Aquele tinha sido um vampiro morrendo de fome e selvagem, e em Morganville, isso não deveria estar acontecendo. Vampiros tinham pronto acesso ao banco de sangue, entre outras coisas. Se eles não seguissem as regras, eles tinham muitos alvos fáceis. Como é que ele conseguiu ficar tão esquelético e selvagem assim? E por que atacar Myrnin primeiro, antes de atacá-la? Ela teve a sensação de que ele tinha vindo atrás dela só porque ela estava pedindo ajuda.

Não fazia sentido.

— Alguma coisa está acontecendo — ela disse quando eles viraram a esquina e viram a Praça da Fundadora bem em frente. — Pode me soltar.

— Eu estou bem — Myrnin disse, e parou para deixá-la deslizar para baixo em uma posição ereta. — Obrigado por perguntar, Claire. Considerando que eu me sujeito ao perigo inimaginável para proteger o conteúdo de suas veias e a sua alma imortal, pode-se imaginar que você seja capaz de perguntar. — Ele estava tentando ser o velho e casual Myrnin, mas ele estava agitado e seriamente abalado. Claire se viu segurando o celular como um salva-vidas quando ela se afastou dele, e também percebeu que a polícia ainda estava do outro lado da linha, fazendo perguntas.





— Alô? — ela disse. — É da polícia? Você precisa enviar um carro de patrulha...

Myrnin puxou o celular para longe dela com um golpe ocasional de sua mão e disse: — Não se preocupe. Agora está tudo bem, não tem nenhum problema. Obrigado por proteger e servir. Por favor, não ligue para ela mais. — E desligou.

— Ei! — Claire se lançou para o celular. Ele ergueu-o para fora de seu alcance.

— Se você enviar a polícia humana atrás dele, eles serão lanches — ele disse. — E eles também vão morrer, se tiverem sorte. Vamos lá. — Ele agarrou o seu pulso e arrastou-a em um ritmo rápido. Ele estava usando um pouco mais de força do que deveria, e Claire tentou não estremecer. Ela já tinha sido agarrada com força demais nessa coleção particular de ossos.

— O que aconteceu? — ela perguntou. — E não me diga que foi apenas um ataque de vampiro aleatório.

— Não foi — ele disse. — E vamos falar quando estivermos lá. Não antes.

Eles estavam chegando no posto da guarda agora, e o policial uniformizado saiu para dar-lhes um olhar de cima a baixo. Ele balançou a cabeça e os deixou entrar. Myrnin nem sequer diminuiu a velocidade, por isso Claire também não.

— Para onde estamos indo?

— Falar com Jason, obviamente.

— O quê? Mas...

— Eu acredito que ele esteja conectado. Jason é um peão no tabuleiro, e precisamos confirmar apenas quem é o dono do peão. Talvez você possa ser capaz de extrair essa informação dele.

— Espera, você... você quer que eu interrogue ele?

— Fale com ele. Você estabeleceu um relacionamento com ele antes; ele pode dizer coisas para você que não diria para vampiros. Como uma companheira humana, você já está com vantagem.

— Vantagem?

— Vamos apenas dizer que ele desenvolveu uma profunda desconfiança pela espécie de vampiros.

— O que diabos vocês fizeram com ele?

Myrnin não olhou para ela. Agora eles estavam andando por uma calçada larga, espaçosa, emoldurada por árvores escuras e altas em ambos os lados. Bonita na luz do dia. Um lugar com emboscadas privilegiadas no escuro. Mas





havia vampiros passeando à luz do luar, vivendo as suas vidas em uma espécie de forma totalmente estranha e alheia pelo que ela sabia. Aqui, aquela coisa horrível esquelética não atacaria. Ele não ousaria.

Ela de repente, desesperadamente, queria estar de volta para casa.

— Myrnin? O que foi isso?

Ele não disse mais uma palavra pelo caminho até o prédio onde Jason estava preso.





CAPÍTULO 5

Estar em uma fortaleza de vampiros, essencialmente sozinha, era terrivelmente irritante... especialmente desde que Claire lembrou que ela tinha fugido furtivamente por uma janela, e ninguém, nem mesmo Shane, sabia onde ela estava. Esse provavelmente não tinha sido um plano muito bom. *Nota para si mesma: no futuro, deixe uma mensagem de eu-sei-quem-me-matou.* Mórbido, mas prático, pelo menos em seus círculos sociais.

Este não era o prédio impecável e ordenado onde Amelie tinha seus escritórios — embora fosse uma casa fúnebre assustadora — mas um edifício diferente, uma estrutura sem janelas que não tinha mármore com elegância fria e carpetes grossos. Ele era mais... funcional. Paredes nuas. Luzes fortes. Pisos lisos.

E cheirava a desinfetante, o que era muito assustador.

Havia uma mesa de madeira lisa no hall de entrada, e um vampiro que Claire reconheceu — que originalmente tinha a pele escura, mas a vida de vampiro a tinha clareado tornando-a em um inquietante cinza pálido. Ele era cego de um olho, e quando ele a viu, ele sorriu com todos os dentes.

Ela o conheceu na biblioteca da Universidade Prairie do Texas, e ele tentou matá-la. Não é um vampiro muito legal de acordo com a sua experiência.

— É a aprendiz de caçadora de vampiro — ele disse. — Ótimo. Eu estava ficando com fome. Obrigado por me trazer o almoço.

— Ela está comigo, John — Myrnin disse, e balançou o dedo. — Não lanche. E, além disso, você tem que pedir permissão a Amelie primeiro. A qual você não vai conseguir, você sabe. Você está em liberdade condicional por causa do seu passado, ah, o incidente relativo a um residente de Morganville com um pulso.

O vampiro deu de ombros e pareceu desapontado. — Bem. O que você quer?

— Não é da sua conta, John. Apenas faça o seu trabalho e fique quieto — Myrnin disse, e a puxou para perto. — Por aqui.





Eles passaram por uma porta de aço muito grossa, que se fechou com uma força que fez Claire se arrepiar, e depois através de uma série de portões fechados que pareciam grossos o suficiente para desencorajar até mesmo vampiros. Alguns estavam tortos. Tinha até mesmo algumas impressões digitais pressionadas no metal, onde os vampiros tentaram dobrá-lo. Sem sucesso, ao que parecia.

Todos eles bloquearam atrás dela, impedindo qualquer possibilidade de recuo. É, aquele bilhete que ela não deixou estava se tornando mais importante com o passar do tempo. Claire furtivamente pegou o celular do bolso da calça e verificou a bateria.

Sem bateria. Claro. Ela não poderia nem mesmo mandar uma mensagem para pedir ajuda.

Myrnin olhou para ela enquanto eles desciam o longo corredor sem graça. Bem, *sem graça* era incorreto — era para ser sem graça, mas, na verdade, ele tinha todos os tipos de rachaduras nele. Provavelmente por pessoas e vampiros lutando para saírem. Definitivamente não fazia parte do design, porque uma das rachaduras tinha uma mancha vermelha que, quando Claire olhou mais de perto viu que era uma ponta de unha pintada de vermelho.

— Você está bem? — ele perguntou a ela. Ela assentiu com a cabeça, determinada a não mostrar a ele o quanto se sentia nervosa. — É aqui.

Ele parou na frente de outra porta, uma sem maçaneta. Tinha um teclado ao lado dela, e Myrnin digitou alguns números e pressionou o polegar em uma placa de vidro. A porta se abriu com um silvo de ar, como se tivesse sido pressionada por dentro.

Estava silencioso, além disso.

Myrnin a abriu e entrou primeiro — no caso, Claire imaginou, de Jason estar esperando com algum objeto cortante, ou, conhecendo Jason, um objeto pontiagudo. Mas ele não parecia querer perder tempo com isso, porque Jason estava sentado apoiado contra a parede com os joelhos para cima sobre a cama pequena e estreita da prisão. Ele estava usando roupas hospitalares muito brancas estampadas com a palavra *prisioneiro* na frente e, ela supôs, na parte de trás.

Ele olhou para eles, inexpressivamente. Sob seu cabelo preto emaranhado, seu rosto estava calmo e parado, e seus olhos brancos como pedras.

— Oi, Jason — Claire disse. Ela parecia nervosa. Bem, ela estava. — Está tudo bem se eu me sentar? — O único lugar para se sentar era na cama. Jason





não disse sim, mas ele não disse não, tampouco, então, ela se sentou na extremidade mais afastada dele. — Você está bem?

Ele deu de ombros. Foi um movimento muito, muito pequeno de seus ombros, quase nada. Seus olhos de aparência morta se moveram rapidamente em direção a Myrnin, em seguida, de volta para ela.

Jason era perigoso; ela sabia disso. Ela o viu ferir Shane; ela o tinha visto fazer pior do que isso, também. *Se eu me levantar e sair, ninguém iria me culpar*, ela pensou. *Nem mesmo Eve*.

Mas pensar em Eve, chorona e miserável, fez Claire encontrar o último traço de determinação e o segurou firme. Ela olhou para Myrnin, que estava parado na esquina, perto da porta. — Você se importaria de esperar lá fora? — ele perguntou.

— Do lado de fora desta sala?

— Sim.

— Você está bastante certa disso?

Ela não estava, mas ela balançou a cabeça, de qualquer maneira. *É um dia estranho quando Myrnin é a escolha mais segura*, ela pensou. Aparentemente, ele pensou nisso também, porque ele deu-lhe um olhar longo e perturbado antes de pressionar o polegar na placa de vidro de dentro do quarto e abrir a porta.

Depois dela ter fechado atrás dele, Claire olhou para Jason. — Melhor?

Por um segundo, ela pensou ter visto um pequeno sorriso amargo, mas ele tinha desaparecido antes que ela pudesse ter certeza. — Você acha que eles não estão observando? — ele perguntou.

— Eu tenho certeza de que eles estão. Desculpe.

Ele deu de ombros novamente. — Não importa. Por que você está aqui?

— Myrnin me trouxe.

— Ele achou que eu ia falar com você.

— Sim, eu acho.

Jason balançou a cabeça lentamente. — Não tenho nada a dizer.

— Jason, isso é sério. Eles não vão apenas colocar você na cadeia por algum tempo. Isso é *assassinato*. No Texas. Eles não brincam em serviço neste estado, sem falar nesta cidade.

Desta vez, ela nem sequer conseguiu um encolher de ombros. Apenas um olhar vazio.

— Eles querem saber quem meteu você nisso. Quem contratou você para roubar o sangue de Doug?

— Quem é Doug?





— O cara que você matou — ela disse, olhando-o diretamente nos olhos.
— Meu amigo.

Isso o fez recuar, só um pouco. Quase um calafrio. — Desculpe — ele disse. Ele não parecia particularmente arrependido, no entanto. — Você pegou o cara errado. Eu não fiz isso.

— Eles têm certeza de que você fez.

— Eles sempre têm certeza, mas isso não significa que eles saibam. Você acha que eles se importam com quem realmente fez isso? A ideia de justiça deles é jogar algum idiota para os lobos. Não importa quem seja.

— Você está dizendo que você não é culpado.

— Normalmente eu sou o idiota. Claire, você não entende. *Não importa.* Eu sou o único que vai se prejudicar. — Ele deu de ombros novamente. — Tanto Faz.

— *Tanto faz?* Jason, é assassinato! Eu sei que você não é... perfeito.

Ele riu. Era um som semelhante a um papel seco, sem nenhuma diversão nele.

— ...mas eu sei que você nunca matou ninguém.

— Oh, sério? Você sabe disso. Você tem certeza disso.

Bem... talvez *certeza* não seja a palavra certa. — Eu tenho certeza que você me diria se você tivesse feito isso.

— Por quê?

— Porque você não está com medo — ela disse. — Você não está com medo de me assustar. Você prefere me assustar. Mas você não vai mentir sobre isso.

— Oh, eu minto.

— Eu sei. Mas você não mentiria para mim. Não mais. — Ela se inclinou para frente. O cheiro de prisão — limpadores industriais, suor, medo — fez sua garganta doer, ou talvez fosse apenas sua tensão geral. — Não, desde que você tentou salvar a minha vida.

Ele desviou o olhar, *e isso era uma vitória*, Claire pensou. Eles nunca conversaram sobre isso, nunca tiveram a chance, mas aqui, ele era um público cativo.

— Você sabia que eu ia morrer lá em baixo nos túneis. E você foi buscar os policiais, mesmo que você soubesse que isso iria fazer você ser preso. Você tentou salvar a minha vida quando você poderia apenas fugir.

— Eu *não* salvei a sua vida, no entanto. Eles não acreditaram em mim. Então, tudo o que eu ganhei nisso foi ir para a cadeia. Nenhuma boa ação fica impune, certo?





— Ainda significa algo para mim você ter tentado. É por isso que você vai me dizer a verdade, Jason. Você se importa o suficiente sobre o que eu penso, então você vai tentar novamente.

Ele deu-lhe um olhar, que ela não conseguiu interpretar. — Você se acha demais.

— Não — Claire disse suavemente. — Isso não é verdade. Eu acho que você também sabe disso.

Silêncio. Ela pensou que ia durar para sempre, que ela teria que levantar-se e deixá-lo aqui com o que quer que fosse acontecer, mas, em seguida, Jason disse: — Eu não o matei. Mas eu sei o que aconteceu.

Estamos progredindo. — Ok. Então, o que aconteceu?

— Tudo o que eu fiz foi levar o assassino ao dormitório e mostrar a ele onde encontrar o cara. O seu amigo. Doug.

— Levar quem ao dormitório?

Sua resposta pegou ela de surpresa, mas, de repente, a reação esmagadora do vampiro no meio da noite fez todo o sentido, porque ele disse: — Eu não sabia quem ele era no início. Quero dizer, ele estava imundo, magricela e meio louco.

— *Quem?*

— Aquele velho, aquele que meteu Amelie em tantos problemas. O Sr. Bishop.

Bishop está lá fora. E ele estava morrendo de fome. E ele estava terrivelmente chateado.

E, Claire percebeu com um choque frígido, terrível e doentio que ela tinha acabado de vê-lo na rua, indo atrás de Myrnin. Foi por isso que ele parecia familiar. O terrível perseguidor noturno lá de fora era o bicho-papão.

Não se admirava que os vampiros estavam em pânico.



Uma vez que começou a falar, Jason tinha muito a dizer. Ele havia sido abordado por um cara que ele conhecia, alguém do lado não-tão-legal da sociedade de Morganville, que lhe paga em dinheiro para descobrir detalhes sobre um estudante da Universidade Praire do Texas... Doug. Jason entregou a informação, mas, em seguida, foi dito que para ele conseguir o resto do seu dinheiro, ele teria que escoltar um visitante ao dormitório de Doug. Isso soou bastante simples, até que Jason chegou ao túnel onde ele teria que se encontrar





com o seu contato, e descobriu que não era apenas qualquer vampiro velho esperando por ele — era Bishop. O vampiro pai de Amelie. E o vampiro mais malvado e mais frio que Claire já havia conhecido. Ele fazia aquele cara careca e assustador do velho filme *Nosferatu* parecer doce e até mesmo um pouco bonito. Havia algo tão frio e errado sobre Bishop que a fazia estremecer só de lembrar dele... e ela pensou, sinceramente, que ele tinha sido executado.

Acontece que, se ele tinha sido, isso não tinha saído como o planejado, tampouco.

— Eu não sabia que isso iria acontecer — Jason disse, olhando para baixo. Ele colocou os braços em volta dos joelhos e puxou-os, ele parecia mais magro e mais jovem do que Claire naquele momento. Como um menino assustado. — Eu estava lá quando Doug abriu a porta, e Bishop apenas acenou com a mão. Ou foi isso que pareceu. A próxima coisa que eu lembro é de Doug de costas na cama com a garganta cortada e sangrando. Bishop tirou algo da mochila dele e disse: *Você acha que poderia me ameaçar?* E eu saí correndo de lá. Eu não me importei com quem me viu. Eu só me preocupei em fugir antes que ele decidisse se livrar das pontas soltas. O olhar no rosto dele — eu pensei que ele poderia matar todo mundo de todo o dormitório. — Jason engoliu. — Ele estava se divertindo. E ele estava morrendo de fome.

Claire pensou nos dois estudantes do mesmo andar ouvindo música alta, nem mesmo cientes da morte próxima deles. Sortudos. Muito sortudos. — O que ele pegou?

— Como eu saberia? Parecia um frasco de alguma coisa, e alguns papéis. Mas não é como se eu quisesse saber. Na maior parte do tempo eu apenas queria dar o fora. Acredite em mim, eu gostaria de não ter visto nada e não saber de nada. — Jason descansou a sua testa contra os joelhos. — Eu não sei onde Bishop está. Eu não sei o que ele está fazendo. E, acredite em mim, eu não trabalho para ele. Supostamente era apenas para ser uma apresentação, uma espécie de amigo-de-um-amigo. Eu imaginei que ele estava procurando por drogas ou algo assim. Depois que eu percebi quem ele era, eu deveria ter dado o fora, mas eu estava com muito medo de ser executado. Eu sabia que se eu não desse a ele o que ele queria...

Claire podia imaginar o que Bishop teria feito ao ser desapontado, e não seria bom, com toda a certeza. — Não foi culpa sua — ela disse. — Você não teve escolha. — Jason tinha sorte de estar vivo.

— E eu não tenho escolha agora, tampouco — ele disse. — Claire, se eles acham que podem me torturar para tirar algumas informações sobre onde é o





novo esconderijo de Bishop, eles não vão conseguir. Eu falaria num piscar de olhos, porque, caramba, essa coisa me assusta. Mas eu não sei de nada.

Ela acreditou nele. Ela olhou para cima, olhando para as câmeras, e encontrou um pequeno olho de vidro no canto do teto. Ela olhou para ele por alguns segundos, se perguntando quem estava assistindo isso. Amelie, ela tinha quase certeza. E provavelmente Myrnin, se ele ainda não estivesse escondido do outro lado da porta.

— Eu vou tentar tirá-lo daqui, Jason — ela disse. — Eu não sei se eu vou conseguir fazer qualquer coisa em relação a polícia, no entanto.

Ele deu de ombros, ficando em silêncio novamente. Seus olhos ainda pareciam mortos, mas agora ela percebeu que não era indiferença.

Era medo.

Ela se levantou e caminhou em direção à porta, esperando. O bloqueio se soltou e a porta se abriu.

— Claire? — Jason disse, de repente. Ela olhou para trás. — Se eu não te ver mais uma vez, obrigado por tentar. Ninguém nunca tentou antes. Nem mesmo Eve. Quero dizer, ela é minha irmã e eu a amo, mas... Acho que ela sempre soube que eu era uma causa perdida.

Essa foi a coisa mais triste que ela já tinha ouvido. Claire tentou um sorriso, mas ela não achou que pareceu verdadeiro. E Jason não sorriu de volta.

— Você vai me ver de novo — ela disse. — Eu prometo.

Ela esperava que ela não estivesse mentindo, então a porta se fechou atrás dela e trancou com um som alto e forte de metal. O corredor estava deserto, em ambos os lados, apenas um caminho reto, arranhões nas paredes e uma sensação de desespero tão grossa quanto a tinta branca.

E, em seguida, o vampiro da recepção — John, aquele que a tinha chamado de aprendiz de caçadora de vampiro, apareceu no corredor. Claire parou em seu caminho, tensa e pronta para qualquer coisa. Ele olhou para ela por um segundo, em seguida, acenou.

Ela ficou onde estava.

— Fique à vontade — ele disse. — Me disseram para levá-la para fora. O que você quiser, eu faço acontecer, menina. Eu tenho várias celas abertas.

— Eu estou esperando por Myrnin.

— Você vai esperar por um tempo — ele disse. — Ele está com a patroa. Você vem comigo ou fica em uma cela. Sua escolha.

Se Amelie estava assistindo as gravações do circuito fechado, ela veria Claire no corredor e testemunharia tudo o que poderia acontecer. Ela torcia





para que John soubesse disso também. Isso, e só isso, fez Claire assentir e se mover em direção ao outro vampiro.

Ele não a tocou. Ele abriu e fechou os portões, e, finalmente, eles estavam na última seção, barrados no último portão, uma porta de aço grossa era a próxima.

E, Claire percebeu, não havia câmeras nesta seção em particular.

Oh, Deus.

John parou e virou-se para ela. — Eu não esqueci o que você fez — ele disse. Ele tocou a pele abaixo de seus olhos assustadoramente cinza nublados e cegos. — Foi você quem fez isso. Você me machucou, isso nunca vai se curar.

Bem, ela mesma tinha causado isso, se trancado com um vampiro que realmente não gostava dela, sabendo que ela era responsável por seus atuais olhos não-tão-bons. — Você estava tentando me matar quando eu fiz isso — ela disse. — Então, isso é culpa sua. Se isso ajuda, faz você parecer mais assustador do que antes.

Ele mostrou as presas, e o olhar em seu rosto a fez se sentir dolorosamente consciente da corrida de seu sangue sob sua pele e o terror que parecia estar revirando o seu estômago. — Você quer dizer isso de novo? — ele disse. — Que foi minha culpa você ter jogado nitrogênio líquido no meu rosto?

— Talvez seja uma responsabilidade compartilhada — ela disse. — Mas isso é tanto quanto eu estou disposta a ceder. Agora abra a porta.

— Assim que eu terminar — ele disse. — Olho por olho. É o que diz na Bíblia.

— Eu acho que você não vive baseado nos mandamentos.

— Oh, eu vivo. Eu presto uma atenção especial nas partes que eu concordo, assim como todo mundo. Agora, se você ficar parada, não vai demorar muito. — Ele sorriu maliciosamente. — Não estou dizendo que não vai doer, é claro. Qual seria a graça se não doesse?

Ela deu um passo gigante para trás. Inutilmente. Uma sala pequena, sem lugar para correr, sem armas. Um corpo a corpo com um vampiro mais forte e maior, ela não teria nenhuma chance, e ela sabia disso.

Mas ela não iria implorar. Mesmo que a voz gritando em sua cabeça quisesse.

Ela deveria ter deixado um bilhete eu-sei-quem-me-matou.

E então a porta ao seu lado abriu e estalou com um zumbido áspero. Ela não hesitou. Quando o vampiro se lançou para ela, ela abriu a porta e correu para o saguão, esquivando-se da mesa de madeira.





O vampiro com raiva veio atrás dela e deslizou em uma parada rápida quando viu quem estava ali em seu caminho.

Amelie.

Ela não era uma mulher alta, mas ela parecia alta em sua jaqueta de seda cuidadosamente adaptada, saia e saltos com os cabelos claros enrolados em cima de sua cabeça em uma coroa. As roupas de seda eram um tom mais pálido do que a sua pele, dando-lhe uma aparência fria e elegante que era reforçada pela imobilidade do seu corpo.

— Eu também acredito em olho por olho, John — ela disse. — Avidamente, na verdade. É um dos meus princípios. Você fez bem em lembrar disso.

John deu a Claire um olhar rápido e furioso, e baixou a cabeça. — Sim, senhora. Eu fiz.

— Eu acredito que eu contratei você para um trabalho específico, John. Proteger um prisioneiro muito valioso e, possivelmente, muito perigoso.

— É verdade, minha senhora.

— Então, talvez, seria bom para você voltar até ele e parar de ceder aos seus próprios ressentimentos insignificantes.

Ele silenciosamente cruzou a mesa e sentou-se atrás dela. Claire soltou um suspiro trêmulo. Ela teria dito obrigada, mas ela não achava que Amelie queria ouvir isso, não agora.

— Você me fez um bom serviço, Claire — Amelie disse, virando-se para encará-la. — E agora eu preciso de sua palavra que você vai esquecer o que você ouviu aqui esta noite.

— Você quer dizer sobre...

— Eu quero dizer esquecer — a rainha dos vampiros de Morganville disse, e a força de sua personalidade atingiu Claire como uma parede de água fria. — Eu não posso obrigá-la, mas posso garantir que, se você compartilhar as informações que você ouviu aqui, eu vou saber. E nós já estabelecemos como eu vejo traições, eu acredito.

Esta não era Amelie, aquela que relaxava o suficiente às vezes para sorrir... não, essa era a rainha Amelie, a Fundadora de Morganville, que nunca sorria. A filha de Bishop. A que tinha sobrevivido há anos e a cada inimigo que passou por ela por todos esses anos perigosos.

E Claire nunca duvidou por um segundo que ela quis dizer cada palavra.

— Eu não vou dizer nada — ela disse. — Mas eu preciso de ajuda para ir para casa.





— Você vai ter isso. Myrnin! — A voz de Amelie estava aguda, rígida e impaciente. — Venha aqui. Agora.

Uma seção da parede abriu — uma que Claire nunca teria imaginado como uma porta — e Myrnin apareceu com as sobrancelhas levantadas. — Então, nós terminamos aqui?

— Por enquanto — Amelie disse. — Leve-a para casa. E...

— Não diga nada, sim, sim, eu já ouvi nas primeiras cem vezes — Myrnin disse bruscamente demais. — Eu sou velho. Eu não sou surdo.

A expressão fria de Amelie se aprofundou, e seus olhos cinzentos assumiram um avermelhado desagradável. — Você acha que eu acho isso uma brincadeira?

— Talvez você devesse — ele disse. — E talvez você devesse ter cortado a cabeça do velho quando teve a chance. Absolutamente ninguém teria argumentado com essa escolha. Simplesmente prender ele, para aumentar o seu sofrimento e dar um exemplo — foi impiedoso e, pior, desleixado. Acredito que o que eu estou escutando são as consequências dos seus erros.

Se Amelie parecesse mais fria, Claire teria esperado formar gelo no chão em torno dela. — Sério? Porque eu acredito que esse som é o da minha paciência com as suas tolices se esgotando. Velho amigo. Lembre-se de seus limites.

Ele atravessou a sala em um flash, em pé de igual para igual com ela. Ele era mais alto do que ela, desengonçado e esfarrapado exatamente na proporção oposta de sua elegância... mas havia algo sobre ele, algo que fez Claire prender a respiração e segurá-la. — Eu sou seu amigo — ele disse em voz baixa. — Eu sempre fui seu amigo, minha querida. Mas quando o assunto é o seu pai, você nunca é muito racional. Não deixe que ele a engane. Não brinque com ele; ele sempre vai ser mais cruel do que você. *Mate-o quando você o encontrar.* Eu teria matado eu mesmo por você agora mesmo, se eu tivesse sido capaz. Mas ele é rápido e forte, e eu não podia me dar ao luxo de deixar ele me morder. Ele pode montar um exército assustadoramente rápido. Você tem que encontrá-lo, e quando você fizer, você deve executá-lo. Imediatamente.

Por um segundo, Claire pensou que ele tinha dominado ela — que ela tinha escutado a aflição calma em sua voz. Mas então a mão pálida e forte dela fechou em torno da garganta de Myrnin e apertou. Manchas de sangue se formaram onde as suas unhas cravaram. Com um único empurrão, ela o desequilibrou e enviou-o para o chão de joelhos e segurou-o lá.





Ele não tentou lutar. Claire não tinha certeza se ele podia; havia uma onda fria e espessa proveniente da ameaça de Amelie que congelou Claire onde ela estava.

Amelie se inclinou em direção a ele muito lentamente e disse: — Meu pai odioso nunca teve uma aluna melhor do que eu, Myrnin. E eu vou matá-lo, mas eu vou fazer em meu próprio tempo. Não me diga o que fazer, ou eu poderia achar que é necessário lembrá-lo de que eu sou a fundadora de Morganville. Não você.

— Eu nunca esquecerei — Myrnin disse em um sussurro sufocado. — Certamente não com as suas unhas em minha garganta. Elas são um excelente dispositivo de memória.

Ela piscou e o soltou. Quando ela se afastou, ela franziu a testa para as unhas manchadas de sangue.

Myrnin levantou-se em um movimento suave sem esforço, e jogou para ela um lenço preto do bolso de sua bermuda. Ela o pegou sem uma palavra, limpou o sangue e entregou-lhe de volta. Ele limpou o vermelho de seu pescoço. As feridas já tinham fechado.

— Essa é a segunda vez que eu derramo o meu sangue por você esta noite — ele disse. — Eu acredito que eu dei a minha opinião, e você a sua, de forma clara. Então, se você me dá licença. Ah, e Claire. Eu vou levar Claire.

Amelie assentiu. Havia um ligeiro franzido entre as suas sobrancelhas — uma pequena carranca. Quando Myrnin e Claire — que finalmente se atreveu a respirar novamente — saíram para a porta exterior, Amelie disse: — Você está certo. A fuga do meu pai... me perturbou.

— Eu sei — Myrnin disse. — Meu conselho foi sincero. Não o puna. Não faça dele um exemplo. Quando você encontrá-lo, mate-o rapidamente e silenciosamente. É a única paz que você pode esperar. Você não pode se dar ao luxo de permitir que ele se torne poderoso nesta cidade novamente. Alguém está trabalhando com ele, ajudando-o, você tem que pegá-lo agora. Ele não se atreveria a estar por aí, caçando. Isto vai piorar, rapidamente. *Aja*.

Ela assentiu com a cabeça um pouco, ainda franzindo a testa.

E Myrnin agarrou o braço de Claire e empurrou-a rápido para fora, descendo os degraus, na escuridão. Desta vez, ele chamou um dos carros de Amelie.

Blindado.

O fato de que Myrnin tinha estado realmente assustado o suficiente para ter cuidado com ela... dizia mais sobre o perigo do que qualquer outra coisa.





CAPÍTULO 6

Traduzido por SOS

A escada ainda estava no seu lugar quando ela chegou em casa. Myrnin, estava sendo o típico Myrnin, ele segurou a base da escada, e no tempo em que ela havia subido os três primeiros degraus, e olhado para trás, ele havia ido embora. É claro. Ela subiu o resto do caminho *cuidadosamente*, tentando ignorar o modo que a escada estremecia e sacudia enquanto ela mudava o seu peso.

Alcançar a janela aberta foi um grande alívio, e ela escorregou e caiu com um golpe no chão. Ainda estava escuro lá fora, mas não por muito tempo — uma hora e meia no máximo, conforme indicou quando ela olhou para o brilhante relógio digital na mesa de cabeceira.

Deus, isso foi *terrível*. Justamente quando ela pensava que as coisas estavam se estabilizando em Morganville, só um pouco... Agora Bishop estava à solta novamente. Ele havia estado terrivelmente perto de colocar tudo por água abaixo uma vez, ele considerava Amelie e tudo na cidade sua propriedade legítima. Seus brinquedos.

O que ele faria desta vez quando na verdade ele estava *zangado*... Myrnin estava certo. Claire não era alguém que gritava pra alguém morrer, mas para Bishop, ela faria uma exceção. Ele precisava ser morto, rapidamente.

Por que ele ainda estava aqui? Por que não tinha ido embora de Morganville em primeiro lugar?

Vingança. Ele era do tipo que vivia por ela. E o que Jason tinha dito que Bishop havia dito a Doug Fedorento? *Você acha que pode me ameaçar?*

Como pode um simples humano esperar ameaçar Bishop o suficiente para chamar a sua completa atenção, em plena luz do dia, em um lugar público?

Doug tinha algo. O sangue — sem dúvida, que já era ruim o suficiente, mas ele tinha outras coisas. Papéis. Bishop os havia pego.

Doug havia estado chantageando *Bishop*. Não só Bishop, no entanto — porque Bishop não poderia estar lá fora por conta própria. Ele teria sido pego.





Claire se sentou sobre a cama, e apoiou a cabeça em suas mãos por um momento, e então começou a desamarrar os seus sapatos.

Então ela escutou algo.

Vozes. Vozes baixas, vindas do corredor de baixo. Michael, provavelmente com Shane e Eve... mas não soava certo, de alguma forma.

Ela tirou os sapatos e foi até a porta em suas meias. Não estava trancada com a chave, ela quase nunca a trancava. A maçaneta estava fria em sua mão, mas girou com facilidade, e ela puxou para o lado até que houvesse uma brecha estreita de luz entrando através do corredor, e ela pudesse ver...

Nada. Nenhum rastro de alguém no corredor. Ela abriu mais a porta, lentamente, e saiu do quarto. *Isso é estúpido. É a minha própria casa. Eu deveria ser capaz de caminhar direto para lá para baixo.*

Exceto que ela não se sentia dessa maneira. Era, ela percebeu, a própria casa. A Glass House sempre havia estado um pouco viva, e agora parecia... ansiosa. Preocupada, talvez. E isso estava fazendo com que ela se movesse em silêncio e com cautela.

As vozes estavam amortecidas, mas estavam vindo do corredor de baixo. Do quarto de Shane.

Talvez ele estivesse assistindo TV. Mas ele normalmente não assiste TV. Ela supôs que ele poderia ter ligado e ter dormido, mas... não, ela tinha quase certeza de que uma dessas vozes era a de Shane.

E a outra era de uma menina.

E então a garota *riu*. E não era uma risada agradável, era uma risada rouca-vinda-da-garganta e de provocação, uma risada de flerte.

Oh, demônios, não, isso não estava acontecendo.

Com raiva, Claire apertou os dentes e agarrou a maçaneta da porta. Ela não ia aguentar isso deitada. De jeito nenhum.

SHANE

Eu não consegui dormir depois de Michael, o controle quebrado e Claire. Eu me sentia inquieto, estranho e agitado, como se houvesse bebido umas quinze xícaras de café e em seguida um Red Bull. Não é uma boa sensação. Eu tentei fones de ouvidos, mas explodir heavy metal através do meu ouvido não ajudou, nem um pouco. Tinha





um saco de pancadas no porão, e eu poderia ter ido lá para descontar a frustração, mas parecia uma coisa errada. Simplesmente... errada.

Finalmente eu me levantei e contornei a casa. Michael ainda estava acordado, tocando a sua guitarra lá embaixo. Isso normalmente era legal – eu gostava da música dele, sempre gostei – mas esta noite eu só queria silêncio. Não queria lembrar dele, de que tinha um vampiro vivendo a poucos metros de distância e tentando se passar por humano. Isso não me incomodava muito recentemente, mas agora todo o desconforto estava de volta como uma vingança.

Eu achei ter ouvido sussurros vindos do quarto de Claire, mas eram fracos e os meus ouvidos ainda estavam zunindo por causa dos fones de ouvido. Eu pensei nela, e a próxima coisa que soube era que eu queria... Bom, eu sou um cara. Você sabe o que eu queria. Se ela estivesse acordada, talvez sentisse o mesmo.

Talvez estarmos tão perto nos fizesse sentir menos... presos. Eu chamei ela, da forma silenciosa como sempre, e talvez eu houvesse imaginado, porque não havia nenhum som, nada. Ela está dormindo, eu pensei. Relaxe. Vai tomar um banho frio. Ou eu poderia usar os meus punhos contra o saco de pancada, que daria no mesmo – me desgastaria, drenaria a adrenalina para fora do meu corpo hiperativo.

Em vez disso eu voltei a andar pela casa.

Eu não sei exatamente quando eu percebi a escada, duas horas mais tarde, provavelmente. Eu havia andado pela cozinha para preparar um sanduíche. Michael tinha empacotado a sua guitarra e ido para a cama, então eu tinha a escuridão e as sombras para mim. Eu pensei em praticar para a revanche no Dead Rising, mas nem mesmo isso tinha um atrativo.

Enquanto eu passava pela janela da porta de trás, eu vi um clarão prata lá fora, onde não deveria estar. Eu recuei e, maldição, tinha uma escada apoiada contra o lado da casa. Uma escada grande de prata que não nos pertencia.

Eu fiquei olhando por uns segundos, então percebi que estava vindo da janela de Claire, e o meu estômago gelou, eu corri para o andar de cima, três degraus por vez, atravessei o corredor e abri a porta dela, pronto para atacar o que estivesse em seu quarto com ela, pronto para matar ou morrer, e...

...e ela não estava ali. Ninguém estava ali. Sua cama estava desarrumada, mas quando eu toquei o colchão, ele estava frio. Ela havia saído há muito tempo.

Escada. Janela aberta. Eu tentei imaginar Claire sendo sequestrada, sem fazer barulho, e simplesmente não pude. Ela encontraria uma maneira de descer pela escada, ou então bater contra a casa.

Tudo tinha acontecido tão silenciosamente, que ela mesma tinha feito isso de propósito.





Ela havia saído, e havia ido sem sequer me dizer. Provavelmente com alguns vampiros, eu pensei. Ela confiava muito neles. Ela não tinha esse instinto com o qual os nativos de Morganville cresceram, desconfiando de todo mundo, sempre.

Se fosse o burro do Myrnin que tivesse atraído ela para o meio da noite, eu ia ter que machucá-lo. Era ruim o suficiente quando ele agia como um possuído quando ela estava em seu laboratório, mas inferno, ele tinha que vir aqui, para a nossa casa, e arrastar a minha namorada no meio da escuridão, por sabe-se lá qual o motivo.

Ela não o via dessa forma, mas Myrnin ainda era um cara. Um cara velho e solitário. E eu já tinha visto ele olhá-la, talvez fosse só carinho, ou talvez fosse outra coisa – honestamente, de vez em quando eu me perguntava sobre isso, e sobre ele e ela. Às vezes eu queria envolver as minhas mãos ao redor do pescoço dele, mas não. Ainda. Eu não achava que Claire tivesse a menor ideia dos sentimentos de Myrnin por ela.

Pelo bem de Claire, eu tinha escondido muito do que eu sentia por seu chefe, mas ultimamente as coisas vinham escapando um pouco. E ele não gostava muito de mim, muito menos – eu havia visto nos olhos dele, especialmente quando ele havia nos encontrado juntos em seu laboratório. Myrnin era territorial, eu também. Claire não gostaria disso, mas era um fato.

Se Myrnin houvesse levado ela a algum lugar, do meu território... Se ele fez alguma coisa com ela. Bem, eu iria derramar um pouco de sangue do vampiro louco. Talvez muito.

Eu me sentei na escuridão e fiquei olhando para a escada por muito, muito tempo antes de voltar ao meu quarto, peguei o meu fone de ouvido, liguei a TV em algum canal que piscava sem sinal e deixei, porque não havia nada para fazer agora.

Quando eu abri os meus olhos outra vez, havia uma garota dos sonhos em minha cama.

Eu sabia que era um sonho porque eu não senti nenhuma sensação de alerta ao vê-la, era como se fosse normal ela estar ali, então não havia razão para eu ter medo ou pensar que isso era estranho. Ela era bonita, também, de uma maneira completamente diferente de Claire: cabelo loiro comprido e ondulado em mechas grossas ao redor do seu rosto com formato de coração, que se estendia por todo o caminho a baixo de sua costa. Pequena, mas com muita personalidade, seu sorriso era como o nascer do sol, e tinha os olhos cor do céu no verão. E, sim, okay, eu a inspecionei. Ela era digna de inspecionar – curvas agradáveis, em todos os lugares certos. Nenhuma modelo magrela, mas uma garota de verdade e sexy.

Percebi alguns segundos depois de admirar toda a sua exuberância que eu não deveria estar me sentindo atraído por uma vampira. Porque ela era uma vampira, é claro. Cem por cento. Você pensaria que como eu queria jogar um par de vampiros





contra a parede, inclusive o meu melhor amigo, eu sentiria do mesmo jeito com ela, mas... eu não me sentia. Eu gostava dela.

Simplesmente assim.

E eu meio que a reconhecia de um jeito distante. Como se já houvesse a visto antes, ou conhecido. Mas eu não me sentia obrigado a pensar sobre isso, muito menos.

– Você foi impressionante hoje – ela disse. Até mesmo a sua voz soava como um sonho, como uma daquelas vozes que se ouve em sussurros e te deixam quente e suado quando você acorda. – Vassily ficou muito surpreso, você sabe. Nunca nenhum humano tocou nele em uma luta, e muito menos jogou-o sobre o carpete. Acho que ele ficou impressionado tanto quanto irritado.

– Obrigado – eu disse. Eu estava sorrindo para ela, e foi ótimo. – Foi bom, tirar a expressão arrogante dele.

– Foi algo bom de ver. Você é tão... forte. – Ela me olhou e abaixou os cílios e o meu coração quase parou. Ela tinha uma presença e poder. Como um sonho. Ela era um sonho, claro. Ela tinha que ser. A cada poucos minutos, um desses anúncios de sexo online aparecia na TV. Ela provavelmente estava em meu cérebro ou algo assim, e adicionado a obsessão com vampiros que parecia estar se desenvolvendo. E mesmo a voz dela soava como algo que você pagaria dinheiro para escutar murmurar o seu nome. – Vassily já disse, mas ele queria um convite mais pessoal, para que você se junte ao grupo de luta exclusivo dele. Mas você não pode dizer nada à ninguém, se decidir se unir ou não. É mais divertido assim. É o nosso segredo.

– Divertido – eu repeti. – Você está no grupo?

– Eu sou como uma espectadora – ela disse e sorriu outra vez, um estiramento lento e malvado daqueles lábios cheios e molhados. – Eu sou uma amante, não uma lutadora, Shane. Embora eu tenha certeza de que você é ambos.

Eu me senti quente por toda a parte, e sim, eu sou um garoto – não julgue. Eu amo Claire, de verdade, mas isso era um sonho. E, além disso, Claire havia me deixado de lado justamente quando eu precisei. Eu tentei pensar em Claire, mas o perfume que tinha no ar era tão forte e doce, e eu quase podia sentir como seria bom afundar nesse sonho, deixar ele me levar para longe de tudo...

– Eu acho que é hora de eu ir – a Garota dos Sonhos disse, e eu senti um frescor dos lábios dela na minha bochecha. Eu tremi. Ela riu roucamente. – Pense sobre a minha proposta, garoto doce. Falarei com você em breve

– Quando?

– Quando você vier para o grupo – ela sussurrou, e colocou a ponta dos dedos em seus lábios. – Quietamente, tem alguém aqui.

Era o melhor sonho de todos.





Claro, até que alguém abriu a porta.



Dentro do quarto, Shane estava dizendo “Quando?” e Claire simplesmente não podia ficar ali parada, sem fazer nada sobre isso.

Ela abriu a porta tão forte que ela bateu contra a parede e quase bateu em Claire de volta. Houve uma sombra de movimento, muito rápido para seus olhos acompanharem, e uma ondulação de cortinas na janela, e quando ela piscou, Shane estava sentado em sua cama, com os fones de ouvido e parecendo confuso. Ele pegou o controle remoto da TV, movendo-se como um sonâmbulo.

— Shane?

Ele olhou para ela, com o rosto banhado com uma luz azul pálida, e por um segundo ele não parecia o Shane que ela conhecia. Então ele olhou diretamente para a tela e tirou os fones de ouvido.

— Ei, eu pensei que você estivesse dormindo — ele disse. — Então eu chequei outra vez, e você tinha saído.

Toda a raiva dela tinha virado confusão. Ela iria *acusá-lo* e não o contrário, mas agora, ela não tinha certeza do que realmente tinha visto. Um vulto. Podia ter sido a luz da televisão piscando que combinada com o vento que soprava nas cortinas da janela aberta. E as vozes... elas podiam ter vindo da televisão também.

Mas ela, por outro lado, havia escapulido inegavelmente, no meio da noite, sem lhe dizer nada.

— Há uma escada debaixo da sua janela — ele continuou. — E a menos que você planeje pintar a casa à noite, eu não sei por quê você estaria subindo em uma escada tão tarde. A porta da frente está perfeitamente normal, se você quiser sair, pelo que eu saiba.

— Eu tive que... eu estava... — Isso era ridículo. Ela não tinha vindo aqui para *ser* confrontada. — Quem estava aqui dentro com você? Eu ouvi que alguém estava falando com você. — Shane arqueou as sobrancelhas e olhou para a televisão, onde uma mulher com pouca roupa falava no telefone e piscava para a câmera.

— Você quer dizer isso? Ela passa até cinco vezes por hora. Às vezes eles colocam anúncios um atrás do outro.





— Não, eu quero dizer... — O que ela queria dizer? Como tudo havia se tornado tão errado, tão rápido? — Eu quero dizer, havia uma mulher aqui dentro. Uma vampira. Tinha que ser uma vampira para poder se mover tão rápido.

Shane balançou a cabeça. — Você está brincando comigo, não é? Você sabe como eu me sinto a respeito deles. Eu não sou um fode-presas.

— Você disse que ia parar de dizer isso. — Por causa de Eve, é claro. E Michael.

— Sim, certo, não tem ninguém aqui, exceto nós. Ou isso é algo que eu não posso dizer, também?

Ela estava perdendo o rumo disso. Tudo estava escapulindo, como um sonho ao amanhecer. — Shane, eu a vi. Eu pensei...

— Sim — ele disse. — Eu pensei a mesma coisa quando você saiu sem me dizer uma palavra. Só seja direta comigo, ok? Foi por causa de Myrnin?

Ela ficou muda, absolutamente muda. Por um lado, ela não podia mentir sobre isso — tinha sido Myrnin quem tinha aparecido em seu quarto no meio da noite. E ela havia tido que sair correndo com ele. E agora, inexplicavelmente, ela se sentia culpada por isso, também. Ela podia sentir as suas bochechas esquentando, mas as palavras não vinham para salvá-la.

O rosto de Shane estava silencioso e frio. — Sim, foi o que eu pensei.

— Shane, eu...

— Morganville mudou você — ele disse. — Você deveria estar assustada com tudo isso, mas você está mais perto disso, você pensa que os vampiros podem ser seus amigos. Eles não são. Eles são os fazendeiros. Nós o gado.

De onde diabos isso havia saído? Ela sabia como ele se sentia com relação aos vampiros de Morganville, mas isso parecia — tão extremo. Tão amargo. — Nós estamos aqui — ela disse. — Temos que tirar o máximo de proveito até que possamos ir embora. Você pode dizer isso por si mesmo.

Shane balançou a cabeça, ainda sem olhar para ela. Ele parecia cansado agora, e um pouco obcecado. — Eu preciso sair desse lugar antes que seja tarde demais. Eu deveria ter feito isso antes que as barreiras voltassem a ser colocadas ao redor da cidade, mas agora... agora vai ser mais difícil. Nós temos que conseguir isso. Você não pode mais ficar aqui agora.

— Shane, do que você está falando? O que te faz pensar que eu quero ir embora agora?





De repente, seu foco mudou e ela sentiu calor e frio refletidos em todas as partes dela por causa da intensidade nos olhos dele. — Por que você não quer ir? É por causa dele? Myrnin?

— Não! — Ela ficou horrorizada agora, completamente fora de controle. Isso não estava indo como ela pensava. — Deus, Shane, você está com *ciúmes*?

— Eu deveria estar? Você escapou no meio da noite com ele, Claire.

— Eu... mas foi...

Ele virou. — Apenas vá embora, Claire. Eu não posso falar com você agora.

Ela sentiu as lágrimas em seus olhos, lágrimas desesperadas de ira e completa frustração. Não importava o que ela dissesse agora. Shane tinha a isolado tão eficazmente como se tivesse fechado a porta entre eles.

Enquanto ela observava, ele desligou a TV, se cobriu com o lençol e se virou para o lado.

Para longe dela.

— Shane — ela sussurrou.

Nenhuma resposta.

Ela não podia aceitar isso — ela não *podia*. Talvez seria melhor ficar ali, dizer tudo a ele, mas ela se sentia presa. Ela se sentia como se não pudesse respirar, e ela só queria... queria...

Ela só queria ir embora.

Claire nem sequer tomou a decisão de correr conscientemente, mas ela correu — atravessou a porta, entrou em seu próprio quarto, batendo e fechando a porta atrás dela. E então se agachou no chão contra a porta, envolveu as mãos ao redor de si e chorou como se o seu coração estivesse partido.

De fato, ele estava.





CAPÍTULO 7

Traduzido por SOS

Amanhã parecia o fim do mundo. Claire não se lembrava de dormir, mas supôs que deveria ter dormido um pouco. Do lado de fora de sua janela o sol estava brilhando, e quando ela puxou o caixilho da janela para cima, uma brisa quente agitou as cortinas brancas. Aquele seria um bom dia.

Para o fim do mundo, de qualquer forma.

Ela rolou na cama e se viu diante de um monte de espaço vazio — espaço que Shane havia ocupado às vezes, seja para ficarem apenas deitados juntos conversando ou assistindo TV ou... fazendo outras coisas. Mas não havia Shane. Não hoje. Aquele lado da cama estava vazio. Claire rolou de volta para olhar para o outro lado, que era apenas uma visão da parede vazia e uma cômoda. Na penteadeira havia uma foto dela e de Shane, os braços um em volta do outro, rindo.

Ela apertou os olhos. Eles pareciam estar feridos e vermelhos, inchados de tanto chorar, e ela sabia que parecia tão infeliz quanto se sentia.

Levante-se, ela disse a si mesma. Você não pode simplesmente ficar aqui deitada o dia todo, sentindo pena de si mesma.

Mas se ela se levantasse, poderia topiar com Shane no hall ou no andar de baixo, na cozinha ou...

Levante-se. Você mora aqui também.

Ela não queria, mas a ideia de se entregar a sua infelicidade também não parecia tão boa. Ela estava cansada de chorar, e a sua cabeça doía. Ela precisava de alguma coisa para beber, para comer e contar tudo para Eve.

Rastejando para fora de debaixo das cobertas, Claire percebeu que ela ainda estava usando as roupas que tinha jogado no corpo para seguir Myrnin; ela não tinha se preocupado, com o seu humor geralmente terrível, em se despir. Ela levou uma nova muda de roupas com ela para o banheiro (ela notou que a porta de Shane estava fechada quando passou), tomou banho, se vestiu e penteou o cabelo. Quando percebeu que na verdade estava demorando mais do que Eve geralmente demorava, principalmente para evitar





qualquer possibilidade de entrar em contato com ele. Ela respirou fundo, jogou a roupa usada no cesto de roupa suja e estendeu o braço para segurar a maçaneta da porta do banheiro.

Seu celular tocou, assustando-a tanto que ela bateu o cotovelo na pia enquanto mexia no bolso da calça. *Ai!* Aquilo doía, doía o suficiente para fazê-la levar um segundo extra de murmúrios para olhar para a tela iluminada. Ela não reconheceu o número, nem mesmo o código de área. *Provavelmente um engano.*

Ela atendeu e uma voz do outro lado, soando rápida e prática, disse: — Posso falar com Claire Danvers, por favor?

— Eu sou a Claire. — Ela engoliu em seco. Poderia ser sobre o seu pai? Não, ele estava indo bem, foi ele mesmo quem falou. Estava tudo bem.

Então por que algum estranho estava ligando para ela? *Agora?*

— Meu nome é Sr. Radamon, e sou responsável pelos programas: *Atômico, Biofísica, Matérias Condensadas e Plasma da Física* do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (ITM). Você recebeu a nossa carta?

Claire ficou em um branco. — Sua... carta?

— Você solicitou admissão em nosso programa no ano passado — o Sr. Radamon disse. Ele parecia tão... *normal*. Tão *humano*. De alguma forma, ela esperava que um chefe do ITM soaria mais divino, com trovoadas no fundo. — Nós respondemos há cerca de seis meses atrás com uma carta de aceitação ao seu endereço residencial. Eu só queria ter certeza de que você a recebeu.

— Oh. Oh, não, eu não recebi. Meus pais... meus pais tiveram que se mudar. Meu pai está doente. — ITM. O ITM estava em seu telefone. Ela afastou-o de sua orelha e olhou para ele em descrença, como em um sonho. — Você disse que... eu fui aceita?

— Sim — ele disse. — Nós temos uma vaga. Mas, é claro, precisamos confirmar que você vai poder participar no início do próximo ano. Se você não puder, vamos ter que dar a oportunidade para outro candidato. Você entendeu?

— É claro — Claire disse, e sentiu uma onda quente de excitação rolar sobre ela, seguida por uma onda gelada de compreensão. — Você disse... no próximo ano? Em janeiro?

— Sim, janeiro — ele disse. — Espero que lhe dê tempo suficiente para os seus preparativos. Sinto muito em saber que o seu pai está doente. Espero que não seja nada sério.





Claire sinceramente não sabia o que dizer, e não tinha certeza de que poderia dizer alguma coisa. Ela tinha sonhado com esse momento por anos, pensando em quão legal e perfeito seria, em como iria impressioná-los com a sua atitude adulta e controlada.

Tudo o que ela queria fazer era chorar. *Eu não posso. Eu não posso ir.* Eles não vão me deixar, e esta é a minha chance, a minha única chance... o ITM era seu sonho desde que ela entendeu o que eles faziam lá, o que ensinavam, o que alcançavam. Lá, ela aprenderia coisas que nem mesmo Myrnin conseguia entender. Ela descobriria os segredos do universo.

Tudo o que ela tinha que fazer era dar o fora de Morganville. O que ela não podia fazer.

— Srta. Danvers? — a voz do futuro disse na outra extremidade de uma linha muito distante. — Você está aí?

— Sim — ela disse. — Eu estou aqui. — Completamente. — Sr. Radamon, sinto muito. Eu vou ter que te retornar um pouco depois. Eu preciso, hum, falar com os meus pais antes de lhe dizer com certeza. Tudo bem?

— Oh sim, absolutamente. Lamento jogar isso em cima de você sem qualquer aviso. — Ele riu. — Eu sei como pode ser excitante receber este tipo de notícia. Acho que botei a casa dos meus pais abaixo quando recebi a minha carta de aceitação. Foi o momento mais emocionante da minha vida. Bem, parabéns, Srta. Danvers. Por favor, me ligue de volta quando tiver tomado todas as providências. Precisaréi de notícias suas dentro de uma semana, é claro.

— É claro — ela repetiu entorpecida. — Obrigada, senhor. Muito obrigada.

— Não há de quê! Você é uma candidata brilhante e as suas pontuações são extremamente impressionantes. Estamos ansiosos para tê-la aqui na equipe.

Ela deve ter dito algo mais, algo agradável e apreciativo, mas honestamente, Claire não conseguia pensar em nada, exceto nas letras gigantes piscando na frente de seus olhos... uma era ITM e a outra era OH, MEU DEUS! Ela esperava sentir uma tremenda agitação, mas ela estava toda... em conflito. E profundamente, profundamente assustada.

O mundo tinha acabado de se abrir para ela. Pombas, anjos e coros cantando. E tudo o que ela podia sentir em relação a isso era... pavor. Pavor por não achar que Amelie lhe libertaria em primeiro lugar, mas mesmo se ela o fizesse... mesmo se ela o fizesse, e quanto a Shane? Se é que Shane falaria com ela novamente.





Deus, isso era uma tremenda *bagunça*.

Ela levou mais cinco minutos sentada em silêncio, olhando para seu celular desligado. Pensando para quem deveria telefonar. Seus pais a apoiariam, não importasse o que; não havia ajuda lá. De repente ela queria falar com Shane, mas... mas depois de ontem à noite...

Ela não tinha ninguém com quem pudesse conversar.

Bem, ela teria dito algo a Michael, que estava na sala pegando suas coisas, mas quando tomou coragem, ele estava de saída. Ele apenas acenou enquanto colocava um casaco preto e um chapéu bloqueadores de sol e saiu pela porta dos fundos.

Ela fechou a boca, ainda tentando descobrir como se sentia. Em grande parte só parecia... confusa.

Eve estava na cozinha fazendo panquecas. Sozinha.

— Bom dia, amiga — Eve disse, e jogou um pouco de massa encaroçada numa panela quente, na qual imediatamente começou a chiar. — Parece que você precisa de carboidratos.

— Totalmente — Claire disse, e se sentou para descansar a testa em ambas as mãos. — Obrigada.

— Sim, sem problema. Aqui. — Eve pegou uma caneca, encheu-a com o café e deslizou sobre a mesa para ela. — Cafeína. Faz o mundo todo ficar animado e brilhante, ou talvez seja só comigo. Olha, eu te dei a caneca divertida.

No mundo de Eve era. Tratava-se de uma caneca de café com uma estampa do contorno de um cadáver em giz, a qual dizia que ele era descafeinado.

Claire misturou o café com todas as coisas que fazia beber café ser possível para ela — leite, açúcar e um pouco de canela — e sentou-se bebendo-o devagar, olhando para a superfície marrom clara sem ver nada. Ela não conseguia pensar. Tudo o que ela fazia era... sentir-se terrível.

Ela precisava contar a Eve, mas dizer isso em voz alta seria o mesmo que tornar tudo real. O *ITM quer que eu vá para lá*. Porque parte dela estava tão animada e em vibração, e a outra, a parte prática... essa estava chorando. Ela *queria...* deixar Morganville para trás? Bem, sim, obviamente. Mas isso significava deixar as pessoas também. Eve. Michael. Myrnin. Shane.

Ela queria falar sobre isso, desesperadamente, mas ela apenas... não podia. Ainda não.





— Chegando! — Eve disse, e quando Claire olhou para cima, ela deslizou um prato na frente dela com duas panquecas grossas e vaporosas. Um pedacinho de manteiga derretia como lava por cima e Eve despejou uma garrafa de melado. — Tudo fica melhor com panquecas. É uma lei do universo. Bônus para o bacon, mas está em falta.

Eve também tinha um prato e sentou-se de frente para ela. Claire não tinha notado, mas Eve estava sem maquiagem naquela manhã, e seu cabelo preto gótico estava preso em um rabo de cavalo simples. Até mesmo suas roupas estavam modestas, ou tanto quanto Eve já havia conseguido — uma blusa preta justa no corpo com o desenho de um crânio preto e um par de jeans escuros. Ela pegou o garfo e cutucou o seu próprio prato.

Claire só ficou assistindo a sua manteiga derreter e furou um pouco as panquecas. Ela arrastou seu garfo pelo melado e escreveu ITM. Finalmente, deu uma mordida. Elas estavam boas, muito boas, mas, assim que ela começou a mastigar, lágrimas vieram aos seus olhos e ela mal podia engolir. Ela tossiu para encobrir, mas Eve estava olhando para ela com uma atenção constante que tornou o seu esforço desnecessário.

— Ei — Eve disse. — Você sabe que pode falar comigo, certo? Sobre qualquer coisa?

Não sobre aquilo. Ainda não. Mas a outra coisa sim.

— Shane me odeia — Claire disse com uma voz muito baixa, e arrastou o garfo pelo melado em torno da fortaleza de panquecas.

— Sério? — Eve esperou o aceno de Claire antes de comer um pedaço de panqueca. Ela mastigou e engoliu antes de dizer: — Desculpe, Claire Bear. Ele não te odeia.

— Você não ouviu o que ele me disse na noite passada. — Aquilo fez com que as lágrimas viessem naquele momento, de verdade, e ela pegou o guardanapo e tentou enxugá-las com as mãos trêmulas. Deus, que confusão ela estava.

— Eu ouvi o que ele disse esta manhã antes de se mandar daqui. Ele estava com raiva de si mesmo, não de você, ou pelo menos mais do que de você. Ele disse que você foi levada à força por Myrnin na noite passada e ele havia agido como um idiota a respeito disso. Não foi assim que aconteceu?

— Bem, mais ou menos. Ele estava certo, eu realmente saí com Myrnin.

— A trabalho.

— Sim.

— Não em um encontro.





— Oh, Deus, não!

— Então, Shane atuou como um burro, não tem motivo para sentir ciúmes e ele sabe disso. Eu o vi, Claire. Acredite em mim, ele sabe que estava errado. Ele se sente mal.

— Então por quê...? — *Por que ele não veio falar comigo? Por que ele não tentou? Por que ele simplesmente... foi embora?*

— Ele está esfriando a cabeça. Coisa de homem — Eve disse. — Ele vai ficar bem quando voltar. E você? Ele disse que você estava cheia de raiva por ele estar assistindo comerciais sexys na TV, o que, francamente, é estranho — você ficar com raiva disso, não o fato de ele assistir, porque eu tenho certeza absoluta de que rapazes adolescentes passam por isso. Eles não conseguem evitar de apertar o pause quando as meninas seminuas aparecem.

— Não, não foi isso. Foi... — Ela repetiu em sua mente. Um borrão, um tremular de cortinas. Sussurros e risos no escuro.

No fim, nada que pudesse realmente dizer que não era apenas um produto de sua mente cansada e com ciúme.

— Eu pensei que ele estivesse com alguém — ela disse, infelizmente. — No quarto dele. Uma garota.

Eve comeu um pedaço de panqueca pensando nisso, e então disse: — E você, honestamente, acha que ele é um grande idiota que não apenas te trai, mas traz ela até aqui, na nossa casa? Onde, eu devo acrescentar, eu pessoalmente acabaria com a raça dele e de qualquer piranha que ele arrastasse para cá. Sem contar no que Michael faria.

— Não, eu honestamente não acho isso. E, hum, obrigada?

— É o que os amigos fazem — Eve disse graciosamente. — Ele não trouxe ninguém até aqui, você sabe disso. Além do mais, você estava conosco na noite passada quando ele voltou para casa. O que ele faria, esconderia ela sob o casaco?

— Acho que ela era uma vampira — Claire disse afobadamente, sem olhar para Eve. Em sua visão periférica embaçada, ela podia ver que Eve tinha parado na hora em que levava o garfo à boca. O melado pingou, mas o prato capturou a sujeira.

Eve lentamente abaixou o garfo.

— Você acha que Shane está ficando com alguma menina vampira?

A frustração de Claire queimou de repente, como um ácido em um papel. — Eu não sei! Estou apenas dizendo o que parecia, Eve! Havia uma





mulher conversando e rindo, e eu fui no quarto dele, e houve um borrão e vento, e então ele estava sozinho. Junte as coisas!

— Oh, querida — Eve disse. — Você sabe que isso é a maior loucura, certo? Primeiro porque Shane odeia vampiros declaradamente. Depois, porque ele te ama.

— Talvez ela estivesse... eu não sei... forçando-o a fazer isso. Eles têm esse poder, não têm? Yvette tinha.

— A última que tentou não chegou muito longe, se você se lembra — Eve disse. — E eu ouvi de uma fonte segura que as cinzas de Yvette foram espalhadas pelo jardim de rosas da Fundadora, então aí está. Shane é forte, e eu não falo apenas dos músculos. Nunca vi nenhuma marca de mordida nele. Você viu?

Claire teve de sacudir a cabeça com relutância. Definitivamente não tinha visto nenhuma mordida. Ela, por outro lado, tinha uma coleção delas, a pior era a de Myrnin. Então, talvez ela ainda estivesse, e inadequadamente, exagerando. Shane estava agindo com ciúmes, mas talvez ele tivesse razão, considerando tudo o que tinha acontecido com Myrnin.

Talvez fosse por isso que ele estava se tornando anti-vampiros novamente.

— Você está meio que me assustando; vocês dois. — Eve disse. — Quero dizer, você é a estável. E Shane, ele é leal até beirar a burrice. Se vocês dois não conseguem ficar juntos... — Ela não disse, mas Claire sabia no que ela estava pensando: *Que chances Michael e eu teríamos?* Claire ouvia fofocas quando Eve não estava por perto. Ninguém apostava que a representação deles de Romeu-e-Julietta vampiro-e-humana tinha chance de ir longe.

E qual era o futuro de um relacionamento em que o vampiro não envelheceria, enquanto Eve ficaria mais velha? Ela sabia, sem sequer pensar a respeito, que Eve havia passado longas noites considerando tudo isso, passando e repassando o assunto. Assim como Michael, provavelmente.

Talvez o amor conquistasse tudo. Esse era um bom pensamento, mesmo que não fosse realista.

Deus, ela queria contar tudo para Eve, sobre Jason estar sendo mantido naquela sala na Praça da Fundadora. Sobre Bishop estar atacando as ruas à espreita. Mas ela sabia que aquilo seria uma ideia muito ruim. Amelie tinha sido clara o suficiente, e ela não estava com disposição nenhuma para ser indulgente.





Ela podia lhe contar sobre o ITM, mas... não. Aquilo era particular. Ela não queria que Eve pensasse que ela não se importava com ela, porque não era verdade. Ela a amava.

Mas era o *ITM*.

Eve comeu mais uns pedaços de panqueca, assim como Claire, mesmo que não conseguisse saboreá-la de jeito nenhum.

— CB — Eve disse, e a fez olhar para cima. — Está tudo bem. Seja lá o que for, Shane não é esse cara que você está pensando. Ele é o seu cara, e sempre será. Confie em mim. Eu conheço Shane e ele pode ser um idiota, mas também pode ser o melhor homem que eu já conheci. E você, você o torna melhor a cada dia que ele passa com você. Ok?

— Ok — Claire disse. Ela se sentiu um pouco melhor e também muito pior, porque aquilo tornava muito mais difícil partir para Boston. Talvez ela tivesse estado muito cansada e acabou fazendo uma tempestade em copo d'água. — Eu deveria ir. Vou me atrasar para a aula.

— O que você vai aprender?

— Provavelmente nada, considerando o quanto eu estou sonolenta. Mas, em teoria, é análise multidimensional e formas de onda. — Era como se ela estivesse estudando no ITM. Só que isso seria mil vezes melhor, de alguma forma.

— Eu não faço ideia do que é isso, mas eu vou bocejar, mesmo assim, só por princípios. Coma. Panquecas é alimento para o cérebro.

— Aparentemente não é comida para gramática.

— Uau. Vocês universitárias são malvadas.



Claire teve uma manhã agradável o bastante... A aula ficou sem um professor, então depois de 10 minutos eles estavam liberados para sair por aí. Sua próxima aula era em um laboratório, que ela amava (e sempre dominou). Em seguida o almoço e uma tarde livre para refletir.

Quando ela se sentou do lado de fora, embaixo de uma árvore, ouvindo como o vento fresco agitava as folhas acima, ela pegou o celular. Ficou acessando a lista de chamadas e olhando para o número. Finalmente, digitou no campo o contato: *Sr. Radamon, ITM*.

Seu dedo continuou pairando sobre o botão de chamada, mas ela não o havia pressionado.





Ainda.

Ela se assustou quando o seu celular vibrou. A imagem que apareceu foi um close do chinelo do coelho vampiro de Myrnin. Ela suspirou e atendeu um pouco rispidamente. — O quê?

Sua voz soou metálica e impaciente sobre o alto-falante minúsculo. — Isso é maneira de falar com alguém que te emprega? E, devo acrescentar, poderia matá-la a qualquer momento?

— Mas não vai — ela disse. — Aconteceu alguma coisa? Você sabe, com *ele*? O velho?

— Ele — Myrnin repetiu. — Não, ele ainda está seguramente desaparecido no momento, embora haja um esforço em andamento sem precedentes para localizá-lo, é claro. Mas eu preciso de você para outra coisa. Aqui, no laboratório. Agora.

— Eu pensei que você não precisasse de mim hoje.

— Na verdade, não. Mas agora preciso. Por favor.

— Obrigada por dizer por favor.

— Eu tento ser educado. Agora mexa-se.

Ela desligou e, apenas por uma questão de teimosia, terminou a Coca-Cola antes de se levantar, tirar a sujeira da roupa e pegar a sua mochila.

Antes que ela pudesse dar mais do que alguns passos, ela recebeu uma mensagem de texto e parou na sombra de uma árvore para lê-la na tela pequena. Era de Shane, e dizia: *Desculpe pela noite passada. Te amo.*

Ela sorriu de alívio, e mandou uma mensagem de volta: *OMD. Te amo tbm. Sinto muito.* Ela quase adicionou *preciso conversar*, mas aquilo poderia piorar as coisas. Ela falaria disso mais tarde. Contaria para ele. Perguntaria a ele o que fazer a respeito de... a respeito de tudo.

Claire fechou o celular e segurou-o contra o seu coração por alguns segundos, depois enfiou-o de volta no bolso. Ela se sentiu cerca de mil vezes melhor, não importava o que estivesse esperando por ela no laboratório. De fato, ela não tinha percebido o quanto estava para baixo até que de repente se animou novamente.

Ela estava cantarolando a sua nova canção favorita, quando virou a esquina em direção a um atalho para o laboratório e deparou-se com uma menina chorando que estava correndo cegamente para o abrigo das árvores.

A menina caiu. Ela parecia aterrorizada. Levou um segundo para Claire reconhecê-la, porque ela estava esperando uma estudante... mas Miranda era





muito jovem para ser uma aluna, talvez 15 anos de idade. Além disso, Miranda era muito, muito louca.

Miranda era — ou tinha sido, de qualquer forma — amiga de Eve, principalmente porque Eve recolhia os errantes e vulneráveis, e Miranda era os dois. Eve também tinha acreditado que a menina era médium, e Claire estava igualmente inclinada a acreditar nisso, porque os palpites de Miranda sobre coisas que ela não deveria saber sempre chegavam muito perto da verdade. Ela certamente era estranha o suficiente também.

Miranda entrou na vida de Claire no início de sua experiência em Morganville. Ela era vaga e sonhadora, e ostentava mordidas de vampiro do seu dito Protetor, o qual Claire havia considerado muito mais um predador do que qualquer outra coisa. Desde a morte dele, Miranda tinha melhorado, mas ela tinha ficado confusa. Suas roupas pareciam completamente aleatórias e incompatíveis. O mesmo acontecia com a maquiagem. Ela estava maquiada, mas parecia mais como se ela tivesse esquecido de limpar a maquiagem que havia colocado ontem e simplesmente tivesse colocado mais. Estava suja, manchada e nem um pouco atraente.

Ela parecia um coelho magro e faminto.

E estava apavorada.

— Ei — Claire disse, e ofereceu-lhe uma mão para ela se levantar. — Me desculpe perguntar, Miranda, mas o que você está fazendo aqui no campus? Você nunca veio aqui. Não é? — A menina olhou para ela com apreensão, e Claire franziu a testa um pouco. — O que há de errado com você?

— Eu vim para avisá-la — Miranda disse em um ímpeto sem fôlego. Seus olhos estavam muito arregalados e mais do que meio loucos. — Mas saiu tudo errado. — Ela segurou a mão de Claire e se levantou, mas não a soltou. Sua pele estava gelada e seus olhos moviam-se rapidamente ao redor em uma paranoia que Claire conhecia muito bem. — Elas estão vindo!

— Não, elas não estão — Monica Morrell disse ao virar a esquina do prédio de concreto no qual os funcionários da manutenção guardavam suas ferramentas e cortadores de grama. — Elas estão aqui, sua vadia louca. Oh, olhe, você encontrou uma amiguinha. Uma amiguinha que é completamente burra se não começar a ir embora agora. — Monica estava bonita, perfeitamente maquiada, usando um jeans da moda e um top de lantejoulas, mas tinha uma expressão que fazia com que o estômago de Claire se contorcesse. — Danvers. Você não tem que ir salvar um filhotinho, baleias ou algo assim?





Claire não disse nada. Agora não era só Monica, mas também as suas meninas da Máfia do Batom, que chegaram alguns segundos atrasadas para o grupo. Gina estava vestindo uma saia de brim e sapatos para luta, e Jennifer era basicamente uma duplicata de Monica, só que com imitações em vez de peças originais.

Que elas estivessem alvejando Miranda não era incomum, sempre fora o procedimento operacional padrão delas escolher os fracos e (presumivelmente) desamparados. Foi a introdução calorosa e acolhedora de Claire à comunidade de Morganville, deparar-se com aquelas três em seu dormitório. Ela foi espancada e jogada escada abaixo e, francamente, sabia que tinha tido sorte em escapar daquilo levemente.

Mesmo assim, mesmo que Monica fosse tão ousada em sua provocação, era incomum que o Trio do Mal estivesse perseguindo ao ar livre, em plena vista do campus. De fato, elas estavam reunidas no meio das árvores, onde qualquer coisa desagradável que acontecesse, aconteceria em relativa privacidade, mas ainda assim... isso era ousado, até mesmo para Monica.

Mesmo que Miranda fosse uma presa fácil, sem amigos.

— Eu disse se manda, Claire — Monica disse, enquanto Gina e Jennifer espalharam-se para impedir uma fuga. — Você tem apenas cinco segundos antes que eu esqueça que você está usando esse broche de Animal de Estimação da Fundadora e comece a chutar o seu traseiro magro como nos velhos tempos.

— Você esquecer? Eu não sabia que você era velha o suficiente para ter Alzheimer — Claire disse. Ela puxou a mão fria e trêmula de Miranda. — Achei apenas que parecia. Vamos lá, Mir. Vamos embora.

— Espere. — Era Jennifer, dando um passo à frente para bloquear a sua saída. — Ela não. Ela fica.

— Por quê?

— Não é da sua conta, vadia. Você pode ir. Ela não pode.

Claire olhou para Miranda. — Você disse que veio me alertar? Sobre o quê?

Ela parecia infeliz e derrotada. — Sobre elas — ela disse. — Eu acordei e a minha cabeça estava doendo e tudo o que eu podia pensar era que eu tinha que lhe dizer, tinha que avisar antes que fosse tarde demais. Mas acho que fiz a coisa errada. Às vezes tudo se confunde na minha cabeça, o que está vindo, e o que eu devo fazer a respeito disso. Às vezes parece que sou eu quem causa isso. Porém isso está definitivamente errado agora.





Gina disse categoricamente: — Merda nenhuma. Eu estava apenas andando por aí e essa vadia louca veio até mim, balbuciou alguma coisa e me bateu. Olha, eu vou ficar com um hematoma. — Ela apontou para o seu queixo, que parecia vermelho do lado. — Então, eu vou revidar. Isto é tudo. Apenas fique de fora disso e todas nós ficaremos bem.

Claire olhou para Monica e Jennifer. — Suas amigas vão ficar de fora?

— Você realmente quer se meter nisso? — O olhar baixo e sombrio de Gina estava inquietante. — Isso não é problema seu, Danvers. Vá embora, vá fazer o que quer que que aberrações inteligentes fazem quando não estão sendo completamente irritantes.

Ela deveria ter ido. Aquela teria sido a coisa inteligente, a coisa fácil a se fazer. Mas, ao invés, algo se deflagrou dentro dela, algo teimoso e brilhante e obstinado, e Claire disse: — Eu não vou deixar você bater em ninguém, especialmente em uma criança desamparada de quinze anos de idade. Você sabe disso, certo? É disso que você tem medo, de que eu fique por aqui. Porque agora você tem duas de nós que não têm medo de revidar. E uma delas tem pessoas na discagem rápida com quem você não gostaria de mexer.

— Você está me ameaçando? — Gina perguntou baixinho.

— Merda — Monica suspirou. — Danvers, você se meteu nisso agora. É responsabilidade sua.

Os olhos de Gina estavam como os de um tubarão, Claire percebeu; apenas uma ameaça cega, nenhum pensamento por trás deles.

Quando ela sorriu, tornou tudo ainda mais assustador. Especialmente quando ela abriu um canivete com uma lâmina longa e afiada que havia escondido do seu lado. Fez um barulho de estalo macio e metálico quando ele travou no lugar.

Miranda respirou fundo. — Oh, não. Está tudo saindo errado, tão errado... Não é isso que eu queria fazer...

Claire desviou a sua atenção para Monica, que estava de pé, imóvel, o rosto fechado em uma máscara bonita e superficial. — Você vai deixar a sua amiga maluca vir atrás de mim. Mesmo sabendo o que vai acontecer quando Amelie descobrir.

Monica sorriu, só um pouco. — O que te faz pensar que eu não posso fazê-la desaparecer? Há muitos lugares nesta cidade para se esconder um corpo, especialmente se ele estiver em pedacinhos. E você é apenas uma coisinha pequenina, de qualquer jeito.





Claire sacudiu a cabeça e olhou para Miranda. — Por que você bateu nela? — ela perguntou. — Em Gina. Você entrou no campus, procurou por ela e bateu nela. Por quê?

— Porque tinha que ser assim. — Miranda às vezes não fazia muito sentido, e aquele era definitivamente um desses momentos.

Monica não iria recuar, não na frente de suas amigas. Algo tinha que se modificar primeiro. O equilíbrio tinha que mudar e rápido, porque Gina estava se preparando para uma genuína violência de caráter psicótico. Como estava acostumada a fazer, na verdade.

Claire olhou para Jennifer.

Jennifer parecia assustada. Aquilo tinha claramente ido além do que ela havia pensado ou com o que ela estava confortável; Jen sempre havia sido a mais maleável das três, e isso era especialmente verdadeiro agora. Ela tinha sido ferida recentemente, quando uma rave na cidade se transformou em uma completa briga de humanos versus vampiros. Quando Shane e Claire finalmente a encontraram, ela estava jogada em um canto, o vestido fino de festa rasgado e manchado de sangue. Ela havia se cortado com vidro quebrado, e tinha umas costelas fraturadas.

Mas, partindo do jeito assombrado em seus olhos, Claire teve que se perguntar se talvez, apenas talvez, ela tinha aprendido como era estar do outro lado.

— Jen — ela disse, muito calmamente. — Você não tem que estar aqui. Você sabe como é estar ferida, e não quer fazer outra pessoa passar por isso. Apenas vá embora.

Jen se encolheu e deu um pequeno passo para trás. Ela olhou para Monica e então para Gina.

— Nós apoiamos você, Jen — Monica disse. — Nós sempre apoiamos você. Não vire as costas para nós agora. Nós sabemos onde você mora, sua vadia.

— Sim, ela sabe onde eu moro também — Claire disse. — Mas ela é sensata o suficiente para não aparecer por lá. — Ela voltou a sua atenção para Monica. — Isso não se trata mais de apenas tirar o dinheiro do almoço das pessoas, Monica. Você não está sendo a valentona da escola. Você está falando sobre problemas reais, problemas que dão cadeia, e você sabe como isso vai acabar. Você precisa parar com isso antes que todas vocês se machuquem, muito mais do que qualquer coisa que forem fazer com Miranda. Ou comigo.





Monica estava olhando para ela, e Claire teve a estranha sensação de que pela primeira vez Monica estava lhe vendo. Depois de todo esse tempo, toda essa raiva, ela estava realmente se comunicando.

— Pense — Claire disse muito suavemente. — Apenas pense. Você não tem que fazer isso. Você não precisa disso, Monica. Todo mundo sabe quem você é. Você não tem que continuar a provar isso a si mesma e a todos os outros.

Aquilo levou a cabeça de Monica para traz, como se Claire de fato a tivesse golpeado em um ponto vulnerável. Seus lábios se separaram, mas o que quer que ela fosse dizer... não teve tempo.

— Quer saber? Estou cansada do blá, blá, blá. Que se dane toda essa conversa — Gina disse, e dirigiu-se a Claire com a faca.

— Gina, não! — Monica gritou. Ela parecia em choque, como se realmente não tivesse pensado que Gina faria isso. Como se Gina fosse toda ameaça, não o combate.

Mas Claire nunca caiu nessa.

Isso não melhorou a situação enquanto ela observava Gina e a faca avançando com ímpeto direto para ela.





CAPÍTULO 8

O mundo de Claire ficou de repente muito claro – em uma definição clara e alta. Ela podia ver a luz brilhante ao longo da lâmina da faca de Gina. O suor na testa de Gina. A maneira como ela equilibrava o peso dela enquanto atacava.

Claire empurrou Miranda para fora do caminho, e com o mesmo impulso, bateu o antebraço em um ângulo reto em Gina quando a sua mão segurando a faca veio em direção a ela. Ela lembrou das poses de Eve na esgrima. Parecia a coisa certa a se fazer.

A faca de Gina a errou. Claire observou a borda afiada passar perto dela, a um centímetro de seu cotovelo esquerdo e ela sabia que devia estar com medo, porque, meu *Deus*, ela estava em uma briga de faca com Gina, e ninguém viria ajudá-la. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Nem Shane, Michael ou Eve, nem Amelie, nem mesmo Myrnin.

Mas, estranhamente, agora não importava. Tudo estava imóvel e sossegado dentro dela, e ela deveria estar se sentindo assustada, mas ela não estava. Ela não sentia nada.

Shane tinha dado aulas a ela de como derrubar uma pessoa – tinha sido uma brincadeira, que tinha acabado com ela caindo de costas mais do que ele, e ela amava a risada e a sensação do peso dele enquanto ele a mantinha no chão. Mas agora ela bloqueou tudo isso e reduziu as partes mais puras do seu corpo.

Ela podia fazer isso. Ela tinha que fazer.

Ela adiantou-se até o corpo de Gina e colocou o pé esquerdo atrás e entre os de Gina. Isso colocou a sua panturrilha em um ângulo abaixo do joelho de Gina.

Quando Gina esticou a faca para ela, Claire agarrou seu pulso, forçando-o para cima e para dentro e fazendo-a perder o equilíbrio. Gina começou a retroceder um passo e logo gritou quando a perna preparada de Claire removeu a força de seu joelho.





Ela caiu de costas. Claire tirou a faca da mão de Gina e caiu com um joelho no peito dela, mantendo-a no chão. Ela congelou, olhando para ela, respirando com dificuldade. Ela se sentia ardente e com calafrios agora, e o impulso de tirar a faca e fazer algo terrível com ela a agitava por dentro. O gosto de raiva, medo e todas as coisas terríveis que ela nunca tinha sentido, e por um segundo, só um segundo, ela pensou sobre como seria fazer Gina sentir isso, fazer Gina se machucar.

Os olhos de Gina ficaram grandes, observando ela. Ela sabia. Ela podia ver, também, e pela primeira vez, Claire viu que Gina estava realmente com medo.

— Foi isso que eu vi — Miranda disse, uma voz pequena e tranquila no cotovelo de Claire. — Mas você não vai fazer isso. Você é uma pessoa boa.

Claire não se sentia como uma pessoa boa, não no momento. Ela se sentia um pouco fraca e doente, e ela não resistiu quando Miranda tirou a faca da mão dela.

— Mas eu não sou boa — Miranda disse e começou a empurrar a faca para baixo para o peito de Gina.

Claire gritou e tirou Miranda do caminho, um empurrão firme que fez Mir tropeçar e, em seguida, sair rolando. A faca caiu na grama. Gina se esforçou para chegar até ela, mas Claire chegou primeiro, pegou-a e segurou-a ao seu lado. Gina se levantou lentamente com a respiração rápida e queixo para baixo. O medo tinha desaparecido agora, substituído por uma quantidade louca de raiva.

— Monica — Claire disse. — Leve a sua pit bull embora. Agora, antes que fique pior.

Alguns segundos torturantes de silêncio se passaram antes que Monica dissesse: — Gina. Ei, vadia, se acalme. Nós terminamos isso outro dia.

— Devolva a minha faca — Gina disse.

— Hum... não. — Claire a dobrou e colocou em seu bolso. — A última coisa que você precisa é de uma arma.

— Eu compro outra para você. Vamos lá, Gina. Nós vamos embora. — Jennifer pegou o braço de Gina e puxou ela, olhando para Claire com uma mistura de medo e respeito. — Como Monica disse. Nós cuidamos disso depois.

Gina apontou para Claire. — Você. Eu cuido de *you* depois.

Claire deu de ombros. — Vá em frente.





Jennifer puxou sua amiga para longe. Monica já tinha virado de costas e estava indo embora. Ela fez uma pausa antes de virar a esquina para olhar de volta e balançar a cabeça ligeiramente para Claire.

Estranho. Isso quase parecia respeito, também.

Silêncio. Claire ouvia a brisa, o riso distante de estudantes vindo do além das árvores, e de repente ela não conseguia ficar de pé. Ela se sentou — se esparramou — e descansou a testa nas mãos dela.

Miranda rastejou para sentar ao lado dela. — Obrigada — ela disse.

— Pelo quê?

— Me impedir. Mas você não sabe. Você não sabe como é.

— Ser intimidada? Meio que sei.

Miranda estava olhando para ela com tristeza e um estranho sentimento de piedade. — Não — ela disse. — Isso vem acontecendo desde o jardim de infância. Não foram elas todas as vezes, mas outras, sabe como é. Todos os dias. Nunca para, e nunca desaparece, graças à internet — apenas continua acontecendo a cada minuto, a cada dia. E eu só quero que pare. Eu penso em como fazer isso, sabe como é. Como matá-las. Todos os tipos de coisas elaboradas, como aprisioná-las em covas, enterrá-las vivas ou cobri-las com concreto.

Foi a coisa mais sensata que Claire tinha ouvido ela dizer — e a mais dolorosa, também. Ela colocou o seu braço ao redor de Miranda. De perto, ela esperava que Mir cheirasse mal, mas ela não cheirava; ela cheirava a sabonete e shampoo de limão. Com uma pequena atualização de roupa e melhor maquiagem e cabelo, ela seria bonita.

Ah, *Deus*, ela pensou, distraída. *Eve me influenciou*. Porque a antiga Claire, a que ela tinha sido antes da Glass House, nunca sequer pensaria sobre a aparência de Miranda.

— Me explica por quê você veio me encontrar — ela disse. — Você viu a briga da faca?

— Sim — Miranda disse. E então, imediatamente, — não. Tem outra coisa.

— O quê?

Miranda olhou para ela com aqueles olhos estranhos, perturbadores e luminosos. — É sobre Shane. Acho que ele está em apuros. Há algo errado na cabeça dele. Eu quase consigo ver.

O celular de Claire buzinou por atenção — uma mensagem. Ela verificou. Era, surpreendentemente, de Myrnin; ela nem achou que ele sabia *como* mandar mensagem. Evidentemente, ele achou o celular novamente.





Ela dizia, *onde você está, garota estúpida? Venha mais rápido!*

Claire suspirou. — Droga! Você pode me contar sobre isso enquanto caminhamos?



Miranda não tinha, é claro, muitos detalhes. Impressões psíquicas eram as coisas mais inúteis de todos os tempos, todas as informações que Claire teve foram... sempre sentimentos, impressões e avisos vagos, e metade do tempo parecia que Miranda tornava as coisas piores por tentar impedir que algo de ruim acontecesse. Como hoje. A coisa toda com Gina não teria acontecido se Miranda não tivesse aparecido tentando parar. Bem, provavelmente.

O traço de violência e sangue frio de Miranda preocuparam Claire quase tanto quanto a tendências psicopata de Gina. Ela pensava sobre vingança em termos gráficos perigosamente.

— Vamos tentar de novo — ela disse enquanto elas caminhavam pela rua deserta que levava para o beco sem saída onde se situava a entrada do laboratório de Myrnin. — Então você vê que Shane está em apuros porque ele se mete em uma briga.

Miranda assentiu com a cabeça, tão vigorosamente que o seu cabelo emaranhado saltou. — Uma briga séria — ela disse. — E se machuca. Eu não sei dizer quanto, mas ele se machuca muito, eu acho.

— É de dia ou à noite?

Miranda pensou nisso, franzindo a testa. Ela chutou uma garrafa de plástico vazia e estremeceu quando um cachorro latiu em um dos quintais que elas estavam passando. As casas nesta rua estavam em ruínas, com grades nas janelas. Só a casa Day no final da rua — que espelhava a casa onde Claire morava, a propriedade de Michael Glass — parecia muito bem conservada, e nem precisava de uma nova camada de tinta. — Não sei dizer — ela finalmente disse. — Isso acontece em um espaço fechado. Em uma sala. As pessoas estão assistindo. Existem grades.

— Tipo, de bebidas?

— Não, de uma jaula.

Isso era bem provável, Shane parecia sempre acabar por trás desses tipos de grades muito frequentemente. — Quantas pessoas?

Ela deu de ombros. — Está escuro; eu não sei dizer. Talvez muitas? Não, mais. Mais do que muitas. De muito longe. Estão lá, mas não estão lá.





Isso era definitivamente vago e nem um pouco útil. As brigas — bem, isso era algo que sinceramente não era tão incomum. Shane era um lutador nato. Mas ele se machucar muito — isso sim era inquietante.

— Há algum modo de saber quando isso vai acontecer?

Miranda abanou a cabeça. — Foi bem claro, talvez em alguns dias? Uma semana? Mas eu não sei. Às vezes é complicado. E às vezes desaparece, também. As coisas nem sempre são óbvias.

— Ok, obrigada. Vou tentar manter um olho nele. — Isso não era muita coisa, porque Claire sabia que ela não poderia passar o tempo todo cuidando dele. Ajudaria avisá-lo, mas conhecendo Shane, isso não resolveria o problema, tampouco. Se ele achasse que precisava se meter em uma luta, ele se meteria — não interessa se ele fosse se machucar ou não.

— Você deveria ir para casa — Claire disse. — Eu tenho que ir trabalhar. Mir?

Miranda parou, olhando para ela. Ela estava ficando alta, Claire percebeu; e continuava crescendo. Ela era maior do que Claire e provavelmente chegaria na altura de Eve ou passaria antes que parasse de crescer.

— Amanhã, me encontre na minha casa — Claire disse. — Se Myrnin não precisar de mim, vamos fazer compras. Está bem?

Miranda sorriu para ela — uma expressão doce, feliz e sincera iluminou o rosto dela. Não, o corpo todo. Era como se ninguém tivesse oferecido antes.

— Ok! — ela disse. — Eu nunca fui fazer compras.

Claire piscou os olhos. — Nunca?

— Não. Os meus pais costumavam me comprar coisas antes de morrerem. E agora as pessoas às vezes me trazem coisas, mas eu mesma nunca fui. É divertido? Parece divertido.

— É divertido — Claire disse. Ela teve um súbito impulso de abraçar a garota, então ela o fez. Miranda parecia ter apenas ossos e ângulos estranhos, mas ela a abraçou de volta com entusiasmo. — Vá direto para casa e fique lá. Monica pode ter recuado, mas Gina está meio louca. Eu acho que ela vem atrás de mim, no entanto.

— Ela vem — Miranda disse, com o tipo de voz distante e estranha que Claire temia. — Ela virá. Em breve. — Ela piscou e sorriu. — Te vejo amanhã!

Ela praticamente pulou para longe. Claire a viu partir, abanou a cabeça e foi para o covil do monstro.





O monstro estava parado no meio do laboratório, andando e agitando o celular dele como se ele estivesse tentando fazê-lo funcionar por pura força. Ele tinha mudado de roupa novamente — desta vez, para um casaco vitoriano de cauda comprida preto, um colete roxo, nenhuma camisa e calças pretas. Ele tinha abandonado as pantufas desta vez para usar sapatos de verdade. Quando ela desceu correndo as escadas, ele parecia tão aliviado que ela quase recuou um passo ou dois.

— Aí está você! — ele gritou e estendeu o seu celular para ela. — Esta coisa não funciona.

— Funciona. Eu recebi a sua mensagem.

— Mas eu tenho enviado repetidamente, e então simplesmente parou de funcionar.

Tinha parado de funcionar porque, evidentemente, ele tinha apertado os botões com tanta força que tinha quebrado eles. Claire balançou a cabeça, pegou o celular e o jogou na lata de lixo no canto. — Eu vou te dar outro — ela disse. — E então? Eu estou aqui. Qual é a crise?

Ele parou e olhou para ela. — Bishop está à solta, e você está me perguntando qual é a crise? É sério?

— Eu pensava que os vampiros fossem tomar conta disso.

— De fato. Oliver está com metade dos vampiros de Morganville investigando a outra metade.

— Apenas a metade?

— A metade que podemos confiar está interrogando a metade que não podemos — Myrnin disse. — Uma triste verdade, mas há alguns que preferiram a tirania aberta de Bishop a abordagem mais razoável de Amelie. Existem sempre alguns, Claire, que gostam que digam a eles o que fazer em vez de terem que pensar. E esses são os que você deve temer. Isso vale igualmente para os seres humanos, infelizmente. Pensamento crítico tornou-se uma habilidade infelizmente rara nos dias de hoje.

Ela assentiu com a cabeça, porque ela já sabia disso. — Então o que você quer que eu faça?

— Eu quero falar com Frank. Ele tem de estar alerta para qualquer sinal de Bishop. Ele tem o controle dos sistemas de monitoramento, e ele deve ser capaz de nos fornecer provas concretas.

— Espere, você quer que *eu* faça isso? Por que não você?





Myrnin se esticou até a sua altura total com as mãos atrás das costas. — Eu tenho coisas para fazer — ele disse. — E... Frank e eu podemos ter tido um pequeno desentendimento. Ele não fala comigo.

— Ele... espera, ele pode fazer isso?

— Posso muito bem. — A voz rouca de Frank veio do alto-falante do seu celular, abafado pelo bolso, mas ainda claramente audível. — Eu posso fazer o que eu quero, e eu não quero mais ouvir nada vindo desse idiota.

— Frank... — Claire suspirou. — Bem. Eu odeio isso, você sabe. Eu odeio que vocês fiquem mostrando as presas um para o outro, sendo que um de vocês nem tem presas mais. Mas não temos tempo para a briga de garotas de vocês, ok? Por favor, procure por Bishop para que ele não nos mate horivelmente?

— Bem — Frank disse, — você tem razão sobre isso.

Claire virou-se para Myrnin. — Tem mais alguém que você quer monitorar?

— Bem, tem Gloriana — Myrnin disse. — Eu definitivamente gostaria de procurar por Gloriana, já que ela é nova na cidade e, bem, você conheceu ela, não é?

Claire franziu a testa. Gloriana... Ah. Ela a conheceu uma vez, brevemente, em uma festa há cerca de um mês. Gloriana — ou Glory, um diminutivo decorativo — era linda, de um jeito antigo; ela tinha cabelos loiros longos e ondulados, olhos azuis brilhantes e um sorriso que fazia os homens derreterem como um sorvete no sol. Vampira, é claro. Encantadora. Mas ela tinha um interesse especial em Michael, e que não tinha saído muito bem com Eve. — Glory é uma garota de Bishop?

— Não necessariamente — Myrnin disse, — mas Gloriana tem um histórico de apostar com os vencedores, e ela foi o animal de estimação de Bishop por um curto período de tempo, cerca de trezentos anos atrás, eu acredito. Ela ainda pode ter algumas boas lembranças dele, mesmo que seja difícil de acreditar. Antigas lealdades dificilmente morrem entre a nossa espécie. Assim como os antigos inimigos, e ela nunca foi amiga de Amelie, embora são educadas o suficiente em público.

— Ela é *sua* amiga? — Claire hesitou, depois disse, — ou, você sabe, *amiga*? Ele levantou as suas sobrancelhas e fez aspas no ar. — Amiga?

— Você sabe o que eu quis dizer. Oliver praticamente admitiu que tinha tido um caso com ela uma vez.





— Eu não tenho casos. — Novamente com as aspas. — E, não, Gloriana não é minha amiga. Nem minha inimiga, particularmente; eu raramente falei com ela. Ela concordou em respeitar as leis de Morganville, mas se surgir uma situação onde ela possa se desviar delas... bem. Eu não gostaria de ficar entre ela e seus desejos. Ela pode ser muito sangue frio.

Claire sentiu uma punhalada de pavor. — Ela pode ir atrás de Shane, então?

— Shane? — Myrnin revirou os olhos. — Por que diabos você chegou a essa conclusão? Definitivamente não. Ela não vai atrás dos seres humanos. Ela os acha banais. E, curiosamente, nem todos são fascinados pelo seu namorado como você é.

— Bem, então, ela iria atrás de *você*?

Isso o fez parar por um segundo, como se a ideia nunca tivesse ocorrido a ele. — Não — ele finalmente disse. — Não, não acredito que ela estaria interessada nisso. Eu não sou... adequado. E com adequado eu me refiro a são. Ela não pode me exhibir em público, que é muito importante para ela; ela gosta de ser vista com as suas conquistas. Eu também não sei se ela poderia me afetar de forma significativa. Meus padrões de pensamento são bastante... diferentes, você sabe.

— Oh, eu sei. Frank, você ainda está checando?

— Bishop, checado. Não é como se eu fosse esquecer que o bastardo que arrancou a minha garganta e me fez virar morto-vivo ainda está lá fora. Gloriana, sim, eu a conheço. Gloriana está no meu radar. Ela acabou de deixar a academia há cerca de dez minutos, e ela está chegando no Common Grounds agora.

Myrnin assentiu com a cabeça. — Ela gosta de lá. Claire, talvez você devesse fazer amigos. Você é uma pessoa amigável.

— Ser sua espiã, você quer dizer.

— Deselegante colocar dessa maneira, mas preciso. Eu tenho coisas para fazer. Frank, por favor, fique em contato com Claire através do comunicador.

— Celular — ela disse. — *Star Trek* tinha comunicadores.

Ele acenou com a mão. — Não vejo a diferença.

— Eu ainda não estou escutando ele — Frank disse. — Mas, sim. Eu vou ficar em contato, criança. Você tem algum tipo de fones de ouvido? Bluetooth?

— Fones de ouvido — ela disse. — Porquê?

— Senão eu vou transmitir para todo o lugar quando eu falar com você, criança. Eu pensei que você fosse esperta.





— Foi um péssimo dia — ela disse. — Eu quase levei uma facada.

Myrnin parou de andar, olhou para ela por um momento, como se tentando ver algum possível ferimento e então disse: — Quase não conta agora, não é? Apresse-se. E, Claire?

— Sim?

— Tenha cuidado e esteja atenta a Bishop; ele era perigoso antes, mas não sei o que ele é agora, exceto muito menos estável. Além disso, eu não confio em Gloriana. Eu não sei porquê diabos ela está aqui em Morganville. Ou por que ela decidiu vir aqui agora. Como eu disse, ela e Amelie nunca se deram bem, apesar de seus modos primorosamente educados em direção uma a outra. Então eu acredito que nós temos que supor que não pode haver uma coincidência entre a chegada de Gloriana e a fuga de Bishop. — Ele hesitou e depois acrescentou: — Tenha cuidado. Eu não posso substituir você tão facilmente quanto tudo isso.

Essa era a ideia de Myrnin de um elogio. Legal.

SHANE

Claire foi para a escola e eu tive um dia de folga, e eu me senti meio... perdido. Eu não devia ter voltado para a academia, mas eu voltei. Não sei porquê, só que eu estava fora e parecia a coisa certa a fazer. O idiota que ficava na recepção me deu o mesmo olhar de “você é um inseto e vou esmagá-lo” como antes, mas então ele olhou para baixo para uma lista e acenou para mim. — Entre — ele disse. — Já tomaram conta.

— Tomaram conta de quê, exatamente?

— Do pagamento — ele disse. — Você não tem nenhum custo para usar a academia.

Bem, droga. Seria difícil justificar sair daqui, então eu fui para a porta e respirei o perfume de suor, esforço, couro velho, metal e desespero. Academias cheiravam como um lar para mim, especialmente depois que a minha mãe e Alyssa morreram; a vida com o meu pai se resumia a academias, bares, sabonete de motel baratos e sangue.

Cheirava a... lar? Se isso não soava muito estranho.

Eu experimentei a sauna, que era super quente e úmida, e vesti um velho par de calças de moletom. Com os pés descalços, porque eu não tenho medo de nenhum fungo de pé de atleta, e além do mais, eu estava planejando chutar um saco pesado, de qualquer forma.





Eu não tive a chance. Eu saí com a toalha ao redor do meu pescoço e o meu cabelo úmido caindo sobre o meu rosto, e lá estava, sentada no parapeito do segundo andar, como um pássaro muito bonito em um fio, a garota que eu tinha sonhado.

A vampira que eu tinha sonhado.

Eu não tinha mentido para Claire, não de verdade. Sinceramente eu achei que tinha sido um sonho, porque não pareceu típico de mim – o que eu estava fazendo, dizendo, pensando. É assim nos sonhos, certo? Você não precisa ser você mesmo.

Mas lá estava ela, tão cheia de curvas, saudável e linda como ela tinha estado ontem à noite, no sonho/não sonho/possivelmente um sonho.

E ela estava sorrindo para mim como se tivéssemos um segredo. Eu queria ficar com raiva, sentir a rapidez de adrenalina que eu sentia quase sempre na presença de um vampiro, mas parecia que seja lá o que o meu cérebro pensou, o meu corpo reagiu a ela como ele fazia com uma garota bonita.

Uma garota bonita sorrindo para mim.

– Ei, Shane – ela disse. Ela tinha uma voz linda, doce e baixa e parecia que ela era a única coisa do lugar quando ela falou. – É um prazer ver você aqui. Você pensou na minha proposta?

Oh, cara. Eu levei um minuto para descobrir que tipo de oferta que ela estava falando; esse sorriso fazia um monte de ofertas que não tinha nada a ver com a academia. – O grupo de treino avançado – eu disse. – Certo?

– Sim. – O sorriso dela assumiu uma curva travessa e astuta. – Que outra coisa você pensou?

Pare com isso. Pare com isso agora. Uma parte de mim estava com raiva, tentando me tirar disso, mas era uma parte muito pequena, e o resto de mim se sentiu... calmo. Certo. Como se tudo isso fosse inevitável – fatalidade, destino, o que você quiser chamar.

Mas, pelo menos, eu não iria atrás de uma garota vampira, não importava o quanto ela fosse bonita. Eu não podia fazer isso com Claire, e lá no fundo, sempre haverá uma parte de mim que não conseguiria tocar em um vampiro. Eu espero. Então eu disse, olhando em seus olhos azuis claros: – Estou aqui apenas para os combates, senhorita.

– Glory – ela disse. – Gloriana. Mas pode me chamar de Glory.

É claro. Eu já a tinha visto antes, e voltou para mim claro como o dia desta vez; eu a vi em sua festa de boas-vindas-a-Morganville, mas não de perto. Ela tinha tentado conquistar Michael, e ela não esteve focada em mim nem um pouco. Eu tinha achado ela bonita, mas não, você sabe, bonita.





Não até ela virar aquele sorriso e olhos em direção a mim. Então, eu entendi o quão hipnotizado Michael tinha se sentido. Era como ser atingido por um tsunami de hormônios e, cara, era ótimo.

– Você veio para a luta – ela disse e se afastou da grade. Ela pulou seis metros e caiu como um gato, mal flexionando os joelhos para absorver o impacto. Seu olhar nunca deixou o meu, e seu sorriso nunca vacilou. – Certo, então. Você deveria fazer o que veio fazer. Siga-me.

Eu esperava que ela me levasse para os tapetes no centro da sala; havia pessoas lutando lá, fazendo lances, chutes, bloqueios, esse tipo de coisa. Seu tipo básico de atividades de artes marciais.

Mas ela me levou por outro caminho, através de uma porta não numerada na parte de trás, num corredor simples e em outra porta marcada como privada, em uma sala com um ringue de boxe de verdade em uma plataforma. Dois caras usando apenas calções estavam dando porrada um no outro, e eles estavam fazendo sérios danos. Eu parei e assisti, analisando a velocidade, força, agilidade e resistência.

– Eles são bons – eu disse.

– É melhor que eles sejam – Glory disse. – Você acha que aguentaria?

– Sim. – Eu disse sem qualquer sentido particular de me gabar; eu sabia que eu podia. Esses caras não tinham crescido com o meu pai. – Pode me colocar lá.

– Eu preciso te colocar com um parceiro – ela disse. – Vassily? Com quem você acha que Shane deveria treinar? – Enquanto perguntava, Gloriana foi até uma geladeira grande e preta na parede e tirou uma garrafa de bebida esportiva, que ela estendeu para mim. Eu franzi a testa para ela, mas ela levantou suas sobrancelhas e me deu um sorriso encantador. Com covinhas. – Confie em mim. É bom para você. Bebida de proteína, receita especial. De graça para você.

Eu peguei e bebi muito cautelosamente. Eu sei, estúpido, certo? Quem pega algo de um maldito vampiro? Mas havia algo tão seguro nela. Era como se eu não pudesse desconfiar dela, mesmo quando eu nunca pegaria qualquer maldita bebida de outro vampiro, nunca.

E tinha um gosto arenoso, como shakes de proteína, mas com uma coisa familiar. Cafeína, talvez. O líquido correu através de mim com um arrepio quente. Fez-me sentir incrível – alerta, forte, bombeado.

– Shane? – Vassily, o vampiro que tinha ensinado na primeira aula, o que eu derrubei, apareceu. Ele tinha se livrado do kimono e estava usando roupas de ginástica padrão, ele tinha deixado o seu cabelo longo e grosso se derramar sobre os seus ombros. – Ah sim. Este aqui. Vamos fazê-lo treinar com Jester. Deve ser um confronto interessante.





– Tem certeza?

– Sim. Jester. – Vassily sorriu e acenou para alguém das sombras que estava encostado na parede. Quando o homem passou para a luz, eu reconheci a pele pálida e os olhos ligeiramente muito brilhantes. Vampiro. Ao contrário de Gloriana, eu não me sentia amigável e cordial com ele, nem um pouco. – Jester, conheça Shane. Você vai lutar com ele.

Jester olhou para mim, me desprezou e, em seguida, encarou Vassily. – Inferno, não – ele disse. – Não vou lutar com algum humano punk. Eles se quebram.

– Fique à vontade – eu disse. – Você vai se poupar de levar uma boa porrada.

– O que você disse? – Jester parecia sinceramente surpreso e intrigado, como se ele não conseguisse acreditar que eu tinha alguma coisa a dizer, muito menos algo que não era exatamente uma cortesia. Eu dei de ombros.

– Eu aguento você – eu disse. – Pode acreditar.

– Prove, Bolsa de Sangue – Jester disse.

Gloriana riu e acenou. – Rapazes, rapazes, há tempo suficiente para isso. Hoje, vocês só... treinam box. – Ela se virou para Vassily. – Eu tenho lugares para ir. Mas eu acredito que o meu trabalho aqui está feito por enquanto.

– Sim – ele concordou. – Por enquanto. Volte logo, menina linda. Eu vou precisar da sua ajuda com o velho. Ele está ficando um pouco... impaciente.

Eu observei ela indo embora, ainda sentindo aquele zumbido sutil de sua presença, aquela emoção sedutora... e ela tinha ido embora quando eu olhei para Jester e disse: – Vamos lá, Garoto das Presas.

E esse foi o começo.

Dor, sim, havia muito disso, mas parecia que quanto mais tempo eu passava no ringue, de frente para ele, enfrentando tudo o que uma vez eu tinha odiado em um nível tão primitivo, a dor significava cada vez menos. O que importava era soltar o monstro de dentro de mim, que esteve faminto por quase um ano.

Eu vim para Morganville para acabar com os vampiros.

E Vassily e Gloriana estavam me dando a chance de fazer isso.

E, oh, Deus, eu adorei.



Na ida para o Common Grounds, Claire enviou uma mensagem para Shane – só uma mensagem rápida para dizer que o amava. Sem resposta imediata, mas o celular vibrou quando ela estava chegando no Common Grounds.





A mensagem de Shane dizia, *vou chegar tarde te amo*.

Ela ainda estava sorrindo e sentindo-se quase completamente feliz quando abriu a porta da cafeteria e ouviu o sino tinir para anunciar a sua chegada. Esta hora do dia, estava cheio de alunos reunidos em mesas com os livros e computadores para fora. Estudo de grupos, principalmente.

Ela viu Gloriana, porque ela estava nas tradicionais mesas de vampiro, nas sombras mais profundas da parte de trás da cafeteria... e estava cercada por outros vampiros. Todos homens. Deveria ter uns cinco ou seis na mesa, mais do que ela já tinha visto reunidos em qualquer lugar, a não ser na Praça da Fundadora – havia vampiros de aparência velha, jovem, todos com idênticas expressões de interesse absorto em seus rostos. Todos olhando para Gloriana, que estava sentada confortavelmente com uma perna dobrada debaixo dela, bebendo o que estava em sua caneca branca simples, sorrindo e conversando. Ela era realmente *bonita*, e ao contrário de muitos vampiros bonitos, ela parecia até mesmo agradável. Doce, quase. Claire tinha boas razões para achar que ela não era, porque Eve tinha tomado uma antipatia imediata por ela, mas mesmo assim.

Era impossível resistir ao seu charme.

A prova disso era que um dos caras sentados na mesa era Oliver, ainda usando o seu avental longo e tingido do Common Grounds. Ele estava encarando Glory com um pequeno sorriso bestificado nos lábios, como se ele não conseguisse acreditar que ela estava aqui na frente dele.

Ele olhou para cima e viu Claire ali e o seu sorriso desapareceu. Ele se levantou e veio até ela. – O que é? – ele perguntou. O lado caloroso que ele tinha estado mostrando a Glory desapareceu num piscar de olhos.

– Uh, desculpe incomodar, mas você poderia me dar um mocha? – Ela estava ganhando tempo, porque honestamente, olhando para a situação na frente dela, Claire não conseguia ver como ela iria chegar perto o suficiente para falar com Gloriana, muito menos ganhar a confiança dela ou interrogá-la discretamente sobre Bishop. Esse não era o trabalho de Oliver, de qualquer forma?

Mas talvez Myrnin não confiasse em Oliver com Glory. Fazia algum sentido, pelo que ela tinha visto. Ela ajustou os seus fones de ouvido. Nada além de um zumbido baixo de estática neles até o momento, o qual estava incomodando ela; ela preferia uma música, mas a ideia de Frank interromper isso soou pior do que o tédio.





Bem na hora, veio a voz de Frank, sussurrando para ela através da magia da tecnologia. Foi assustador, com uma dose extra de arrepiante. Ela ainda tinha pesadelos com Frank Collins às vezes. E ela achava que ele provavelmente ficaria feliz em saber disso. — Certo. Você deve conseguir vê-la agora. De acordo com os registros, ela parece inofensiva, mas ela não é. Algumas vampiras mulheres têm uma coisa chamada encanto, e ela tem mais do que a maioria. Ela pode fazer qualquer um gostar dela, inclusive outros vampiros.

Claire se afastou um pouco, fingindo mexer em sua mochila. — Você consegue me ouvir?

— Sim, através do microfone no seu celular.

— E Amelie? Ela conseguiria fazer Amelie gostar dela?

— Provavelmente não. Amelie tem uma coisa que os vampiros chamam de compulsão; ela pode forçar as pessoas a fazer o que ela quer quando ela precisa. Compulsão supera o encanto sempre.

— Alguém mais tem essa coisa de compulsão?

— Oliver — Frank disse. — Não é tão forte, no entanto. Mas Oliver é uma causa perdida, de qualquer forma. Ele é um velho amigo de Glory, se você sabe o que *amigo* significa. Parece que ele já desistiu.

Sim, ela sabia disso. Ela poderia ter adivinhado só de ver o sorriso no rosto de Oliver quando ele olhava para Gloriana.

— Cuidado com ela — Frank disse. — Se ela tentar encantar você, dor pode tirá-la disso, às vezes funciona em meninas. Não tanto quanto para os meninos, por alguma razão, talvez porque ela não seja tão boa em lidar com as meninas, ou elas são programadas diferente. Mas ela provavelmente não vai soltar encanto em você, de qualquer forma. Ela não liga muito para os seres humanos em geral, e meninas não são, definitivamente, o tipo dela.

— Espere um minuto. Repita aí. A sua resposta de como eu devo resistir é me *machucando*? Como isso é útil? Você acha que eu quero sentir dor?

— Bem. Lide com isso do seu jeito, então. Aproveite o passeio. — E o zumbido voltou aos seus fones de ouvido, constantes e inexpressivos.

Nessa hora, Oliver gesticulou impacientemente no balcão e empurrou uma xícara para ela. O mocha, presumivelmente, embora ela não estivesse colocando muita fé na preparação, não com a expressão que ele estava dando a ela. Sua tática de protelação estava praticamente morta, e ela não podia pensar em uma única razão para ir lá se juntar aos admiradores de Gloriana exclusivamente cheios de testosterona — e com falta de pulsação.





E então Gloriana olhou para cima enquanto Oliver escorregava na cadeira, ela viu Claire observá-la e sorriu. Seus olhos se encontraram.

E Claire encontrou-se caminhando em direção a mesa. Ela não estava com medo, e ela não estava pensando em nada — ela não se lembrava da última vez que ela tinha sentido este tipo de paz. Liberdade de *não pensar*.

Só agir.

— Claire, não é? — Gloriana disse. Ela tinha uma espécie de voz baixa e agradável, e o seu sorriso era brilhante. — Por favor, sente-se. Ah, Jules, por favor, traga outra cadeira, pode ser? Eu não quero deixar a pequena Claire em pé! Tão rude.

Oliver não estava com uma expressão de raiva mais, mas ele não estava sorrindo, tampouco; quando ele olhou para Claire, era uma expressão inteiramente neutra. Outro vampiro — Jules, presumivelmente, embora Claire não o conhecia — trouxe-lhe uma cadeira e ela sentou-se, imprensada entre dois estranhos que quase certamente teriam se inclinado sobre ela e a drenado sob outras circunstâncias.

E ela não sentiu nenhum tipo de desconforto.

Eu estou sendo hipnotizada. Esse pensamento veio de algum lugar profundo dentro dela, uma dúvida meio sussurrada, mas não era forte o suficiente para fazer qualquer diferença. Não quando Gloriana estava sorrindo para ela, aqueles olhos azuis largos tão calorosos e acolhedores. — Já ouvi muito sobre você — ela disse. — Muitas pessoas falam bem de você. Até o meu velho resmungão Oliver, aqui. — Ela riu e pôs a mão em cima de Oliver, em um gesto que era carinhoso e, ao mesmo tempo, um pouco paternalista, como um proprietário acariciando um cachorro. Ele deu-lhe um olhar rápido e um sorriso tardio. — Então, diga-me, Claire, o que você acha de Morganville?

Normalmente, ela teria sido cuidadosa sobre o que ela diria, mas aqui, sob o brilho dos olhos de Glory, ela só... falou sem pensar. — Eu amo as pessoas que conheci aqui — ela disse. — Mas eu odeio como tudo funciona. Eu odeio como os seres humanos são tratados. Eu odeio que esteja tudo bem nos prejudicar. Isso tem que mudar.

Gloriana levantou uma sobrancelha. — Eu pensei que já tinha mudado — ela disse. — Foi o que Amelie me disse. Não há permissão de caçar, apenas em zonas restritas. É tudo perfeitamente enfadonho, mas eu entendo a necessidade de conservação, é claro. Ou você está dizendo que *nunca* deveríamos caçar?





— Sim — Claire disse. — Nunca. — Houve um rosnado baixo ao redor da mesa. E ela ainda não estava com medo. — Nunca — ela repetiu. — Vocês já têm o sangue dos impostos. Vocês não precisam fazer isso conosco. Não há nenhuma razão.

Glory sorriu. Ainda era um sorriso caloroso e charmoso, do tipo que convidava você a se sentir parte dela. — É claro que temos uma razão — ela disse. — Pergunte a qualquer um que trabalha com predadores; suprimir o instinto de caça é muito, muito complicado, e alguns animais nunca realmente conseguem. Você deve fornecer uma saída controlada, ou inevitavelmente alguém vai se tornar selvagem. Isso seria muito pior. Você não concorda?

— Não — Claire disse. — Se alguém quebrar as regras, então ele é um criminoso. E você deveria tratá-lo como qualquer outro criminoso.

— Como você é engraçada, pequena — Glory disse e riu só para provar isso. — Você é amiga de Michael, não é? Uma das que mora na casa dele?

— Sim.

— E o outro garoto se chama...?

— Shane — Claire disse. Ela sentiu um impulso de pavor no fundo do seu coração, mas foi apenas uma pontada. — O nome dele é Shane.

— Eu o vi na academia — ela disse. — Ele tem bons instintos, eu devo dizer. Um bom lutador. Ele seria muito valioso, na situação certa. — Havia um brilho em seus lindos olhos azuis, e Claire sabia, do mesmo jeito distante e sem importância, que Gloriana estava brincando com ela agora, provocando ela. — Sim, eu vejo como seria *muito* rentável ter ele ao seu lado.

Oliver se inclinou para trás. — É uma pena você ainda não possuir os clubes de boxe que você estava tão fascinada no tempo da Victoria. Eram muito lucrativos para você, não é?

— Oh sim, bastante rentáveis — ela disse. — É uma pena. Ele tem bastante qualidades, não ele? E é um órfão, também, eu entendo. Muito triste. Não ter boas influências o torna tão... vulnerável. — Ela inclinou-se sobre a mesa, e a intensidade ardente do seu olhar sobre Claire ficou tão alta que ela se sentia banhada por uma luz pura e quente, e sem uma preocupação no mundo. — Você conhece o meu velho amigo Myrnin. Como ele está? Então, eu adoro aquele velho louco. Ele está trabalhando em alguma coisa... interessante?

— Claire — uma voz em seus ouvidos disse, uma voz metálica que levou um segundo para ela perceber. *Frank*. — Claire, você não pode responder. Pare com isso. Pare agora.





Mas ela não podia. Mesmo que Glory estivesse falando sobre Shane como se ele fosse um pedaço de carne, mesmo que ela estivesse fazendo perguntas sobre Myrmin, Claire ainda se sentia calma e confortável. Ela só não conseguia fazer a si mesma sentir outra coisa. Frank parecia irritado e chateado, mas ela não conseguia entender o porquê. Glory era a melhor amiga que ela podia imaginar de ter, melhor do que Eve, porque Glory nunca iria julgá-la, nunca iria fazê-la se sentir mal ou culpada.

Claire disse: — Ele está trabalhando em...

— Claire, desculpe, mas você precisa parar com isso antes que ela entre mais na sua cabeça — Frank interrompeu. E no próximo segundo, ela sentiu uma dor ardente e sibilante que disparou através do seu corpo em um flash tão rápido que acabou antes que ela registrasse. Um choque vindo de seus fones de ouvido. Claire se sacudiu um pouco, piscou os olhos... e o seu ritmo cardíaco acelerou com uma sacudida. Ela arrancou os fones de ouvido, trêmula, e a calma foi afastada como um cobertor sendo tirado.

Medo se aproximou, gelado e afiado. Gloriana ainda estava sorrindo para ela, mas ela não parecia mais calorosa... Parecia predatória. E cruel. Claire engoliu e se levantou. A cadeira dela caiu para trás audivelmente. Todos eles estavam olhando para ela agora, e o único que não estava mostrando as presas para ela era Oliver. Ele estava com uma expressão de raiva, mas agora direcionada a Gloriana.

— Glory — ele disse. — Você estava hipnotizando a garota?

— Um pouco — ela deu de ombros. — Eu só queria brincar.

— Oh, tenha piedade, brinque com outra pessoa. Ela é propriedade de Amelie. E ela não vale a pena o esforço.

Glory riu. — Eu sei. Mas eu não machuquei ela, não é? — Ela virou aquele sorriso de volta para Claire. — Indo embora tão cedo, pequena?

Claire deu um gigante passo para trás. O sorriso não funcionou agora, provavelmente porque ela tinha muita adrenalina correndo pelo corpo. — Fique longe de nós — ela disse. — Fique longe de Shane.

Glory revirou os olhos. — Eu não quero o seu *garoto* — ela disse. — O que eu faria com ele? Ele não é bom para muita coisa, exceto violência. Tem tanta violência dentro dele.

Claire deixou o seu mocha na mesa e moveu-se para a porta o mais rápido possível. Ela olhou para trás sobre os ombros quando saiu, mas ninguém tinha se movido, nem mesmo Oliver, embora ele estivesse observando ela ir embora. Glory estava rindo e parecia já ter esquecido dela.





Claire saiu à luz do sol, desceu metade de um quarteirão e inclinou-se contra os tijolos ásperos entre duas fachadas. Ela fechou os olhos e concentrou-se em respirar e controlar a sua agitação. Então, finalmente, ela colocou seus fones de ouvido no lugar. Precisou de duas tentativas, graças aos seus dedos instáveis.

— Eu não consegui nada — ela disse a Frank. — Eu não sabia que ela poderia fazer isso, me fazer se sentir assim. Eu não sabia que alguém poderia fazer isso. Bishop não podia.

— É um poder muito raro, mesmo entre os vampiros — Frank disse. — Eu só sabia de três ou quatro que tinham. Eu matei dois deles. É uma pena que eu não consegui fazer uma limpeza completa.

— Eu nem sabia o que ela estava fazendo. Eu não tinha como lutar contra. — Claire deu uma respiração profunda. — Obrigada por me tirar daquilo.

— Ela não estava nem se esforçando — Frank disse. — Se ela estivesse, você não escaparia tão facilmente. Como ela disse, ela só estava brincando.

Aquilo foi horrível. *Horrível*. Claire se sentiu enjoada e imunda, como se ela tivesse bebido um galão de água de esgoto. Ela queria vomitar, pensando no quão facilmente tinha andado como um fantoche. No quanto ela tinha sentido tudo o que essa Glory queria que ela sentisse. — Não adiantou nada — ela disse. — Não encontramos nada.

— Talvez tenha adiantado — Frank disse. — Ela mencionou que viu Shane na academia, não foi?

— E? Até eu fui para a academia. Assim como Eve. Muita gente vai lá. Inclusive os vampiros.

— Mas por que Glory? Ela não luta. Ela faz outras pessoas lutarem por ela. — A voz de Frank parecia estranhamente preocupada. — Eu tenho dado uma olhada nos vampiros de Morganville. Parece que alguns ainda não apareceram para as suas habituais rotinas recentemente.

— Você quer dizer... quer dizer que eles estão desaparecidos?

— Eu não cheguei ainda a essa conclusão, mas eu encontrei cinco, não, seis, que não estão seguindo os seus padrões habituais.

— Bem, alguns foram embora, você sabe. Com Morley. Eles estão em Blacke, aquela cidadezinha fora de...

— Eu sei sobre Morley. Eu não estou falando do povo dele. Estou falando de outros vampiros que ainda não apareceram nas últimas três semanas. Não tiraram sangue de bancos de sangue. Eles não apareceram na vigilância. Eles não estão se comunicando pelos celulares ou computadores.





— Como pode vampiros *desaparecem*? Quem são eles?

— Zé-ninguéns, em termos de hierarquia de Morganville. Apenas a classe trabalhadora de vampiros regular. E eles não ficam desaparecidos tanto assim. Vampiros podem socializar, mas não como os humanos; eles estão acostumados a não ver uns aos outros por longos períodos. Sem levantar nenhuma suspeita.

— Então onde eles estão? — Claire perguntou. — Eles têm alguma ligação com Bishop?

— Não que eu consiga encontrar. Na verdade, parece que estiveram do lado de Amelie no conflito com o pai. — Frank ficou em silêncio por um momento, então disse, — o que me incomoda é que eu não consigo ver dentro da academia. Eu não consigo ver ou sentir nada dentro daquelas paredes.

— O quê?

— É uma construção recente. Sem câmeras. Sem portais. Não há como observar o que está acontecendo lá. Parece que tem muita conexão lá, de alguma forma. Eu queria ter alguns dispositivos lá.

— Dentro da academia. — Ela pensou sobre isso por um segundo. — Você quer que eu... o quê? Coloque câmeras lá?

— Você está com medo de agir como a minha espiã? — Agora Frank parecia divertido. — Conhecendo você, isso não a impediria. Nunca vi uma criança tão destemida, lá no fundo. Nem mesmo o meu filho.

Shane. Claire se lembrou de Glory falando sobre ele e a fez se sentir enjoada — não porque Gloriana estava babando nele, como Ysandre tinha feito, mas porque ela não estava. Porque para ela, Shane era apenas mais um pedaço de carne, algo que ela poderia fazer algum uso. Ou não.

Tudo o que estava acontecendo, Gloriana estava metida até o seu lindo pescocinho. Claire tinha certeza disso.

— Tudo bem — ela disse. — Se você quer olhos na academia, eu vou garantir que você os tenha. De alguma forma.

SHANE

Eu senti que eu estava traindo Claire, e eu não conseguia descobrir porquê. Tudo o que eu fiz foi lutar... e eu fiz muito bem, também. Jester não pegou totalmente pesado comigo, e eu fui capaz de seguir em frente. Quando eu ficava cansado, Vassily me





passava mais shakes de proteína. Eu não gostava do jeito que ele sorria, ou da maneira que ele me olhava, como um proprietário orgulhoso de um pit bull no ringue... mas isso não significa que eu não gostava de estar no ringue, tampouco.

Então por que, nos intervalos, eu fui sentar com o meu celular e fui mandar mensagem para Claire? Foi como se eu tivesse beijado outra garota e sentisse que tinha que dizer a ela que eu a amava, não importava que o que eu tinha feito ela não fosse gostar.

Bem, ela não gostaria disso. Eu sabia sem nenhuma dúvida.

– Ei, carne! Já cansou de apertar botões? – Era Jester, dançando ao redor do ringue, parecendo um peixe-morto pálido e magro, e socando o ar em um borrão. – Estou pronto para apertar os seus!

Eu atirei para ele o meu dedo do meio e acabei de enviar a minha mensagem, dei outro gole do meu shake de proteína e senti as dores magicamente diminuírem. Não é que elas estivessem se curado, exatamente... talvez elas não estivessem tão ruins quanto deveriam estar, mas eu ia ter hematomas amanhã. Muitos deles.

Mas você não podia deixar a dor parar você. Eu já deixei ela me parar uma vez, quando a minha casa estava pegando fogo. Eu tinha tocado a maçaneta da porta de Alyssa, queimou as minhas mãos e eu não segui ir em frente, eu não salvei ela. Eu deixei eles me arrastarem para fora da casa, e ela ficou perdida lá dentro.

Eu não podia esquecer o que me custou falhar. O meu pai não me deixava esquecer, tampouco.

Dor era bom. Dor mantinha você astuto e motivado. Dor fazia eu me sentir vivo.

Especialmente quando eu estava enfrentando um vampiro que queria me ensinar uma lição.

O resto da tarde passou em um borrão. Eu acabei no tapete muitas vezes, e era difícil me levantar e seguir em frente. As pessoas se reuniram – humanos, vampiros – todos assistindo enquanto Jester e eu agredíamos um ao outro. Ele era mais forte e mais rápido do que eu, mas eu não desisti.

Finalmente, Vassily me fez parar. Ele bateu no ombro de Jester e disse algo em seu ouvido, e Jester sorriu, passou por baixo das cordas e foi embora, e toda a motivação apenas... foi para fora de mim. Eu me deixei cair de joelhos, engasgando enquanto tentava respirar. Havia sangue em minha boca e um estranho zumbido nos meus ouvidos, e eu nunca me senti tão mal em toda a minha vida, nem mesmo quando eu estava no hospital e à beira da morte.

Era como se eu tivesse canibalizado partes de mim para ficar de pé e agora a dor e o vazio me inundaram e me atolaram, e eu só queria deitar e morrer.





Vassily me passou outra garrafa esportiva. Eu não queria, mas eu não pude me conter. Eu bebi. Eu me senti melhor, ou pelo menos não tão propenso a morrer. Ele checkou os meus olhos e assentiu com a cabeça. – Você vai ficar bem – ele disse, a todo negócios. – Desidratação e exaustão. Mais quatro bebidas vai deixá-lo bem, mas deite durante duas horas antes de você ir para casa. Tem beliches no quarto ao lado. Descanse agora.

– Obrigado – eu resmunguei. Eu não me sinto grato. Eu não me sinto nada além de imundo e culpado por dentro. O que diabos eu estava fazendo? Por que eu estava fazendo isso? Eu nem sabia, só que quando eu estava lutando, parecia que eu estava lutando contra todas as coisas ruins que já haviam acontecido na minha vida. Eu estava lutando pela minha irmã, minha mãe e até mesmo o meu pai. Por Claire, presa nesta cidade maldita. Por Michael, por ter virado vamp contra a sua vontade. Por Eve.

Por mim, pela primeira vez.

Eu caí na cama durante as próximas duas horas, bebendo essas bebidas, e com cada garrafada lenta, eu me senti melhor. Mais estável. O que quer que tinha dentro delas era coisa boa, porque a dor desvaneceu-se em pontadas, e a culpa desvaneceu-se junto com ela. Eu estava bem. Não, eu estava melhor do que bem.

Eu era forte e estava ficando mais forte, e era por isso que eu sempre precisava sobreviver aqui. Eu tinha pessoas para proteger. Isso fazia toda a diferença.

Eu estava esvaziando a última garrafa quando Vassily chegou com Gloriana. Glory parecia fantástica e eu me sentia suado, sujo e machucado, e eu tive que me sentar. Não ficar deitado na presença dela.

– Shane – ela disse e me deu aquele sorriso. – Eu acabei de conhecer a sua amiga Claire. Você deveria estar orgulhoso; ela não tem medo de muitas coisas, sabe. Mas ela é tão frágil. E estou bastante preocupada com o relacionamento dela com Myrnin. Ele é tão instável, você não acha?

Eu achava isso e sempre achei; ela estava apenas dizendo o que era óbvio para mim e todo mundo, exceto para Claire. – Eu não gosto – eu disse. – Mas ela faz o que quer.

– Sim, ela faz – Glory me analisou por alguns segundos e, em seguida, olhou de relance para Vassily. – Eu acho que ele está pronto, não é?

– Pronto para o quê? – eu perguntei.

– Pronto para saber o resto – Vassily disse. – Você mostrou uma tremenda coragem hoje, Shane. E um grande talento. Temos uma oportunidade para você, que eu acredito que ajudaria as suas melhores qualidades. Veja, nós podemos oferecer a você a chance de duas coisas que você sempre quis.





– Dinheiro – Glory disse. – Dinheiro de verdade o suficiente para cuidar de si mesmo e Claire pelo resto da sua vida.

Bem, quem não quer dinheiro? Eu sempre estive atrás dele, e conseguia da maneira mais difícil, mas isso soou bom. Muito bom. – Qual é a segunda coisa? – eu perguntei.

Foi a vez de Vassily. – Uma forma de sair de Morganville – ele disse. – Antes que seja tarde demais. Porque essa cidade vai ser destruída, de uma forma ou de outra, e se você for esperto, você vai pegar o dinheiro e a chance de ganhar a sua passagem livre para fora enquanto você ainda pode.

Dinheiro e um passe livre? Eu pisquei, porque ele parecia ler a minha mente. Eu não estava completamente certo de que não era o caso. Glory era assustadoramente boa em adivinhar o que eu estava pensando... ou me fazer pensar que ela sabia. Isso deveria ter me alarmado, mas não quando vinha dela. Parecia... ótimo. Como se eu não tivesse que lutar para ser entendido mais. Glory apenas me entendia.

– E Claire? – eu perguntei.

– Claro, Claire vai poder ir com você – Vassily disse. – E qualquer outra pessoa que você gostaria de ver em segurança e fora de Morganville. Você pode salvá-los, Shane. Tudo o que você precisa fazer é o que faz melhor.

– Lutar – Gloriana disse. Os olhos dela não eram mais azuis. Eram uma luz de cores brilhantes, quase brancos, o que deveria parecer terrível, mas parecia bonito. Eu me senti quente, leve e totalmente em paz. – Tudo o que você precisa fazer é lutar na frente de uma câmera, para uma plateia. Você acha que consegue fazer isso?

Eu sorri e disse: – Onde eu assino?

Eles tinham os papéis ali, e eu escrevi assinaturas em todos os lugares. Vassily me deu um envelope de dinheiro, dinheiro de verdade, mais do que eu tinha visto desde que o meu pai estava fazendo acordos com armas ilegais para fora da estrada.

Os olhos de Glory voltaram a ficar azuis, doces e humanos, e ela me beijou na testa suada e entregou-me outra garrafa. – Descanse – ela disse. Seus dedos penteando o meu cabelo emaranhado. – Não se preocupe com nada.

Eu afundei para baixo no beliche e fechei os olhos, mas eu não consegui dormir. Não de primeira. Não por um tempo.

Ou talvez tenha sido um sonho. Parecia um sonho, o que eles diziam enquanto pensaram que eu não conseguia ouvi-los.

– É perigoso – Glory disse. A voz dela tinha ficado desafinada agora, não lírica e melodiosa como era quando ela falava comigo. Ela não parecia nem mesmo a mesma pessoa. – Nós temos um tempo limitado antes que Amelie descubra o que estamos





fazendo. Ela tem espiões por toda a parte, e eu estou quase certa de que tem vigilância, também. Tens certeza de que a conexão está segura?

– Tenho certeza – Vassily disse. – A menina que nos deu a criptografia era uma das melhores. Durante meses ela tem controlado o vídeo de Morganville sem ninguém suspeitar. Ela modificou o código para garantir que ninguém pudesse detectar este upgrade, em troca de alguns favores. O dinheiro já está entrando, minha querida. O plano está indo muito bem.

– E o velho? Está satisfeito?

O velho. Isso soou ameaçador e me lembrou de coisas que eu esperava nunca lembrar. Certamente não era o mesmo velho. Não, eles tinham que estar falando sobre algum outro vampiro. Eram todos antigos, mais velhos do que a sujeira e pretos e podres por dentro. Eu sabia disso.

– Eu não diria satisfeito. Ele está... contente em esperar, por enquanto. Eu tive problemas consideráveis para colocar pistas falsas, já que a intervenção desastrosa dele chamou a atenção de Amelie. Eu acho que eu convenci ele a esperar até nós termos os recursos adequados para os próximos passos.

– Ele é imprevisível. Você precisa ficar de olho nele. Ele escapou de mim e tentou matar Myrmin, você sabe. Se ele tivesse conseguido...

– Eu sei. Eu vou prender ele novamente. Pela própria proteção dele.

Glory riu. – Oh, ele não vai gostar. Proteja-se, Vassily.

– Eu estive alimentando ele com inimigos – Vassily disse. – Eu acredito que ele esteja satisfeito o suficiente no momento. Quanto tempo até que o garoto esteja pronto, o que você acha?

– Oh, ele vai lutar, sem dúvida, mas eu não gosto de deixá-lo nos deixar. Os amigos dele, aquela garota, eles poderiam estragar tudo.

– Ou cimentar tudo o que ele aprendeu – Vassily disse. – Eu acredito em correr riscos.

– Bem, você quem sabe – Glory disse. – Eu vou fazer o que eu puder, é claro.

– Por um preço.

– Ninguém trabalha de graça, meu querido.

Quando eu abri os olhos, Glory estava bem ali, curvando-se sobre mim. Seu sorriso era como uma droga, e quando ela passou os seus dedos na minha testa, eu senti o toque de um anjo.

– Durma – ela sussurrou. – Sonhe com força e resistência, e lembre o quanto essa cidade tem tirado de você. Não deixe ela pegar o resto, Shane. O resto é sem importância, exceto isto: Michael não se preocupa com você. Ele não é o seu amigo. E nunca se pode confiar nele. Você entendeu?





– Sim – eu disse. Era algo que eu já sabia, algo que eu nunca deveria ter esquecido. Você não pode confiar em vampiros.

Exceto Glory.

Eu ainda estava sorrindo, afogando-me no calor do seu toque quando eu adormeci.





CAPÍTULO 9

Shane chegou em casa agindo tão normal como sempre. Ele ainda trouxe peito de carne de boi e comemos, quatro amigos juntos, como se nada tivesse acontecido. Até mesmo a garrara opaca do “suco” de Michael não o estressou.

A única coisa que Claire conseguia pensar é que precisava se sentar e contar a ele da ligação. Porém, ela não sabia o que ele ia dizer, e não sabia se queria conversar sobre isso na frente de Eve e Michael. Não assim. Isso precisava ser feito em particular.

Porém, mais tarde, em seu quarto lá em cima, quando Claire se aconchegou com ele, conversar não parecia ser tão importante. Ela continuava pensando que deveria dizer, mas depois de horas de lentos e deliciosos beijos envolta em seus braços, ela ainda não havia conseguido nem sequer começar a conversa. Finalmente, ela dormiu. Quando ela acordou, ele a estava levando para a sua cama e colocando-a lá.

— Shane? — ela murmurou. Ele estava inclinado sobre ela, tão perto, que o seu cabelo longo e espesso roçava em sua face.

— Ainda eu — ele murmurou de volta. — Estava esperando outra pessoa? Ela sorriu. — Somente você.

— Boa garota. — Ele lhe deu um lento e úmido beijo, um que fazia aquecer até os dedos dos pés dela.

— Shane, eu estava pensando...

— Sobre?

— Sobre... — ela não queria fazer isso — realmente não queria. Não quando havia sido tão bom. Tão perfeito. Mas ainda assim ela tentou. — Sobre deixar Morganville.

Para sua surpresa, ele não se afastou para trás ou fez cara de surpresa. Ele voltou a beijá-la, rapidamente e disse: — Faremos isso, eu prometo.

— Eu só... Você sabe que eu quero ir para o ITM, não sabe?

— Sim, eu sei. E irá.

Uau. Apenas assim... ainda que ela não tivesse conseguido chegar na parte da conversa de que era em janeiro. Mas parecia bom. Positivo. Eles





estavam na mesma página, afinal. Um último beijo sonolento e molhado, e ela mergulhou no melhor sono que já teve em quase uma semana.

Ele já tinha ido embora quando ela acordou, mas havia um bilhete... Ele havia adotado um turno extra pela manhã cedo na churrascaria. Até havia assinado a nota com TA, que ela sabia que era a abreviatura de Shane para Te Amo.

Isso a fazia se sentir melhor. Muito melhor.

Claire estava descendo as escadas, sussurrando e pensando na maravilha que era voltar a ter as coisas de volta ao normal, e como diria a Shane sobre a coisa de janeiro esta noite, quando Myrnin enviou uma mensagem através do portal – bem, está mais para uma pedra com um bilhete anexado, que caiu no chão e deu um susto em Eve, que gritou antes do portal se fechar. Ressentida, Eve deu um pontapé na pedra com as suas botas pretas e grossas e a olhou, e depois olhou para a parede. Claire, que estava descendo a escada, lhe deu uma olhada de “o que diabo foi isso?”

– O seu chefe – Eve disse, se agachando para pegar a pedra. – Ele tem que aprender a passar uma mensagem de texto. É sério. Quem faz isso? Ele realmente veio da Idade da Pedra? E você precisa encontrar uma forma de pôr algo aqui para que possamos bloqueá-lo. E se essa coisa abrir quando eu estiver pelada?

– Por que você estaria pelada aqui em baixo?

– Bom... – Eve não tinha uma resposta. Ela entregou a pedra. – Ok, péssimo exemplo. Mas eu não gosto do fato dele poder entrar em qualquer maldito momento que quiser. Ou nos jogar pedras.

– Eu também não gosto – Claire admitiu, enquanto desatava a corda e tirava o papel da pedra. Ela demorou um segundo para analisar a pedra. Ninguém nunca sabe o que podia se passar pela cabeça de Myrnin, mas ela se parecia realmente com o que era: granito liso. Assim, a mensagem era o papel, como uma pessoa normal teria pensado em fazer... não que uma pessoa normal teria jogado uma pedra na casa deles em primeiro lugar.

O bilhete dizia: *Mantenha-se longe do laboratório até um novo aviso. Estou fumigando. Poderia te matar. Também parece que o nosso velho amigo pode ter deixado a cidade. Oliver está enviando agentes atrás dele, mas a crise pode ter acabado. Por agora.*

– Fumigando? – Eve disse, lendo por cima do seu ombro. – O que isso significa? E quem é esse Nosso Velho Amigo?





Era Bishop, é claro, mas Claire não podia falar nada disso para Eve. — Não tenho ideia. Provavelmente ele acha que está falando com outra pessoa. Ah! E *fumigar* significa que ele está colocando gás no lugar. Acredito que ele acha que há problemas com uma espécie de besouros.

— Ele geralmente deixava Bob ir atrás deles.

— Talvez Bob esteja cheio. Espero que ele tenha lembrado de tirar ele antes, talvez seja melhor eu lembrar a ele. — Claire pegou o celular e enviou uma mensagem para Myrnin, que imediatamente enviou uma mensagem de volta. *É claro que eu tirei a aranha. E não sou um idiota.*

Não, ele era um cara muito inteligente que respondia as mensagens, mas lançava pedras com mensagens amarradas nela.

Claire se deu por vencida.

— Eu recebi uma mensagem de Miranda — Eve disse. — Ela não tem o seu e-mail. Vocês garotas tem algo marcado para hoje?

— Oh, Sim, vou levá-la às compras.

— Compras. Miranda. É sério? — Eve parecia confusa, então logo um pouco fascinada. — Uau. Uma daltônica guiando uma cega.

— Ei!

— Desculpe, querida, mas o seu incrível senso de moda não é novidade para ninguém. E Miranda não vai às compras. Ela está mais para uma vítima da moda catadora de lixo.

— Ela fará comigo — Claire disse. Ela estava um pouco ofendida, porque ser insultada sobre moda por uma garota usando meias vermelha-e-preta de Halloween e um colar falso de uma cabeça-encolhida era demais. — Ela disse onde eu deveria encontrá-la?

— Ela disse que estaria lá fora às dez.

Claire olhou o seu relógio. Já era dez e dez. — Então estou indo. Você vai sair?

— Uma de nós tem trabalho.

— Uma de nós tem um chefe cientista louco que lhe dão o dia livre por causa da fumigação.

— Ok, você ganhou — Eve deu um rosnado e pegou as suas coisas enquanto Claire recolhia as dela. — É uma pena que eu não possa ir com vocês duas e dar a vocês uma mudança de imagem descente. Por que você nunca usa a peruca cor de rosa? Era fodona.

Ela não estava errada. A peruca rosa que Eve praticamente lhe havia obrigado a comprar em Dallas, era, de verdade, fodona, mas longe de Eve ela





sempre se sentia miseravelmente autoconsciente de que a usava. As pessoas a olhavam. Claire estava muito mais acostumada a ser invisível.

E agora, com tudo o que ela estava passando, ser invisível soava bom.

Miranda se encontrava fora da cerca, usando um look fora da moda — uma saia xadrez colegial que passava dos seus joelhos e uma blusa amassada em uma cor que poderia ser verde musgo em uma luz melhor, mas não combinava com a saia ou com a cor dela. Seu rosto preocupado se iluminou quando viu Eve e Claire. Eve a cumprimentou e se meteu no grande carro fúnebre preto, e Miranda devolveu o cumprimento, tão entusiasmada como uma criança em seu primeiro desfile. Ela suspirou, olhando o carro virar a esquina. — Ela é tão legal.

— É sim. — Claire concordou. — Mas você também é. Vamos. Vamos fazer compras.

Para procurar roupa em Morganville só haviam duas opções: as lojas de revenda, que haviam três, ou o grande armazém sem marca que em sua maioria tinha artigos de liquidação dos melhores lugares. Depois de considerar o gosto de Miranda, Claire a conduziu pelas lojas de revenda. Os estudantes universitários muitas vezes descartavam suas roupas aqui na loja ao lado do campus. Ninguém era mais consciente de moda do que as garotas da UPT. Não era como se a maioria delas estivesse no campus pela educação.

Para ser justa, isso também se aplicava aos meninos.

Miranda seguiu suficientemente feliz ao longo da primeira loja de segunda mão, mas havia uma chama ao seu redor, algo que a fazia parecer muito mais saudável e mais feliz do que Claire podia se lembrar. Só um pouco de atenção e a garota resplandecia. Isso fez com que Claire se sentisse culpada e triste; ela não havia saído da sua zona de conforto para fazer amizade com Miranda, e ela sabia que ninguém mais o faria, tampouco. Sem dúvida a menina podia ser estranha e perturbadora, mas ela era como qualquer pessoa.

Tinha que ser *vista*.

— Aqui — Claire disse e deixou a porta aberta da loja para ela. Uma alegre campanha de boas-vindas soou acima de suas cabeças, e Miranda olhou ao seu redor tão entusiasmada como se ela nunca tivesse escutado uma antes. Isso era impossível, não era? Que ela não soubesse como soava uma campanha de loja?

Talvez não.





A mulher na parte de trás, que dormia atrás do caixa, nos olhou e sorriu sonolenta. — Garotas, vocês podem olhar tudo — ela disse. — Só me avisem quando estiverem prontas para experimentar as roupas.

— Está bem — Miranda disse, e se deteve na primeira estante de roupas. — Oh, Uau. Tem um monte.

— Sim, querida. Essas são do seu tamanho. Aqui. Olhe essas. — Claire se sentiu como se estivesse inesperadamente canalizando Eve enquanto tirava as coisas e as colocava contra o corpo delgado de Miranda, descartando algumas, mantendo outra. As cores fortes não combinavam muito bem com ela, porém os tons de terra combinavam. Em pouco tempo, Miranda estava tirando coisas por si mesma e segurando-as, olhando no espelho como se ela tivesse vendo um futuro que, finalmente, não a assustasse.

— Eu posso experimentá-las? — ela perguntou. Claire acenou para a proprietária da loja, que abriu os provadores. Claire passou as coisas por cima para Miranda, e se apoiou contra a porta.

— Você não vai experimentar nada? — a mulher perguntou, levantando as suas sobrancelhas. Claire sentiu o olhar dela passar por sua roupa como se ele fosse um laser quente e vermelho. Ela tinha sido analisada e julgada como necessitada.

— Bom, talvez uma blusa — ela disse. — Talvez.

— Eu tenho justamente o que você precisa.

Ela tinha. Claire terminou desfilando em frente do espelho triplo, com o rosto franzido ao se ver no reflexo. Com as calças de cor caqui que havia posto hoje, a parte superior do conjunto cor de rosa e branco parecia extremamente apropriado — e um pouco sexy. Ela havia percorrido um longo caminho nos últimos meses, mas ela não estava certa de que estava pronta para ser sexy em público. Isso somente não era *ela*.

O provador estava quieto demais. Claire bateu na porta. — Miranda? Ei, saia e dê uma olhada nisso. Diga-me se está exagerado.

Miranda virou a cabeça, seu rosto pálido como um fantasma. Seus olhos estavam escuros, com aquele olhar em branco que as pessoas tinham quando estavam muito estranhas.

Ela estava tendo uma de suas coisas. Uma visão.

— Tem sangue nisso — ela disse. — Você não deveria comprá-lo se tem sangue. — Claire olhou para baixo. A blusa estava perfeitamente limpa. — Mir...

Miranda de repente abriu a porta. Ela estava usando uma das blusas que estava provando, e Claire teve uma rápida impressão de que estava





inacreditavelmente boa nela, mas a garota estava concentrada totalmente em algo mais. Ela pegou todas as roupas e se dirigiu diretamente até o caixa, e disse: — Eu preciso deste, deste, e do que eu estou vestindo. — Ela colocou a pilha de compras para baixo e apontou para a outra blusa. — Ainda não consigo me imaginar usando isso.

Claire se deu conta de que ela dizia isso literalmente. Como se Miranda tivesse visto o futuro e não pudesse se ver com essa blusa. Estanho. A vendedoura não parecia entender nada, no entanto — por que deveria? — e lhe deu o preço. Miranda pagou, Claire apenas teve tempo de tirar 5 dólares para pagar a sua blusa rosa e branco que tinha posto antes que Miranda a pegasse pelo braço e dissesse: — Temos que ir. Apresse-se.

— Mas...

— Agora!

Miranda saiu, caminhou pela calçada, e girou rapidamente para a esquerda, até um beco entre os edifícios. — Esconda-se aqui! — ela disse, e apontou. — Bem ali. Não saia, Claire. Não saia por nada. Entendeu? Está bem? Tudo vai ficar bem, mas não se você sair.

— Miranda, o que diabos... — O rosto de Miranda estava da cor de giz agora, mas muito determinado. Ela olhou para baixo e disse com uma voz triste. — É realmente linda, não é? Esta blusa?

— Sim, é perfeita. Mas o que está...

— Shhh. — Miranda girou até o beco e apontou novamente para as sombras atrás de algumas latas de lixo. — Não saia!

— Espera. O que acontece se eu sair?

— Eu morro. — Miranda disse simplesmente. — Esconda-se.

Claire não gostou disso, mas havia algo completamente certo sobre o que Miranda havia dito, e apesar de Claire não acreditar em predições psíquicas e todo esse tipo de coisas, ela não podia negar que havia algo em Miranda. Algo estranho e poderoso, às vezes.

Então ela se apertou dentro da escuridão.

Por alguns longos segundos, nada aconteceu, e então ela ouviu passos. Um barulho de saltos altos confiantes que ecoou pelos tijolos, em seguida, diminuiu a velocidade e parou.

— Eu vi você entrar aqui — a voz de Gina disse. — Esquisita. Escondendo-se em becos escuros agora? Por quê? Você vive na lata de lixo? Não que eu esteja surpresa.





Miranda não respondeu. Claire quase saiu, porque Gina estava sozinha, e de qualquer maneira, de jeito algum ela ia deixar Miranda encará-la sozinha, não importa o que Mir tenha dito sobre isso.

Como se a garota soubesse o que ela estava pensando, sua mão se moveu para trás das suas costas e fez um sinal de *fique aí*.

E Claire ficou. Não a agradava, mas ela ficou.

— Você vai me bater — Miranda disse. — Vai quebrar o meu nariz.

— Tem razão — Gina disse. Ela soava perigosa e feliz, como se estivesse desfrutando de tudo isso. — Você tem sorte de que seja só isso o que eu quero fazer. Se você se mover, se lutar, vai ser pior. Entendeu?

— Sim — Miranda disse. — Eu entendo. Se eu não deixar você me bater, você vai me matar. — Claire realmente sentiu um calafrio percorrê-la, como uma onda, porque, não havia *nenhuma dúvida* na voz de Miranda sobre isso. Não era medo. Era só... a realidade, como se ela já soubesse que isso ia acontecer.

— Você parece mais esperta do que aparenta ser, louca. Então, sim. Deixe-me quebrar o seu nariz e eu a deixarei ir embora. Se você lutar, aí ficará pior, e a faca sai. Estamos claras?

— Sim. — Claire se moveu outra vez, porque ela sabia com uma certeza medonha do que iria acontecer e que ela *tinha* que fazer algo, mas novamente Miranda fez o sinal de *fique quieta*.

— Está tudo bem — Miranda disse com uma voz vazia, estranha e remota. — Não vai doer tanto.

— Mentira — Gina disse, e deve tê-la batido, porque Claire escutou o barulho do golpe e um pequeno grito de Miranda, e logo o som de um corpo caído. Gina riu. Claire se empurrou para longe da parede, mas já era tarde demais. Gina já estava indo e tagarelando enquanto caminhava. Se ela não estivesse usando saltos, ela teria ido pulando.

Miranda já estava se levantando, segurando o seu nariz quebrado e sangrando com uma mão. Claire, furiosa e assustada, e tremendo com uma repentina corrente de adrenalina frustrada, começou a ir atrás de Gina, mas Mir a agarrou e negou com a cabeça furiosamente — e enquanto ela fazia isso, um pouco de sangue saindo do seu nariz pingou na nova blusa branca e rosada de Claire. Claire não se importou. Ela se agachou para junto da garota, ajudando-a a se levantar e segurando-a fortemente.

— Essa *vadia*! — Claire disse. — Fique aqui. Eu irei...





— Não! — Miranda disse. Sua voz estava fina e fraca, mas os seus olhos estavam dilatados e ferozes. — É melhor. É apenas o meu nariz. Ela nos mataria.

— Então vamos chamar a polícia. Eu *não* vou deixar que ela saia assim...

— Oh, não se preocupe. Ela não vai. — Miranda disse. E por baixo do sangue, Claire estava quase certa de que viu um sorriso. — Ela vai entrar em seu carro e vai dirigir realmente rápido, e em dois minutos o sinal vai ficar vermelho. E logo ela vai se chocar com um enorme caminhão. O meu nariz vai se recuperar. *Ela* irá ao hospital, e ficará lá por um tempo.

Claire ficou observando esta garotinha frágil com um rosto ensanguentado e sorriso assustador. Finalmente, ela disse lentamente: — Mir, você planejou que isso acontecesse?

— Não — Miranda disse. — Mas às vezes isso acontece por uma boa razão. Ainda que tivesse sido bom que você me ajudasse. Ela teria me apunhalado, justamente aqui, e depois você, e ela também teria morrido, porém mais tarde e pior. Amelie não teria gostado.

Era fascinante e assustador, mas Claire acreditava. Em cada palavra estranha e assustadora. Ela afastou essa sensação, e com dificuldade levou Miranda de novo para a loja de roupas, onde a vendedora a limpou, cobriu o seu nariz com um lenço e inclusive ajudou Claire a tirar o sangue de sua blusa.

Enquanto tirava o sangue, Claire escutou um som distante de uma buzina de um carro, logo uma batida e silêncio. Ela olhou para Miranda, que inclinou a sua cabeça para trás para deter o sangramento, e Miranda a olhou de volta e encolheu os ombros.

— O carma. — ela disse. — É uma droga.



Miranda estava malditamente certa sobre Gina, não que Claire tivesse alguma dúvida; o acidente foi o tema das conversas por dias, e as opiniões da maioria era “eba, finalmente”. Gina havia ganhado o que merecia, não que Claire gostasse disso. Ela ficaria semanas no hospital e meses na reabilitação por causa das pernas quebradas.

Miranda apareceu na manhã seguinte para tomar café, e na próxima, como se tivesse sido combinado. Ela provavelmente via isso como inevitável, o que era, quando ela começou a aparecer. Uma profecia autorrealizável. Eve achava estranho, mas ela aceitou da mesma forma que aceitava as coisas. Não





que ela não gostasse de Miranda; ela simplesmente não sabia o que pensar dela, Claire pensou. E ela estava fascinada pelas habilidades psíquicas de Miranda.

Assim como estava tão assombrada e fascinada pelas manchas roxas no rosto de Miranda e ao redor de seus olhos. Dois olhos escuros e um nariz inchado, que havia sido consertado no hospital. — Você está terrível! — Eve disse na segunda manhã. — Que cor é essa? Verde planta? Você parece com um efeito especial, Mir. — Ela deu uma xícara de café a Miranda e lhe entregou leite e açúcar.

— Está tudo bem — Miranda disse. Sua voz soava um pouco abafada e congestionada, mas ela estava sorrindo. — É somente uma marca roxa. Não é nada.

— Parece doer. — Eve franziu o cenho sobre a sua própria xícara de café. — É sério, se Gina já não estivesse toda quebrada, eu estaria atrás dela. Estou falando sério.

— Eu sei — Miranda disse. — Obrigada. Mas eu estou bem. De verdade!

Michael entrou pela porta vai-e-vem e sorriu para Eve, e seu sorriso se tornou rígido e estranho quando ele viu Miranda sentada ali. Ela não o olhou. — Ei, Mir — ele disse, e soava casual, mas Claire tinha visto o primeiro olhar quando ele estava com a guarda baixa. Michael tirou a sua garrafa esportiva do refrigerador e a aqueceu no micro-ondas, então foi embora.

Claire se levantou e o seguiu até a sala de estar. — Ei! — ela disse. — Espera. O que foi aquela olhada?

— Que olhada? — Michael perguntou, tentando soar inocente. Ele tomou a bebida da garrafa esportiva, e uma leve luz vermelha brilhou como faíscas em seus olhos azuis. — Só estou me perguntando o que ela está fazendo aqui.

— Tomando café.

— Sim, eu pude ver isso. Por quê?

— Oh, qual é, Michael...

— Eu não quero soar como um idiota, mas Miranda é um problema — ele interrompeu. — Olha, eu sinto muito pela garota, de verdade, mas você tem que entender, ela não... não é seguro que ela esteja por aqui. Coisas acontecem. Sempre acontecem.

— Ela é uma criança. E ninguém parece se importar!

— Não é isso. É só que... — Michael desistiu, suspirou e negou com a cabeça. — Não é confiável trazer todo mundo para cá, Claire. Acredite em mim sobre isso.





Miranda ainda estava no mesmo lugar quando Claire retornou, ainda bebendo o seu café com os mesmos movimentos lentos e sonolentos. Sem olhar para cima, ela disse: — Ele tem razão, sabia?

— O quê?

— Michael te disse que não é seguro estar perto de mim. Bom, ele tem razão, na maior parte. Coisas acontecem. Coisas ruins, na maioria das vezes.

No outro lado da mesa, Eve levantou a sua cabeça do que estava lendo, que parecia ser uma revista de fofocas de celebridades. Ela não disse nada, mas havia algo estranho sobre a forma que ela olhou para Miranda. Más lembranças.

Miranda tomou um trago de seu café. — Eu só vim hoje porque eu precisava lhe dizer algo — ela disse — Todos acreditam que quem eles estão procurando deixou a cidade, mas ele não deixou. Ele ainda está aqui. Ele tem um plano; ele tem há meses. E a garota bonita, ela está trabalhando para ele. Ela está encarregada do recrutamento.

As sobrancelhas de Eve se levantaram lentamente. — Ei, Claire. Do que ela está falando?

— Não sei. — Claire disse, mesmo que ela soubesse. Ela deslizou a cadeira para perto da de Miranda. — A garota bonita. Você se refere a Gloriana?

Eve ficou tensa quando escutou o nome e revirou os seus olhos. — Oh, Deus, não me diga que essa vadia está tramando algo depois de tudo. *Eu sabia*.

Miranda não parecia estar escutando Eve; na verdade, Claire não tinha certeza se ela estava escutando algo que não fosse a sua cabeça. — Não é totalmente a culpa dele, você sabe, mas você tem que ser mais cuidadosa agora. Ele já não está sob controle. Toda essa fúria... — ela balançou sua cabeça. — Eles estão deixando ele dessa forma. Eles querem deixar todos vocês assim.

Era impossível seguir o que ela estava dizendo... ela ainda estava se referindo a Bishop? Oh, Deus! Ela estava falando de *Shane*? — Mir — Claire disse. — Mir, você está falando de Shane? — Porque Shane tinha muita raiva. Ela sempre havia visto isso. Ele a mantinha abaixo da superfície a maioria das vezes. Mas estava ali.

Miranda, com o seu olhar distante e vago, bebeu de novo o seu café e disse: — Oh, eu vejo. Eles querem dinheiro primeiro — dinheiro e soldados, depois o resto. Ele não cometerá os mesmos erros desta vez. Diga a Amelie. Diga que...

Ela parou de falar, e os seus olhos inchados e azulados de repente se dilataram.





— Mir? — Eve deve ter sentido o mesmo que Claire, um surgimento poderoso de terror, porque ambas se puderam de pé. — Mir, você está bem?

— Oh! — Miranda disse. Havia lágrimas em seus olhos agora, e desceram por suas bochechas machucadas. — Oh, isso é ruim. Você tem que detê-lo. Tem que detê-lo.

— Deter quem?

— Está escondido na escuridão. Está matando. Está matando toda hora — Miranda disse. E seus olhos ficaram em branco e quase mortos, justamente ali na mesa.

Bishop. Claire pensou, paralisada, enquanto Eve gritava, corria até Miranda e procurava por pulsação. Claire parecia não poder se mover. Ela parecia fria e doente.

— Me ajude — Eve gritou, Claire piscou e correu até ela. Ajudar queria dizer mover Miranda até a sala, onde elas levantaram os seus pés e a cobriram com um cobertor até que as pálpebras de Miranda se abriram e ela despertou.

— Oh! — ela disse. — Eu caí?

— Está mais para desmaio — Eve disse. — Como você se sente?

— Tonta — Miranda disse. Sua voz soava fraca e um pouco febril. — Café demais. — Ela respirou umas quatro vezes e sorriu. — Eu não comi o suficiente.

Sim, isso era mais do que óbvio. Miranda estava tão magra, Claire podia ver os seus ossos. Essa menina precisava de sanduíches. — Vou preparar algo para você — ela disse.

— Não, eu tenho que ir embora.

— Mas, Mir...

— Eu tenho que ir — ela disse, tirou o cobertor e se sentou, aparentemente branca e doente, mas muito, muito determinada. — Eu não posso responder as perguntas de vocês. É muito perigoso.

— Para você? — Eve perguntou.

Miranda negou com a cabeça. — Para vocês! — ela disse. — Vocês já estão em muitos problemas.

No final, elas não puderam impedir que ela fosse embora; tudo o que Claire pôde fazer foi atrasá-la e aprontar um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia e colocar dois pacotes de biscoitos de Eve. Miranda segurou a bolsa com comida e sorriu enquanto caminhava, movendo-se lentamente, mas com cuidado até a porta com elas. Eve a pegou pelo cotovelo, mas ela parecia suficientemente equilibrada.





— Eu não posso ficar — Miranda disse, e se voltou para encontrar com os olhos de Claire, depois com os de Eve. — Michael tinha razão. Eu sou um problema para vocês. Eu sou um problema para qualquer um, e é melhor se eu ficar por conta própria. Eu ficarei bem agora.

— Tem certeza?

Miranda assentiu. Ela parou na varanda, parecendo com uma garotinha triste que ia para a escola, e disse: — Ele não parará dessa vez. Claire, você tem que entender, isso não é como na vez anterior. Isso é uma guerra. Amelie vai causar uma guerra.

Amelie tinha causado uma guerra da outra vez, Claire pensou, mas havia algo sincero na preocupação de Miranda, algo que a fez se sentir ansiosa e sem fôlego.

Shane... Shane estava no meio de tudo isso. — Mir, há algo que você possa me dizer...?

— Não. Nada que não faça com que eles te matem. — Miranda levantou a bolsa de comida. — Obrigada pelos sanduíches. E os biscoitos. Vou desfrutar muito desses biscoitos.

Depois ela caminhou até o frio cinza do dia, e ambas a olharam até que a perderam de vista.

— Acabamos de fazer uma coisa ruim? — Eve perguntou. — Digo, é só uma menina. Deveríamos tê-la obrigado a ficar.

— Eu não acho que conseguiríamos — Claire disse. — E provavelmente ela tem razão. É mais seguro para todos que ela se vá.

Ainda assim, ela não conseguia esquecer disso... sobre Miranda, sozinha com tudo isso acontecendo em sua cabeça. Mesmo quando Claire se sentia sozinha às vezes, ela não estava tão próxima da solidão.

Eu gostaria de saber como ajudá-la.

Mas na verdade, tinha vezes em que não se podia fazer nada.

SHANE

Uma vez que eu comecei a lutar, foi tudo o que eu consegui pensar nos dias seguintes. Não havia nada como isso, especialmente quando Gloriana estava com Vassily, observando... Eu me sentia invencível. Até mesmo a dor era só uma forma de





provação; cada vez que Jester me atingia, eu sentia como uma palmadinha nas costas e um convite para lutar com mais força.

Então eu lutava com mais força.

Sim, eu me perguntava sobre as bebidas esportivas que Gloriana mantinha no refrigerador. Todos nós bebíamos, e elas faziam ser mais fácil acompanhar os vampiros. Uma parte de mim se perguntava o que havia ali, mas era uma parte pequena, e era tomada pela parte que estava excitado pela liberdade. Isso era liberdade – liberdade de ser todas as coisas que ele estive oprimindo. Liberdade de odiar. Liberdade de bater. Sem regras, sem consciência. Eu estava lutando contra elas agora.

Porque era assim que eu conseguiria vencê-las. Lutando como um animal, sem medo.

– Você é rápido. – Jester disse no último dia do treino agendado. – Você está ficando cada vez mais rápido. – Ele sorriu, e ver as suas presas fez o meu pulso acelerar – não por medo, e sim com agressão. Porque eu queria arrancar essas presas e tirar esse sorriso do seu rosto. – Você deveria deixar eu te morder – ele disse. – Você seria um bom vampiro.

– Cale a boca e lute!

– O que foi? Você tem medo de morder a sua namoradinha magra? – Jester riu. – Ela já é de outra pessoa, você sabe. Eu consigo cheirar a mordida nela. Ela está marcada.

Myrnin.

– Cale a boca. – eu disse, e o bati na cara. Ele não esperava isso, e caiu, mas os vampiros nunca eram assim tão fáceis. Ele parou, grunhindo agora, e retrocedeu, pegando equilíbrio. Ele viria atrás de mim. Jester sempre vinha atrás de mim.

Quando ele o fez, eu o peguei rapidamente, esquivando do seu golpe, golpeando o meu ombro com o seu peitoral e o levantando do chão. Sem provocação, ele não era melhor do que um humano regular, mas eu tinha que ser cuidadoso com as suas mãos; elas podiam destroçar um osso, e os seus dedos que eram tão afiados quanto as suas presas. Eu o atirei para baixo com a sua cabeça embaixo de mim e torci os seus braços atrás de suas costas. Deve ter doído, porque pela primeira vez, eu ouvi um gemido de dor.

De um vampiro.

Isso fez eu me sentir incrível.

Alguém aplaudiu. Era Gloriana, me olhando, inclinando-se nas cordas com uma elegância charmosa. – Isso foi incrível – ela disse. – Pobre Jester. Eu acredito que ele já foi superado, Shane. Você deveria deixá-lo se levantar. Eu acredito que ele já aprendeu a lição. Você não acha?





Eu retorci os seus braços mais fortemente e senti algo quebrar. Desta vez, Jester gritou.

– Já chega – Vassily disse, e se agachou nas cordas. Ele me pegou pelo ombro e me levou para trás. – Eu preciso mais dele do que de você, garoto.

Eu o soltei, porque você não lutava contra Vassily. Simplesmente não o fazia. Essa era a regra, uma das muitas regras. Glory e Vassily estavam fora dos limites.

Fora isso, no entanto... era somente liberdade. Lutar até que eles digam pare.

– Ah! – Vassily disse. – Ele está assistindo. – Ele não soava muito feliz com isso. Eu levantei o meu olhar e pensei ter visto uma sombra nas escadas detrás do vidro grosso. Um rosto magro e esticado, velho e pálido, que quase parecia familiar, mas ele tinha desaparecido em um instante. Vassily suspirou. – Você viu isso, Shane?

Eu assenti.

– Eu receio que sim. Glory, por gentileza?

Tudo ficou borrado, todas as pontas de lembranças que vieram à tona. Se foram. O que quer que eu tivesse que me lembrar... Bom, eu não lembraria.

Eu olhei para a janela refletindo, mas eu não conseguia ver nada. Provavelmente foi apenas um reflexo. Eu tinha visto um reflexo.

– Aqui está público demais – Glory disse a Vassily. – Precisamos mudar as operações mais rápido do que planejamos, por agora, ao menos.

– Sim – ele disse. – E será melhor que tenhamos uma terceira opção desta vez, por precaução. Eu não quero que ninguém se intrometa na nossa festa. Você está com a lista de pessoas que podemos confiar para preencher os assentos?

– No momento em que acabarmos nessa cidade, você pode confiar em quase todo mundo – ela sorriu. – Mas sim. Fontes confiáveis. Estamos muito perto.

– Bom – Vassily disse, e pôs as mãos em meu ombro. – Vá tomar banho, Shane. Você está pronto.



Foi na quinta-feira quando as coisas começaram a desmoronar. Para começar, Shane estava atrasado, muito atrasado. Quando finalmente chegou em casa, chegou com comida – churrasco de novo, mas com todos os vegetais e o restante. O que deixou ele popular, é claro.

Mas enquanto ela colocava a mesa, Claire o olhou pairando pela sala de estar. Ele estava caminhando de um lado para o outro, e Shane geralmente não fazia isso – ele era mais propenso a se atirar sobre o sofá e aparentar estar dormindo, mesmo que ele não estivesse. Esta noite, no entanto, ele estava





andando como se estivesse acelerado e distraído, e quando ela o tocou no ombro, ele deu a volta tão rápido que ela saltou para trás. Era fácil se esquecer do quanto Shane era grande e agora forte, até que o visse em ação. Geralmente ele era muito cavalheiro com ela.

— O que foi? — ele disse, e depois alguma coisa sombria se afastou da sua expressão. — Oh, sinto muito, Claire. Eu não quis falar assim.

— Sim, eu sei. O que está acontecendo com você?

Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Falta de sono, eu acho. Eu estou assim o dia todo. Eu acho que logo depois do jantar eu vou à academia para queimar alguma energia. — Esse *não* soava como Shane. Geralmente ele era de se estirar e ficar preguiçoso no sofá, talvez gastar energia no videogame. Ele não era do tipo nervoso.

— Está bem — ela disse cética. — Talvez a gente possa jogar primeiro? Eu quase não te vejo jogar mais. Nós podemos passar um tempo juntos.

— Sim, bem, você é a única que corre até o Grande Mago das Calças Loucas toda vez que ele corta um dedo. Não me culpe por nunca me ver. Eu também tenho uma vida. É uma porcaria, mais eu tenho uma. — As palavras de Shane eram severas, e o seu tom — era quase malvado. Claire sentiu como se tivesse levado um tapa, e se assustou — porque ela não sabia que ele se sentia assim. Ele tinha estado com raiva de Myrnin, mas ela tinha pensado... bem, ela havia pensado que ele já tinha superado, que era seguro falar com ele de novo.

Claramente ele não havia esquecido. Ela decidiu não dizer nada, o qual era provavelmente errado, mas ela não confiava em sua voz. Ela não queria que ele soubesse o quanto a tinha magoado.

Passou-se outro segundo de silêncio, e ele desviou o seu olhar. — Desculpe. Um jogo parece bom. Só não estou de bom humor, eu acho. Talvez uma matança de seres sobrenaturais seja o que eu preciso. — Não *zumbis*. *Criaturas sobrenaturais*. Isso talvez não seja nada, mas os instintos de Claire lhe disseram que era um mau sinal.

Michael estava tirando a comida. Claire sabia que ele estava escutando, mas ele não disse nada, só lhe deu uma olhada. Só com isso, ela percebeu que ele estava preocupado também. Algo estava errado. Definitivamente errado.

— Ei, mano, será melhor que você jogue comigo primeiro — Michael disse. — Faz uma semana desde que eu não bato no seu traseiro. Está na hora de colocar em dia.





Shane mostrou os seus dentes. Não era um sorriso. — Você quer jogar? Nós vamos jogar. Veremos quem fica ensanguentado desta vez. — Esse era Shane, mas *não era*. Todo o subtexto estava estranho — a linguagem corporal, o tom, tudo exceto as palavras.

Michael também sabia. Ele cravou o seu olhar com o de Shane, franziu o cenho, e disse. — Talvez você deva deixar a cafeína.

— Talvez você não deva se meter no que não te interessa. — Ele disse mais alguma coisa baixinho. Talvez *chupa-sangue*.

— Ei — Claire disse, e pôs a sua mão no braço dele. — Todos somos amigos aqui.

Ele se encolheu e tirou a mão dela. — Somos? — Shane perguntou. — Tem certeza disso?

— Ei! — Eve tinha entrado, e agora ela tinha deixado os pratos na mesa. Ela estava furiosa. Michael, por outro lado, estava calado, olhando para Shane com uma estranheza que fez os pelos de Claire eriçarem. — Ei, Van Helsing Junior, volte. Quantas vezes teremos que fazer isso? Que mosquito te picou outra vez? Michael é um de nós, você sabe.

— Ele é um deles — Shane disse. — Como o meu pai. Como Oliver e Amelie, e todos esses outros. Ele só finge ser um de nós. Agora ele parece como um de nós. É melhor você parar de beber o suco suicida, Eve, antes que você acorde sem um pulso, como ele.

— Do que você está falando? O que diabos aconteceu? Michael? Você disse alguma coisa? — Eve o olhou, mas Michael negou com a cabeça.

— Oh, qual é. Deixe de fingir — Shane disse, e deu um passo até Michael. Michael ficou rígido. — Eu posso sentir, cara. Eu posso sentir você me observar. Observar Claire. Diabos, até Eve também. Todos somos lanches para você agora. Você acha que eu não sei disso?

— É sério — Michael disse. — Você precisa olhar para si mesmo. Seja lá o que você está pensando, você está errado. Eu nunca machucaria Claire e Eve. Nunca.

— Nunca? — Shane riu com força. Seus olhos tinham um brilho ardente. Ele se aproximou de Eve, e ela retrocedeu, mas era tarde demais. Ele pegou o braço dela e ela derrubou um punhado de facas e garfos na mesa. Ela estava usando uma gargantilha de veludo preta com um crânio e uma cruz de osso desenhados nela. Ele estendeu a mão e a arrancou do seu pescoço.





E em sua garganta estavam marcas quase curadas de mordidas. Eve pôs as mãos sobre elas, com os olhos arregalados, mas era tarde demais. Todos já haviam visto.

— Você quer me falar isso de novo? — Shane disse. Agora ele estava quase sussurrando com o rosto perto do de Eve, mas não era gentil. Era cruel. — Quer mentir de novo e dizer que nunca machucaria ninguém, Mikey?

— Shane, já chega! Você vai quebrar o meu braço...

Talvez ele a tivesse soltado — Claire não sabia — mas Shane não teve oportunidade. Michael o bateu, e arremessou Shane.

Shane atingiu a parede com um som pesado, derrubando uma mesa e mandando uma lâmpada ao chão, que quebrou com um som horroroso como se uma bomba tivesse estourado. Claire estava paralisada, ela não conseguia se mover — havia acontecido tão rápido — mas Shane rolou em suas costas e se pôs de pé em segundos. Michael estava parado entre ele e Eve agora, olhando para Shane como se nunca o tivesse visto antes. E Shane estava devolvendo o olhar, parecendo mais raivoso e perigoso do que nunca. Claire nunca o havia visto assim — o queixo para baixo, a cabeça para frente.

Michael disse. — Se afaste. Você não vai machucar Eve. Ou Claire. Não na minha casa. Você está bêbado? Porque eu tenho certeza de que você está canalizando o fantasma de Frank Collins.

Isso deveria ter atingido Shane; Claire recuou, e isso nem sequer foi dirigido a ela. Shane não reagiu como se tivesse escutado. Ele deu um passo até Michael, depois outro, e de repente foi para cima dele.

Mesmo rápido como ele era, Michael não conseguiu desviar. Shane o golpeou e o manteve contra o chão em menos de um minuto, preso sobre o seu peito com o seu punho fechado para um segundo golpe.

Claire correu até ele e o pegou pelo braço, tentando detê-lo, mas ele a afastou. Ela o atrasou só por um segundo ou dois, mas foi o suficiente para que Eve tirasse Michael, e olhasse para Shane com desafio e assombro.

— Não — ela gritou, ainda em seu rosto. — Não se atreva a começar isso, Shane!

— Estou tentando *ajudar* você, sua vadia louca. Você não pode confiar nele. Você não entende? Ele está te mordendo. Ele vai te machucar mais que...

— *Nós vamos nos casar!*

Shane paralisou nesse instante, o seu braço caiu. Seu punho se abriu e caiu ao seu lado. Ele ficou olhando por alguns segundos, e logo agitou a cabeça





tão violentamente, que seu cabelo revoltado e escuro bateu em seu rosto. — Vocês o quê?

— Nós vamos nos casar. E se eu quero que ele me morda, não é da sua maldita conta. E de toda forma, você não sabe o que aconteceu e porquê, só cale a boca, Shane. — Sua voz estava trêmula agora, mas estava tentando soar segura. — Não, esqueça. Peça perdão e nos felicite. Você nos deve isso.

— Não.

— Porque não? Por que você não aprova? Idiota! — Eve se jogou em cima dele, e Shane deixou que ela empurrasse ele para longe de Michael. Ele se sentou no chão, de repente assustado, olhando para as suas mãos abertas. Seus dedos estavam machucados — tinham estado machucados há algum tempo, e cortados e inchados. Claire achou no começo que era pela prática de artes marciais, mas agora ela achava... que eram lutas. Lutas de verdade.

Como esta.

Michael se sentou, colocando o seu braço ao redor de Eve. Ela tocou o rosto dele onde ele tinha sido golpeado e disse: — Está doendo? Você está bem?

— Está doendo — ele disse. — Shane está dando um inferno de um soco ultimamente. — Ele olhou nos olhos dela por alguns segundos. — Eu pensei que você não quisesse contar para ninguém ainda.

— Eu não queria — Eve disse. — Mas apenas... meio que saiu. Desculpe. Eu queria fazer uma grande festa ao anunciar, você sabia, mas... eu tinha que dizer algo para detê-lo.

— Ele não ia me machucar. Não muito.

— Talvez não, mas você ia ter que machucar ele se não o parássemos. E eu não queria isso.

Claire não sabia como se sentia a respeito disso. Claro, ela amava Michael e Eve, e ela sabia que eles iam ficar juntos, mas isto... isto parecia rápido, definitivo e estranho. Como se eles estivessem correndo por algum motivo.

Ela se sentiu ansiosa com isso, e não tinha ideia do porquê.

Michael se aproximou de Eve de novo e a beijou com autoridade. Eve suspirou e se ajeitou em seu peito, e ambos olharam para Shane e Claire, que estava ajoelhada perto dele. Ela queria perguntar a Shane se ele estava bem, mas isso soaria estúpido pelas circunstâncias. Era lógico que ele não estava bem. Isso não estava nada bem.

Nada disso está bem.





Ela estendeu a mão, e pôs os seus dedos debaixo do queixo dele, e levantou o seu rosto. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e ele parecia jovem e terrivelmente assustado.

Perdido.

— O que está acontecendo comigo? — ele perguntou — Deus, Claire. Por que eu fiz isso? Eu não faço isso. Eu não fico com raiva sem... sem motivo. Ao menos, não costumava ficar. — Ele engoliu a saliva — Você acredita...? Que é...? Talvez seja... Por causa do meu... meu pai. Ele nem sempre foi um idiota abusivo, sabe, ele simplesmente ficou assim. Ele tinha um humor... ele... ele... — Ele soluçou por ar, como se ele estivesse se afogando, e a angústia e dor em sua voz fez com que o seu interior doesse. Ela não pensou; ela apenas pôs seus braços em volta dele e o segurou, o amando ferozmente, temendo por ele, temendo por todos eles. — Eu não deveria estar fazendo isso. Isso está errado. Está tudo errado. Eu não quero ser igual a ele. Eu não quero. Por favor, me ajude.

— Você não é — ela sussurrou, seus lábios perto de sua orelha. — Eu juro que você não é.

— Então, porque eu fiz isso? Eu queria matá-lo, e era como se eu não pudesse me deter. — Ela não sabia tampouco. Ela o segurou e lhe falou docemente, quase com murmúrios inaudíveis, e seus braços ao redor dela eram fortes, mas trêmulos, e ela fingiu não sentir isso quando suas lágrimas molharam a blusa dela.

Michael e Eve foram embora durante isso. A comida estava fria na mesa quando Claire levantou a cabeça para checar. A pele de Shane parecia fria e úmida ao tato. — Você deveria comer — ela disse — Você se sentirá melhor se comer.

Ele sorriu dolorosamente. — Você acha que se eu comer eu vou deixar de ser um idiota?

— Você não é.

— Só porque eu não sou bom em nada. Inclusive nisso.

Deus, ele estava desmoronando, e ela não sabia o que dizer. Claire o levantou e o sentou à mesa. Ela levou a comida de volta para a cozinha para esquentá-la no microondas e encontrou Eve e Michael lá, metidos em uma discussão intensa e silenciosa entre eles. Eles pararam quando a viram.

— Deveríamos comer — ela disse e apertou os botões do microondas.

— Algo está acontecendo de ruim com ele — Eve disse — Você o viu. Você sabe.





— Vamos comer — Claire disse. — Todos estamos cansados e nervosos.

— Claire...

— *Por favor.* — Sua voz falhou quando ela disse isso, e teve que limpar seus olhos para evitar que as lágrimas caíssem. — Somente sentem-se e comam!

Mas quando ela levou a comida, o assento de Shane na mesa estava vazio. Ela olhou o quarto dele, mas ele não estava lá, tampouco.

Ele tinha ido embora.

E ela não sabia para onde.

SHANE

Eu fiquei sentado sozinho na mesa, olhando para a casa que havia significado tanto para mim. Meu lar. E já não parecia como o meu lar. Nada parecia certo — ao menos para mim. Eu já não me encaixava aqui. Eu era perigoso. Algo errado estava acontecendo comigo e eu não podia correr o risco de machucar Claire. Eu não podia deixar de pensar no rosto de Eve enquanto eu estava a ponto de batê-la, o olhar assustado, furioso e frio que ela havia me dado.

Agora eu tinha visto o rosto do meu pai no reflexo.

Eu odiava Michael agora, odiava ele, e eu não queria sentir isso. Ele era o meu melhor amigo, o meu camarada, o meu porto seguro, mas isso não me importava agora. Ele era um deles.

Doía muito.

Escutar Eve dizer que ia se casar com ele... me rasgou em pedaços. Eu o odiava, e não conseguia não odiá-lo. Eu a amava, e não conseguia não odiá-la, também, por ela ter tomado essa decisão. Nada disso tinha sentido. Eu odiava as pessoas que deveria amar. Não Claire — ela era pura, era perfeita. Eu não podia odiá-la.

Não até que eu pensei em Myrmin. Não até que eu lembrei o que Jester havia dito... Ela está marcada. Eu consigo sentir o cheiro da mordida nela. Não era culpa dela, mas eu odiava que Myrmin tivesse esse poder sobre ela. Isso eu não conseguia esquecer, não importava o quando eu tentasse.

Vassily havia me prometido dinheiro, e ele me entregaria. Também havia prometido a mim e a Claire uma saída.

E eu tinha que pegar rapidamente, porque não havia nada mais para salvar.

Claire estava na cozinha, falando com Michael e Eve, e uma sensação me inundou... paranoia, provavelmente. Eu simplesmente sabia que ela estava tentando





fazer as pazes, para que a gente pudesse sentar juntos e fingir, simplesmente fingir que a briga não foi suficiente.

E eu não podia fingir. Simplesmente não podia.

Eu me levantei e fui embora, fechando a porta silenciosamente atrás de mim.

Do lado de fora na escuridão, sem Proteção, não havia nenhum vampiro para quem eu pudesse estalar os dedos e se assegurar de que eu pudesse caminhar em segurança – não que funcionasse desse jeito, não importava o que prometessem. Eu havia recebido um e-mail hoje; eu estava devendo sangue de novo, e se eu não me apressasse em pagar os meus impostos logo, o Banco de Sangue me contataria. Eles eram gentis quando isso acontecia. Eles entravam, te agarravam, te arrastavam e metiam uma agulha na sua veia, você gostando ou não.

Às vezes eles esqueciam de tirar a agulha quando você enchia um saco. Ou dois. Ou três.

Às vezes as pessoas apenas não apareciam novamente.

De jeito algum eu ia fazer isso de novo. Eu não era parte disso. Eu iria embora e levaria Claire comigo.

Eu caminhei até a academia. Se os vampiros estivessem na escuridão, me perseguindo, eles lamentariam, e eles devem ter percebido isso, porque eu cheguei sem que ninguém me tocasse. Eu estava suando, mesmo com o vento frio; havia suor saindo da minha pele. Eu me sentia trêmulo. Vazio de novo. Não com fome, e sim sedento.

Quando eu entrei no ginásio e atravessei a porta privada, a primeira coisa que eu fiz foi abrir uma dessas garrafas esportivas da geladeira pública e empurrei a bebida de proteína garganta abaixo. Logo outra. E outra. Com a terceira eu estava me sentindo normal de novo. No controle. Concentrado.

Forte.

– Oi, cara – Greg disse, outro humano em treinamento. Ele era um lutador que possuía falsos músculos, mas era bom mesmo assim. Esteroides anabolizantes eram uma vantagem no ring. Eu bati na palma dele quando passei por ele, e logo me sentei no banco com os outros cinco esperando o seu turno no ring. Shieema era a única garota – rápida, mais forte do que parecia. Ela me deu um golpe em saudação, e depois os outros também fizeram o mesmo. Todos os loucos reunidos.

– Eu soube que Doug Fedorento teve o traseiro chutado hoje – Shiemaa disse, falando com Keith, outro lutador com braços tão grandes como a cabeça de Shiemaa.

– Alguém disse que foi porque ele falou. É verdade?

– Acho que sim. – Keith disse. – Pequeno bastardo louco. Não ia durar, não tinha entusiasmo de qualquer forma, mas resistia aos golpes. Dou-lhe esse benefício.





– Sim, você dá muito disso – Shiemaa disse. Ela e Keith bateram os punhos na minha frente. – Não é como se eu fosse sentir a falta dele, mas o que foi que ele disse?

– Não sei. Não me interessa.

– Doug – eu repeti. Uma parte do nevoeiro se dissipou, mesmo quando eu continuei apertando os meus punhos, queimando o excesso de energia. – O garoto da universidade? Que teve a garganta cortada?

– Sim, esse mesmo. Doug Fedorento. Porque, cara, ele tinha uns problemas sérios de higiene.

– Logo você falando isso – Shiemaa disse. Keith lhe deu um soco nas costas. Ela bloqueou sem nem se esforçar. – Por quê? Você o conhecia?

– Minha namorada encontrou o corpo – eu disse. – Ela o conhecia. Não sabia que ele estava metido nisso.

– Sim, ele foi um dos primeiros recrutados. – Shiemma disse – Provavelmente porque ele era louco, solitário e explosivo na metade do tempo. Nem sequer era de Morganville. Eu acho que eles cortam as perdas.

Engraçado, mas a ideia de que Vassily e Glory nos matariam para proteger o seu desastroso clube de lutas... isso não me surpreendia. Não me alarmava, tampouco. Doug Fedorento tinha causado isso.

Shiemaa me deu um golpe na cabeça, nem um pouco suave. – Você, garoto bonito, quer ir? – O ring estava vazio agora. Os vampiros estavam desaparecendo, dirigindo-se para fazer o que quer que eles faziam durante à meia noite.

– Não – eu disse. Sem vontade de bater em alguém agora, nem mesmo Shiemaa, que podia suportar os golpes. – Vou bater em alguns sacos.

– Como quiser – ela disse e deu uns tapinhas em Keith. – Vamos, garotão.

Eu saí para a área pública. Não importava a esta hora da noite, porque havia poucas pessoas que se atreveriam a ir e quando aos vampiros desapareciam – o que eles faziam durante a noite para ir para o banco de sangue ou fazer o que eles fazem – nós tínhamos o lugar para nós. Eu caminhei para a frente do saco.

E rapidamente, o resto veio a se juntar a mim.

Como um bando.

Eu bati no saco e me senti melhor, porque finalmente eu sabia o que eu estava fazendo.

Eu estava liderando o bando.

E isso fazia eu me sentir bem.





CAPÍTULO 10

Ele não estava respondendo às chamadas no celular, mas ela apostava que ele tinha ido para onde disse que iria — à academia.

No final, todos foram procurá-lo, pois Michael não queria deixar Claire ir sozinha, e Eve não queria deixar Michael ir sem ela. Eles pegaram o carro fúnebre grande e preto de Eve, o qual tinha um banco frontal grande o bastante para caber os três juntos. Claire acabou ficando no meio.

— Ei — ela disse enquanto Eve dirigia o carro-da-morte gigante pelas ruas escuras de Morganville. — Então... que história é essa de casar? Eu ouvi isso mesmo? Porque eu tenho certeza de que eu seria avisada sobre isso pela minha melhor amiga. — Ela deu uma cotovelada no lado de Eve para acompanhar a frase. Eve fez um som de choque que não era bem um gemido.

Claire estava tentando parecer despreocupada, pois ela estava se sentindo ansiosa agora, não só por Shane, mas com eles dois. Era difícil ser um casal vampiro/humana; já haviam muitos problemas só com isso. E tudo só iria piorar, e Eve — Eve era forte, mas ainda frágil.

Michael estava olhando para as casas passando pela janela, sem virar a cabeça. — Foi meio que um impulso — ele disse. — Eve queria esperar e fazer um grande anúncio e uma festa de casamento. Eu apenas não esperava que ela fosse soltar daquele jeito.

— Bem, eu tive que parar o avance do Exterminador Shane para que ele não quebrasse a sua cara — Eve disse. — Eu gosto do seu rosto. E funcionou, não foi?

— De volta ao assunto — Claire interrompeu. — Quando foi exatamente que isso aconteceu?

— Ele me pediu na festa. Sabe, a grande festa de Gloriana. — Esse tinha sido um daqueles raros bailes de boas-vindas de vampiros onde eles haviam sido praticamente as únicas pessoas com pulsação convidadas. Claire não se sentiu confortável. Ela e Shane tentaram escapar o mais rápido possível, apesar





de mais tarde ela ter se arrependido disso, porque ela ouviu sobre coisas estranhas que aconteceram, e o espetáculo de *Eve* dançando com *Oliver* deve ter sido, de acordo com as fofocas, bem imperdível. Porque *Oliver* aparentemente conseguia *dançar*.

Aquilo ainda parecia estranho.

Ela não soube o que aconteceu depois, porque *Eve* não disse. *Claire* presumiu que nada tinha acontecido senão ela teria um aviso prévio. Obviamente, ela estava muito, muito errada.

— Então, cadê o anel? — *Claire* perguntou. Ela olhou para a mão esquerda de *Eve*. Nada brilhava no terceiro dedo.

— Eu não queria usar até que contássemos às pessoas — *Eve* disse. — Eu acho que eu posso agora. Não é?

— Sim — *Michael* disse. Ele ia começar a falar outra coisa, mas ficou em silêncio.

Pareceu que ficou estranho, do nada. E os sentimentos perturbados de *Claire* ficaram ainda mais perturbados. Ela quis acreditar que aquilo era a coisa certa, mas por que *Michael* não estava mais entusiasmado com isso? Isso era uma coisa de homem? Ou... Deus, ele estaria tendo dúvidas?

Claire tentou preencher o silêncio. — Alguma data até agora, ou coisa do tipo? E... eu poderia ser a dama de honra? Eu nunca fui uma.

— Minhas damas de honra vão se vestir totalmente de preto — *Eve* disse. — Você está de acordo? Porque eu vou estar vestida de vermelho.

— Sim! — *Claire* lhe deu-lhe um abraço desajeitado de um braço só, e então fez a mesma coisa com *Michael*. — Isto é ótimo. É ótimo... Bem, isto é incrível. Não é?

— Sim — *Michael* disse. Ele estava sorrindo novamente, mas ela viu o reflexo dele no vidro; o que a preocupou, num nervosismo terrível, foi que aquele não era o tipo certo de sorriso. Era triste e corajoso, não alegre e orgulhoso. Como se ele estivesse fazendo o que ele pensava ser o certo a se fazer, mas lá no fundo ele não tivesse certeza disso.

Oh, não. Não.

Claire olhou para baixo, para o seu colo e disse: — Bem, me avisem, ok? quando vocês estiverem prontos. Porque eu estarei lá, vocês sabem. De qualquer jeito.





— Eu sei que você estará — Eve disse. Ela não estava só sorrindo; ela estava brilhando em felicidade. — Obrigada, docinho.

Ela virou o carro novamente e manobrou-o numa vaga de estacionamento. As lâmpadas de néon da academia estavam acesas, e uma placa brilhando perto da porta dizia ABERTO 24 HORAS.

Sentados no carro enquanto o motor era desligado. Michael e Eve trocaram olhares por sobre a cabeça de Claire. — Então, devemos fazer isso — Eve falou. — Não é?

— Sim — Michael disse. — Vamos todos juntos. Se ele começar alguma coisa, saiam do caminho, as duas. Deixe-o descarregar em mim. Eu não sou tão quebrável.

Talvez não, mas Shane conseguiu dar um soco nele, algo que tinha sido desagradavelmente surpreendente. Claire não queria ver ninguém apanhar ou se machucar, nem mesmo um vampiro que poderia se recuperar. O som de Miranda tomando o soco ainda a assombrava, não importando o resultado final do que aconteceu.

Ela sempre admirou a habilidade de Shane de defender a si mesmo — e os amigos dele e dela — mas ao mesmo tempo, ela se preocupava. Talvez houvesse algo que ele tivesse medo. Talvez o legado de maus tratos do seu pai fosse algo difícil de lidar; ela sabia que havia um centro negro de ira dentro dele, e culpa.

Mas ela também sabia que Gloriana estava envolvida de alguma maneira. Tinha que estar. Não importava o quanto todo mundo jurasse que ela não podia estar interessada em Shane, havia alguma razão para isso estar acontecendo, e Claire viu em primeira mão o quão fácil era para Gloriana manipular as pessoas.

Assim como Shane estava sendo manipulado.

Eu a vi, Claire pensou. No quarto dele, naquela primeira noite. Aquela era ela. Tinha que ser Gloriana.

Foi quando tudo começou. Quando a ira de Shane tinha começado a emergir.

Aquela vadia.

— Vamos ficar junto — Claire disse. — E eu prometo, eu vou me desviar se alguém for dar um soco.





O estacionamento estava — estranhamente, para Morganville — espaçoso e bem iluminado. Eles não viram mais ninguém no caminho da entrada. O mesmo recepcionista estava na mesa. Ele olhou para os três sem dizer nada. As luzes zuniam suavemente, e Claire sentiu seus nervos começarem a formigar junto com elas.

— Procuramos por Shane Collins — Michael disse. — Ele está aqui?

O cara do balcão checou uma lista, folheando as páginas. — É, ele entrou há mais ou menos meia hora. Ainda não saiu.

— Precisamos vê-lo — Claire disse.

— Dez pratas.

— Não viemos para fazer exercícios — Eve disse. — É sério, você está vendo essas roupas? Não foram fabricadas para suar.

— Não é problema meu. São dez pratas para passar por aquela porta, quer vocês se exercitem ou não. A menos que vocês queiram se associar, então fica por quinhentos.

— Você está brincando?

— Eu pareço estar brincando?

— Não, parece um idiota que quer trinta dólares para deixar nós falarmos com o nosso amigo — Michael disse, então abriu a sua carteira. — Aqui tem quarenta. Os dez de troco não são gorjeta, então devolva.

O cara pegou os dez trocados — embora houvesse uma nota de dez bem ali na gaveta do caixa — e os colocou pra fora. — Deem o fora, crianças — ele disse.

O zumbido se foi, sinalizando que a porta estava aberta; Michael segurou-a para as garotas e Claire foi primeiro, passando pela área de máquinas de peso e exercício ocupada. Tudo estava lotado, o que era chocante, considerando o horário da noite. A coisa mais estranha era que Claire não viu um vampiro sequer aqui nesta noite... apenas humanos. Ela teria esperado completamente o oposto.

Shane estava no canto, próximo às coisas do boxe. O que não era uma surpresa; Claire soube lá no fundo que ele estaria aqui em algum lugar.

Ele estava dando socos num saco de pancadas, o qual mexia pra trás e pra frente em arcos lentos e pesados conforme ele pulava ao redor do saco, socando com uma intensidade feroz. Ele estava sem camisa, e suava tanto que





pareceu que havia acabado de sair da piscina, com seu cabelo liso e molhado pelo seu rosto. Sua pele brilhava e gotejava.

Ele estava coberto de hematomas. *Coberto*. Ela ficou chocada; nunca o vira daquele jeito, nunca. Alguns eram só pontos vermelhos — bem recentes — já outros eram antigos e azuis e descoloridos nas bordas. Os mais nojentos eram pretos e verdes. Mas o que diabos ele esteve fazendo?

Claire começou a caminhar na direção dele, porém Michael a impediu com uma mão em seu ombro. — Não — ele disse. — Deixa comigo, ok?

— Ok. — Havia algo muito intrigante em relação ao jeito que Shane estava indo contra aquele saco, como se ele tivesse pessoalmente tentando matá-lo. E ela sabia que ele estava fazendo aquilo há um tempo já; talvez desde a hora em que havia entrado.

Conforme Michael se aproximava, Shane agarrou o saco que se mexia com as duas mãos com luvas e o parou. Ele ofegava por ar, mas seus olhos amplos estavam fixos em seu amigo.

Não de um jeito amigável.

— Ei — Michael disse. — Nós nos preocupamos quando você saiu de casa. Queríamos ter certeza de que você estava bem.

Shane não pronunciou uma palavra. Ele agarrou o saco de pancadas e ofegou, e olhou para Michael com aquele olhar estranhamente vazio.

— Então — Michael continuou, ainda movendo-se na direção dele, mais devagarzinho, agora; com mais cuidado, como se estivesse se aproximando de um animal selvagem. — Que tal a gente esquecer isso tudo e ir comer uma pizza ou outra coisa? Você deve estar com fome.

Ele deve ter cruzado algum tipo de linha invisível, porque Shane descobriu os dentes, e Michael parou em seu percurso. Aquele era um olhar louco, e Claire sentiu-se enjoada por dentro; não parecia nem um pouco com Shane. Ele continuou sorrindo — se é que se podia chamar àquilo de sorriso — e se inclinou para pegar uma garrafa esportiva situada num canto. Ele bebeu avidamente a maior quantidade que pôde com grandes e sedentos goles, mas não deixava de olhar para Michael. Nem por um segundo.

— Eu não estou faminto — Shane finalmente falou. — Vassily me passou uma nova dieta. Shakes de proteína.

Michael tentou de novo. — Mano, tem alguma coisa acontecendo. O que diabos está acontecendo com você?





— Você não sabe? — Shane perguntou. Sua voz pareceu mais baixa do que o normal — mais profunda em sua garganta. — Eu pensei que você soubesse de tudo, sendo parte da raça superior e tudo mais. Eu pensei que nós, meros mortais, não sabíamos nada que vocês não soubessem.

Claire pensou que aquela era uma conversa particular, porém atrás dela, ela ouviu uma risada — se é que podia ser chamada de risada. Era uma risada de valentões, para provocar inquietude. Não havia uma diversão verdadeira por trás dela, além da antecipação de arrancar as asas de algumas moscas particularmente interessantes. Ela arriscou um olhar por sobre os seus ombros.

Shane tinha colegas de treino ao redor. Ela os ignorou de primeira, pensando que fossem apenas pessoas na proximidade, contudo, agora eles estavam todos parando de socar o que estavam socando, de levantar o que estavam levantando, de fazer o que estavam fazendo; de prestar atenção no que estavam prestando atenção.

Homens grandes. Fortes. Suados. Uma garota, também, mas até ela parecia forte e musculosa, pronta para chutar a bunda de alguém num piscar de olhos.

Claire percebeu que estava segurando a mão de Eve, e apertando com força. Ela olhou para ela e viu que Eve também estava vidrada no comportamento de Shane. Ela parecia assustada e muito preocupada.

Claire soltou os seus dedos e caminhou até perto de Michael. — Shane, o que você está fazendo aqui? Vamos simplesmente para casa, ok?

Shane focou nela, mas aquilo não melhorou as coisas. Se fez algo, foi piorar, porque não havia nenhum pouco de amor e gentileza nele que ela esperasse ver — que ela tinha visto há apenas uma hora atrás. Ele a olhou, e depois para Michael.

Ela alcançou o braço de Michael em busca de apoio. Alguma coisa queimou nos olhos de Shane. — É assim então? Você e Claire? — ele perguntou. — Não é surpresa, cara. Toda garota que eu conheci acabou gostando mais de você do que de mim. É quase como se você tivesse planejado fazer isso.

— Isso *não* é verdade! — Claire disse, chocada — chocada que ele pudesse sequer pensar nisso, e até mesmo falar isso — e se distanciou de Michael. — Você acha... acha que Michael e eu...?

— Por que não? Ele é mais legal, certo? Ele domina todo aquele negócio de Guitar Hero. Ah, e ele é um vampiro, eu sei o quanto vocês gamam nisso.





Ele poderia estalar os dedos e pegar qualquer garota que quisesse. Inclusive você. Não engane a si mesma pensando que você tem sequer uma escolha.

Ele nem citou o nome dela. De alguma forma, aquilo machucou mais do que qualquer outra coisa — e a fez ficar mais irritada, também, o que provavelmente não era certo, mas ela não conseguia evitar. — Não, ele não conseguiria ficar comigo, porque eu não o amo. Eu amo você, Shane.

Ele lançou um sorriso sônico para ela. — Não é preciso amar alguém para foder com ele.

— Shane! — Agora ela estava com vergonha, se sentindo horrível e enjoada, e queria que ele apenas calasse a boca.

— Eu vi como ele olha pra você. Qual é, Michael, diga pra ela. Diga a ela que eu estou errado. Conte pra ela que você nunca pensou nisso.

Michael não falou nada. Havia uma luz estranha em seus olhos, uma que Claire não se lembrava de ter visto antes. Ela o socou no braço. — E aí? — ela exigiu. — Diga pra ele!

— Não fará bem algum — Michael disse. — Ele não está ouvindo nada do que eu tenho a dizer. Ou você, nesse caso. Vamos, Claire. Temos que ir.

— Não! Eu não quero deixá-lo aqui desse jeito, pensando que eu sou...

Shane saltou para frente, a agarrou pelos ombros e pôs o seu rosto bem perto do dela. Perto o bastante para um beijo, mas isso não parecia estar na mente dele, definitivamente. Esse era Shane mas... não era. Não o Shane que ela sempre conheceu. Até mesmo quando ele tinha perdido a sua memória, havia um âmago de gentileza, de controle... mas agora isso se foi.

Era como se parte dele tivesse morrido. A melhor parte.

— Vou deixar isso bem claro — ele disse. — Eu não saio com fode-vampiros. Se não é ele, é aquele seu chefe louco sanguessuga. Então, pode ir. Faça o que você sabe que quer fazer. Porque não é mais da minha conta. Nós terminamos.

E ele a empurrou pra trás com força. Ela bateu contra um poste de aço, o que a deixou sem ar e trouxe lágrimas aos seus olhos no momento da dor incandescente e instantânea dos seus ossos vibrando com o metal.

Por entre as lágrimas, ela viu Michael pegar no braço de Shane e puxá-lo fortemente para longe dela, inacreditavelmente forte e rápido. Porém Shane tinha força e rapidez próprias, mais até do que devia, mais do que ela já vira qualquer humano ter, e contornou por dentro das defesas de Michael e bateu





com o punho no estômago dele, depois no queixo, dando socos atrás da cabeça de Michael. E de novo, e de novo, e de novo, tão rápido que era como borrões.

E Michael caiu de costas. Ele rolou, piscando, e voltou a ficar sobre os pés, porém sua boca estava sangrando, e Eve estava gritando e tentando ficar entre ele e Shane, e era tudo uma loucura do jeito que estava acontecendo. Como isso podia simplesmente estar...

Claire conseguiu ver uma figura de pé na grade de metal no andar de cima, olhando para baixo, para eles. Uma mulher pequena com mechas de cabelos ondulados cor de mel, com um rosto doce.

Gloriana. A vampira.

Ela estava sorrindo – não um sorriso mau, esse Claire poderia entender, mas um sorriso de deleite infantil. Um sorriso que devia ser reservado para cachorrinhos, arco-íris e para o amor verdadeiro.

Não ao ver Shane chutar Michael ao seu lado – com força suficiente para quebrar os seus ossos.

Os espectadores olhavam com uma espécie de aprovação faminta e estranha, e ninguém moveu-se para parar a briga. Até que um cara tatuado e musculoso – Rad, das lojas de carro e moto – agarrou Shane por trás, enroscando os seus braços e prendendo os dedos atrás do pescoço de Shane de forma bem restringida. Ele chutou as juntas das pernas de Shane e deixou-lhe de joelhos.

Eve estava agachada próxima de Michael, ajudando-o a se levantar, limpando a grande quantidade de sangue pálido da cara dele com um lenço rendado preto. – Meu Deus – ela dizia, em choque. – Meu Deus, meu Deus... Ah, meu amor...

Shane estava tentando interromper o agarre de Rad, porém seus companheiros estavam avançando agora. Como se percebesse ser inútil tentar interromper o agarre de Rad, Shane ficou imóvel.

Eve deve ter concluído que Michael estava bem, porque ela olhou para Claire, perguntando se ela estava machucada, em tons cada vez mais preocupados. Claire sacudiu o seu assombro e disse: – Não, eu estou legal. Michael?

Ele não respondeu. Ele estava sentado e toda a sua atenção estava em Shane. Somente em Shane. – Solte-o, Rad – ele disse.





— Mano — Rad disse. — Eu não acho que essa seja uma ideia muito boa. Ele não desistiu. Está apenas esperando. Eu posso sentir.

— Eu disse solta ele.

— É o seu funeral. — Rad soltou Shane, o qual virou-se e empurrou-lhe pra trás. Rad levantou as mãos, indicando rendição.

E Shane virou-se para Michael, que não demonstrava nem um pouco de rendição. De fato, ele estava de pé novamente, movendo Eve do lugar — gentilmente — e encarando Shane diretamente.

— Esse não é você, cara. O que está causando isso? — Michael perguntou.

— É ela — Claire disse, e olhou para a grade em cima deles. — Ela está manipulando ele.

Só que Gloriana tinha ido embora. Nenhum sinal sequer de que ela já esteve ali. Claire olhou ao seu redor, porém não havia nenhum vampiro a vista. Nenhum.

Apenas Michael.

Shane deu um olhar ardente para ela. — Ela quem?

— Gloriana — Claire disse. — Ela está fazendo isso com você.

Ele gargalhou. — Eu não transo com vampiros. Você devia se lembrar disso.

— É o encanto.

— Não, não é — Michael disse, muito calmamente. — Não exatamente. Ou não completamente. Certo, Shane? Isso é outra coisa.

— Sim — Shane disse. — É outra coisa. Pois há muitos de nós que estão cansados pra caramba de serem agredidos por vampiros, cansados de serem as suas garrafas de vinho baratas com pernas, cansados de deixar vocês governarem essa cidade como senhores feudais. Não acontecerá mais. Não é mesmo, galera?

Os caras da academia — e uma garota também — haviam se reunido em um círculo, e o restante tinha o mesmo brilho predador nos olhos, a mesma violência má por baixo da superfície. Rad parecia ser o único musculoso que estava no lugar errado e tinha os motivos errados; ele estava olhando ao redor agora, franzindo o cenho desconfortavelmente.

— Olha, talvez você devesse ir embora — ele disse para Michael, e então deu uma olhadela para Eve e Claire. — Todos vocês. Lidem com isso mais tarde.





O impulso dela era dizer que ela iria ficar: que nenhum poder na terra poderia fazê-la deixar Shane enquanto ele estivesse daquele jeito, mas se ela dissesse isso, ela sabia que Michael e Eve iriam ficar ali, também. E isso seria ruim. Shane pareceu estar particularmente com raiva por Michael estar aqui – e, pelo olhar que ele lançou para ela agora, Eve também.

Um cara grande e super musculoso, usando uma roupa de microfibra e correntes de ouro, como um daqueles bregas que são negados por reallity-shows, deu a Eve um sorriso realmente nojento. Estava mais pra um rosnado. – Você sempre andou pela cidade se vestindo como uma candidata a chupa-sangue, e agora você está dormindo com um – ele disse. Bem, na verdade ele não disse *dormindo*, mas o cérebro de Claire se recusou a traduzir completamente. Era uma palavra bem mais chocante quando dita com tal veneno. – Eu odeio mais fode-vampiros do que os vampiros. Os vampiros, ao menos, estão apenas fazendo o que é natural para eles. Vocês são pervertidos.

Eve se encolheu um pouco, mas então levantou o seu queixo. – Sério? Considerando o que eu ouvi das garotas que saíram com você, Sandro, talvez você devesse pensar duas vezes antes de lançar essa palavra por aí. Porque eu tive de pesquisar metade das coisas que você queria que elas fizessem no Urban Dictionary, e era nojento.

Ela estava usando a gargantilha novamente, após ter colocado de novo antes de saírem de casa, mas agora Sandro – como Shane havia feito antes – estendeu a mão e a puxou. Ele não a tentou arrancar, mas sim puxou para baixo, em uma distância tão grande que as marcas de presas de Eve ficaram claramente visíveis. – Olhe só pra isso. Banco de sangue ambulante. Ouvi dizer que você era um caixa automático também. Na hora que Michael quiser.

Michael deu um passo, ficando na frente de Eve, encarou Sandro e disse: – Você quer dizer isso para mim?

Sandro riu. – Você não aprendeu a lição com o seu amiguinho ali não, né? Mas é claro. Porque você não tem nenhuma alternativa, Glass. Toda a sua família tem sido um mascote de vampiros da Idade Média, porém não vamos aceitar aquela bosta de somos-melhores-do-que-você. Não aqui. Aqui, você está por conta própria, vadia.

Shane havia estado muito quieto por trás deles. Claire olhou pra ele, seu rosto estava rígido e sério, e ela sentiu o pânico acender. Isso era real, e era perigoso. Rad e os poucos outros que não pareciam raivosos foram recuando,





ficando na multidão. Talvez tenham pedido por alguma ajuda, talvez não. Ela certamente não acreditou que o cara que pegou o dinheiro deles na porta iria se importar em vir fazer um resgate.

Michael era um vampiro, mas era jovem e não poderia lutar contra essa multidão sozinho. Além do que, ele estava tentando proteger Eve, e ela também.

E Shane não iria proteger ele. Ou qualquer um deles. Era algo evidente e doloroso, e Eve deu a ele o pior olhar, mais inconsolável e desleal que Claire pôde imaginar. — Você vai apenas ficar aí — ela disse. — Ficar aí e deixar que isso aconteça conosco. *Conosco*. E a sua própria namorada.

Shane virou-se para começar a golpear o saco novamente.

— Shane — Claire sussurrou. — Por favor. Por favor.

Ele fraquejou, e um dos seus socos pegou de leve. Ele agarrou o saco de pancada e ele parou de balançar, e olhou por sobre o ombro, para ela. Por um longo e terrível segundo, ela pensou que ele fosse simplesmente voltar a fazer o que ele estava fazendo, mas então ele acenou com a cabeça rapidamente para Sandro. — Deixe-os ir — ele disse.

Sandro estalou os dedos. — Me dê um motivo.

— Eu devo bastante a ela — Shane disse. — Deixe-os sair. — Ele socou o saco novamente com uma força assombrosa. — Mas ouçam o meu conselho, *amigos*. Não venham me procurar outra vez. Nenhum de vocês.

Houve um murmúrio, mas o círculo se separou lentamente. Eve pegou uma das mãos de Michael e o arrastou, indo para a saída. Claire hesitou, fitando as costas de Shane enquanto ele analisava, dava pequenos pulinhos e passos, e socava.

— Shane — ela disse. — Eu ainda te amo.

Ele não respondeu. Sandro empurrou-a para seus amigos.

— Você o ouviu — Sandro disse. — Dê o fora daqui e fique longe. Ele não está interessado.

Ela olhou para trás só mais uma vez. Havia dor — uma dor verdadeira — no rosto de Shane enquanto ele lutava contra o saco de treino, e seus olhos se fecharam por apenas um instante antes de ele olhar pro além.

Seus olhos estavam vermelhos. Não era possível diferenciar lágrimas de suor, mas ela pensou — não, ela sabia — o quão devastado ele se sentia.

Pois ela sentiu exatamente do mesmo jeito.





Lágrimas brotaram e se derramaram, e ela respirou num fôlego tremulante aquele cheiro que parecia suor, metal e desespero.

Eve pegou a mão dela. — Vamos — ela disse. — Não há nada que possamos fazer aqui.

Aquilo era verdade, e isso doía tanto.

SHANE

Eu queria poder dizer que eu não sabia porquê eu agi assim. Isso faria eu me sentir melhor, mais leve, sobre aquilo que eu havia acabado de dizer pra ela. Mas eu sabia. Era do jeito que Claire imaginou: Glory havia me encantado. Mas eu não me importei, porque debaixo do encanto havia um vestígio ruim de... mim. Eu me senti bem. Mais que isso, eu me senti íntegro, como um cavaleiro das histórias antigas cavalgando rumo à alguma guerra justificada por Deus. Eu me senti como eu me sentia quando eu tinha um propósito e o meu pai estava vivo para me dizer qual era.

Eu soquei o saco de pancada pesado até que os meus braços tremessem e as minhas pernas parecessem chumbo, e então eu desmoronei num banco de metal. Alguém me trouxe outro shake de proteína, e eu virei a garrafa em goles espessos e sedentos. Minha cabeça estava doendo, e eu estava tendo problemas em respirar.

— Ei, cara, está tudo bem? — Era Sandro. Eu odiava Sandro, odiava o seu sorriso obscuro, suas correntes de ouro e sua falsa credibilidade de Nova Jersey. Ele era de Morganville, como o restante de nós. Inferno, o pai dele era um padeiro. Você não pode ser um fodão quando o seu pai faz bolos.

Sandro apertou o meu ombro, com força o suficiente para torcer os tendões. Eu tirei a sua mão batendo nela. — Bem — eu disse. — Cai fora.

— Bom trabalho dando um pé na bunda daquela pequena Renfield. Não sei o que você viu nela, de qualquer jeito. Ela parece ser metade menino. Eu gosto de mulheres com curvas e exagero, se é que você me entende.

Eu bebi o resto do shake e senti uma nova explosão de ira e fome. — Talvez você devesse pesquisar o que cai fora quer dizer. — Michael não estava aqui para tirá-lo do sério, porém Sandro conseguia também.

— Não fique de marra comigo, Collins. Você não é tão valentão.





Eu sabia disso. Sandro era um valentão de colégio. Eu era um valentão lute-por-sua-vida. Mas eu não ia ensiná-lo a diferença, pois o principal era que o grande imbecil estava respirando e o seu coração estava batendo, e isso é tudo o que precisava para mantê-lo ao meu lado. Havia dois tipos de lutadores: nós e eles.

Nenhum deles estava aqui nesse instante. Glory e Vassily tinham nos separado entre humanos e vampiros, e funcionou. Agora, sempre que eu via um vampiro, eu sentia vontade de rasgá-lo.

Incluindo Michael.

Aquilo fez eu me sentir estranho por dentro. Mas não estranho o suficiente para eu querer mudar. Aquilo era o lugar onde eu pertencia. Era a coisa para que eu fui designado. Nascido e criado para isso, honestamente. Meu pai havia me ensinado bem.

Por aqui, eu não tinha que ser Shane Collins, o eterno garoto perdido, indolente, órfão. Aqui, com esses caras, eu era parte de alguma coisa. Parte da guerra.

Até mesmo se essa guerra fosse, nesse exato instante, lutar de um por um, num ringue, com pessoas torcendo.

Algum dia, eu iria lutar nas ruas, e o povo iria torcer lá, também.

Até Claire.

Em breve.



— É Gloriana — Claire disse — uma vez que eles estavam bem seguros no carro. — Eu a vi, Michael. Eu a vi observando você e Shane lutarem. Ela estava sorrindo.

— Não sei como ela poderia fazer isso sem afetar a mim, ou a você, ou a Eve — ele disse. — O encanto dela não é tão específico.

— O dela é — Eve disse. Ele a deu um olhar estranho enquanto ele dirigia pela rua, indo para casa. — O quê, você não sabia disso? Ela pode pegar um único cara em um lugar se ela quiser. Eu a vi fazendo isso. Eu a vi fazendo isso com você.

Claire havia visto, também, na festa de boas-vindas dela — Gloriana havia atraído Michael de longe com apenas um sorriso e uma piscada, para longe dos braços de Eve. Ela só tinha feito isso por brincadeira — pelo menos era o que Claire achava — e Eve tinha conseguido ele para si de novo rapidamente, mas ela sentia a influência de Glory agora, e o pior era que parecia a coisa mais





natural do mundo. Frank até a tinha alertado, e ela ainda não acreditava que houvesse qualquer coisa errada com o que ela estava sentindo ou fazendo.

Era isso que estava acontecendo com Shane.

— Claro, ela pode manipular homens a gostarem dela — Michael disse. — Não é tão difícil. Mas mudá-los, do jeito que Shane está mudando? É um tipo de coisa completamente diferente. Eu nem sequer acho que Glory consiga fazer isso.

— Bem, quem conseguiria? — Claire perguntou. — Amelie?

— Talvez. Ou Oliver; ele parece conhecê-la melhor.

Claire lembrou-se de Oliver sentado com Gloriana no Common Grounds. É, eles pareciam melosos um com o outro. O que fez o estômago dela revirar um pouquinho, porque a última coisa que ela queria pensar era em Oliver tendo qualquer tipo de vida amorosa, em qualquer hora, com qualquer pessoa. Aquilo era simplesmente nojento. — Frank falou algo sobre... — Ela fechou a boca, repentinamente inundada com alarme e adrenalina com um estalo, porque ela *não* tinha a intenção de mencionar Frank. Nunca. — Digo, antes de ele, vocês sabem...

— Morrer? — Eve ofereceu. — Ter ido àquele grande rally de motos no céu? Ter ido dar um cochilo na terra? — Ela deu um olhar penetrante de alerta para Michael enquanto ele dava uma recuada. — *O que foi?* Sim, eu estou sendo insensível, mas Shane não está aqui; além do mais, eu estou irritada hoje. Frank Collins nunca foi o Sr. Harmonia quando vivo, você sabe. Não sei por que eu tenho que conceder-lhe qualquer respeito extra póstumo.

Aquilo, felizmente, distraiu todos do erro de Claire, e ela aproveitou seu tempo para tentar decifrar o que ela quis dizer, deixando Frank de fora completamente. — Precisamos descobrir o que ela está fazendo aqui — Claire disse. — Algo está transformando os humanos daquela academia em um grupo organizado, e todos nós sabemos que isso é o que Amelie mais teme. Um grupo organizado de humanos pode acabar com os vampiros individualmente. Ela fará qualquer coisa para prevenir isso de começar. Se for Gloriana, então temos que provar.

— E se for Bishop? — Michael questionou. Eve fez um som sufocado. — É simplesmente o tipo de coisa que Bishop iria querer — humanos se voltando contra vampiros, criando caos e morte. Ele não se importa com quem vai se machucar.





— Sórdido — Eve concordou. — Se ele conseguiu que Gloriana trabalhasse pra ele...

— Então isso poderia ser algo muito maior do que o que qualquer um esperava — Michael concluiu. Ele ficou em silêncio por um momento, e logo disse: — Eu posso descobrir.

— Como? — A voz de Eve tinha ficado aguda, e Claire deu uma olhada nela. Ela parecia tensa com as mãos apertadas em suas coxas.

— Falando com Glory — ele disse. — Olha, ela gosta de mim. Ela me dirá as coisas.

— É, isso me faz ter vontade de vomitar ácido — Eve disse. — Você ficando meloso com ela.

— Eve...

— Nós concordamos. Fique longe dela.

— Mas é diferente. Não se trata apenas de... olha, nós estamos falando da vida de Shane; e também da de um monte de outras pessoas. Pessoas inocentes. Eu consigo lidar com Glory.

— Você consegue? — Eve perguntou. — Porque eu percebi que você nunca a chamou de Gloriana. Só de Glory.

Ele calou a boca. *O que era, provavelmente, a única coisa inteligente que ele poderia fazer*, Claire pensou. Eve tinha razão. Havia algo alarmante sobre o quão rápido Michael cogitou a coisa toda de “deixe-me falar com ela”.

Houve um silêncio incômodo por todo o caminho de volta para casa. Conforme Michael parava o carro e desligava o motor, Claire disse: — Você acha que ele vai voltar pra casa?

— Você quer diz ainda essa noite? Não — Michael disse. — Se você tivesse dito ‘algum dia’, eu não sei. Aquele lá não era Shane. Acho que você já sabe disso.

Ela sabia. Doeu como uma enorme bola espinhosa em seu interior, e ela não pôde segurar as lágrimas em seus olhos que nublavam a sua visão sempre que ela pensava nele. Doía — ah, Deus, doía. — Então eu tenho que trazê-lo de volta — ela disse. — Nós faremos isso. Custe o que custar.

O celular dela tocou, e ela olhou para baixo para ver a tela, ferozmente esperançosa de que fosse Shane — mas não. Não havia imagem nenhuma à mostra, ou número. Estava apenas em branco. Ela atendeu e disse: — Alô?





— Eu não sabia que o seu namorado era tão gostoso. — Era a voz de uma garota. — Ele é muito mais bonito do que você, sabe. Você está namorando alguém que é muita areia para o seu caminhãozinho, você está envergonhando a todos nós. — Gargalhadas, e a voz ficou aguda. — Ele é um rockstar agora, e não precisa mais de criancinhas sem peito. Ele vai te jogar fora mais rápido do que a comida chinesa da semana passada e sair com uma garota de verdade. Uma garota pornô.

— O que... quem é você?

— A futura Sr^a Shane Collins. — Mais gargalhadas das outras garotas que deveriam estar ouvindo. — Eu vou assistir de novo. Deus, ele é muito gostoso!

Um clique, e Claire foi deixada sem pista alguma. Nem mesmo — quando ela checou — um histórico de ligações. Era um número em branco.

— O que foi? — Eve perguntou, franzindo o cenho. Claire balançou a sua cabeça.

— Não faço ideia — ela disse. — Mas... provavelmente não é nada bom.

— Bem, que surpresa chocante — Eve falou. — Eu não esperava por isso. Era Monica?

Deve ter sido, pelo que Claire sabia, no entanto... não era a voz de Monica ou Jennifer ou qualquer voz que ela conhecesse. Ela havia feito inimigos na cidade, porém não tantos que não soubesse como identificá-los.

Então por que uma garota estranha e aleatória tinha ligado pra ela por causa de Shane?

O que ela tinha dito...? “Eu vou assistir de novo” Claire disse em voz alta. Eve a olhou franzindo a testa.

— Assistir o quê? — Michael perguntou.

— Exatamente — Claire disse, e sentiu como se estivesse despencando de um despenhadeiro no escuro. — Exatamente. Algo está realmente errado, Michael. Eu simplesmente sei disso!

— Vamos entrar — ele disse. — E vamos descobrir.





CAPÍTULO 11

Alguns meses atrás, uma menina chamada Kim tinha conquistado a amizade de Eve, e ela a tinha traído. Ela gravou um monte de coisas sobre Morganville, mas o seu favorito tinha sido as fitas de sexo. Claire, com os dedos trêmulos no teclado, fez uma busca por Shane Collins no YouTube.

Estava vazio, e ela caiu para trás em sua cadeira, tão aliviada que ela pensou que fosse desmaiar. Se Kim de alguma forma tivesse colocado na internet...

— Tente o Google — Michael disse. Ele estava agachado ao lado de sua cadeira. Eve estava pairando sobre o ombro dela, todos eles fixos na tela brilhante do seu laptop. Claire mordeu o lábio e tentou, e os resultados apareceram. A maioria deles não eram sobre o Shane *dela*, mas um chamou a sua atenção. Ela clicou nele, mesmo sem perceber conscientemente o motivo de tê-lo escolhido.

Um site surgiu, barulhento, vermelho e obscuro, com todos os tipos de gráficos rústicos. O banner dizia Batalhas Imortais. Uma coisa animada em baixo perguntava se ela tinha coragem de entrar no jogo.

Havia vários fragmentos de imagens que preenchiam a página inicial — coisas sombrias e vulgares, a maioria dos rapazes tinham a aparência intensa e suada.

E imediatamente, um rosto apareceu para ela. Ela engasgou ao mesmo tempo que Michael se inclinou para a frente e apontou. — Esse é Shane — ele disse. Ela assentiu com a cabeça. — Clique.

— Eu... — *Eu não quero*, ela pensou, mas ela fechou os olhos por um segundo, então apontou o mouse para a caixa de entrada piscando.

Ela clicou. E explodiu, e o som atingiu duramente para fora dos autofalantes. Michael não recuou, mas ela sim.





Quando a tela se apagou da explosão animada, havia uma caixa de login e um link para criar uma conta. Ela clicou nele. — Aqui diz que precisa de um cartão de crédito — ela disse. — E é uma centena de dólares para se inscrever.

Michael abriu a carteira e entregou um cartão. Ele não o tinha recebido há muito tempo, ela imaginou; ainda parecia brilhante e novo. Era preto, com o logotipo de Amelie em cinza no fundo e informações do banco na parte inferior. — Faça — ele disse. Ela digitou as informações e entregou o cartão de volta, em seguida, clicou em registrar. Houve a espera normal e, em seguida, a tela mostrou um vídeo.

— Isso é um vampiro — Eve disse, inclinando-se para a frente. — O que diabos?

— O nome dele é Vassily — Michael disse. — Eu nunca gostei dele.

Vassily — quem Claire nunca tinha visto antes, exceto, talvez, a distância — era um cara de cabelos compridos e apenas um pouco mais velho do que Michael. Meio que com uma boa aparência, se você gosta de ângulos afilados e sorrisos arrogantes. Ele estava usando roupas de época, o que lhe pareceu um pouco estranho; alguns vampiros usavam, mas não muitos. Eles procuravam se misturar, não se destacar. Parecia que ele tinha pego as roupas de Drácula de um filme em preto-e-branco antigo.

— Bem-vindo — Vassily disse, e sorriu. Ele mostrou os dentes. — Ao Batalhas Imortais. Nós não lutamos até a morte, nós lutamos *além* da morte, o esporte mais perigoso do mundo. Você nunca vai ver a Ultimate Fighting da mesma forma novamente, eu prometo a você. Ah, eu vejo que a nossa janela de apostas foi aberta. Escolha para ver as partidas anteriores, ou faça uma aposta em uma das próximas. E lembre-se: nós sabemos quem você é. — Outro lampejo de dentes de vampiro... Era tudo estranhamente exagerado.

— O que diabos é isso? — Michael murmurou, quase rindo. — Amelie vai matar ele.

O vídeo desapareceu, e Claire foi deixada com outras escolhas. Havia dois vídeos anteriores de luta, e ela clicou no segundo.

Michael arfou assustado, assim como Eve.

Dois rapazes seminus em uma gaiola de arame, arrebatando um ao outro. Nada que você não possa ver no pay-per-view, exceto que a pele de um cara era muito pálida, e onde ele era cortado e sangrava, o sangue não parecia certo. Era um ser humano e um vampiro, lutando entre si.





Então, um deles, o ser humano, caiu no chão e foi arrastado para fora — Claire não sabia dizer se era teatro ou não, ou se ele tinha sido nocauteado — e um outro rapaz entrou na jaula.

— Não — ela sussurrou. — Oh, não.

Era Shane. Ele parecia assustado, mas determinado, seus olhos escuros e fixos no vampiro na gaiola com ele. O vampiro assobiou para ele. Shane circulou, à procura de uma abertura.

— Ele está louco? — Michael deixou escapar, parecendo mais pálido do que nunca. — Ele nem sequer está armado!

Ele também não estava machucado, Claire percebeu. Isso tinha sido filmado antes de hoje, antes de ela ter visto todos os hematomas em seu corpo. Por causa disso — e só por causa disso — ela foi capaz de assistir Shane e o vampiro se balançarem, se inclinarem, simularem um ataque... e atacar. O vampiro parecia enfraquecido, graças ao primeiro ataque, e Shane parecia incrivelmente rápido e forte.

Mesmo assim, ele foi atingido, hora após hora. Claire se encolheu toda vez que um punho do vampiro o atingia. Shane se manteve vivo, por pouco, e, na verdade, quebrou um dos dentes do vampiro com um pontapé inesperado. Isso lhe resultou em uma jogada tão forte no arame que cortou a sua pele.

— Eu não posso ver isso. Eu não posso — Eve disse, e colocou as mãos sobre o rosto. — Ele está sangrando!

Ocorreu a Claire que se a luta tinha sido perigosa antes, agora era extremamente arriscada — uma hemorragia humana era como um doce para um vampiro, e o que Shane enfrentou parecia um maratonista, por assim dizer, e vinha atrás dele com vingança.

E Shane caiu. O vampiro o imobilizou, e Claire teve um vislumbre de olhos brilhantes vermelhos e uma presa, enquanto ele se lançava para a sua garganta.

Shane bateu o punho no lado da cabeça do vampiro e agarrou-a de lado, conseguindo usar o impulso para rolá-lo de novo. Logo que Shane ficou por cima, ele bateu no vampiro continuamente com socos impiedosos, e Claire podia ver o horror, angústia e raiva que ela sabia que estavam presos dentro dele, borbulhando e tomando conta. Ele não estava apenas lutando para se





divertir ou por dinheiro, ele estava lutando por sua mãe, sua irmã, até mesmo o seu pai.

Ele estava lutando contra os seus pesadelos e o seu próprio ódio de Morganville.

Um árbitro de camisa preta apareceu e parou a luta, erguendo o braço suado de Shane para o ar para sinalizar a vitória. Shane caiu de joelhos e teve que ser ajudado para sair da gaiola.

Mas ele ganhou. Seu adversário vampiro teve que ser levado carregado.

Quando a tela escureceu, ficou um silêncio na sala, e, em seguida, Michael disse, bem baixinho: — Olhe para o contador de visitas.

Centenas de milhares de visualizações neste vídeo, uma centena de dólares por conta. Milhões, por quem estava escrito no Batalhas Imortais.

— Isso não conta nem mesmo com as apostas, e vocês sabem que tem aposta. Shane não só está fazendo isso por diversão. Ele está sendo pago — Michael disse. — Ele está sendo pago para lutar contra os vampiros.

— Clique no outro, no mais antigo — Eve disse. Ela parecia melhor agora que tinha visto o fim da primeira luta. Claire não tinha tanta certeza de que ela poderia lidar com outra; ela nunca queria ver Shane assim de novo, ou estar com tanto medo por ele.

Mas ela não precisava ter ficado preocupada, porque Shane não estava nessa.

Doug Fedorento estava.

Seminu e com o seu cabelo amarrado para trás, Doug parecia magro, mas todo musculoso. Sua luta foi mais rápida do que a de Shane, apesar de ter apresentado a mesma rapidez e força enervante. A luta não saiu ao seu favor. Doug tomou porrada de uma vampira jovem e magra, e foi arrastado para fora inconsciente. Não morto, Claire sabia; a partir da data da luta, isso tinha sido, pelo menos, duas semanas antes de ele morrer.

Então Doug Fedorento tinha roubado o sangue do laboratório de experiências *depois* que essa luta foi filmada — por quê?

— Ele já sabia sobre os vampiros. Ele deve ter precisado de prova — ela murmurou. — A prova de vampiros. É por isso que ele pegou o sangue. Ele ia falar em público, ou estava chantageando-os.

— O quê?





Claire apontou para o rosto débil de Doug Fedorento quando ele foi arrastado para fora da gaiola. — Ele lutou há duas semanas, certo? Talvez ele não estivesse feliz com o que estava recebendo. Ele roubou o sangue de vampiro de um experimento de laboratório da faculdade. Eu acho que talvez ele fosse usá-lo como prova, ou para conseguir mais dinheiro do pessoal do Batalhas Imortais. Afinal de contas, eles estão fazendo o papel de vampiro como um teatro. Como uma piada.

Ela estava certa; as observações provavam. As pessoas estavam acompanhando, mas evidentemente, ninguém *acreditava* que havia vampiros lutando na tela. Eram caras com maquiagem. Mas eles gostavam do mesmo jeito.

Claire lembrou do telefonema que a tinha levado ao site. Alguém de dentro de Morganville sabia, e levou isso a sério.

— Tem outra coisa — Michael disse. — Shane é rápido, sim, com certeza, e ele sempre foi forte. Mas ele não é sobre-humano. Ou ele não era. Mas você o viu esta noite. Aquilo foi... diferente. Ele está ficando mais rápido e mais forte, e capaz de aguentar mais dor. Eles fizeram algo com ele.

E tudo veio na cabeça de Claire em um clarão ofuscante. Doug... a experiência de laboratório. Sua discussão com Frank sobre o motivo de alguém querer sangue de vampiro para começar. Ele disse a ela que não faria uma droga decente, porque não deixava drogado e os efeitos desapareciam muito rápido, mas deixaria você mais forte e mais rápido.

— Vassily está dando a eles sangue de vampiro — Claire disse. — Nos shakes de proteína, provavelmente. É um estimulante temporário, mas se decompõe rapidamente.

— Oh, Deus — Eve disse. — Isso é ruim. Isso é malditamente ruim, não é? Michael não negou. — Clique no link para as próximas lutas.

Claire obedeceu. Em três dias, Shane estava programado para lutar novamente, desta vez com um vampiro chamado...

— Jester — Michael murmurou. — Ele vai lutar com Jester. E Jester vai matá-lo. — Ele não disse figurativamente. — Nós temos que tirar Shane disso. Ele não vai conseguir sobreviver a isso, nem mesmo com a ajuda que estão dando a ele. O corpo humano não foi feito para isso.





— Temos que tirá-lo antes que Amelie descubra — Claire disse, — porque ela vai matar todos os envolvidos, sem perguntas. Este é um grande risco para a segurança da cidade. Ela não hesitará.

Eve caiu na cama de Claire e enterrou a cabeça em suas mãos. — E como é que vamos fazer isso, exatamente? Shane está todo irritado agora. Ele não vai nos ouvir. E ele tem uma comitiva de muitos caras durões que ficariam felizes em nos bater só de respirarmos o ar dele.

— O que vamos fazer, então? Apenas deixá-lo morrer? Por dinheiro? — Claire levantou-se e olhou para o site novamente em fúria total. Suas mãos doíam, e ela não sabia o porquê, até que ela percebeu que ela estava apertando os punhos com força. Isso a fez pensar em Shane lutando, o que a deixou ainda mais irritada. Havia uma pressão fervendo dentro de sua cabeça que parecia que podia dividi-la ao meio. — Nós não podemos dizer a Amelie. Não podemos falar com Shane. Então o quê?

Seu celular tocou. Ela olhou para a tela, mas não aparecia nada de novo. Sua respiração chiou em um som de pura frustração enfurecida, e ela respondeu com uma voz que ela mal reconhecia como a dela própria. — Se você está ligando para me dizer o quão excitante é ver o meu namorado levando uma surra, eu vou aparecer aí e...

— É Frank — uma voz mecânica e estranha disse na outra extremidade. O que a atingiu como um balde de água gelada, fazendo-a se encolher e estremecer ao mesmo tempo. *Oh, Deus, ele podia ouvi-la.* Frank podia ouvir qualquer um deles, a qualquer momento, se eles estiverem com os seus celulares e ele quisesse ouvir. O intruso moderno, e ela tinha esquecido dele. — Venha aqui. Agora.

— Para o laboratório — ela disse.

— Não, para a Terra dos Doces! É claro que para o laboratório! E é melhor você vir preparada para me explicar o que diabos está acontecendo com o meu filho, Claire. — Ele desligou na cara dela. Ela tinha acabado de ter recebido uma ligação de um cérebro sem corpo em um frasco. Fantástico. Ela ainda não tinha tido tempo para dizer: *Não diga a Myrnin*, mas ela não achava que Frank diria, de qualquer maneira. Ele deve ter percebido o quão perigoso isso era para Shane, e se Myrnin soubesse, bem... Myrnin não era o maior fã de Shane, para dizer o mínimo. Claire não achava que ele iria delatar Shane só por causa





disso, mas ele era, no final das contas, primeiro o amigo de Amelie. E Amelie iria querer saber disso.

Isso era tão perigoso. *Deus*, em todos os lugares que ela virava, havia riscos. Para Shane e Morganville. Até mesmo para os vampiros, mas ela não se importava muito sobre isso, porque os vampiros sempre poderiam cuidar de si mesmos... e fariam isso.

— Quem era? — O rosto de Michael estava cuidadosamente neutro, mas ela viu o brilho em seus olhos. Ele estava esperando para ver o quanto ela iria mentir.

Ela suspirou e disse a verdade. — Frank Collins — ela disse.

— O morto Frank.

— Sim — ela disse. — E... eu tenho algumas coisas que é melhor que vocês saibam antes que isso vá longe demais

— Oh, isso deve ser bom — Eve disse, com uma voz que na verdade queria dizer que não era. — Alguém faz uma pipoca.



Claire contou para eles no caminho para o laboratório de Myrnin. Estava mais escuro agora, e apenas os vampiros saíam por decisão própria; eles levaram o carro de vampiros brilhante de Michael fornecido pela cidade, com janelas altamente tingidas, porque Claire não estava absolutamente certa de que eles estariam de volta para casa antes do amanhecer e, além disso, ele dava a ela e Eve uma proteção extra contra os vampiros com vontade de um aperitivo. Apenas como garantia.

— Então, espere — Michael disse. — Volte aí. Myrnin picou o cérebro de Frank e colocou em um frasco para ligar em sua máquina depois que Amelie disse oficialmente que ele não deveria estar trabalhando nessa máquina. É isso mesmo?

— Amelie estava brava com ele — Claire disse. — Mas Myrnin fez isso de qualquer jeito, e eu acho que ela sabia disso. Foi apenas... o momento apropriado. E qual cérebro ele iria usar. Considerando que ele estava pensando em usar o meu...

— Sim, eu entendi; é uma vitória completa. — Michael balançou a cabeça, confuso. — Me lembrem de ser cremado se eu morrer por aqui. Não posso





confiar em ninguém nos dias de hoje. Mas eu tenho que dizer, se eu tivesse que escolher alguém para prender em uma jarra pela eternidade, eu votaria em Frank Collins em cada chance que eu tivesse. Ele não merece viver, mas ele merecia sofrer. Ele está sofrendo, certo?

— Bem... eu acho. — Claire não tinha visto muita evidência de sofrimento, na verdade, mas Michael parecia muito feliz com a ideia. — O ponto é que Frank está ligado a uma série de sensores, câmeras, redes de telefonia celular, internet... Eu suponho que o site que nós olhamos foi criptografado, no entanto, porque ele não começou a gritar até que começamos a falar sobre ele. Ele não podia vê-lo.

— Alguém sabia o suficiente para tomar as devidas precauções — Michael concordou. — Alguém da equipe de vampiros.

— Tipo Vassily — Eve disse. — Ou Gloriana, aquela vadia.

— Ela não é tão ruim assim.

— Michael, você vai querer parar de defendê-la agora, antes que eu corte você em um lugar que você vai sentir.

— Ai.

— Noivo — Eve disse, apontando uma unha preta em seu peito. — Não a defenda de mim. Ela tentou arrastá-lo para o covil dela. Aposto que ela tem um covil. E uma alcova em seu covil.

Michael desistiu. Claire pensou que ela o viu sorrir, mas se ele fez isso, ele fez desaparecer muito rápido. — Para quem Frank poderia dizer? Myrnin?

— Talvez — Claire disse. — E Myrnin falaria a Amelie, e então...

— E então os vampiros envolvidos seriam punidos, e os seres humanos envolvidos seriam mortos, e nós redefiniríamos o completo caos em nosso tempo — Eve disse. Michael fez uma curva à esquerda. Claire não tinha ideia de onde eles estavam; estava uma escuridão inexpressiva fora das janelas. Michael era o único que tinha a super visão para distinguir qualquer coisa lá fora. — Nós deveríamos ter pego o portal.

— E o que acontece se Frank decide bloquear os portais para nos impedir de sair? — Michael disse. — Eu gosto de ter o meu próprio transporte.

Ele tinha razão. Claire não confiava no sistema de portal que Amelie e Oliver — e às vezes Myrnin — usavam para se esgueirarem em torno da cidade. Claro, era tudo magicamente incrível até que ele parou de funcionar. Ela tinha





visto ele parar de funcionar no meio de um transporte. Os resultados não tinham sido bons.

Michael freou. — Nós chegamos.

— Talvez vocês devessem...

— Entrar com você — Eve disse. — Porque nós não vamos abandonar você na calçada como um cachorrinho abandonado, Claire. Você sabe que isso não vai acontecer.

Ela sabia, e ela estava grata. Muito grata.

Michael, porém, tinha mais uma pergunta, enquanto eles estavam andando pelo beco em direção ao laboratório, iluminado assustadoramente pela luz balançando da pequena lanterna que Eve mantinha em sua bolsa para emergências. — Shane sabe? Sobre o pai dele estar meio vivo?

— Não — Claire admitiu. — Eu não quis dizer a ele. Eu pensei: talvez mais tarde. Era muito recente. Ele tinha acabado de aceitar que o tinha perdido. Eu não aguentaria vê-lo magoado mais uma vez.

— Eu provavelmente teria feito a mesma coisa — Michael disse.

— Obrigado.

— Não me agradeça. Só porque eu teria feito isso não significa que era certo.

Isso não era exatamente reconfortante. Claire pensou sobre isso por todo o caminho para dentro do barraco inclinado e podre que ficava no final do beco estreito, e desceu as escadas sem iluminação que levavam ao laboratório de Myrnin.

Ela estava preparada para Myrnin estar lá, mas ele não estava. Ela encontrou os controles e trouxe a luz para as luminárias de parede. O laboratório parecia desordenado como de costume, meio uma loja agradável de sucatas de ficção científica, meio um depósito de lixo. Ela ainda não tinha tirado o hábito dele de deixar pilhas de livros em todos os lugares, inclusive bloqueando os caminhos entre as mesas do laboratório. Tinha acabado de chegar uma nova remessa, ela percebeu. Mais livros de alquimia. O primeiro com a capa berrante em preto, amarelo e branco, era intitulado *Alquimia para Idiotas*. Ele provavelmente tinha escolhido aquele justamente para ela.

— Myrnin? — ela gritou, mas não muito alto. Nenhum sinal dele. Quando ela ergueu as sobancelhas para Michael, ele balançou a cabeça. Ele não estava aqui então.





Isso foi confirmado pelo fantasma preto-e-branco piscando, usando couros de motociclista, que apareceu na extremidade do laboratório e veio em direção a eles caminhando, passando através de tudo em seu caminho... pilhas de livros, mesas de laboratório, e Eve, que não estava olhando para o lugar certo naquele momento. Ela gritou e pulou para trás quando o braço de Frank Collins atravessou o seu estômago. — Ei!

Ele sorriu. O rosto severo e com cicatrizes de Frank era uma visão horrível, especialmente em filmes de terror em preto e branco. — Não fique no caminho se você não quiser se machucar — ele disse, e deixou cair o braço de volta no seu lado. — Vejo que você trouxe os seus amigos, Claire.

— Eu não tive escolha. Eles precisavam saber sobre você.

— Na sua opinião.

— Sim. Na minha opinião. — Claire olhou para ele, e ele olhou de volta, e, finalmente, Frank deu de ombros.

— Por mim tudo bem, mas mantenha o meu filho fora disso. A propósito, Myrnin não está em casa.

— Onde ele está?

— Caçando — Frank disse.

Claire ficou rígida. — Myrnin não caça. Ele tem as entregas regulares de sangue.

Frank apenas olhou para ela, e depois para Michael. — Você. Melhor amigo. O que diabos está acontecendo com o meu filho?

Michael trocou um olhar rápido com as outras, então disse: — É provavelmente mais fácil se eu te mostrar. Tem um computador? Um com internet?

— Sim, ali. — Frank apontou, e Claire abriu caminho para o laptop que ela mantinha no canto, um que ela tinha organizado para Myrnin usar, mas ele parecia nunca usar. — Eu estava monitorando a tela de vocês, mas eu não consegui ver o site. Alguém teve algum trabalho para me cegar.

Claire abriu o site Batalhas Imortais. — Você pode ver agora?

— Não. — O fantasma insubstancial e brilhante de Frank se inclinou para frente, franzindo a testa. — Apenas uma tela em branco. Um ruído branco.

— Tente isso — Eve disse. Ela pegou o celular e ligou a câmera, então focou na tela. — Você consegue ver agora?





Ele não estava olhando para a tela do celular dela, mas ele grunhiu em reconhecimento. — Isso funciona — ele disse. — Eu posso ver o seu celular em tempo real, então eu consigo ver através da sua câmera. Bem pensado. Tudo bem. Me mostre.

Ele não fez nenhum comentário até Claire carregar o vídeo da primeira luta de Shane. Enquanto observava o rapaz ser jogado na parede do ring e, em seguida, se virar sobre o vampiro, ele fez a coisa que Claire mais temia.

Ele sorriu com orgulho genuíno.

— Ei! — ela disse bruscamente. — O seu filho está se machucando. Eu sei que você é um babaca abusivo, mas você poderia talvez se concentrar no fato de que ele poderia ter sido morto? Pode ser?

Frank perdeu o sorriso, mas o orgulho ficou. — Ele ganhou — ele disse. — Meu filho ganhou uma luta de mano a mano com um vampiro. Você, Glass. Você pode me dizer o quão improvável é isso?

— Malditamente improvável — Michael disse. — Mas Claire tem razão.

— Eu treinei o meu filho para sobreviver em Morganville. Eu não vou pedir desculpas por isso.

— Você batia pra caramba nele — Michael disse, e atrás do seu tom suave havia raiva de aço. — Eu me lembro quantas vezes ele veio à minha casa para passar a noite, porque ele não conseguia aguentar ir para casa com você. Quantas vezes ele ficou com hematomas do seu treinamento. Meus pais não fizeram isso para me treinar para sobreviver.

— Sim — Frank disse. — E olha no que você se tornou, Glass, com toda a bebedeira de sangue. Sem ofensa.

— Me senti muito ofendido — Michael disse. — E por falar nisso, você acabou com presas, também. Então, vá se ferrar você e a sua autojustificativa para ser o Pior Pai da Nossa Vida, Idiota Bêbado.

— Eu chutaria a sua bunda desrespeitosa se eu ainda tivesse pernas, mas eu vou deixar isso pra lá. Por enquanto — Frank disse. — Então o meu filho se meteu com isso. Eu vou admitir, é arriscado, mas ele é bom no que faz.

— Ele está fazendo isso por dinheiro — Claire disse.

— Bom para ele. Eu teria feito a mesma coisa se isso tivesse no meu tempo. Um bom treinamento e dinheiro, e mais a chance de bater em alguns sanguessugas na cara.

— É ilegal!





Frank deu de ombros. — Pode Ser. Mas quem se importa?

— Frank, é *administrado* por vampiros. Eles estão ficando ricos com o sangue do seu filho! — Michael disse. Frank levantou as sobrancelhas.

— Você acha que isso é novidade? É assim que tem sido desde o início, Glass. Os seres humanos se desossam; os vampiros ficam ricos. É todo o estilo de vida deles.

Claire balançou a cabeça. — Talvez, mas eu garanto que Amelie não sabe sobre este pequeno projeto em particular, e ela vai se importar muito. Qualquer coisa que coloca Morganville no radar é uma coisa ruim, certo?

— É — Frank disse. — Eles estão encenando isso para os lugares mais desprezíveis, com todas essas capas de ópera e sotaques ruins da Transilvânia. Ninguém lá fora vai levar a sério. Eles estão assistindo isso pela luta. Eles não acreditam por um segundo que há vampiros reais envolvidos. Não é muito arriscado.

— Talvez não, mas o que acontece se alguém levar isso a sério e enviar alguém para dar uma olhada? Seria a porra de uma história para os *60 minutos* — Michael disse. — Um cara já tentou extorquir eles por dinheiro. Ele está morto.

— Espere — Claire disse quando Frank abriu a boca para responder. Não que ele precisasse ter uma boca para falar; era apenas teatro. Sua voz estava saindo do celular dela. Ele esperou enquanto ela pensou por um segundo. — Michael. Bishop matou Doug Fedorento. Foi isso o que Jason me disse.

— E... Oh. — Os olhos de Eve ficaram muito amplos. — Espere. Você viu Jason? Onde?

Caramba, mais uma vez ela estava dizendo coisas que ela não deveria ter dito. Tarde demais para retirar, de qualquer maneira. — Ele foi preso — Claire disse. — De novo. Sinto muito.

— E você ia me dizer que o meu irmão estava na prisão quando, exatamente?

— Quando eles dissessem que eu poderia. Sinto muito, Eve, mas esse não é o ponto. Jason acusou Bishop.

— Espere, o Bishop? O malvado e velho que deveria estar morto?

Isso era um castelo de cartas, e tudo estava desabando ao seu redor. Claire decidiu que ela não poderia se importar com isso, não agora. Melhor tentar colocar tudo para fora. — Bishop fugiu — ela disse. — E a próxima coisa que





ninguém sabia, ele agarrou Jason e o levou até Doug Fedorento. Então, ele o matou. Jason não sabia o motivo.

— Mas nós sabemos agora — Michael disse. — Doug estava tentando chantagear o Batalhas Imortais. Ele pegou o sangue de vampiro e provavelmente estava planejando ir até um repórter com ele, juntamente com a sua história e as evidências do site. Provas.

— Provas que ninguém podia pagar, nem mesmo Bishop — Claire disse. — Portanto, não mais Doug. Mas o problema é, Bishop já tinha que saber sobre a luta. Ele estava dentro dela. Ou por trás dela. Amelie está com uma busca em grande escala atrás de Bishop, e ela vai descobrir sobre isso, provavelmente em breve.

Michael encostou-se em uma mesa de laboratório e cruzou os braços. — Isso significa que Shane será tão culpado quanto todos os outros, por cumplicidade — ele disse. — Você sabe como ela vai se sentir sobre isso. E se nós sabíamos e não dissemos a ela, nós vamos estar lá ao lado dele.

— Eu sei como eu vou me sentir — Eve disse. — Eu vou sentir pena, porque eu não vou ficar bem em roupas de prisão. Ou eu vou estar morta, nesse caso eu não vou sentir muita coisa. Claire, querida, eu odeio dizer isso, mas eu não acho que nós tenhamos uma escolha. Nós temos que dizer a alguém. Nós temos.

— Mas Shane...

— Shane precisa entender que este pequeno espetáculo acabou, quer ele goste ou não — Frank disse. — E que ele vai cair com ele se ele ficar. É melhor ele decidir acabar ao lado de Amelie, e não de Bishop, porque Claire tem razão: Bishop pode mudar de uma diversão ilegal para uma séria ameaça

— Shane não sabe sobre o envolvimento de Bishop. Eu tenho certeza. Ele nunca se envolveria se ele soubesse — Claire disse. — Nós só temos que dizer a ele, isso é tudo. Ele vai sair.

— Isso é *tudo* — Michael disse. — Você estava lá, certo? Da última vez que eu tentei falar com ele?

Claire respirou fundo. — Sem ofensa, Michael, mas eu acho que foi você que realmente causou o problema. Não é o que você disse. É o que você é. De alguma forma, ele ficou condicionado a ficar com raiva quando se trata de vampiros. Você viu como ele tratou Eve, e ele gosta de Eve. Eu acho que eu tenho que falar com ele sozinho.





— Não! — Eve deixou escapar, mas ela não recuou quando Claire se virou para ela. — Não, é sério, apenas... não, querida. Você não pode, Claire. Você viu como ele estava. Se você for sozinha, ele pode... ele pode te machucar. Eu sei que você não acha que ele vá, mas eu o vi. Eu sei que ele iria. Eu odeio isso, e gostaria que isso não fosse verdade, mas... você não pode correr esse risco.

— Você corre esse risco o tempo todo com Michael — Claire disse, e avançou para tocar a gargantilha de Eve, sob a qual havia marcas de mordida. — Você confia que ele saiba até onde ir. Certo? Eu confio em Shane. Eu tenho que confiar nele.

— Bem... eles nunca vão deixar você entrar — Eve disse, mas ela parecia em dúvida agora ao invés de definitiva. — Você nunca vai atravessar a segurança.

Claire olhou nos olhos dela e segurou o seu olhar, tentando colocar toda a sua dor e paixão nele. — Eu tenho — ela disse. — Por favor, entenda. Por favor.

Eve não queria, mas ela finalmente, e a contragosto assentiu. Quando Michael tentou interpor, ela balançou a cabeça com firmeza. — Ela está certa, Mike. Ela não é uma criança; nem sempre podemos estar lá. E ela também está certa sobre como Shane se sente sobre os vampiros. Se qualquer um de nós aparecer, ele se irritará em um nível totalmente elevado. Se ela for sozinha, é mais pessoal. E não importa o quão desagradável Shane esteja agora, eu não consigo acreditar que ele machucaria ela, não de propósito.

Michael claramente tinha suas dúvidas, mas ele levantou ambas as mãos para sinalizar rendição. — Primeiro vamos esperar para ver se ele chega em casa amanhã — ele disse. — Se ele não chegar, então nós vamos levar você para a academia e esperar por você enquanto Frank monitora o seu sinal. Qualquer sinal de problema, ele aperta o botão de alarme, e estamos fora. Oh, e nós vamos dizer a Amelie. Imediatamente, independentemente de como essa conversa com Shane sair.

Claire não gostou particularmente, mas ela podia ver a sabedoria disso, também. Não tinha lhe ocorrido que já que ela sabia que Frank poderia usar a câmera, ela poderia usar o seu celular em torno do pescoço com a câmera ativada, e ele podia ver e ouvir tudo. Ele queria olhos e ouvidos dentro da academia; isso era o melhor que ela podia fazer.

— Eu vou lá amanhã — ela disse. — Se ele não voltar para casa hoje à noite.





— Espere aí — Frank disse. — E quanto ao site?
— Você pode bloquear o acesso?
— Somente para as pessoas de dentro da cidade.
— Que tal, você sabe, lançar algum tipo de ataque? Como um vírus ou uma negação de serviço?

Frank piscou. — Não tenho ideia do que você está falando. Olha, eu nunca fui um cara da internet. E é muito estranho ser... isso. Eu não tenho ideia de como fazer uma negação de qualquer outra coisa. E eu não tenho nenhum vírus.

— E se eu lhe der um?
— Tente, e você não vai precisar ter medo do que o meu filho faz.
— Certo, certo. Esquece — Claire disse. — Foi apenas uma ideia. Obviamente não muito boa.

— Já é ruim o suficiente eu estar preso desse jeito, sem você arrumar qualquer ideia sobre como me deixar doente como a última ocupante. — Ele quis dizer Ada, a antiga assistente de Myrnin. E namorada. Claire ficou subitamente feliz por ela não ter sugerido a coisa toda de vírus enquanto Myrnin estava por perto, porque ele certamente teria ficado muito infeliz com ela.

E como se ela o tivesse conjurado por sequer ter pensado em seu nome, Frank, de repente virou-se para o lado do laboratório onde a porta portal estava localizada. — Ele está voltando — ele disse. — Ninguém diz nada a ele. — E foi assim que, Frank desapareceu, deixando para trás nada além de um sibilo de estática de fuga no alto-falante do celular de Claire, assim que uma piscina de escuridão se formou dentro de uma porta aberta, depois, se espalhou pelo que parecia uma biblioteca mal iluminada.

Myrnin atravessou, e o portal desmoronou atrás dele na escuridão. Ele fechou a porta de madeira e trancou-a, rolou a estante de livros de volta na frente dela como uma cobertura adicional e, sem se virar, disse: — A que devo o prazer da companhia de vocês, não convidados? — Ele não soava feliz. Ou nem mesmo, como era mais típico de Myrnin, louco. Má sinal.

— Eu... precisava verificar uma coisa — Claire disse. — Desculpe. Nós estávamos saindo.

— Você estava? — Ele se virou, juntando as mãos atrás dele. Myrnin parecia muito velha guarda, se vestindo formalmente, até mesmo com botas





brilhantes. Bem, a camisa e o colete podiam não combinar, mas fora isso, ele tinha ido obviamente em algum lugar que não aceitavam as suas escolhas de guarda-roupa de costume. Como, por exemplo, o escritório de Amelie. — Há uma série de coisas estranhas que acontecem nesta cidade, Claire. Mais notavelmente, o seu comportamento e o de seus amigos. Incluindo o menino estranhamente ausente do seu pequeno grupo. Eu não costumo vê-lo longe de você.

Ela sentiu um formigamento de medo e tentou não deixar transparecer. — Ele está ocupado — ela disse. — Eu também. — Ela acenou para Michael e Eve e se dirigiu para as escadas.

Myrnin chegou lá na frente dela. Ela deu uma parada rápida, se perguntando o que diabos estava acontecendo com ele neste momento. Ela tinha visto tanta insanidade vinda dele que era difícil sentir terror. Ele poderia ficar enlouquecido com ela e mostrar as presas, ou não. Mas ela não ia deixá-lo pará-la.

— Espere — ele disse. Não com raiva, afinal, e não louco. Ele parecia preocupado e triste. — Você sabe que pode confiar em mim, não é? Você entende que eu sou o seu amigo. Eu sou. Eu sempre tentei ser.

— Eu sei — ela disse. Soou vazio, porque não era verdade. Ela tinha visto Myrnin ser um monte de coisas, e ela sabia melhor do que ninguém o quão instável ele era. Ela não podia depender do seu estado de espírito atual. Ela simplesmente não conseguia. Havia muita coisa em jogo.

— Você me diria se houvesse algo errado, não é? Algo com que eu possa ajudar?

— Isso... — Ela engoliu em seco e analisou os seus sapatos surrados. — Shane e eu tivemos uma briga. Isso é tudo. Isso... fez eu me sentir terrível. Me desculpe se eu não tenho sido eu mesma.

— Sim — Myrnin disse, um pouco impotente. — Bem. Eu entendo, e eu sou, é claro, o último a criticar alguém por não ser a si mesmo, mas você tem certeza que não...? Talvez seja melhor você e o garoto...

Ela sentiu as lágrimas queimando em seus olhos, verdadeiras e imediatas, e olhou para cima para encará-lo através delas. — Apenas fique longe disso, ok? Isso é pessoal!

Ele ficou tão surpreso que se afastou, e ela continuou a subir os degraus, ofegando com a emoção que ela não podia controlar e que não tinha a menor





ideia do que a havia trazido à tona. Tudo, ela imaginou. O estresse, a preocupação, Shane, Morganville, Myrnin. Ser constantemente aquela que tinha que estar *bem*.

Ela estava tão cansada de estar *bem*.

Lá fora, no beco, ela percebeu que Eve estava gritando o nome dela, mas ela passou correndo. Ela teve que correr; ela não podia se controlar, mesmo que estivesse escuro e fosse uma ideia idiota, e quando ela bateu em uma lata de lixo com um estrondo e saiu voando, ela torceu, com uma espécie de satisfação fatalista, que se machucasse. Talvez seriamente.

Só que ela não o fez, é claro, porque Michael tinha se atravessado em sua frente, fazendo aquela coisa de pulo de vampiro e estando lá para pegá-la, e ela se afastou da sua gentileza, ainda furiosa. — Me deixe em paz! — ela gritou. Foi bem chocante. Luzes se acenderam depois de alguns segundos na Day House, ao lado do beco. Ela tinha acordado a velha Vovó Day, outra coisa para se sentir mal. — Eu não preciso da sua ajuda!

Só que ela precisava, é claro. Ela não foi estúpida o suficiente para correr o resto do caminho; ela caminhou, chutando garrafas e lixo para fora do seu caminho com uma raiva amarga, até que ela chegou no carro de Michael. Ela puxou a maçaneta, mas não abriu. Bloqueada, é claro. O carro apitou para ela baixinho enquanto Michael desbloqueava remotamente, mas ele não veio para perto quando ela abriu-o, entrou e caiu no banco de trás, sentindo-se maldosa e miserável. Ela provavelmente deveria pedir desculpas, ela percebeu. Mas ela não se importava.

Michael entrou no lado do motorista, e Eve, depois de se curvar para olhá-la por cima do banco, ficou numa posição ereta. Ninguém disse uma palavra. O motor ligou e o carro afastou-se com um barulho de pneus, e Michael disse: — Eu acho que Vovó Day acha que eu acabei de te sequestrar.

— Por quê? — Claire perguntou.

— Porque ela está lá fora na varanda carregando uma espingarda. — Ele apertou o acelerador. — Que bom que ela não a mantém carregada, ou estaríamos em apuros.

— Oh. — Um pouco de sua raiva conseguiu desaparecer enquanto ela considerava o que poderia ter acontecido. E se Eve tivesse sido pega no fogo cruzado? Michael não teria sido ferido, mas Eve... — Eu não quis que isso acontecesse.





Eve colocou a mão no ouvido e se aproximou de Claire. — Me desculpe... mas isso foi um pedido de desculpas? Porque pareceu com um.

— Não force.

— Eu não estou, mas você está agindo como uma princesa do drama.

— Rainha do drama.

— Alô, não. Você precisa de muito mais prática de portas batendo, brigas e beicinho antes de você poder até mesmo *querer* merecer o meu trono, vadia. Mas você está chegando lá. — Eve fez uma pausa e fixou nela com um olhar longo e sério. — Isso não foi um elogio, por sinal. Caso você esteja se perguntando.

— Eu não estava.

— Bom. — Eve olhou para a frente. — Eu entendo, no entanto. Tudo isso domina você, você não sabe o que fazer, é tudo muito grande e muito assustador para enfrentar, muito menos lutar, então a primeira pessoa que mostra compaixão é esbofeteada. Já aconteceu comigo tantas vezes, eu superei.

— Eu... — Claire pretendia se defender, mas depois processou isso através de sua cabeça, em uma avaliação bastante precisa, considerando todas as coisas. Ela finalmente deu de ombros. — Eu acho que sim.

— Progresso. — Eve riu. — Eu te amo, CB, mas vamos ser honestas: todos nós podemos ser tolos. Está no nosso DNA. Sim, até mesmo você, Michael. — Ela deu um murro em seu braço. Ele fingiu doer. — Então. Próximo passo. Vamos para casa, ter uma boa noite de descanso, esperar Shane esgueirar de volta com o rabo entre as pernas e perceber o quão idiota ele tem sido. Certo?

— Esse é o plano — Michael disse. Ele não parecia otimista. — Dar a ele algum tempo. Mas de um jeito ou de outro, amanhã vamos para Amelie e dizer a ela tudo o que sabemos. Incluindo sobre Shane.

Claire ergueu o queixo e olhou para a parte de trás de sua cabeça loira encaracolada, porque isso não tinha soado muito bom, também. Nem as palavras; nem o tom. Apenas algo sombrio. — Michael? Você não vai fugir e fazer alguma coisa idiota hoje à noite, vai?

— Da última vez que eu chequei, eu não era a pessoa correndo a toda velocidade no escuro em Vampireville.

Isso a controlou por tempo suficiente, até que eles pararam no meio-fio em sua casa em Lot Street, e pelo tempo que Eve e Michael foram para fora do carro, Claire tinha esquecido da pergunta original.





Foi só mais tarde, quando ela acordou no meio da noite, se perguntando se ela tinha ouvido a porta de Shane abrir e fechar, que ela percebeu que Michael não tinha, na verdade, respondido a ela.





CAPÍTULO 12

Claire levantou-se cedo, principalmente porque ela simplesmente não conseguia dormir, e verificou o quarto de Shane. Vazio, e tão bagunçado como tinha estado da última vez que ela tinha visto. O travesseiro ainda estava na mesma posição exata, metade para fora da cama, com os lençóis torcido ao lado dele. Ela notou coisas como onde a cabeça dele tinha estado da última vez que ele tinha dormido lá. Ela se aproximou, como uma sonâmbula, e, à luz da madrugada cinzenta, ela pôs a mão no buraco onde o seu cabelo tinha estado pressionado não muito tempo atrás. Estava frio, é claro.

Ela pegou o travesseiro e o abraçou, escondendo o rosto nele, e o cheiro dele inundou-a, devastando-a, e ela sentou-se na cama estreita e só... entrou em colapso. Suas pálpebras pareciam esfoladas com a falta de sono e de tanto chorar, e ela se sentia vazia. Exausta. Quando seus olhos estavam fechados, tudo o que ela podia ver era a expressão fria e severa no rosto de Shane enquanto ele batia no vampiro continuamente. Ele não era o mesmo Shane que tinha sido aqui com ela, que tinha segurado ela aqui nesta cama, que tinha criticado novas músicas com ela até ela perder o fôlego de rir, e a fez cócegas e a beijou, e sussurrou o quanto ele a amava. Aquele Shane não estava aqui, e ela não sabia se ele estava em algum lugar ou se ele iria voltar.

Não. Ele iria. Eu vou trazê-lo de volta.

De alguma forma.

Ela não estava pensando em nada específico, nada em relação a um plano, mas, de repente, ela teve uma visão do site. Batalhas Imortais. *Alguém* sabia alguma coisa, e não era só Vassily, Bishop e Gloriana. Os vampiros não eram geralmente esclarecidos em relação a computadores. Alguns, talvez, mas era muito mais provável que um ser humano estivesse fazendo o trabalho da internet para eles.

Talvez até mesmo alguém de dentro de Morganville, já que eles especialmente codificaram para que ele seja invisível aos sensores de monitoramento de Morganville.





Ela se sentou na cama fria de Shane, com o travesseiro ainda em seus braços, e olhou para o espelho na parede. Ela parecia horrível — olheiras escuras ao redor dos seus olhos, seu cabelo uma bagunça, sua pele amarelada. Mas ela se sentia melhor.

Porque ela tinha uma boa ideia do que fazer a seguir.

Era seguro? Não, definitivamente não. Mas esperar para ver se Shane poderia mudar de ideia era pior do que a tortura. Era como ser comida um átomo de cada vez.

Claire correu de volta para o seu quarto, pegou a roupa, tomou banho em tempo recorde, prendeu o cabelo na altura dos ombros para trás em um nó desleixado, desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos sem sequer parar para o café, embora ela tenha pego a sua mochila, principalmente porque continha sua carteira e alguns equipamentos de repelentes de vampiros potencialmente úteis.

Porque ela iria ver a chefe. Não Myrnin... a *verdadeira* chefe.



— Como é? — Amelie disse. — Você aparece sem avisar, no meu escritório, e você espera que eu conceda um pedido sem uma explicação adequada? Isso não é típico de você, Claire. Nem um pouco típico.

Amelie, independentemente da hora, parecia fria e fresca e estranhamente bonita. Ela estava usando azul pálido hoje, com um estilo alinhado e moderado, embora ela tenha se rebaixado e colocado calças. Ela ainda usava pérolas. Às seis da manhã.

Claire ficou de pé, porque ela não tinha sido convidada a sentar em uma das poltronas de couro grossas ao lado da mesa e, além disso, ela não estava com um estado de espírito para ficar sentada. O escritório de Amelie na Praça da Fundadora tinha sido um pouco complicado para se ter acesso; ela não queria usar portais e aparecer de repente sem ser convidada para ver a Chefona Vampira, (muito menos chegar com uma sacola cheia de equipamentos anti-vampiros) que provavelmente não era uma tática de sobrevivência fabulosa, de qualquer maneira. Mas atravessar os níveis de guardas e secretários sociais também não foi fácil. Amelie tinha contratado alguém para ficar sentado em uma mesa na frente do seu escritório, e a vampira — a placa de identificação na mesa dela dizia que o seu nome era Bizzie O'Meara, ela parecia levar o seu trabalho mortalmente a sério — não tinha entendido nem um pouco o conceito de emergências.





A própria Amelie tinha aberto a porta, parecendo zangada com todo o barulho, e mandou Claire entrar. Isso não significava, porém, que Claire era bem-vinda. Apenas que estava presa.

— E então? — Amelie disse. Esse era o tom mais próximo que a Fundadora de Morganville chegava a mostrar impaciência, pelo menos com os seres humanos. Havia uma ponta de frieza que dava a impressão inconfundível de uma ameaça, mesmo que os detalhes não fossem exatamente específicos. — Explique-se.

— Eu não posso — Claire disse, e reajustou a mochila no ombro dela. — Ainda não, de qualquer maneira. Estou investigando. Quando eu tiver certeza do que eu sei, eu vou te dizer. Mas, para conseguir a prova, eu preciso de acesso a alguém que está preso por crimes contra Morganville.

Amelie ergueu cerca de um milímetro as sobrancelhas. — Sério? Naturalmente, a resposta para essa pergunta seria não.

— Mas eu preciso...

— Os prisioneiros que são mantidos por essa acusação em particular não recebem visitantes, Claire. Tampouco conseguem permissão de saída. Eles são meus, pela vida inteira, para fazer o que eu desejo. E este... indivíduo... pode nem mesmo estar vivo, pelo que você sabe.

Isso era assustadoramente verdadeiro. Claire hesitou, então disse: — Kim.

— Kim — Amelie repetiu, como se ela não fizesse ideia do que Claire estava falando. — Oh. *Ela*. Bem, sim, ela está viva, eu dificilmente executaria alguém tão jovem, mesmo ela sendo desagradável e incontrolável. Ela permanece sob custódia, ela estará sob o meu cuidado até que ela prove para mim que ela merece ver a luz do dia mais uma vez.

— Ela é boa em fazer coisas on-line que nem mesmo você e Myrnin poderiam encontrar, e isso é muito raro. Eu preciso da experiência dela. — Claire estava em perigo de soltar coisas e ela sabia disso; ela não tinha ideia se Frank iria mentir para a Fundadora, ou até mesmo se ele *poderia*. Parte do que o controlava era as máquinas e programação; seu cérebro humano podia querer mentir pelo seu filho, mas e quanto ao resto do corpo? Ela não podia ter certeza de nada. — Eu preciso da sua ajuda para encontrar alguém.

— Isso tem a ver com o meu pai?

Essa foi uma pergunta extremamente perigosa, porque tinha, de uma maneira pequena e indireta, mas responder sim significava contar tudo. Era noventa por cento não, de qualquer maneira. — Não diretamente — Claire disse. — Mas isso pode ajudar.





— Hummm. E você acha que ela realmente iria ajudá-la? — Amelie sentou-se à mesa, parecendo cada centímetro com uma mulher em comando. — Eu acho que você não conhece esta Kim muito bem. Ela odeia você, em particular, mais do que a qualquer um. Ainda mais do que eu, eu acredito.

— Por causa de Shane. Sim, eu sei. Ela gosta dele.

Amelie apenas deu de ombros, completamente desinteressada em meros sentimentos mortais.

— Eu acho que ela vai me ajudar nisso. Por favor. Apenas deixe-me falar com ela. Mas eu preciso da sua ajuda.

Amelie tamborilou as suas unhas pintadas de rosa pálido sobre a mesa em um ritmo lento, olhando para Claire com aqueles olhos cinzentos inquietantes. O telefone dela fez um zumbido baixo por atenção. Ela ignorou. — Eu não gosto de você presumindo que manda no meu escritório, Claire. Estamos entendidas?

— Sim.

Mais tamboriladas. Claire não conseguia parar de olhar para aqueles dedos pálidos longos e esculturais com suas unhas afiadas (e tão bem cuidadas). Como Amelie provavelmente pretendia.

— Tudo bem — Amelie disse. — Eu vou dar-lhe acesso por cinco minutos. Se você conseguir que essa pessoa concorde, eu vou deixar ela ajudá-la neste... projeto. Mas ela não pode deixar o confinamento. Estamos entendidas?

— Sim. Obrigada.

— Não me agradeça — Amelie disse. — Você não vai sozinha. — Ela apertou um botão no telefone, que tinha parado de zumbir, e disse: — Bizzie. Por favor, chame Michael Glass ao meu escritório imediatamente.

— Sim, senhora — a voz desencarnada de Bizzie disse. — Oliver está ligando para você.

— Oliver pode esperar. Eu quero Michael aqui. Envie um carro.

— Sim, Senhora Fundadora.

— Você, Claire — Amelie disse, levantando o seu dedo do botão do telefone, — vai se sentar e ficar quieta. Eu estou muito irritada com o seu comportamento. Eu percebi que está na moda os jovens desafiarem a autoridade, mas eu não tolero isso. Não na minha presença.

— Não é... — Oh, de que adiantaria? Claire deixou cair a mochila no chão e sentou-se, cruzando os braços. Ela sabia que parecia na defensiva. Ela não se importava. — Eu não estou desafiando você. É só que eu quero ter certeza das coisas antes de eu falar sobre elas.





— Isso é uma suposição bastante interessante para se fazer, já que eu não exigiria o dom da sua experiência — Amelie disse. — Por exemplo, eu estou bem ciente de que o meu pai, Bishop, está desaparecido. Também estou ciente de que vários vampiros uma vez leais a ele tem agido estranhamente, e vários que não eram, agora estão desaparecidos. Estou ciente de que a presença de Gloriana nesta cidade é um pouco... inquietante para muitos, embora talvez não para Oliver. — Ela parecia um pouco rígida com a última parte. Por causa de *Oliver*? Estranho. — Gloriana, talvez, decidiu praticar os truques dela em seu Shane, então?

Isso estava muito perto da verdade. — Oliver disse que ela não era interessada em meninos humanos dessa forma. — Isso era verdade. Mas não chegava a responder à pergunta. — Ela foi atrás de Michael; isso é o que Eve disse.

— Sim, eu estou ciente disso. Mas isso parece ter passado sem qualquer derramamento de sangue significativo. — Mais unha tamborilando. Quando Claire olhou para o rosto de Amelie, ela viu que a vampira estava olhando para fora das suas janelas escuras que minimizava o sol nascente. Havia uma expressão distante em seu rosto. Amelie poderia parecer quase tão jovem quanto Claire às vezes; ela provavelmente tinha apenas cerca de vinte anos quando se tornou o que ela era agora. Mas nesse momento, ela parecia ter a sua idade real, com todo o peso dos séculos no rosto suave e sem rugas. — Você está bem consciente do quão perigosa esta cidade é, Claire. Mas o que você não entende, não totalmente, é que ela é mantida pela determinação. A minha determinação. Sem a minha influência, os vampiros iriam lutar pelo controle, e os seres humanos seriam abatidos nas ruas. Nem todos da minha espécie têm a visão para entender que tal comportamento é... contraproducente para a sobrevivência a longo prazo da minha espécie. Como alguns dos seus próprios contemporâneos, os vampiros mais jovens querem o que querem, quando querem, independentemente das consequências. — Ela parou por um momento. Claire não sabia se ela deveria dizer alguma coisa, então ela se manteve em silêncio. — Eu estive lutando para educá-los por muitos anos. E, na verdade, eu estou ficando cansada da luta. Eu me lembro de como era quando eu não tinha responsabilidades, nenhuma preocupação. E isso está começando a parecer muito bom para mim.

Isso pareceu ameaçador. — O que... o que você quer dizer?

O olhar cinza de Amelie voltou para ela, mas a expressão não mudou. — Morganville é um experimento — ela disse. — Um que eu cuidei e incentivei





por um longo tempo, em termos humanos, e até mesmo por um período significativo pelos meios de vampiros. Mas não me parece que a minha espécie aprendeu muito a sobreviver entre os humanos de forma produtiva. Ou que os seres humanos aprenderam a tolerar as nossas diferenças. Oliver acha que é uma missão de tolos, você sabe. E ele pode estar certo sobre isso.

— Não está não — Claire disse. — Eu sei que há problemas; há sempre problemas. Pessoas com pessoas mal podem sequer viver uns com os outros sem violência e problemas, muito menos com vocês. Mas de alguma forma conseguimos. Nós *podemos* controlar.

— Eu sempre pensei assim — Amelie disse suavemente. — E eu tenho lutado por esse princípio. Eu sangrei por ele. Eu enterrei entes queridos por ele. Mas e se eu estiver errada, Claire? E se Morganville é uma loucura e arrogância? Você sabe tão bem quanto eu que existem seres humanos que nunca vão aceitar viver com a gente. E vampiros que nunca vão aceitar viver com os humanos. O que estamos lutando arduamente para provar?

Claire não sabia como elas tinham chegado a isto; parecia completamente errado estar tendo esta conversa. Ela não tinha idade suficiente; ela não entendia de onde isto havia vindo. E ouvir Amelie ter dúvidas... doía. E isso a assustava. *Tantas coisas desabando*. Talvez ela não fosse a única com esse sentimento, ela percebeu com um sobressalto. Esse era um tipo de pensamento novo e totalmente desagradável.

Ele realmente a fez pensar.

Ela pensou em algo que os seus pais lhe haviam ensinado. — Qualquer coisa que seja digna, vale a pena lutar — Claire disse. — Nem sempre com armas e outras coisas. Mas com... tomar uma posição. Certo?

Amelie parecia concentrar-se nela outra vez. Por alguns segundos, ela olhou para ela, franzindo a testa, e depois sorriu um pouco. — Então, eu me lembro — ela disse. — Nem todas as guerras são travadas com balas e espadas, de fato. Algumas são guerras de vontades e ideias. É bom que nós duas lembremos disso. — O sorriso desapareceu. — Mas nem todas as ideias ganham a guerra, e nem todas as vontades são fortes o suficiente. A escuridão pode descer facilmente.

— Aqui não vai — Claire disse. — Nós apenas temos que ser mais fortes.

Amelie inclinou a cabeça, mas Claire não sabia dizer se ela estava concordando. Ela franziu a testa novamente, desta vez para o telefone, e depois de uma hesitação, apertou o botão do intercomunicador. — Bizzie? — ela perguntou. — Você tem a confirmação de que Michael está no carro?





A resposta veio imediatamente. — Não, Fundadora. O carro está lá, mas os outros na casa relataram que Michael Glass não está lá.

— Não está lá — Amelie repetiu. — Muito bem. Ligue para o celular dele. Eu acredito que ele tem um desses. Eu vou esperar.

Bizzie deixou o alto-falante ligado enquanto discava. Ele tocou e tocou na outra extremidade, e então a voz gravada de Michael disse, — É o celular de Michael Glass. Deixe uma mensagem, — sobre o som de sua guitarra. O som foi interrompido. Bizzie disse: — Senhora? Nenhuma resposta.

— Eu percebi — Amelie disse. Ela olhou para Claire. — Você sabe onde ele está?

— Não — Claire disse. Ela sentiu o seu estômago revirar desagradavelmente. — Ele... Nós todos fomos para casa ontem à noite. Eu não sei porquê ele não está lá. — Mas ela sabia. No fundo, ela sabia. Michael tinha tentado algo, algo que o tinha metido em apuros — e, pior, ele nem tinha contado a ninguém.

Eve ia matá-lo. E se Eve não o fizesse, Claire decidiu que ela seria a próxima da fila. A ideia de Michael estar desaparecido agora fazia ela se sentir tão instável como se a terra sob os seus pés houvesse mudado. Michael era forte; até mesmo da primeira vez que ela o conheceu, como um meio fantasma, ele tinha sido o mais calmo e mais capaz do grupo.

Mas, desta vez, se ele tiver desaparecido por conta própria, ele cometeu um erro. Um dos grandes.

Amelie deve ter lido algo em seu rosto, porque ela disse: — Traga o meu carro para cá, Bizzie. E o grupo habitual de guardas.

— Sim, Fundadora.

Amelie levantou-se para os seus pés. Claire apenas olhou para ela em confusão, até que ela disse: — Eu vou, é claro, com você. E você vai me dizer para onde você acredita que Michael poderia ter ido, porque eu não vou perder outra pessoa do meu povo para este mistério.

Claire resistiu ao impulso de dizer: *Sim, Fundadora*, e silenciosamente — em derrota — seguiu até a limusine.



Por *grupo habitual*, Amelie quis dizer “mais vampiros do que uma convenção do Drácula” pois além de Amelie e o seu motorista, havia dois guardas silenciosos usando terno e óculos de sol, e um carro da cidade fortemente escurecido transportando mais quatro que seguiam junto. Amelie





ignorou a presença deles — mas por outro lado, ela tinha crescido numa época em que os funcionários não eram mais do que móveis — e se inclinou para frente, de mãos cruzadas. Ela estava sentada como uma dama, joelhos juntos e recatadamente inclinada, mesmo que estivesse usando calças. — Agora — ela disse. — Você vai me dizer tudo o que você não quis me dizer mais cedo. Nós passamos da parte divertida e amadora deste problema. Se você sabe onde o meu pai está, ou até mesmo suspeita que tem uma pista, não importa o quão pequena, você vai me dizer.

Claire se sentia enjoada, quente e aprisionada — principalmente porque ela *estava* aprisionada, sem sombra de dúvidas nisso. Ela fechou os olhos e disse: — Se eu te contar tudo, você tem que me fazer uma promessa.

Silêncio sinistro, interrompido apenas pelo chiado fraco do ruído da estrada debaixo do carro. Claire não tinha ideia de para onde eles estavam indo, e percebeu que tinha acabado de fazer a mesma coisa que Michael: tinha ido embora sem deixar ninguém saber para onde ela estava indo. Ela poderia desaparecer com a mesma rapidez. Ela arriscou um olhar para Amelie, e viu a mesma expressão de expectativa e espera. Ainda não de raiva.

Amelie sorriu, muito ligeiramente, de fato, se Claire não a conhecesse tão bem, ela nunca a teria visto sorrindo. — Você está sempre pedindo promessas, Claire. Às vezes isso parece encantador, como se você simplesmente esperasse que eu fosse honrada o suficiente para mantê-las.

— Que tal hoje? — Amelie inclinou a cabeça. Isso não foi um sim, no entanto; Claire podia ver no brilho frio dos seus olhos. — É apenas que se Shane... se Shane tem alguma coisa a ver com isso, é porque ele tem sido encantado. Por Gloriana. Não por escolha própria. E ele nunca, nunca ajudaria Bishop. Você sabe disso. — Isso saiu rapidamente, e até mesmo para os seus ouvidos, soou incoerente.

Amelie se endireitou, recostando-se na cadeira, e disse: — Fale do início.

Claire tentou. Ela pensou em esconder algumas coisas, mas a verdade é que tudo iria vazar mais cedo ou mais tarde, e mentir na cara de Amelie... bem, isso não era uma boa estratégia. Amelie era compreensiva, às vezes. Ainda assim, Claire se encolheu quando ela teve que falar de Shane. Tudo o que ela podia pensar era no quão ruim tinha sido quando ele tinha sido acusado pelo assassinato de um da espécie de Amelie, quando ele tinha sido preso e condenado, e ela se sentiu tão inútil para salvá-lo.

Aqui estava novamente — aquela sensação negra, inchada e sufocante de total desamparo.





Amelie não fez comentários e não tinha reações físicas pelo que Claire disse. Ela não olhava para Claire, mas para a paisagem além da janela escura – visível aos seus olhos, presumivelmente, embora Claire sentisse como se estivesse confinada em uma caixa-preta – enquanto ouvia. Quando Claire finalmente parou, sentindo falta de ar, Amelie inclinou a cabeça ligeiramente.

– Obrigada – ela disse. – Um relatório muito honesto. Eu tinha de saber o quanto você tentaria esconder de mim. Estou contente que você não tentou fazer isso.

Claire fechou os olhos por alguns segundos. – Você sabia.

– Claro que eu sabia – Amelie disse. – A maioria das coisas, pelo menos. O site é novo e, portanto, de grande interesse; eu tenho agentes traçando suas origens agora mesmo, no entanto você está inteiramente correta de que será necessária uma abordagem mais especializada. Mas o papel de Gloriana e Vassily – essas coisas já eram conhecidas por mim e Oliver.

Oliver. Claro. – Ele estava mantendo um olho nela por você – Claire percebeu. – É por isso que ele estava pendurado ao redor dela.

– Gloriana acredita que é devido ao seu próprio charme, é claro, mas Oliver não é tão facilmente manipulado como isso. Ele a conhece muito bem, e tem boas razões para ser cauteloso com ela e suas motivações. – Amelie finalmente olhou para ela, sem sorrir. – Como o meu pai está envolvido em tudo isso é um mistério, mas ele vai ser resolvido.

– Você sabe onde ele está? Bishop?

– Não. – Amelie olhou para longe novamente. – Uma coisa que ele é muito bom é em se esconde quando ele se sente ameaçado. Ele está dentro das fronteiras da cidade. Os alertas teriam desaparecido se ele tivesse atravessado as fronteiras. Vamos encontrá-lo, mesmo que ele tenha que ser enterrado na terra como uma aranha de caça. – Ela parecia amarga e fria no final, e Claire estremeceu um pouco. – Quando ele for encontrado, vou garantir que esse perigo em especial para nós não retorne. Você tem a minha palavra sobre isso.

O carro diminuiu a velocidade, e Amelie acenou para um de seus guardas, um sentado no seu lado esquerdo. Ele acenou com a cabeça para trás, e quando a limusine fez uma parada suave, ele imediatamente abriu a porta e saiu. Claire não poderia ter tentado sair mesmo se ela quisesse; havia dois guardas entre ela e o exterior.

E Amelie não se mexeu. Ela ficou sentada, composta e ereta, até que o primeiro homem olhou para trás para dentro do carro e disse: – Tudo limpo,





Fundadora. — Em seguida, houve uma saída repentina dos guardas de ambos os lados, e Claire e Amelie ficaram sentadas uma diante da outra, temporariamente sozinhas. Amelie começou a deslizar em direção à saída.

— Espere — Claire disse. — Shane.

Além de uma pequena hesitação, Amelie não respondeu a nada disso. Ela simplesmente continuou o seu caminho. Um guarda ofereceu-lhe a mão, e ela deixou o carro em um passo gracioso.

Claire engoliu o ar e saiu para a seguir.

Havia uma parede móvel de vampiros de preto ao redor de Amelie, escoltando-a para longe da limusine em marcha lenta e até uma passarela coberta que levava a...

Claire piscou. Ela conhecia este edifício. Ela tinha vindo, pelo menos, cinco ou seis vezes, principalmente para adicionar ou largar classes, pagar taxas — esse tipo de coisa. Era o edifício de administração da Universidade Prairie do Texas — estava fechada, é claro. Ninguém ao redor.

Os guardas de Amelie tinham as chaves.

Lá dentro, eles não prosseguiram pelo caminho que Claire sempre fazia, em direção à área principal de gerenciamento; em vez disso, Amelie virou à esquerda em um corredor com painéis preenchido com fotografias desbotadas de reitores de universidades, doadores e ex-alunos não-muito-famosos. Ele terminou no que parecia ser uma parede em branco, exceto por uma placa de fechadura de bronze.

Esta, a própria Amelie tinha a chave, que ela manteve na pequena bolsa que ela carregava. Ela não se preocupou em abri-la; ela tinha pessoas para fazer isso por ela. Ela simplesmente a entregou. Claire arrastou-se para a próxima sala e ficou surpresa quando apenas dois dos guardas vieram atrás dela. Um deles fechou a porta, que soou como se tivesse sido trancada com uma batida.

Eles estavam em uma sala de concreto simples com uma mesa branca que era, tanto quanto Claire sabia, aparafusada ao chão, assim como as duas cadeiras de cada lado dela. Havia uma grande argola de aço presa em cima de um lado da mesa. Fora isso, ela não poderia ser mais branca e tediosa.

Apenas duas cadeiras. Claire se perguntou se ela deveria se sentar de frente para Amelie, mas não, não faria qualquer sentido a não ser que *ela* fosse a pessoa que seria interrogada. Infelizmente, essa não era uma possibilidade totalmente nula.

Foi um alívio culposo ao ouvir o som do metal rangendo e das portas se abrindo e se fechando em outro lugar. Finalmente, uma porta de prata grossa





na parede oposta se abriu e um guarda entrou, não usando um terno preto, mas uma camisa esporte de malha preta e jeans azuis. Havia um emblema imperceptível bordado na mesma cor da camiseta. Com o símbolo da Fundadora Amelie.

Ele era um vampiro — isso era óbvio por causa da tonalidade não natural de sua pele — mas fora isso, ele parecia tediosamente normal. Um típico cara Americano, não muito diferente da metade dos meninos que Claire via na faculdade diariamente. Cabelo marrom primorosamente cortado, um sorriso amigável e profissional, uma confiança marcada em sua expressão. Ele parecia mais um personal trainer do que um guarda da prisão.

Ele deu um passo para o lado, e Kim entrou.

Claire respirou forçadamente. Ela lembrava muito bem de Kim; ela tinha sido uma vadia mentirosa e traidora, mas ela começou bem o suficiente. Ela sempre teve uma espécie de encanto bizarro, mas não havia nenhum vestígio disso agora. Seu rosto estava pálido, severo e sem expressão; Claire tinha visto rostos como esse no hospital quando ela visitou o seu pai depois do seu último ataque cardíaco. Pessoas que pareciam estar concentradas em apenas sobreviver ao minuto, a hora, ao dia. Eles não tinham futuro e nem esperança.

O cabelo de Kim tinha crescido ao redor dos seus ombros, e parte dele ainda estava tingido com preto gótico, mas o resto era loiro escuro. Seus piercings visíveis já não estavam visíveis, nem mesmo os das suas orelhas, porque ela não usava nenhuma joia. Ela estava usando uma camisa de malha como o Sr. Todo-Americano, só que a dela era amarela brilhante. O bordado na parte frontal dizia PRISIONEIRO em letras pretas gigantes, com o símbolo de Amelie no canto. Claire imaginou que tinha o mesmo na parte de trás. Ela usava calças de elásticos estilo yoga e sandálias.

Suas unhas estavam curtas e duas estavam sangrando de onde ela tinha mordido com muita força. Sem unha polonesa descolada agora. Kim parecia triste e sozinha, e muito mais do que com um pouco de medo, especialmente quando ela viu Claire e Amelie.

Ela fixou em Claire, porém, e deu um passo adiante. Seu guarda bateu em seu ombro suavemente, e Kim desviou o olhar e ficou quieta. Ele guiou-a até a cadeira. Sem dizer uma palavra, ela se sentou e colocou as mãos sobre a mesa.

Ele tirou um par de algemas e enganchou uma em seu pulso direito e outra na argola de aço sobre a mesa. Em seguida, ele deu um passo para trás e se transformou em uma estátua descansando perto da porta de metal.





Kim continuou olhando para baixo. Onde estava aquela má atitude que ela exibia desde o início? Ou a amargura? Ou a loucura, que era o que Claire mais se lembrava no final. Agora, ela estava apenas... vazia.

Amelie disse: — Claire, sente-se. Você queria cinco minutos. Você vai tê-los. Eu sugiro que você use-os bem.

Ela não queria que fosse assim, com os dois ao redor olhando, testemunhas ouvindo. Claire ficou subitamente muito feliz por ter confessado para Amelie na limusine, porque ter essa conversa ao tentar manter um segredo teria sido muito difícil. Provavelmente impossível.

Kim não olhou para cima, mesmo quando Claire sentou-se. Ela parecia fria. — Kim? — Sem resposta. — Kim, você se lembra de mim, certo?

Kim olhou para cima, em seguida, seus olhos estavam quentes e com raiva. — É claro que eu lembro. Quem esquece *você*? Como está Shane, a propósito? Ficando cansado de universitárias fracassadas?

O surto súbito de raiva fez Claire vacilar, mas depois de olhar para o homem de pé atrás da cadeira de Kim, ela molhou os lábios e continuou. — Shane está em apuros — Claire disse.

— Bom. — Kim recostou-se na cadeira, no máximo que as algemas permitiam. — Espero que seja fatal para vocês dois desta vez.

Isso foi cruel, até mesmo para Kim. Claire ficou surpresa. Ela podia entender a raiva de Kim em direção a ela, mas a Shane? Ele sempre tinha sido o foco de sua obsessão. — Você não está falando sério — Claire disse.

— Oh, eu estou completamente. Eu tive terapia, você sabe. Estou em contato com os meus sentimentos e essa porcaria. — Kim tirou o cabelo desarrumado do rosto com a mão esquerda e riu. Soou rude e agressivo. — Ele nunca se importou comigo; eu sei disso agora. Então, que ele se dane. E você. Obrigada por aparecer. — Ela olhou para trás, para o seu guarda. — Estou pronta para voltar agora, senhor.

— Kim — ele disse, ainda sorrindo. Ele até mesmo tinha covinhas. — Os cinco minutos dela não acabaram ainda. Seja legal.

Kim encarou Claire de novo, mais uma vez de volta para aquele olhar de mil jardas e expressão fechada.

— Tem um site que está funcionando — Claire disse. — Divulgando vídeos criptografados. Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Porque eu fiz a coisa de criptografia primeiro? — Kim deu de ombros. — Por que eu? Eles não me deram um computador para mexer, você sabe.





Disseram que eu tinha que merecer um. Que se dane. Eu não vou jogar esses jogos para conseguir o que eu quero.

— Você estava trabalhando com alguém de fora de Morganville, no entanto. Você estava planejando fazer um acordo para um programa de TV. Era para isso que a distribuição dos vídeos servia. Eu acho que quem quer que fosse encontrou outra... fonte. E outro programa.

— Bom para eles. — Palavras de desinteresse. Mas Kim estava olhando para ela com um pouco mais de interesse. — Que tipo de espetáculo que eles estão colocando?

— Pay-per-view — Claire disse. — Combate pesado.

— Com os *vampiros*? — Kim realmente riu. — Cara, isso é brilhante. Eu deveria ter pensado nisso. Teria sido um espetáculo muito melhor do que vocês, casais bonitinhos brincando de casinha e fazendo coisas selvagens.

Claire queria bater nela — com força. Mas ela respirou fundo e disse, com uma calma não natural, — eu preciso saber como quebrar a criptografia e descobrir como relacioná-las com a fonte. Eu imagino que você saiba.

— Claro, eu sei, é a mesma criptografia que eu coloquei — Kim disse, e recostou-se na cadeira. — Mas por que eu deveria dizer a você?

— Porque é a coisa certa a se fazer?

Kim revirou os olhos. — Uau, você é realmente uma idiota. Você acha que os vampiros vão fazer a coisa certa quando você apontar o dedo para quem quer que esteja por trás disso? Você acha que isso tudo vai acabar com alguém levando uma bronca e uma multa? Eu tive sorte, você sabe. Sorte de ainda estar respirando. *Pessoas vão morrer*. Você precisa colocar isso na sua cabeça. Não é sobre a coisa certa. É sobre a coisa que você recebe algo em troca. Se você acha que o mundo funciona de outra maneira, você é tão estúpida quanto parece.

Claire disse: — Você sabe, você entendeu uma coisa errado.

— O quê? Eu juro, você é mais ingênua do que os Ursinhos Carinhosos.

— Você acha que porque eu quero fazer as coisas certas, porque eu quero tornar as coisas melhores, eu sou fraca — Claire disse. — Ou porque eu sou estúpida. Mas eu não sou. É preciso muito mais força para saber o quão ruim é o mundo e não querer ser parte disso, entrar nisso. E eu *sei*, Kim. Acredite em mim.

A zombaria de Kim desapareceu quando Claire olhou para ela muito firmemente. Em seguida, ela desviou o olhar. — Você deveria saber depois de passar alguns meses neste fim de mundo.





Pela primeira vez, Amelie se movimentou de onde ela estava na parte de trás da sala. Ela avançou para a mesa, inclinou-se e apoiou as palmas das mãos sobre a superfície plana. Seus olhos cinzentos estavam atentos e nivelados com os de Kim, e novamente Kim não conseguiu manter o seu olhar.

— Você poderia ter em mente que em épocas anteriores, minha jovem, os seus crimes teriam significado que você morreria de uma forma particularmente horrível, com os seus gritos zumbindo nos ouvidos de gente decente — Amelie disse. — Você está mantida em uma cela limpa com alimentos decentes e dignos. Você recebe material de leitura e têm televisão. De que forma isso é um *fim de mundo*? Como pode alguém da sua idade possivelmente saber de sobreviver ao inferno? — Havia uma ponta afiada em sua voz que Claire tinha raramente ouvido. — O homem que guarda você hoje conhece o inferno muito bem. Ele pode dizer-lhe o que era sobreviver em um campo de prisioneiros sem nada para comer além dos insetos rastejantes e pão podre, por *anos*, até uma noite a sua vida ser tirada...

— Salvada — o guarda da camisa de malha disse.

— Salvada, por um de nós — Amelie terminou suavemente. — Pergunte a ele sobre a bondade do seu tratamento, e depois fale comigo ou ele sobre infernos. — Ela deixou isso entrar em sua cabeça por um momento antes de dizer num tom vivo e profissional: — Agora, você queria saber o que nos ajudar significa para você. Isso depende inteiramente do que você pode fazer por nós. Você pode reverter a criptografia e nos dizer o local onde estas pessoas... estão preparando e transmitindo as lutas?

— Sim — Kim disse. Ela pegou em um ponto áspero da mesa com uma unha curta e bem mastigado. — Eu poderia fazer isso. Mas não de graça.

Amelie não parecia muito surpresa. — Qual é o seu preço?

— Eu quero sair daqui.

— Isso não vai acontecer. E você sabe que isso não vai acontecer.

Kim sorriu para o seu colo — uma expressão meio secreta e cínica que fez Claire sentir um pouco de formigamento de alarme. — Oh, eu não sei. Você quer manter o grande segredo de Morganville, certo? Como você vai fazer isso com milhões de pessoas assistindo os vampiros mostrando as presas um para o outro no pay-per-view? Talvez a maioria não acredite, mas talvez alguns acreditem; talvez alguém decida vir vê-la, como uma equipe de reportagem. Então, para onde você escaparia?

— Mais longe e mais rápido do que você pode, Kim. Você faz bem em me lembrar disso.





Kim não disse nada. Amelie, depois de trocar um olhar com Claire, sacudiu a cabeça. — Leve-a de volta para a cela, por favor. Não estamos chegando a lugar nenhum.

— Espere! — Kim disse quando o vampiro atrás dela se adiantou. — Espere. Você quer essas pessoas, certo? Eu posso encontrá-las. Eu sou provavelmente a única de Morganville que tem as habilidades!

— Eu duvido disso, mas você é a única que eu tenho disponível.

— Então vamos lá. O que eu ganho com isso?

Os olhos de Amelie ficaram vermelhos — um carmesim turvo e ondulante que enviou arrepios de alerta em toda a pele de Claire, como uma sensação antes de cair um raio. — Você tem que sobreviver a este encontro comigo, menina. E eu vou avisá-la, essa possibilidade está desaparecendo com cada palavra desagradável que você solta. Seja cuidadosa.

— Você não faria isso. Você é como *ela*. — Um movimento dos olhos de Kim incluiu Claire em seu desprezo. — Cheia de conversa, com pouca ação.

Amelie sorriu, muito lentamente. Foi uma das coisas mais desconcertantes que Claire já tinha visto ela fazer... como se uma máscara tivesse sido puxada para fora e algo *terrível* tivesse aparecido em seus olhos. Kim viu isto, também. Suas algemas tilintaram enquanto ela tentava instintivamente se arrastar. — Oh, criança — Amelie disse. — Eu tenho trabalhado com muito afincio para conseguir essa imagem, porque uma governante deve ser vista como justa, correta e misericordiosa. Mas você não gostaria de me ver em ação. Eu sou, afinal, a filha do meu pai. Agora. Você vai me dar a ajuda que eu preciso para rastrear o sinal que Claire encontrou, e você será grata por eu ter escolhido permitir que você possa continuar em seu estado atualmente confortável. Depois de ter demonstrado *resultados*, podemos discutir uma melhoria em suas condições.

Amelie raramente exercia o poder que Claire sabia que ela tinha, mas ela o sentia agora — forte, sufocante e cheio de terror. Isso pressionou todos na sala; ela ainda viu os outros vampiros se moverem desconfortavelmente.

Mas principalmente direcionado a Kim, que desmoronou como um bolinho de açúcar. — Tudo bem — ela disse, após abandonar a sua falsa bravura de cerca de um segundo atrás. — Mas eu não posso fazer isso aqui. Eu preciso ter acesso à internet.

— Nós podemos arranjar isso.

— E eu preciso sair daqui. Só por um pouco de tempo. — Kim olhou para cima, e Claire viu que, incrivelmente, ela *ainda* estava tentando negociar.





Talvez ela não fosse um bolinho de açúcar, afinal. — Um dia. Apenas um dia. Eu preciso ver o sol.

Amelie não se mexeu, e a atmosfera obscura não diminuiu, mas finalmente ela deu um aceno magnificante e recuou. Parecia que uma tempestade tinha passado sem destruir tudo, e Claire deu instintivamente uma respiração profunda, e ouviu Kim fazer o mesmo. — Um dia — Amelie disse. — Primeiro, você localiza a origem desta transmissão para nós. Então você vai ser supervisionada de perto em sua licença. O Sr. Martin vai com você, — o Sr. Martin, o vampiro que estava atrás de Kim, inclinou a cabeça. — E Claire.

— Espera — Claire disse ao mesmo tempo que Kim. Ambas tinham tons idênticos de alarme. Claire continuou falando. — Você vai me fazer ficar com ela?

— Você não gosta dela — Amelie disse. — E, portanto, você não vai dar-lhe qualquer... moleza, eu acho que vocês chamam assim. Ao primeiro sinal de que Kim está se comportando mal, diga ao Sr. Martin, se ele já não souber, e ela será imediatamente devolvida à prisão.

— Mas eu...

— Sem argumentos — Amelie disse. — O negócio está feito. Sr. Martin, providencie para que a menina tenha o seu acesso à internet, mas eu quero que ela seja acompanhada de perto. Você não deve deixá-la nem por um momento. Você entende?

— Sim, Fundadora. — O Sr. Martin inclinou a cabeça. — E se ela for incapaz de completar a tarefa?

— Ela tem uma hora — Amelie disse. — Se ela não puder resolver o problema dentro desse prazo, eu já não preciso dela.

A resistente Kim, ou não, se encolheu com esse pronunciamento. Não havia dúvidas do que isso significava. — Uma hora não é tempo suficiente!

— Espero sinceramente que você esteja errada — Amelie disse. — Vamos chamar isso de... motivação.

Claire sentiu uma inesperada sensação de simpatia com a expressão aflita de Kim... Ela tinha estado lá há pouco tempo. Ela esteve sob ameaça de morte, ou podendo fazer os seus amigos e família sofrerem se ela não fosse capaz de corresponder às expectativas de Amelie. Não era um lugar confortável, especialmente se você não tinha certeza de que você poderia conseguir.

Mas ela simplesmente não podia simpatizar muito no final. Kim era uma sociopata de sangue frio, pelo menos pelo que Claire sabia, e ela nunca





mostrou qualquer sinal de remorso. Nenhum ponto de empatia com alguém que ela se virou e enfiou uma faca em suas costas com um sorriso.

Claire sentiu os minutos tiquetaqueando quando os detalhes foram tratados como... a localização do computador, o acesso à internet habilitado e interligado, e os protocolos de segurança negociados. Então, finalmente, o Sr. Martin saiu do caminho e Kim sentou-se na frente do teclado.

Ela respirou fundo, colocou os dedos nas teclas, e disse: — Ok, qual é o URL?

— BatalhasImortais-dot-com.

Kim digitou, então abriu uma visualização do código, em seguida, abriu uma nova janela de codificação.

— O que você está fazendo? — Amelie perguntou.

— Executando uma rota de rastreamento.

— E é assim que você vai encontrá-los.

Kim riu. — De jeito nenhum no inferno. Uma criança de seis anos de idade conseguiria descobrir se fosse desse jeito. Mas isso vai me dar um ponto de partida, e eu posso trabalhar com isso.

Amelie se acomodou em sua cadeira. O Sr. Martin se inclinou sobre o ombro de Kim, observando atentamente a tela. Se ele não sabia o que estava procurando, ele dava uma boa impressão de que sabia. Kim lançou-lhe olhares duvidosos de tempos em tempos, e uma vez ele pediu a ela para parar e explicar o que ela estava fazendo. Ela fez isso em tons calmos e tranquilos, aparentemente assustada por tê-lo pairando tão perto.

Claire tomou um gole de uma bebida fria que tinha sido entregue por um dos guardas de Amelie e esperou. Ela olhou para o relógio de vez em quando, sentindo-se inútil e cada vez mais preocupada; cada minuto sentada aqui era mais um minuto que algo ruim poderia estar acontecendo com Shane ou Michael.

Ela também estava consciente, embora ela particularmente não queria estar, de que os minutos eram uma contagem regressiva para Kim, que estava mais pálida com cada tique-taque dos ponteiros de segundos. Seus dedos trabalhavam rápido, com movimentos em borrão, em seguida, eles paravam e ficavam pairando indecisos quando ela se inclinava para mais perto da tela.

Trinta minutos. Quarenta. Quarenta e cinco. Claire esvaziou a sua taça e sentiu a tensão crescente na sala. O Sr. Martin, que pairava sobre o ombro de Kim, olhou para Amelie, que lhe deu algum sinal imperceptível que Claire não sabia ler. Provavelmente não era bom, pelo menos para Kim.





Embora Amelie nunca tivesse olhando para o relógio, fazia exatamente 60 minutos no relógio de Claire quando a Fundadora disse em tons precisos e suaves: — O seu tempo acabou, Kim.

Kim congelou, então olhou com os olhos brilhantes através do seu cabelo emaranhado que tinha caído sobre o seu rosto. Ela empurrou-o para trás, e por um momento, pelo menos, ela pareceu desafiadora e sem medo. — É mesmo? Que bom que eu terminei então.

— Levante-se.

Kim se levantou, e o Sr. Martin moveu-a para longe do computador e prendeu as algemas nela outra vez, enganchando-as através de uma argola sólida presa na parede de concreto. Ele analisou a tela do computador e disse: — Eu tenho um endereço aqui. E um mapa.

— É melhor que seja preciso — Amelie disse. — Eu não vou ser bondosa com uma direção errada.

— Eu vou conseguir o meu dia de folga? — Kim disse.

— De fato, embora você possa não apreciá-lo — Amelie disse. — Você vem com a gente. Sr. Martin, você está no comando dela. Claire, você também tem responsabilidade. Está claro sobre isso?

— Sim — Claire disse. O Sr. Martin assentiu.

— Então coloque uma roupa menos... chamativa — Amelie disse. — Eu tenho ligações para fazer.



— Sim, é disso que eu gosto — Kim disse quando eles estavam todos dentro da limusine novamente. Foi um ajuste apertado, com o Sr. Martin e Kim adicionados com Amelie, Claire e os outros dois guardas, mas Amelie conseguiu arranjar o seu próprio espaço pessoal. Era o resto deles que estavam apertados. Kim estava no meio, mas ela não parecia se importar; ela estava ocupada passando as mãos sobre o capuz preto liso que ela tinha recebido e jeans azuis. Os tênis Skechers deviam ser dela, de antes; eles pareciam esfarrapados, bem gastos, e tinha padrões tribais de espinhos pretos e rosas em cima deles pintados à mão. Ela prendeu o cabelo num rabo de cavalo com um elástico. Nenhuma coisa extravagante de cabelo disponíveis, Claire imaginou, ou pelo menos nenhum que Kim quisesse usar. Ao todo, ela parecia ela mesma novamente. — Eu gostaria que pudéssemos ver lá fora.

— Nada há muito para ver — Claire disse. — É Morganville. Edifícios enferrujados, deserto plano, poeira, amarantos. O de sempre.





— Você ficaria surpresa com o quão bom isso soa quando tudo o que você já viu por meses foram paredes cinzentas. Então, como está Eve?

— Ela está bem. — Oh, ela não queria falar sobre os seus amigos com Kim, de todas as pessoas. — E ela não quer vê-la.

— Ligue para ela e veja.

— Não. — A última coisa que Claire queria era que Eve fosse sugada de volta para o buraco negro de Kim. Isso não tinha acabado bem para ninguém da última vez.

Kim riu secamente. — Ela ainda namora aquele vampiro gostoso, Michael?

— Você poderia por favor, por favor, por favor, se calar agora?

— Eu acho que é um sim. Ele vai largá-la, você sabe. Mais cedo ou mais tarde.

Claire se sentiu atormentada, principalmente porque ela mesma se perguntava sobre isso com culpa, de vez em quando. — Não, ele não vai! Eles... eles vão se casar. — ela soltou, e a cabeça de Amelie se virou para ela com uma precisão estranha de máquina.

— Eles vão. — Isso não soou como uma pergunta. Também não soava como se Amelie estivesse satisfeita com essa notícia em particular. — Eu vou ter uma conversa com Michael. Ele não me informou dos seus planos.

Kim sorriu. Claire lutou contra o desejo de machucá-la, mas, principalmente, porque não havia nenhum espaço para dar um bom soco. *Talvez, ela pensou, Shane esteja passando para mim essa coisa de tendência-a-violência. Droga!* Ela deveria ter pensado antes de dizer alguma coisa sobre isso; ela deveria saber. Michael e Eve não eram exatamente o casal mais popular entre o lado dos vampiros da cidade, muito menos do lado humano; fazia sentido que Amelie não estivesse completamente feliz com a ideia — e que Michael não tivesse falado diretamente com a vampira líder, tampouco.

Kim tinha incitado-a a dizer, assim como Kim manipulou todos ao seu redor e sempre manipulava. Claire se obrigou a respirar lentamente através do seu nariz, tentando se acalmar. Ela tinha que pensar com clareza e ir devagar. Caso contrário, Kim iria fazê-la dizer outras coisas, coisas piores. Havia todos os tipos de segredos que Kim não precisa saber, começando por... bem, tudo.

Amelie ignorou as duas e estendeu a mão para o guarda sentado ao lado dela. Sem dizer uma palavra, ele pegou um celular do bolso e entregou-a. Ela discou, esperou e disse: — Nós estamos a caminho. Você tem o endereço, sim? Vou esperar você lá. E, Oliver? Venha preparado para uma luta. Nós vamos





acabar com este ninho de víboras. Não pode haver nenhum atraso. As coisas foram longe o suficiente.

Mas e quanto a Shane? Claire estendeu a mão para Amelie, mas não a tocou; ela não se atreveu a tentar. Como se ela fosse tocá-la, um guarda agarrou o seu pulso e segurou-o lá no meio do ar, congelado. Ele não a machucou, mas não havia dúvida de que ele poderia. — Pare — ele disse a ela. — Pense no que você está fazendo.

— Amelie — Claire disse. — Eu disse a você, Shane não é parte disso. Por favor, não...

Ela não afastou o celular para longe de sua boca. Ela olhou diretamente para Claire sem expressão em seus cinzentos olhos de ferro e disse: — detenha todo mundo. Vamos determinar a culpa ou inocência no local. — Ela entregou o celular de volta para o seu laçao, que desligou-o e colocou para longe. — Por que você está estendendo a sua mão para mim, Claire? Você acredita que eu iria prejudicar o seu... amigo, sem prova?

Na verdade, Claire *acreditava* nisso. Ela tinha visto Amelie aplicar toda a sua força antes, e ela sabia que ela não hesitaria em condenar Shane se houvesse até mesmo a suspeita de que ele foi voluntariamente parte de tudo isso.

Isso não era tranquilizador.

E bem na hora, Kim estava lá para articular todo o terror em sua cabeça. — Ela vai matar todos eles — Kim disse. — E você e eu, nós somos as culpadas por isso. Se Shane ainda está lá, ela vai dar uma de Rainha Vermelha para cima dele, também. Cortar a cabeça dele. Falar sobre a justiça poética.

Era exatamente disso que Claire estava com medo, e o que ela estava com medo de colocar em palavras. Confiar em Kim para deixar isso escapar, fazia os seus piores medos se tornarem reais. Amelie não confirmou ou negou nada disso. Ela olhou na direção do Sr. Martin, que pegou a mão de Kim na sua e disse: — Chega. — Ele parecia calmo e não especialmente ameaçador, mas Kim estremeceu. Claire sentiu. — Fique quieta, agora. Desfrute das suas horas de liberdade.

— Você chama isso de liberdade? Eu estou presa em um carro da cidade com um grupo de guardas prisionais com presas. Ah, e ela. — Kim bateu seus ombros nos de Claire, não muito gentilmente. — A mascote da equipe de vampiros.

— Na verdade, eu vou te dar um soco — Claire disse.





— Sim, eu estou absolutamente aterrorizada, Danvers. Sem Shane ao seu lado para lutar as suas batalhas, você acha que você pode me ganhar?

Claire se virou e olhou diretamente para o rosto de Kim. — Sim — ela disse. — Eu tenho certeza que eu posso.

Ela quis dizer cada palavra, e Kim deve ter decidido recuar — ou a presença do Sr. Martin decidiu isso por ela. Eles ficaram em um silêncio pesado enquanto a limusine andava, andava e andava... e, finalmente, para o alívio e terror simultâneo de Claire, começava a desacelerar.

Claire pegou o seu celular. Amelie deu-lhe um olhar penetrante. — Eu só estou ligando para Eve. Eu quero que ela saiba que eu não desapareci simplesmente. Como Michael e Shane. Você sabe como ela é.

Amelie parecia confusa e assentiu. — Não diga a ela onde estamos.

— Eu realmente não sei onde estamos. — Claire discou. Eve atendeu no primeiro toque.

— Alô? — A sua voz estava tensa e loucamente descontrolada. — Michael?

— Não, é Claire...

O grito solto no celular foi alto o suficiente para ecoar em todo o interior do carro. Claire puxou-o para longe do seu ouvido, e ela ainda podia ouvir claramente o que Eve estava gritando. — O que diabos você está fazendo? Onde você está? Você não pode simplesmente fugir e me deixar e nem mesmo deixar um bilhete. Meu Deus, você é tão ruim quanto os meninos. Como eu sei que os vampiros não te arrastaram para fora e te comeram?

— Eve — Claire disse, gritando ao celular. — Eve! Cale a boca! Eu estou com Amelie!

Silêncio e, em seguida, o volume muito mais baixo. — Oh. Desculpe.

Claire colocou o celular de volta ao seu ouvido. Ao lado dela, Kim estava sorrindo novamente. Claire sinceramente queria colocar o seu sapato naquele sorriso, mas mais uma vez não o fez. Ela respirou fundo. — Podemos ter descoberto onde as lutas estão sendo realizadas. Eu vou ligar para você se Michael estiver aqui, está bem?

— Tudo bem — Eve disse. — Uh, você está sendo cuidadosa, certo?

— Claro. — Ela olhou em volta para a pesada contingência de presas. — Segura como casas.

— Eu estive em algumas casas bastante instáveis.

— Eu vou ficar bem. Te ligo mais tarde.

O carro tinha chegado a uma parada completa agora. Amelie olhou para fora através das janelas fortemente escurecidas. — Há pouca cobertura lá fora





— ela disse. — Movam-se rapidamente. Quando pararmos, saiam e vão diretamente para a sombra. Podemos não ter tempo para roupas de proteção. Eu suponho que todos vocês podem lidar com o sol por um período limitado.

Seus guardas murmuraram afirmações; em seguida, a luz solar entrou, brilhante e pungente, quando o guarda vampiro abriu a porta. Ele estava fora em um movimento rápido, seguido pelo segundo guarda. O Sr. Martin praticamente arrancou o braço de Kim para fora de seu ombro ao arrastá-la do carro, e de alguma forma, mesmo que ela tenha começado a se mover o mais rápido que pôde, Claire foi a última a sair da limusine. Amelie estava logo à frente dela, no entanto.

Foi uma coisa boa que eles foram para a parte traseira.

Claire nunca tinha certeza exatamente de como isso aconteceu muito mais tarde. Logo em seguida, essa foi a sua impressão: uma grande área vazia de deserto. Um celeiro de estanho enferrujado e gasto, aparentemente abandonado, com uma grande área de sombra debaixo de um toldo inclinado que provavelmente era usado para estacionar carros ou algo assim. Os guardas de vampiros em seus ternos pretos dirigiram-se para ele em alta velocidade, com o Sr. Martin retardado por uma Kim, e Amelie ficando para trás, provavelmente para ficar mais perto de Claire.

E, em seguida, a explosão.

Ela atingiu-a como um empurrão quente e forte e, em seguida, ela caiu para baixo e rolou pela areia, e então o barulho enorme estrondou em seus ouvidos e ela viu a nuvem de fogo e fumaça, e, finalmente, *finalmente*, ela percebeu que o prédio que eles iriam entrar, aquele que Kim os levou, tinha acabado de explodir.

Claire sentou-se, olhando fixamente. O edifício de estanho estava colapsando sobre si mesmo, queimando, sucumbindo — em ruínas. O toldo, aquele em que os guardas estavam se dirigindo, estava completamente desaparecido, destruído. Chamas e fumaça subiam em uma coluna preta e vermelha, e o vento as pegou e as soprou em uma nuvem que derivou para o oeste. Havia pedaços de metal destruídos e lixo por toda a parte, ainda caindo como chuva de fogo, e Claire cobriu a cabeça quando um pedaço grosso de tapume afiado bateu no chão a poucos metros de distância.

Amelie estava deitada de lado a cerca de dez metros mais perto do local da explosão. Claire ficou de pé, balançou um pouco e sacudiu a tontura persistente.





Amelie se moveu antes que ela chegasse nela — um estremecimento primeiro, e então ela levantou-se em uma posição de pé em um movimento suave e estranhamente rápido. Havia sangue escorrendo pelo seu rosto. Mais carros estavam parando agora, pretos e fortemente escurecidos. Oliver saiu primeiro, usando um casaco pesado e chapéu, deu uma olhada no prédio em chamas e, em seguida, moveu-se em um borrão. Ele foi em direção a Amelie, e quando parou, suas mãos estavam em seus ombros. Ele tirou um lenço do bolso e limpou o sangue; o corte já tinha fechado. Claire viu o olhar em seu rosto por alguns segundos e, em seguida, ele suavizou em uma neutralidade cínica.

— Consegue andar? — ele perguntou a ela. Ela assentiu com a cabeça. Ele a soltou, em seguida, tirou o casaco e o chapéu e os colocou em cima dela. — Vá para o carro. Você não deveria estar aqui.

— Você acha que eu vou correr de covardes que tentam me matar a distância? — Amelie riu, e parecia selvagem e estranha aos ouvidos amortecidos pela explosão de Claire. — Você é o meu segundo em comando, não o meu guarda-costas.

— Os seus guarda-costas estão indispostos — ele disse. — E pelo menos um não vai voltar. Posso ver partes dele em vários lugares. Não seja tola. Fique segura.

Kim e o Sr. Martin estavam se levantando agora. Kim estava segurando o braço como se ele estivesse machucado, e ela estava coberta de cinzas.

Amelie focou sobre ela com os olhos se estreitando. A cabeça de Oliver se virou também. Claire não podia ver a sua expressão, mas ela viu a tensão se reunindo em seus ombros.

— Que estranho — Amelie disse. — Ela implora por um dia de folga e nos traz aqui. Para as nossas mortes, provavelmente. — Ela apontou para o Sr. Martin. — Traga-a aqui. Agora.

Kim claramente não queria vir; ela estava cambaleando em todo o lugar, mas Claire não achava que ela estava atordoada. Apenas preocupada com as suas chances. — Uau — Kim disse. — Isso foi intenso. — Seus lábios se curvaram em um sorriso cruel. — Acho que temos o endereço certo, afinal.

Amelie não pareceu se mover rapidamente, mas de repente ela estava perto de Kim e estava a puxando para muito, muito perto. Os olhos de Amelie tinham se tornado brancos intensos e assustadores de um jeito que Claire apenas tinha visto uma ou duas vezes. Kim parou de sorrir e começou a parecer muito preocupada.





— Alguém nos denunciou — Amelie quase sussurrou. — E você, minha querida Kim, é a suspeita mais provável. Convença-me de que você não fez isso.

— Por que eu? — Kim rebateu. — Eu tenho tudo a perder. Você me mataria se eu fizesse isso!

— Sim. Eu mataria. Eu ainda posso. Explique como isso poderia ter acontecido, se você não me traiu.

Kim hesitou, lambeu os lábios pálidos, e, em seguida, disse: — Eles poderiam ter observado qualquer atividade de rastreamento. Nem sequer tem que ser uma pessoa viva; poderia ter sido um programa. Um gatilho. Uma vez que ele soubesse que tínhamos encontrado o endereço, poderia ter soado um alerta. Eles deram o fora quando descobriram que tinham sido encontrados.

— E as bombas? Certamente não é um mecanismo comum de defesa de casas.

— Eu não tenho nenhuma ideia, exceto, talvez, eles planejaram, para o caso de você aparecer procurando. Eu teria ido para o prédio se eu soubesse que eles estavam lá? Meu braço está praticamente quebrado! Isso dói!

— No entanto, você ainda respira — Amelie disse. — Por enquanto. — Seus olhos brancos estavam desaparecendo de volta ao cinza, no entanto, e Claire sabia que o momento de perigo fatal de Kim estava passando. Isso era quase tão ruim. — Muito bem. Eu vou aceitar que isto não foi culpa sua, exceto que você foi negligente. A negligência é o suficiente. — Ela olhou para o Sr. Martin, de pé, com os braços cruzados atrás de Kim. — Leve-a para trás. Agora.

— Não! — Kim deixou escapar, mas Amelie empurrou-a para o outro vampiro. — Não, por favor! Eu não fiz nada, eu não fiz! Você precisa de mim!

— Por quê? — Amelie rebateu. — Você realizou a única tarefa para a qual você era apta. Você provou-se indigna da sua conduta por suas palavras e o seu comportamento insensível. Estou te mandando de volta para a sua cela, onde você vai viver os seus dias de silêncio e solidão. Sem mais filmes, Kim. Sem mais livros. Sem lugares macios. Você vai ser alimentada, mas ninguém vai falar com você, ninguém vai reconhecer a sua existência. Você vai viver como um fantasma até que você seja um. Porque no final, eu não acredito que você é inocente. Eu acho que você sabia sobre o gatilho, como você chamou; eu acredito que você desencadeou, sabendo que ele seria executado. Eu acredito que você não sabia sobre as bombas; você é muito fixa em sua própria autopreservação para ser tão ousada. Mas eu vi o seu sorriso. Todos nós vimos. Você sabia.





O rosto de Kim perdeu a cor, tanto que ela quase parecia o fantasma que Amelie estava falando. — Não — ela disse. — Você não pode fazer isso. Você não pode provar nada.

— Eu sou a Fundadora — Amelie disse. — E eu não preciso provar nada. — Ela acenou para o Sr. Martin. — Leve-a. Eu não quero olhar para o rosto dela novamente.

Os olhos de Kim encontraram o olhar de Claire. — Me ajude! — ela gritou. — Não fique aí parada, vadia! Eu sou humana! Eu sou uma de vocês!

Claire deu de ombros. — Você não é nada minha. Você sabia — ela disse, — e você não se importou.

Kim parecia chocada por um segundo, e então ela mostrou os dentes em um sorriso branco e feroz. — E daí? Bem, você sabe o que mais eu não me importo? Se Shane estava naquele edifício ou não. Espero que ele esteja morto. Espero que ele tenha morrido pensando em você e se perguntando porquê você não o encontrou.

Shane.

Ela não tinha pensado nisto; ela tinha acabado de assumir... mas ele poderia estar lá.

Ele poderia estar queimando.

Claire nem sequer pensou nisso. Ela começou a correr para o edifício, que ainda estava abarrotado de chama vermelha e fumaça preta até o alto.

— Não — Oliver disse, e pegou-a pela cintura, tirando-a do chão. — Não é hora para a sua tentativa galante de suicídio, Claire.

— Ele pode estar lá!

— Sim — Oliver concordou. — E se ele estiver, você não pode ajudá-lo. Agora apenas...

Foi quando alguém atirou no Sr. Martin nas costas.

Claire não sabia o que tinha acontecido; ela ouviu um estalo e o viu perder o controle sobre Kim e dar um passo para a frente. Kim não hesitou. Ela se soltou e saiu correndo.

Oliver soltou Claire e pulou para Amelie, puxando-a para baixo. Claire cambaleou, sem equilíbrio, e se abaixou também, o que provavelmente salvou a vida dela. Ela ouviu o crepitar de armas — mais do que uma — sendo disparadas, e ficar abaixada parecia uma boa ideia de repente. O Sr. Martin estava deitado perto dela, mas ele não estava se movendo. Seus olhos estavam abertos, e quando ela olhou para ele, ela o viu piscar.

— Você está bem? — ela perguntou.





— Bala na coluna vertebral. Vai demorar alguns momentos — ele disse. — Onde ela está?

Claire levantou cuidadosamente a sua cabeça. — Fugiu.

Kim estava correndo para os destroços — não longe das armas disparando contra eles, mas em direção a elas. E elas pareciam estar deliberadamente não disparando nela. Claire finalmente avistou um jipe empoeirado e camuflado estacionado entre duas dunas de areia. Havia dois homens com rifles usando o jipe como uma plataforma de tiro, e Kim se dirigia para ele, rápido. Um dos homens de Oliver foi atrás dela e quase conseguiu antes de uma bala lhe acertar e ele cair na poeira.

Kim saltou no jipe, aceleraram o motor e soltaram areia enquanto corriam para longe. Um último tiro ecoou no ar seco, e, em seguida, eles foram embora.

— Saia! — Amelie gritou, e Oliver rolou para longe dela e suavemente para os seus pés. Ele estendeu a mão, mas ela se levantou sem precisar dele, parecendo forte e muito, muito zangada. Ela olhou para Claire e o Sr. Martin, em seguida, na direção em que Kim e os seus salvadores haviam desaparecido. — Eu julguei mal — ela disse. — Kim não cometeu um erro. Ela é parte disso. De alguma forma, ela é parte disso. Eu deveria ter agarrado o pescoço da pequena animal antes disso, mas eu estava sendo muito misericordiosa. Muito ciente da responsabilidade — Ela olhou para Claire, mas não havia nenhum sentimento de reconhecimento em seus olhos; ela estava muito zangada. — Levante-se, a menos que você esteja muito ferida para se levantar.

Oliver nem sequer se preocupou em olhar para Claire. Ou o Sr. Martin, a propósito. Era como se eles já não existissem. — Eles estão destemidos — ele disse. — E ousados. Isso poderia ter saído muito mal para eles.

— No entanto, isso não aconteceu — Amelie disse. — Parece que temos uma guerra em nossas mãos, Oliver.

Ele sorriu. Foi um sorriso adorável e quase encantador, e que fez Claire se sentir um pouco enjoada. — Finalmente — ele disse. — Não há mais diplomacia, minha senhora. Não há mais meias medidas. Dê-me as rédeas e eu vou lhe trazer os seus inimigos com as suas cabeças decorando as minhas lanças. Todos os seus inimigos. Os seres humanos e os vampiros.

Isso estava fora de controle, indo rápido demais. Kim desaparecendo, Shane, Michael... Bishop e Gloriana, as lutas, Vassily... estava tudo uma grande bola de confusão sangrenta, e agora Oliver ia entrar na onda e devastar tudo.





Amelie deveria ter dito não. Em vez disso, ela olhou fixamente para Oliver, cruzou as mãos na frente dela em uma pose formal, e disse: — Que assim seja. Guerra. Tragam-me as cabeças.

— Espere — Claire disse, e ficou de pé. — Espere, você não pode. Você não pode matar todo mundo. Eu te disse, Gloriana estava usando algum tipo de...

— Feitiço, sim, você me disse — Amelie interrompeu. — Mas você vê, eu já não me importo. Eles tentaram me assassinar, e atacaram e mataram a minha espécie. Há momentos em que a misericórdia e a justiça calculada não são adequadas. E este é um desses momentos.

Oliver inclinou a cabeça, girou nos calcanhares, e afastou-se, movendo-se rapidamente ao sol. Ele estava começando a ficar vermelho brilhante por estar queimado de sol, mas ele estava sorrindo maldosamente.

O Sr. Martin. Claire olhou para baixo e viu que ele também estava queimando, virando uma lagosta alarmante. Ela encontrou um pedaço de estanho que ainda estava praticamente intacto e arrastou-o para protegê-lo. Ele sorriu agradecido e um pouco doloroso. — Eu vou me levantar em um minuto — ele disse. — Amelie, me desculpe. Eu deveria ter parado ela.

Amelie deu-lhe um olhar distante. — Sim — ela disse — Mas eu vou esquecer isso. Você é um bem valioso. — Ela foi embora, com o casaco preto ondulante de Oliver ao vento, parecendo uma criança vestindo-se como em um velho filme de detetive, mas não havia nada suave nela. Pequena, mas muito mortal, como uma cobra. Ela chamou de volta: — Venha, Claire. Não há nada mais para você fazer aqui. Eu vou precisar de você em outro lugar.

Claire olhou para o Sr. Martin. Ele devolveu o olhar e deu de ombros. — Ela está muito irritada — ele disse. — Você seria esperta se obedecesse prontamente.

— Você vai ficar bem se eu for embora?

Seu sorriso desapareceu. Ele parecia sinceramente intrigado. — Por que você se importa?

— Eu não sei — ela disse. — Eu apenas me importo, eu acho. — Claire ignorou Amelie e se virou lentamente em direção aos destroços em chamas do prédio e começou a se mover. Ela estava longe o suficiente de Oliver e Amelie, no momento, e a atenção deles não estava nela.

Shane.





Claire começou a correr. Ela ouviu alguém gritando atrás dela, mas ela não parou. Ela acelerou, saltando sobre um pedaço dobrado de metal, em seguida, esquivando-se de um pedaço de madeira em chamas.

— Ah, apenas deixe ela ir — Oliver disse. Claire estava com medo de que ele estivesse atrás dela, mas, na verdade, ele não tinha saído do lado de Amelie. — Ela tem o direito de ver por si mesma.

Ela chegou sozinha em uma ruína de metal. O prédio havia desabado sobre si mesmo onde não havia explodido em pedaços. Uma parte estava apontando para cima em um ângulo estranho, onde os suportes ainda estavam de pé. Claire correu até ele, ouviu o ranger de destroços e estremeceu sob o vento chicoteando.

Ela não pensou sobre o perigo até que ela estava lá dentro, ouvindo os gemidos profundos de metal se movendo em cima. Este lugar estava desabando.

Mas primeiro, ela tinha que descobrir. Ela tinha que encontrá-lo.

— Shane! — ela gritou, mas seus ouvidos ainda estavam tampados por causa da explosão, e saiu estranhamente abafado. Talvez ele não possa ouvi-la, tampouco. Talvez fosse por isso que ela não ouviu nada de volta. — Shane, me responda!

Ela quase tropeçou na escada que levava para baixo do piso de concreto rachado. Ela provavelmente tinha sido coberta antes, ou teve algum tipo de corrimão em torno dela, mas agora era apenas um espaço escuro, aberto no chão. Um raio de sol perfurou o telhado quebrado e brilhou nos degraus, por todo o caminho até o fundo.

Ela o seguiu.

Lá em baixo, a luz não foi tão longe, mas o suficiente para que ela possa distinguir algumas coisas. As barras de aço de uma gaiola gigante. E as arquibancadas. Ela tinha visto este lugar antes, no vídeo. Shane tinha estado aqui, lutando.

Claire se moveu para a frente, tentando ver se havia alguém aqui, ninguém. Parecia vazio.

Ela tropeçou em um pedaço caído de metal e caiu. Ela se apoiou nas palmas das mãos, mas derrapou sobre o concreto umedecido, e ela teve que lutar para não cair de cara no chão.

— Shane! — Sua voz ecoou de volta, selvagemmente vinda do metal e concreto, e ela podia ouvir o sofrimento e medo nela. — Shane, por favor, me responda!





Não havia som nenhum, exceto pelos contínuos estilhaços e gemidos dos destroços sobre a sua cabeça. Ela voltou para a luz do sol.

Havia sangue em suas mãos, brilhante e vermelho. E em suas calças, onde ela tinha caído de joelhos.

Sangue fresco.

Claire gritou.





CAPÍTULO 13

Era como *CSI: Vampiros*, só que sem os óculos de sol. Os vampiros trouxeram lanternas, embora eles provavelmente poderiam ter se dado bem sem elas. Não demorou muito para que eles limpassem os destroços potencialmente perigosos de cima e descessem até o porão, onde Claire estava amontoada nos pés da escada. Ela ainda estava olhando para o sangue seco em suas mãos quando Oliver desceu com cuidado, olhando para ela enquanto descia.

— É sangue — ela disse, sentindo-se cansada e estranhamente calma agora. — Isso vai fazer vocês enlouquecerem e me morder?

— Você enlouquece de fome quando vê um hambúrguer velho e decadente no chão ao lado de uma lata de lixo? — ele perguntou.

— Não — ela disse. Então, tardiamente, — Isso é nojento.

— Então deixe-me assegurá-la, a ideia de ingerir sangue sujo e contaminado não tem atração para mim, tampouco. — Sua voz estava estranhamente calma, e ele olhou para ela e para a poça de sangue perto da gaiola. — Você está com medo de que seja de Shane.

Ela engoliu em seco e conseguiu sussurrar: — É?

— Não — Oliver disse. Ele se agachou e tocou o sangue, esfregou-o entre os dedos, e cautelosamente cheirou. — Não cheira como o dele. É humano, mas não da linhagem Collins. — Ele levantou a cabeça de novo e examinou o lugar. Mais do seu povo desceu os degraus, trazendo luminárias portáteis com eles, eles as montaram e ligaram, banhando a sala com uma luz branca impiedosa. O sangue parecia quase insanamente vermelho, secando e formando manchas marrons nas bordas. Oliver levantou-se e caminhou até uma outra mancha, depois outra. — Não tem só essa. Existem muitas manchas de sangue aqui. Algumas mais velhas; algumas de apenas alguns dias. — Ele caminhou até a gaiola e abriu a porta destrancada, que rangeu como uma casa





mal-assombrada. Claire estremeceu. Parecia que o grito estridente foi direto em sua cabeça.

Não é o sangue de Shane. Ela sentiu uma agitação imensa de alívio, e suas mãos, as mãos que ela estava segurando tão rigidamente para longe dela, caiu aos seus lados. Ela queria chorar, mas ela não tinha certeza de que tinha lágrimas dentro dela.

— Tem mais aqui dentro — Oliver disse. — Muito mais. Muitos doadores diferentes, e sangue de vampiros, assim como seria de se esperar tendo em vista as gravações de luta que vimos.

— É bárbaro — Amelie disse. Claire não tinha ouvido ela chegar, mas de repente ela estava lá, como um fantasma branco e esfarrapado, brilhando nas luzes brilhantes. Se o sol machucava, por que essas luminárias brilhantes não? Talvez não tenha o mesmo espectro. O cérebro de Claire parecia lento e cansado demais para descobrir isso tudo. — Colocar homens uns contra os outros como cães de combate em uma arena. Eu posso sentir o mau cheiro do medo e da violência daqui.

Oliver balançou a cabeça lentamente e se levantou de onde ele estava ajoelhado, examinando algo que Claire não conseguia ver. — Eles estiveram aqui recentemente — ele disse. — Recentemente o suficiente para matar alguém e colocar as armadilhas do lado de fora. Minas de pressão, presumivelmente, acionadas quando os seus guardas avançaram para as sombras. Alguém sabia exatamente o que você faria quando chegasse.

— Eles só calcularam mal quantos eu trago comigo — ela disse. Ela parecia só osso e músculo agora, e seus olhos brilhavam como gelo. — Eles cometeram um erro fatal. Eles deveriam ter garantido a minha morte.

— Eu tenho certeza de que eles vão garantir da próxima vez — Oliver disse. — Eles sabiam que estávamos chegando. Tudo isso é bastante óbvio.

Amelie se virou. Claire pensou a princípio que ela estava chamando a atenção dela, mas não, seus olhos cinzentos estavam olhando para outra coisa.

— Eles mudaram as operações — ela disse. — E nós não temos nenhuma maneira de saber onde que está atualmente. Mas vamos encontrá-los, e quando o fizermos... quando o fizermos, ninguém será poupado. Ninguém.

— Mas...

— Ninguém — Amelie disse. Oliver assentiu. — Eles permitiram que os humanos lutassem em igualdade de condições, e os seres humanos têm a





vantagem de números. Eles vão nos destruir com isso, mesmo sem o perigo de exposição. Isso deve parar. Com morte.

Isso, Claire pensou com uma sensação de mal estar, *não era uma metáfora*. Ela tinha que encontrá-los primeiro e tirar Shane disso.



Eve estava esperando na rua ao lado do seu carro quando a limusine deixou Claire em casa. Amelie não tinha dito uma palavra a ela, embora Claire tenha tentado falar. Era como se ela já não reconhecesse que Claire existia.

— O que diabos está acontecendo? — Eve exigiu quando a limusine foi embora, deslizando como um tubarão elegante e preto. Ela estava usando um vestido de espartilho preto com forro roxo debaixo dele, e seu batom tinha a cor magenta choque. Quando Eve ficava nervosa, ela às vezes canalizava isso em seu guarda-roupa. E de acordo com o que ela estava usando hoje, ela estava gritando no interior. — Claire? Primeiro Shane fica fora de controle, e você disse que iria ligar! Você não ligou! Michael estava lá? — Isso foi uma crise súbita de esperança que brilhava dentro dela como um holofote, mas se apagou de repente ao ver a expressão no rosto de Claire. — Ele não estava. Ele não está com Amelie, tampouco.

— Não — Claire disse muito relutantemente. Ela deu um passo para a amiga. — Eu não sei onde ele está, mas eu acho que Michael foi falar com Shane sem nós, para tentar convencê-lo a sair dessa.

— E isso não saiu bem — Eve terminou. Seus olhos estavam escuros e sombrios. — Caras. Por que eles nunca ouvem? Nem mesmo os bonitos, gostosos e mais inteligentes? Nós não tínhamos concordado que *você* ia falar com Shane?

— Eu acho que Michael estava tentando me proteger — Claire disse. Ela se sentia miserável, e dolorida em todos os lugares. — No caso de Shane ficar violento. Eu sinto muito, Eve. Eu sinto muito. — Ela queria chorar. Tudo tinha saído tão errado, e ao contrário da maioria das vezes, ela sentia como se não pudesse controlar nada disso. Todo mundo estava mentindo, se esgueirando ou sob o controle de outra pessoa. Amelie tinha ficado toda Princesa Guerreira sobre ela, e Oliver — bem, ele estava sendo Oliver, pelo jeito. Até





mesmo Kim tinha ferrado ela, e ela *esperava* por isso. Mas ainda doía, pelo menos fisicamente.

— Oh, querida, está tudo bem — Eve disse. Ela piscou e olhou mais de perto. — O que diabos aconteceu com você?

— Kim nos atraiu para uma armadilha. Um edifício explodiu.

— Um edifício explodiu... — Eve repetiu para si mesma, recuou, e disse: — Espere, você acabou de dizer *Kim*? A minha Kim? Quero dizer, a Kim que todos odeiam agora e que está na prisão? Aquela? Você estava presa? Quando você foi presa? Por que você...

— Eles deixaram ela sair — Claire interrompeu, e fechou os olhos. — E foi ideia minha. Eu pensei que ela poderia nos ajudar a rastrear o sinal para onde eles estavam fazendo as lutas.

— Oh? Oh. Bem, isso foi uma ideia muito boa, na verdade.

— Foi uma péssima ideia. Ela alertou-os de alguma forma. Eles quase nos mataram. E eles irritaram muito Amelie. — As lágrimas de Claire estavam realmente ameaçando agora, desencadeadas pelo olhar caloroso e preocupado que Eve estava dando a ela. — Está tudo desmoronando. Eu não sei... Eu acho que eles sabem que nós estamos procurando por eles. Eu acho... oh, Deus, Eve... Eu acho que Amelie vai matar todo mundo e agora eu não sei o que fazer! — Isso saiu como um pequeno gemido melancólico, e Claire instantaneamente sentiu vergonha de si mesma. Ela estava caindo aos pedaços, e isso não era típico dela. Ela enfrentou Oliver. Bishop. Amelie. E até mesmo o Malvado e Louco Myrnin.

O problema era que, desta vez, o inimigo, embora conhecido, era para todos os efeitos invisível. Sem rosto. Pior, o inimigo que ela tinha visto, enfrentado, era *Shane*. E isso doía; isso tinha rachado a força fundamental e inabalável que ela precisava agora. Desesperadamente. Não havia ninguém ou qualquer coisa que ela pudesse fazer, porque eles eram sombras, fumaça, invisíveis ou intocáveis, como Bishop, Gloriana e Vassily.

Ou como Kim. O pensamento atingiu-a e desapareceu. Deus, ela a odiava. Ela a odiava mais ainda, na verdade, por dizer que ela torcia para que Shane morresse.

Isso, Claire não podia perdoar. Queimou em suas entranhas como uma profeta cheia de ácido.





— Eu sinto muito — ela disse, e prendeu a respiração. Sua voz soava irregular. — Eu sinto muito. Foi uma manhã muito ruim.

— Você parece alguém que foi arrastada pelos cabelos através de uma fábrica de cinzas — Eve disse. — Entre. Você precisa de um banho.

— Não. Precisamos encontrar Michael e Shane!

— E nós não vamos fazer isso sem formar um plano juntas, certo? Porque eu tenho certeza de que onde quer que eles estejam, eles não estão vagando pela cidade à procura de nós. — Eve, de repente, estava toda negócios. Normalmente era Claire (ou, pelo menos, ela achava que era) a parte lógica, o planejamento da equipe, enquanto Eve fornecia a paixão e intuição. Mas hoje, Eve estava no comando, e ela pegou Claire firmemente pelos ombros e acompanhou-a em direção aos degraus. — Eu liguei para a polícia e conversei com Hannah. Nenhum sinal dos meninos ou deste clube de luta confuso que eles se meteram. Está quieto lá. Eles já procuraram na academia também. Nenhum sinal deles.

— Eve, temos que fazer alguma coisa.

— Eu sei — Eve disse. — E a primeira coisa que você vai fazer é tomar um banho, lavar o... Oh, meu Deus, isso é *sangue*?

— Não é meu — Claire disse. — E não é de Shane, quero dizer.

— Ou Michael?

Ela nem tinha *perguntado*. Isso a fez querer bater a cabeça contra a parede... mas então ela se lembrou que Oliver tinha sido específico. — Não, era sangue humano, mas não era de Shane. Nem de Michael, tampouco.

— Graças a Deus. — Eve descansou a ombro contra a parede da casa por um segundo, ao lado da porta, e fechou os olhos. Ela parecia quase tonta de alívio. — Ok, entre. Eu não sei de quem esse sangue é, mas ele não precisa estar em cima de você.

Não existia um argumento para isso, na verdade.



A limpeza teve um efeito de estabilização definitiva, para a surpresa de Claire; ela controlou o seu emocional novamente, se vestiu e encontrou Eve andando lá embaixo na sala de estar, falando ao telefone. Quando ela viu Claire descendo as escadas, ela desligou e deixou cair o celular de volta no





bolso. — Escute, eu estava pensando. E se a gente for falar com Frank de novo? Agora que Kim abriu a criptografia do site, talvez ele possa nos dizer mais. O que você acha?

— Eu acho que eu deveria ter pensado nisso — Claire disse, e conseguiu dar um sorriso. — Eu vou ligar para Myrnin. Podemos usar o portal.

— Ugh. Eu odeio essa coisa — Eve disse. — Mas sim, ok, eu estou a fim de ter as minhas moléculas mexidas hoje. Mas se aquela coisa estragar o meu vestido, eu vou machucar alguém. Provavelmente o seu patrão. — Ela se abaixou e pegou uma bolsa de lona preta, a qual ela entregou a Claire enquanto levantava outra idêntica.

— O que é isso?

— Piquenique. O que você acha que é?

— Um Kit Anti-vampiros?

— Sim. E o almoço. Eu fiz sanduíches para nós. Eu até cortei as crostas. — Eve sorriu ferozmente. — Você e eu, amiga. Vamos resgatar os homens da família para variar. — Ela levantou a mão, e Claire deu um tapa na palma dela e devolveu o sorriso tão ferozmente quanto o tapa. De repente, ela se sentiu como ela mesma novamente: no controle, com um plano, armada. Sem Shane a protegendo, mas estava tudo bem. Ela e Eve iriam conseguir. Juntas.

Ela se virou para a parede, fez os cálculos mentais e criou o portal que levava até o laboratório de Myrnin. Estava escuro na outra extremidade, e ela sentiu a presença da porta trancada. — Droga. — Ela pegou o celular e discou. — Myrnin? Abra o portal. Eu preciso passar.

— Não é um bom momento — Myrnin disse. Ele parecia distraído.

— Que pena. Eu estou atravessando. Se você não quer me ver sendo repartida e morta, abra a porta.

Ele suspirou em exasperação e deixou cair o telefone, o que poderia ter sido interpretado como *tanto faz*, mas no momento seguinte, ela sentiu a porta desbloquear e se abrir, e logo à frente, uma listra de luz se ampliou e tornou-se o laboratório. Myrnin estava ali de pé, segurando a porta, parecendo tão perturbado como tinha soado.

— E então? — ele perguntou. — Você vai entrar ou veio trazer uma brisa?

Claire gesticulou para Eve ir na frente dela, o que ela fez, em um movimento rápido, saltando perto de Myrnin na outra extremidade. Claire a seguiu e o portal se fechou atrás dela. Myrnin fechou e trancou a porta, em





seguida, rolou a estante de livros na frente dela antes de se virar, cruzou as mãos atrás das costas, e disse: — Eu recebi várias ligações de Amelie. Você esteve mantendo segredos, Claire. De *mim*. E eu não aprecio isso.

— Normalmente, eu me preocuparia com isso — Claire disse. — Mas agora, você vai ter que superar os seus sentimentos feridos, porque temos coisas para fazer. Um monte de coisas, provavelmente. E você vai nos ajudar.

— Não, eu não vou.

— Sim, você vai — Claire disse. — Você me deve, Myrnin. — Ela puxou a gola da blusa para baixo para mostrar as cicatrizes de mordidas prateadas que nunca pareciam desaparecer. — Você vai nos ajudar. É isso o vai acontecer.

Ele parecia... completamente perplexo. — Você não pode falar comigo desse jeito, Claire.

— Eu posso, eu estou e eu vou — ela disse. — E você vai nos ajudar a encontrar Shane e Michael antes de Amelie e Oliver.

— Eu definitivamente não vou. Estou em um terreno bastante fino com Amelie no momento. Eu não vou contrariá-la apenas pelo bem do seu namorado errante.

— Myrnin, é *sério*. Amelie poderia matá-lo se ela colocar as mãos nele primeiro, e *não é culpa dele*. É de Gloriana. Shane não faria essas coisas, diria as coisas que ele disse... não a menos que alguém estivesse o manipulando. Eu o conheço.

— E Michael estava apenas tentando ajudá-lo — Eve interpõe. — Você não pode deixar Michael se machucar, não é?

— Queridas garotas, eu posso deixar qualquer um se machucar, porque no meu mundo, a minha segurança e bem-estar vem em primeiro lugar — ele disse. — Eu pensei que vocês já soubessem.

— Eu estava esperando que eu estivesse errada — Claire disse. Sua mente estava correndo e, de repente, ela sabia como conseguir que Myrnin ajudasse, afinal. Ela fez com que a sua voz parecesse indiferente enquanto continuava: — Mas, de qualquer maneira, eu não preciso de você, Myrnin. Precisamos de Frank.

— Frank — Myrnin repetiu, franzindo a testa. Por cima do ombro, Claire viu a cintilação da imagem de Frank em preto e branco. Ele não sorriu, e havia algo em sua expressão gerada pelo computador que a deixou nervosa. — Não, eu não vou permitir que Frank ajude, tampouco. Este é um território muito





perigoso. Amelie e Oliver tem seus planos, e você não deve ficar no caminho. Não pelo amor das suas vidas.

— Olha, eu não me importo com o risco — Claire disse. — Nós vamos encontrar Shane e Michael, e vamos tirá-los de lá antes que eles se machuquem mais do que já estão. Temos que fazer isso agora.

— É tarde demais. — A voz de Frank veio dos alto-falantes do seu celular, do celular de Eve e dos rádios posicionados ao redor do laboratório. Ela estava inexpressiva e sombria, e Claire sentiu toda a sua determinação e energia ficarem frios. — Eu sinto muito, crianças, mas quando esse primeiro site foi hackeado, eles se mudaram para um local secundário. Eu posso vê-lo, mas eu não posso segui-lo. Eu não acho que eles tiveram tempo para fazer a criptografia completa, mas eles fizeram uma boa o suficiente. Eu tenho um pouco de informação que poderia ajudar, embora...

— Frank, fique quieto — Myrnin disse. — Eu não lhe dou permissão para...

— Não me faça dizer coisas desagradáveis na frente das crianças — Frank disse, — porque eu não sou o seu cão, homem louco. Você me conectou, Myrnin. Você não vai conseguir me calar agora.

— Vamos ver sobre isso. Eu posso muito facilmente acabar com você, você sabe.

— E sacrificar todos os protocolos de segurança em torno da cidade, agora? Como você acha que Amelie se sentiria sobre isso? Eu suponho que ela não ficaria muito entusiasmada com o risco de Bishop fugir sem ser detectado. — A imagem de Frank se aproximou de Myrnin e piscou sem firmeza, como se ele estivesse tendo problemas para manter o controle. — Ele é meu filho, Myrnin. Talvez isso não signifique nada para você, mas significa para mim. E eu vou ajudar, não importa o que você diga. Se você quer puxar a minha tomada, vá em frente. Eu sempre disse que eu seria melhor morto.

Os lábios de Myrnin se separaram, depois fecharam. Ele fez um gesto frustrado e se afastou de braços cruzados e costas rígidas. — Faça o que você quiser — ele disse. — Minhas mãos estão limpas.

— É mesmo? Quanto tempo demorou para você lavar mil anos de sangue? — Frank voltou o seu foco para Claire. — Eu tenho um endereço IP aberto durante a transição, só por um segundo, e é encaminhado através de um computador particular aqui em Morganville. Acontece que é de um cara que





eu conheço. Um dos nomes que eu dei a Myrnin quando começamos a falar sobre isso.

— Quem é?

— Harry Anderson, um pequeno ladrão e hacker, um grande idiota. Se Harry tivesse um lema, seria “Qualquer coisa por um dólar”. Ele é bom com computadores, mas ruim em ficar longe de problemas. Eu o puxei para longe do fogo cruzado um par de vezes quando ele quase teve a cabeça arrancada. Literalmente. A boa notícia é que Harry tem a estrutura de uma bactéria. Vá buscá-lo.

— Maravilhoso — Eve disse. — Vamos pegar a arma e a munição. Qual é o endereço?

Myrnin suspirou e enterrou as mãos em seus cabelos, puxando-os como um homem louco. — Vocês vão realmente fazer esta coisa tola. Por que vocês não podem simplesmente ficar de fora? Amelie disse...

— Você sempre faz o que Amelie diz? — Claire perguntou, e agarrou sua bolsa de lona preta.

— Sim. — Ele pensou sobre isso. — Quase sempre. Ou, bem, de vez em quando, quando me convém. Mas o ponto é que isto me convém neste momento.

— Eu tento fazer o que as pessoas dizem se elas tiverem boas razões, mas Amelie não tem uma boa razão. Eu não pretendo deixá-la matar Shane só porque ela está de mau humor e tem alguma rixa antiga com um grupo de outros vampiros.

Myrnin deu de ombros. — Tudo certo. Mas não me peça por qualquer ajuda.

Claire sorriu. Ela sabia o que fazer agora; Myrnin se tornou muito manipulável quando ela descobriu o quão competitivo ele era com Frank. — Eu não vou. Eu não preciso. Frank já está dando o que nós queremos.

Isso o fez dar-lhe um olhar estranhamente ferido. — Eu seria útil, você sabe. Eu posso assustar as pessoas com bastante facilidade quando eu quero. É uma habilidade valiosa. Frank não pode fazer isso.

— Nós vamos conseguir o que precisamos — Eve disse. — E nós não precisamos de um vampiro para que isso aconteça, tampouco.

— Mas iria, de fato, tornar as coisas mais fáceis.





— Eu disse que não precisamos de você — Claire disse. — E você disse que não queria ajudar. Então você não tem que vir com a gente agora.

Ele se levantou com uma grande dignidade. — Eu nunca disse que eu queria ir!

— Não importa o que você diz. Você não vem.

— Por que não? Desde que eu queira, só que eu não quero.

Eve balançou a cabeça. — Por onde você quer que eu comece? Você é louco, e você acabou de nos dizer que você não está interessado em salvar Shane e Michael. Então, por que deveríamos nos importar com você? Qual é o ponto?

Myrnin virou-lhe as costas e olhou para Claire. — E você não acha que precisa de mim?

Claire olhou para ele. Ele estava razoavelmente como um herói de ação hoje, com um longo casaco preto de veludo, um colete azul-turquesa e uma espécie de camisa vermelha escura por baixo dele. Se você gostasse de heróis de ação do final de 1800, pelo menos. — Se você for, você vai fazer exatamente o que dissermos. E não vai correr para dizer a Amelie.

— Eu não gosto dessa última parte.

— Você não tem que gostar. É pegar ou largar.

Ele deu de ombros. — Vou pegar, então. Fiquem aqui. Vou pegar as minhas coisas.

Ele saiu, indo para o quarto na parte de trás do laboratório, que era o quarto dele, supondo que Myrnin dormia. — Coisas? — Eve disse. — Ele tem coisas?

— Provavelmente muitas delas — Claire disse. — Ele as inventa em seu tempo livre.

Como esperado, quando Myrnin voltou, ele estava carregando uma bolsa apenas um pouco maior do que as que Eve e Claire transportavam. A dele também era preta, com uma frase na lateral. *Apenas faça isso*, Claire leu. Bem, isso fazia sentido para Myrnin, principalmente porque ele raramente pensava sobre as coisas de qualquer maneira, a menos que fossem mecânica e matemática.

— O que tem na bolsa? — Eve perguntou. — Suas pantufas de coelho?

Myrnin ergueu-a no ombro e disse: — Uma arma projétil que dispara cartuchos de agentes aero dispersantes de prata, entre outras coisas.





— Eu não entendi nada do que você acabou de dizer.

— Tipo gás lacrimogêneo, mas com prata em pó — Claire disse. — Aerotransportado. Certo?

— Exatamente. Eu tenho várias coisas que eu gostaria de testar. — Ele parecia assustadoramente entusiasmado com isso, na verdade. — Eu raramente tenho a oportunidade de fazer o teste de campo. Amelie é tão conservadora com essas coisas.

— Não brinca — Eve disse. — Holla.

Os olhos de Myrnin se arregalaram. Ele olhou para Claire, que deu de ombros. — Ela concorda — ela disse. Eve começou a descer as escadas, e Myrnin moveu-se para seguir, mas Claire o segurou. — Espere. É melhor você não estar nos seguindo para levar relatórios de volta para qualquer outra pessoa.

— Eu não faria isso. Eu não sou um... como vocês chamam? Foqueiro?

— Fofoqueiro. Ou dedo-duro.

— Eu diria a vocês honestamente se eu pretendesse trair vocês — ele disse, e seus olhos negros luminosos travaram nela. — Eu não sou tão fã do seu amigo Shane, mas eu vou te ajudar. Por um lado, eu não gosto que Gloriana tenha tal poder sobre esta cidade, ou que Bishop esteja foragido. Estas coisas não podem acabar bem para ninguém. Eu prefiro acabar com eles agora do que correr o risco de Amelie se machucar.

Foi a primeira vez que ela ouviu Myrnin dizer algo sobre Amelie que poderia ser interpretado como amizade. Claire disse, franzindo o cenho, — Porque você se importa com ela?

— Bem, é por isso, é claro, mas eu não imagino Oliver apoiando a minha pesquisa inteiramente. Você imagina? Ele não tem muito respeito pelas artes científicas ou alquímicas. — Ele passou a mão na direção da escada em um gesto elegante, e curvou-se até a sua cintura. — Depois de você, minha querida.

— Você vai precisar de um chapéu e casaco. Está fazendo sol.

— Que incômodo. — Ele pegou um casaco surrado de aparência antiga com uma luva rasgada, e um chapéu flexível que parecia algo que uma velha senhora poderia ter usado para trabalhar no jardim, se ela fosse daltônica. — Isso é suficiente?

— Perfeito — Claire disse. — Vamos colocar este circo na estrada.





CAPÍTULO 14

Myrnin tinha um carro. De alguma forma, isso surpreendeu Claire; ela não tinha pensado que ele precisaria de um, mas Amelie teria, sem dúvida, pensado em situações de emergência, que era por isso que havia um carro da cidade conservador em tons escuros parado em um barraco em ruínas atrás da casa da Vovó Day. Ele não estava trancado, e tinha uma camada de poeira que fez Claire se perguntar se ele já tinha sido movido alguma vez. Myrnin não tinha ideia de onde as chaves estavam. Claire encontrou-as em um prego pendurado atrás da porta flácida do barraco.

Eles estavam carregando as bolsas pretas para o porta-malas do carro quando a porta abriu de novo e uma silhueta agachada, redonda e curvada foi iluminada pela luz do sol da parte traseira. Demorou um segundo para os olhos de Claire se ajustarem, mas quando eles o fizeram, ela reconheceu o rosto severo e enrugado da Vovó Day sob uma nuvem macia de cabelos grisalhos. Vovó estava usando um vestido florido e sapatos, e ela estava carregando uma espingarda que Claire teria jurado que era grande demais para ela levantar.

Ela com certeza parecia que sabia o que estava fazendo com ela. O som dela destravando a espingarda, aquele *chuk-chuk* metálico e pesado fez os três congelarem. Até mesmo Myrnin.

Vovó nivelou a arma até eles, apertou os olhos e, em seguida, começou a abaixá-la. — É Claire?

— Vovó, sou eu. E a minha amiga Eve. Ah, e você provavelmente conhece Myrnin.

Vovó claramente conhecia, porque a arma voltou ao seu ombro. — Eu conheço todos os meus vizinhos. Não me importo muito com esse.

Myrnin levantou o queixo. — Cara senhora, eu *nunca*...

— Só porque eu não permito que vocês cheguem perto da minha propriedade. Você sabe como eu lhe chamo? Alçapão Aranha.





Myrnin piscou. — Isso é... surpreendentemente preciso, na verdade. Bem, sintase livre para aparecer a qualquer momento que desejar. Ah, claro, eu prometo não te machucar.

— Não pense que eu vou confiar em suas promessas. O que você está fazendo aqui?

— Dirigindo o meu carro.

— Oh. — Ela abaixou a arma agora e cambaleou um pouco. Se ela realmente tivesse disparado, ela provavelmente teria quebrado o ombro, que era tão fino e frágil quanto ela. — Eu não sabia que era seu. Sabia que pertencia a algum vampiro ou outro, mas eu nunca fiz qualquer pergunta. Nunca vi ninguém conduzi-lo.

— Bem, você vai ver agora — Claire disse. — Ligue ele. — Ela lançou as chaves para Eve, que conseguiu pegá-las enquanto Myrnin estava distraído com a Vovó Day. — E antes que você pergunte, não, você não vai dirigir, Myrnin. Eu me lembro da última vez.

— Aquele acidente não foi culpa minha.

— Você era o único na estrada, e a caixa de correio na verdade não pulou para cima de você. Sem argumentos. Você vai sentado na parte de trás, também.

— Você se transformou em uma coisinha muito mandona — Myrnin disse. — Eu acho que eu gosto. — Ele abriu a porta de trás e deslizou para dentro. Eve deu de ombros, entrou no banco do motorista e ligou o motor. Ele chiou e tossiu, mas ligou. Vovó Day balançou a cabeça e saiu mancando pelo caminho, segurando a porta dos fundos.

— Claire — ela disse. — Você tem que se cuidar. Aquele homem não é apropriado. Mantenha o olho nele. Você me ouviu?

— Eu sei. Eu vou.

— Você quer a minha espingarda?

— Não — Claire disse muito educadamente. — Mas obrigada.

Vovó acenou para eles quando Eve tirou o carro da garagem e depois apertou os freios bruscamente e disse: — Hum... um probleminha?

— O quê? — Claire olhou para cima de onde estava prendendo o cinto de segurança. Eve estava olhando para a janela da frente com uma expressão mortificada de horror em seu rosto.





A janela da frente era preta. — É um carro de vampiro — ela disse. — E eu não acredito que nenhum de nós pensou nisso.

— Eu acredito — Myrnin disse do banco traseiro. — Agora. Será que eu poderia, por favor, dirigir o meu próprio carro, já que eu sou o único que está realmente qualificado para fazer isso?

Ele estava apenas esperando por isso, Claire pensou. Ela suspirou e esfregou a testa. Esse ia ser um longo, longo dia.

— Troquem — ela disse. — Myrnin, dirija com *cuidado*. Entendeu?

— Claro.

Ele não dirigiu com cuidado.



Mais tarde, Claire tentou não pensar em como o passeio foi de arrepiar os cabelos; Myrnin era o único que poderia realmente ver o perigo, mas ela podia ouvi-lo, e foi horrível. Freios guinchando em praticamente todos os cruzamentos enquanto os outros motoristas colocavam todas as suas habilidades em prática para evitar fazer de seus carros um alvo em movimento. Gritos. Buzinas. Uma sirene que Myrnin alegremente ignorou, e finalmente o veículo começou a parar, mas sem ser encostado na calçada.

Pelo menos ele não bateu em nada pelo que ela sabia. Ela estava quase certa sobre isso. Quase.

Myrnin finalmente acertou o lugar dos freios, apertando com muita força e arremessando ela e Eve contra os cintos de segurança, e colocando o carro no estacionamento. — Está vendo? — ele disse, com uma quantidade profana de alegria. — Eu quase não infringi nenhuma lei. Eu deveria dirigir com mais frequência.

— Não. Confie em mim, você não deveria — Eve disse. — Pense nos pequenos idosos e nas crianças. Por favor me diga que chegamos.

— Claro.

Eve abriu a porta e olhou para fora com cautela. Ela fechou novamente. — Com *chegamos* eu quero dizer *estacionados*, Myrnin.

— Nós não estamos em movimento.

— *Contra o meio-fio*.





Ele ligou o carro e angulou mais sessenta centímetros. Claire sentiu o solavanco enquanto ele passava por cima do meio-fio. Tanto trabalho para ele não bater em nada. Ele deixou lá, com as rodas do lado direito do carro em cima da calçada.

— Não é exatamente o que eu quis dizer — Eve disse.

— Você acha que eles vão me emitir uma intimação judicial... qual é o seu nome mesmo?

— Ainda é Eve.

— Não, eu tenho certeza que é outra coisa. Não parece certo. — Myrnin saiu e abriu o porta-malas do carro. Todos eles pegaram as bolsas, e Claire deu a sua primeira olhada ao redor. Era um bairro velho e decrépito; a maioria das casas parecia deserta. A que eles estavam estacionados tinha lençóis pregados como cortinas nas janelas — as janelas que não eram cobertas com madeira deformada pela chuva. Havia lixo jogado nas paredes e, pelo que parecia, alguns eram mais velhos do que Claire.

— É aqui — Eve disse. — Você está certo.

— Este é o endereço.

— Bom. Você vai primeiro.

Myrnin deu um sorriso perverso. — O que aconteceu com o *nós não precisamos de você?*

— Nós não precisamos — Eve disse. — Mas enquanto ele está ocupado estacando você, nós podemos atacar ele.

Myrnin não pareceu ver o humor nisso, mas ele deu de ombros e correu para a porta, parecendo ridículo em seu casaco capa de chuva e o velho chapéu de dama, até que ele arrombou a porta com um golpe casual, inclinou-se e disse: — Por favor, não corra. Eu não estou de bom humor. É melhor se você apenas ficar parado.

Ele levantou a cabeça e escutou, então sorriu. Qual era o problema dos vampiros e os seus sorrisos assustadores? Ele fez Claire apertar a sua bolsa anti-vampiros com mais força e desejou que ela não estivesse tão perto. — Ah — ele disse. — E lá vai ele. Vocês duas esperem aqui.

Ele saiu correndo, movendo-se como uma centelha de luz. Claire olhou para Eve, que balançou a cabeça e atravessou o solado da porta da casa. Claire permaneceu com ela. Houve algum tipo de tumulto na parte de trás da casa, onde ela presumiu que uma porta traseira estava localizada e, enquanto as





duas meninas andavam pela sala de estar abandonada e desarrumada (qual era o problema dos caras e caixas de pizza velhas? Eles não podiam jogar fora?) Myrnin reapareceu da parte de trás, empurrando um homem pálido, magro na frente dele. O cara que elas estavam procurando, Claire supôs. Ele parecia aterrorizado.

— Sente-se — Myrnin disse, e empurrou o cara no sofá esfarrapado. Ele olhou em volta, suspirou e empurrou algumas caixas de pizza e sacos de fast-food para fora de uma mesa de centro, em seguida, sentou-se. — Você realmente deveria procurar por uma empregada doméstica. É só uma ideia.

— Você é Harry? — Claire perguntou. — Harry Anderson?

O homem não era apenas pálido e com a barba por fazer; ele também tinha olhos semicerrados. Parecia que ele estava mentindo sem nem mesmo estar falando. Quando ele finalmente respondeu, parecia ainda pior. — Não — ele disse. — Eu estou, uh, cuidando do lugar para um amigo. O meu amigo Harry, eu quero dizer.

Eve enfiou a mão na bolsa e tirou uma besta. Ela colocou uma flecha de metal letal nela e puxou a corda para trás. O homem observou com crescente preocupação. — Uh, eu não sou um vampiro — ele disse.

— Sim, eu percebi, já que você está usando a pulseira de Proteção de Oliver — Eve concordou. — Essa coisa não serve só para eles. Você ficaria surpreso com o quanto ela é eficaz em mentirosos, também, Harry.

Ele lambeu os lábios, olhando para ela, e depois desviou o olhar para Claire. Ele deve ter decidido que ela era mais gentil, porque ele disse: — Você não vai deixá-la fazer isso, não é? Quantos anos vocês têm a propósito, meninas, doze? Seus pais sabem que vocês estão saindo com vampiros velhos o suficiente para ser o seu...

Eve soltou o gatilho, e a flecha passou zunindo pela cabeça de Harry e enterrou-se na parede ao lado dele. Ele gritou e quase pulou do sofá, mas Myrnin colocou a mão em seu ombro e segurou-o para baixo enquanto Eve recarregava.

— Agora — Eve disse. — Nós temos algumas perguntas, Harry, e eu vou sugerir, *com veemência*, que você as responda. Se você acha que Claire vai ser mais gentil com você do que eu, você está muito enganado. O meu namorado está desaparecido. O dela no seu pequeno clube de luta.





– Oh – Harry disse, e então, em um tom completamente diferente e muito mais preocupado, ele disse: – Oh. Isto é sobre...

– BatalhasImortais-dot-com – Claire disse. – Você ajudou a configurá-lo, então você conhece essas pessoas. Você sabe onde eles estavam.

– Uh, claro, mas eles não estão lá agora.

– Ninguém está lá, idiota. O lugar explodiu – Eve disse. – Você vê os hematomas e cortes na minha amiga ali? Foram os seus amigos que fizeram. Eles tentaram explodir a *Fundadora*. Como você acha que isso vai acabar, Harry? Porque eu acho que você deveria apenas aceitar esta flecha direto no seu coração e acabar logo com isso. Ela não é do tipo que perdoa.

Harry fechou os olhos e suou, e muito. Claire esperou, satisfeita em ficar ali e parecer – bem, não ameaçadora, mas talvez impaciente. Myrnin, por outro lado, parecia ameaçador. Ele tinha tirado o chapéu e o casaco, e agora estava sentado com uma graça inumana no braço do sofá, olhando para Harry com aqueles olhos vermelhos brilhantes e assustadores.

– Harry – ele disse em voz baixa. – Decida o que você quer fazer. Eu estou com fome, e se você for colaborar, por favor, demonstre imediatamente antes que eu suponha que você não vai. Eu odiaria que você tentasse proferir uma declaração enquanto estivesse morrendo e fosse incapaz de conseguir.

Os olhos de Harry se abriram de novo, cheios de pânico, e ele fugiu para mais longe de Myrnin quanto era possível. O que não foi muito longe, porque a outra metade do seu sofá era um ninho de ratos de papéis empilhados, cartas de correio, caixas e roupas velhas amassadas. O lugar era um buraco. Claire estremeceu e decidiu não se sentar em nenhum lugar.

– Espere – Harry deixou escapar. – Espere, ok? Uh, certo, o pessoal das lutas. Sim, eles me pagaram para mover tudo. Você sabe, as câmeras, o equipamento, o servidor, toda a configuração. E para instalar a nova criptografia, não que vá fazer algum bem; alguém invadiu pela primeira vez...

– Onde? – Claire perguntou. Quando Harry não respondeu de imediato, ela abriu a bolsa e fuçou através dela. Ela pegou uma das estacas revestidas de prata de Eve, decorada com cristais brilhantes na forma de uma cruz gótica. Ela mostrou para Eve. – Bonita – ela disse.

Eve sorriu. – Eu gosto que as coisas sejam bonitas – ela disse. – Mas você nunca consegue tirar o sangue entre essas...





— Ok! — Harry interrompeu. — Nossa, vocês são apenas *crianças*! Tudo bem, tudo bem. Eu mudei para um lugar perto da periferia da cidade. Eu posso dar o endereço a vocês, e então eu estou fora, ok? Fora. Eu vou pegar o meu celular, as minhas coisas e dar o fora daqui. Vocês não terão nenhum problema comigo... não, senhor.

— Eu consigo pensar em uma maneira mais fácil de garantir isso — Myrnin disse. — Meninas? O que vocês acham?

Eve olhou para Claire, que olhou de volta, girando a estaca de prata nos dedos. Era tudo teatro. Ela não ia matar ninguém, e nem Eve. Myrnin poderia, mas Claire pensou que elas poderiam contê-lo. Talvez.

— Acho que devemos dar a ele uma chance — Claire disse. — Sr. Anderson, você entende que se você nos der a informação errada, ou se você fizer alguma coisa para avisá-los que estamos chegando... bem, isso não vai ser bom. Não é?

— Eu sabia: Você é a gentil — ele disse. — Você me chamou de Sr. Anderson.

Claire apunhalou a estaca na mesa do café, apontando para baixo com toda a sua força. Ela afundou, não tão profundamente como ela desejava, mas o suficiente para mantê-la na posição vertical com a sua cruz gótica vermelha brilhando sob a luz fraca. — Harry — ela disse. — Eu realmente não sou tão gentil.

Ele engoliu em seco, assentiu com a cabeça e pegou um pedaço de papel e um lápis. Ele anotou um endereço e traçou um mapa. Ele até mesmo anotou quais portas estavam seguras para entrar. Ele olhou para ela, então Myrnin, depois Eve, e finalmente entregou o papel para Myrnin.

Que sorriu. — Oh, obrigado, Harry. Que boa decisão que você fez. — Ele se levantou com um baque alto, vestiu o casaco e colocou o chapéu na cabeça. — Acho que podemos ir agora.

— Não — Eve disse. Ela estendeu a mão. — Celular.

Harry enfiou a mão no bolso e entregou um, que ela jogou no chão e pisou várias vezes até que ele se transformou em pedaços de lixo cintilante.

— O seu computador?

— Está ali. — Ele apontou.

— Myrnin, você se importaria?

— Claro que não. Eu disse que era útil.





— Então vá quebrá-lo. Claire, encontre os telefones fixos.

No final, eles deixaram Harry sentado miseravelmente em sua sala de estar suja, com uma pilha de telefones quebrados e equipamentos de informática despedaçados, e com as instruções de ficar de fora das coisas, *ou então*. Claire tinha certeza de que ele tinha entendido a mensagem. Claramente. Mas só para ter certeza, Eve o tinha amarrado com fita adesiva. Ele parecia uma múmia de prata.

— Não se preocupe — Eve disse. — Eu vou chamar a polícia e pedir a eles para procurar por você em cerca de, oh, três horas. Nenhuma dessas baratas parecem com fome — essa é a boa notícia. Elas gostam de pizza, e não de carne humana. Então, você vai ficar bem, Harry. — Ela bateu na cabeça dele e sorriu com tanta intensidade que Harry pareceu momentaneamente deslumbrado. Eve era bonita, e ela poderia ser totalmente impressionante quando sorria assim.

— Adeus — ela disse. Ele murmurou alguma coisa por trás da fita adesiva, e isso foi tudo.

Eve fez o que tinha prometido; enquanto Myrnnin dirigia (outro experimento aterrorizante no escuro), ela ligou para o escritório de Hannah Moses e relatou a coisa toda.

— Espere — Hannah disse. Claire podia entender porquê, como a chefe do departamento de polícia de Morganville, ela estava um pouco confusa com essa coisa toda. — Você está me dizendo que você atacou e aterrorizou um cidadão Protegido de Morganville e deixou-o amarrado, e você quer que eu vá checar ele para você? Eu entendi isso direito?

— Sim — Eve disse. — Bem, soa ruim quando você fala assim, mas é basicamente isso. Só para ele não engasgar ou ter um ataque cardíaco ou algo assim. Além disso, tem muitas baratas. Eu me preocupo com isso.

— Você percebe que você está admitindo crimes, Eve.

— Não — ela disse. — Porque nós estamos meio que fazendo as coisas para Amelie. Seguindo uma pista. Ela vai, ah, nos dar apoio. — Ela ergueu as sobrancelhas para Claire, claramente um “certo?” em sua expressão. Claire deu de ombros. — Além disso, Oliver é o protetor dele, e Oliver não liga para o que nós fizemos. Se ele chegar nele primeiro, eu tenho certeza que você teria muito mais para limpar.





Hannah ficou em silêncio por alguns segundos e, em seguida, disse: — Eu me lembro quando esta era uma cidade pacata. Isso era bom.

— Nunca foi tranquila, Hannah. Você só foi para o Afeganistão.

— E era mais calmo lá, também. Tudo certo. Vou verificar o seu prisioneiro. O que vocês, meninas, estão fazendo?

— Você quer saber?

— Eu não deveria?

— Uh... Eu acho que não — Claire disse. — Já que você pensaria que você precisaria fazer algo sobre isso, e ficar fora do caminho é provavelmente muito mais seguro agora.

— Você vai seguir o seu próprio conselho?

— Nós não podemos — Claire disse. — Shane e Michael estão em apuros. Vamos tirá-los.

— Você tem certeza de que eu não posso ajudar com isso?

— Sim — Eve disse. — Eu tenho certeza. Nós temos toda a ajuda que precisamos já.

Myrnin chicoteou a roda em um movimento brusco que fez os pneus cantarem, e jogou as meninas contra o banco de trás do carro. Eve quase deixou cair o celular.

— Vocês estão no carro que quase causou três acidentes em North Vance? — Hannah perguntou. — Porque eu estou seguindo vocês com as minhas luzes piscando, e quem está dirigindo não está parando.

— Deixe-o ir — Claire disse. — Confie em mim. Você não vai fazê-lo parar.

— Oh, Deus. É Myrnin, não é?

— Diga a essa senhora policial para parar de me perseguir — Myrnin disse, irritado, do banco da frente. — Realmente, eu não sou *tão* ruim nisso.

Todas as evidências diziam o contrário. Mas Hannah desligou o telefone e a buzina das suas sirenes pararam. Claire supôs que, no momento, isso era meio que uma vitória tanto quanto eles poderiam razoavelmente esperar. Então, aqui estavam eles, a toda velocidade na escuridão se afastando de um ladrão apavorado que poderia ou não se ferrar por causa deles, e eles tinham acabado de recusar assistência policial.

Isso estava se saindo *tão bem*. Mas Claire teve que admitir, Eve era bem impressionante quando tinha a chance de brilhar. Ela brilhava e resplandecia e estava afiada o suficiente para cortar, assim como um diamante. Tudo o que





Claire tinha que fazer era parecer razoavelmente intensa, o que agora não era um problema. Ela se sentia intensa, porque ela não podia parar de pensar em Shane. Onde ele estava. O que ele estava fazendo. O que estava sendo feito com ele.

Gloriana.

O celular de Claire tocou, e ela pulou e olhou para a tela.

Sr. Radamon, ITM.

Oh, Deus.

Ela respirou fundo, fechou os olhos e atendeu. — Alô?

— Srta. Danvers, alô. Aqui é o Sr. Radamon do ITM. Sinto muito incomodá-la, mas eu preciso saber como as coisas estão indo. Como as suas acomodações. Como você pode imaginar, esses lugares são muito difíceis de manter, e eu preciso da sua resposta muito em breve para...

— Eu sei — Claire disse, e tentou não deixar a sua voz tremer. Ela sentiu como se estivesse sendo espremida em um torno agora, e sua cabeça estava prestes a explodir. — Me desculpe, eu estou no meio de uma coisa agora. Eu prometo, eu vou ligá-lo assim que eu puder, senhor. Obrigada.

— Tudo bem, obrigado você...

Ela desligou o telefone. Rápido. Silêncio no carro. Eve deu-lhe um olhar curioso.

— Bem — Myrnin disse calmamente do banco da frente. — Eu gostaria de sugerir que nos concentremos no problema em questão. Quanto menos distrações, melhor, eu acredito.

O seu tom de voz era totalmente diferente do que ela tinha ouvido antes, e Claire percebeu que ele tinha ouvido a conversa. Ouvido cada palavra na outra extremidade da ligação, também. Sem segredos com alguém como Myrnin.

Ela não conseguia saber o que ele estava pensando, mas ele estava estranhamente quieto.

— Myrnin — ela começou. Ele levantou uma mão rígida em um gesto severo.

— Não — ele disse. — Nós não discutiremos isso agora. Mais tarde, talvez. — Ele olhou para ela no espelho retrovisor, e seus olhos estavam escuros e muito conturbados. — Devemos estar no endereço que o Sr. Anderson nos deu daqui a um momento. Você deve estar pronta.





— Sobre isso... — Claire forçou a parar de se admirar com a péssima hora para acontecer isso, e focou apenas no que eles estavam fazendo. — Nós conhecemos as entradas seguras, mas como vamos fazer isso? Vamos juntos? Separadamente?

— Presumo que a prioridade é encontrar os seus amigos e removê-los do local primeiro, antes de ligar para Amelie e Oliver, que seria equivalente a convocar um ataque nuclear. Isso está correto?

— Sim — Eve disse. — Shane e Michael, a prioridade. Ah, e não nos matarmos. Isso é prioridade também. — Ela franziu a testa e pegou o celular de Claire de volta. — Ei, essa coisa pega internet?

— Sim, é um smartphone — Claire disse. — Por quê?

— Eu acho que devemos ver o que está acontecendo no site — Eve disse. Ela mexeu no celular por um minuto ou mais, em seguida, esticou-o de modo que Claire também pudesse ver a tela pequena, mas nítida. O site de Batalhas Imortais carregou lentamente, mas carregou, e Eve expandiu a parte que falava sobre os próximos episódios.

Havia uma contagem regressiva em andamento, e ele estava diminuindo rapidamente. A faixa dizia que o evento era ao vivo. Havia um vídeo embutido ao lado que começou a reproduzir quando Claire clicou.

Vassily novamente, usando a sua fantasia idiota de Halloween de um vampiro (embora, na verdade, Myrnin não estivesse fantasiado de maneira tão diferente agora). Vassily parecia animado e um pouco nervoso quando ele se inclinou em direção à câmera, o suficiente para ela vislumbrar os seus dentes longos e brancos. — Olá, membros — ele disse. — Nós temos um convite muito especial para vocês, então preparem-se para fazer as suas apostas. De um lado, temos o nosso campeão, Shane “O Martelo” Collins. — E Vassily recuou para mostrar Shane sentado em uma cadeira, despido da cintura para cima, com todas as suas contusões terríveis aparecendo. Ele não estava preso nem nada. Ele parecia bem, além de muito focado.

Vassily continuou, e a câmera se moveu com ele. Ela passou por algum tipo de porta enquanto ele andava e falava, e, de repente, a câmera se atrapalhou e focou em outro rosto familiar. *Michael*. Ele parecia bem, mas ao contrário de Shane, ele foi amarrado — não, acorrentado. Acorrentado a uma parede. Ele se lançou para Vassily, mas ele se esquivou. Vassily mostrou as suas presas para ele. Michael lançou as suas de volta.





— E esse, meus amigos, é o nosso mais novo competidor para o nosso campeão... Michael! Estes dois têm guardado rancor por mais de um ano, e é ainda mais intenso porque eles eram melhores amigos. Então, quem você acha que vai sair por cima: o vencedor atual ou o vampiro? Façam as suas apostas! O jogo começa em poucos minutos, com o vencedor encontrando o nosso benfeitor especial...

Vassily estava andando e falando de novo, deixando o rosto frustrado e angustiado de Michael para trás. A câmera era empurrada atrás dele, através dos túneis e da escuridão, e de repente, aparentemente, para a surpresa de Vassily, havia um homem de pé em seu caminho. Sua balbuciação vacilou e parou.

Era o Sr. Bishop. Não era a coisa desesperada e esquelética que Claire tinha visto antes... não, Bishop tinha tomado banho, encontrado roupas frescas e, claramente, se alimentado até que estivesse completamente recuperado. Ele parecia mais jovem do que antes. E muito, muito forte. A ameaça vinha dele como uma luz negra.

— Bem — Vassily disse sem jeito. — Uh, senhor, eu não acho que você deva...

— Cale a boca, Vassily. Eu tomo as decisões aqui — Bishop disse. — E eu decidi que hoje eu vou lutar com o vencedor do jogo. Eu sinto a necessidade de um pequeno exercício antes de passarmos para presas maiores.

— Senhor, isso não é... não é isso que estabelecemos em comum acordo...

Os olhos de Bishop ficaram vermelhos e as suas presas cresceram, e Claire quase deixou cair o celular. Até mesmo quem estava segurando a câmera estava se movendo para trás. — Eu estou mudando o nosso acordo, *subordinado*. Hoje à noite eu vou mudar todos os acordos. Hoje à noite vamos levar a luta para fora da gaiola. Para as ruas. Para a Fundadora.

— Senhor...

Bishop bateu em Vassily com força o suficiente para derrubá-lo na parede, e ficou ali olhando para ele. — Esperei muito tempo — ele disse. — Eu não preciso do seu dinheiro sujo. O que eu preciso é sentir o sangue dela na minha boca. Estamos entendidos?

Vassily levantou-se, encolheu-se e inclinou a cabeça. — Sim, senhor. Entendido. Uh, mas, primeiro, nós trazemos para você a luta...?





— Certamente — Bishop disse, e sorriu. — Eu quero ver esses dois causar danos um no outro. Isso me agradaria muito.

O vídeo terminou. Claire se atrapalhou com o celular e, com as mãos tremendo, clicou no contador novamente. Próximo a ele estavam as probabilidades. Shane era favorecido sobre Michael por 2-1. Bishop era fortemente favorecido para acabar com qualquer um deles.

E o contador...

O contador para a luta tinha acabado.

— Não — Claire sussurrou. — Não... — Bishop não tinha a intenção de esperar mais tempo; ele tinha ficado de frente para as câmeras em desafio a Amelie. Ele estava falando sério; isso iria acabar em abate, o que quer que aconteça na competição da gaiola.

Eles estavam sem tempo.





CAPÍTULO 15

SHANE

Ele tinha sido louco por tentar. Quando eu vi Michael aparecer no celeiro, Vassily e Gloriana estavam carregando a van para nos levar para o novo local. Eu não sei como ele me encontrou; Eu podia jurar que ninguém da academia sabia onde estávamos, mas lá estava ele, Michael fodão Glass, caminhando em seu casaco preto de vampiro estúpido, chapéu e luvas, tentando falar comigo como se nós nos conhecêssemos.

Como se ele não tivesse me apunhalado pelas costas no segundo em que concordou em deixar de ser humano.

Ele se juntou a eles, os vampiros. Os nossos controladores, que tinham tornado o meu pai um perdedor e deixou Monica Morrell sair de controle, fazendo o que quisesse, o que acabou por ser fatal para a minha irmã. Eles haviam enviado assassinos atrás da minha mãe. Michael deveria saber. Ele deveria saber que não importava o que acontecesse, eu não poderia perdoá-lo, não de verdade. Eles haviam tomado a minha família.

Vassily e Glory o capturaram, é claro, e o enfiaram na outra van, aquela que mantinha os vampiros. Eles não tentaram nos transportar juntos, não mais. Causava muitas brigas. Ele continuou a gritar comigo, mas eu só observei até que o haviam trancado e, em seguida, eu me afastei.

Ele costumava ser meu amigo, e, caramba, ainda doía saber que ele tinha feito isso com a gente, comigo. Ele mudou tudo. Já estava na hora de ele saber como eu me sentia.

Talvez fosse o choque de vê-lo – eu não sei – mas eu descobri que eu não estava me sentindo muito entusiasmado com a próxima luta como antes. Minha cabeça estava doendo e eu estava cansado; o sono não vinha facilmente ultimamente por causa de





todos os hematomas e ossos quebrados. Quando Glory estava por perto, era melhor. Eu não pensava tanto. Mas agora, na van, eu percebi como havia uma tela de arame grossa entre nós lutadores humanos e o banco do motorista, como se fôssemos cães ferozes ou algo assim. Quando eu olhei em volta para os outros, eu pensei que talvez isso fosse verdade. Havia quatro de nós aqui, e, para ser honesto, eu era provavelmente o mais calmo. Não parecia, no entanto. Eles pareciam amigos motociclistas do meu pai, apenas suor, músculos e tatuagens, com as cabeças raspadas e cavanhaques. Eles estavam prontos para rasgar alguém. Acho que eu estava, também, ou pelo menos eu estaria quando chegássemos para onde estávamos indo.

Uma vez Glory sorriu para mim novamente.

Eu inclinei a minha cabeça para trás e fechei os olhos, e em vez de ver o sorriso malvado e frio de Glory, eu vi o doce de Claire, o que ela dava apenas para mim, o que me fazia esquecer de estar com raiva, forte ou ferido. Com ela, as coisas eram boas. Eu era bom. Por causa dela. Era exatamente o oposto do que a presença de Glory fazia; a dela fazia eu me lembrar de todas as coisas ruins, da raiva extrema, e querer descontar em qualquer pessoa que esteja no caminho. Claire me fez esquecer tudo isso e perceber que eu não tinha que ficar com raiva.

Não, eu estava fazendo isso por ela. Para ela. Eu precisava ganhar a minha passagem para fora da cidade, antes que fosse tarde demais. Ela até mesmo disse isso uma noite dessas, antes daquele momento terrível na academia quando ela tinha estado tão perto de Michael, e eu... eu pensei...

Eu sabia que não era verdade. Eu sabia que Claire não iria me machucar assim.

Eu abri os olhos e respirei rápido. Eu precisava de Glory. Eu não conseguiria permanecer forte se eu pensasse em Claire; eu sentia falta dela, e eu odiava que isso fizesse eu me sentir fraco e doente. Ela me deixou primeiro, para sair com aquele bastardo, Myrmin, esgueirando-se para estar com ele. Não importa o que ela diga, essa era a verdade.

Mas eu não podia evitar. Eu queria ela. Eu queria ela comigo, e a única forma disso acontecer era fora daqui. Fora de Morganville.

– Ei, Collins, não adormeça na nossa frente! – Brett gritou, que tinha a sua primeira partida mais tarde, depois da minha. – Continue quente, meu homem! – Ele me deu um soco no ombro, bem onde eu tinha um hematoma grande se espalhando e inchado. Eu não estremeci, mas a dor que passou por mim me fez ver ondas vermelhas, e de repente foi difícil de respirar. Eu ignorei e me obriguei a sorrir de volta para ele.





– Se eu ficar mais quente, eu vou te queimar vivo – eu disse. Ele uivava como um lobo. Alguns caras não precisavam da influência de Glory para enlouquecer; Brett era assim. – Me bata de novo, e eu vou destruir você, cara.

Ele flexionou os punhos e sorriu, mas ele me levou a sério e sentou-se contra a parede da van. – Você está pensando naquela garota de novo?

– Não – eu menti. Eu estava tentando não pensar, porque doía. Doía pensar que em algum lugar lá fora, ela poderia estar procurando por mim. Tudo o que eu conseguia pensar era que nesse lugar onde ela estava, ela poderia estar sozinha, com medo, talvez chorando. Por causa de mim.

Eu fechei os olhos novamente e bati com a cabeça na parede da van, o suficiente para doer e deixar um machucado. Eu gostaria que Glory tivesse vindo com a gente.

Eu realmente, realmente gostaria.



Quando eu saí da van, estávamos em algum armazém velho caindo aos pedaços, outro pedaço de merda da história antiga de Morganville que ninguém se preocupava. Eu vi letras desbotadas do lado de fora. Deve ter sido algum tipo de fábrica de tapetes. Um edifício grande de tijolos, não muitas janelas, e as janelas que tinham lá estavam quebradas em três andares por algumas crianças locais com boas armas. Eu não tive muito tempo para verificar, mas eu reconheci a área; você não cresce nesta cidade estúpida sem rondar os lugares que os seus pais não querem que você vá. Eu e Lyss tínhamos bisbilhotado alguns desses armazéns abandonados quando ela tinha uns doze anos e eu era mais estúpido do que o habitual. Nós tínhamos saído ilesos, mas olhando para trás agora, eu não podia acreditar que tínhamos corrido esse risco.

Agora que ela se foi, me deu frio de pensar todos os riscos que eu deixei ela correr. Se eu pudesse fazer as coisas certas novamente, fazer aquele incêndio parar, tirá-la da casa antes de toda a fumaça e as chamas... então eu nunca deixaria ela se arriscar novamente. Eu iria protegê-la. Isso é o que um irmão mais velho deveria fazer: proteger.

Mas não, eu tinha sido um idiota com ela, e eu tinha adormecido no sofá, e na hora que eu acordei, a casa estava pegando fogo e eu não pude tirá-la. Eu não sei se ela acordou. Eu esperava que não. Eu esperava que ela nunca soubesse, nunca tivesse dado o grito de medo que eu dei durante a tentativa de chegar até ela.

Pare com isso, Collins. Lyss tinha ido embora. Minha mãe e o meu pai tinham ido embora. Eu tinha que me concentrar em sobreviver as próximas duas horas ou mais





sem me juntar a eles. Se eu fizer isso direito, eu vou conseguir um monte de dinheiro: o suficiente para comprar a minha saída da cidade, sumir daqui, criar uma nova vida. Esqueça Claire.

Era isso o que eu tinha que fazer. Esquecer. Esquecer tudo.

Era mais fácil quando Gloriana aparecia e pegava o meu braço. Ela era uma vamp, sim, mas ela não parecia com uma; Eu não odeio ela e eu não quero machucá-la. Eu queria agradá-la, em todos os tipos de formas – não que ela queira alguma coisa de mim, exceto que eu faça uma boa luta. Ela foi com os meninos com presas. Como Michael.

Apenas uma outra razão para odiá-lo. Como se eu precisasse de mais uma.

– Você está pronto? – ela me perguntou. – Você vai ser o meu cavaleiro de armadura brilhante, Shane, me protegendo de todos os homens grandes e maus? – Ela disse isso com um sorriso, mas eu tinha a sensação de que ela não quis dizer isso. Ela parecia estar tirando sarro de mim, mas eu não podia ficar muito chateado com isso. Havia algo nela... algo que, no fundo, eu sabia que eu odiava, mas ainda não podia resistir. – Porque nós temos muito em jogo. Precisamos que você nos consiga um monte de dinheiro, rapidamente, e nós vamos pegar esse dinheiro e pagar algumas dívidas. Dívidas antigas, a alguém que eu prefiro não dever, se você sabe o que eu quero dizer. Em seguida, haverá novos donos do Batalhas Imortais, e Vassily e eu estaremos salvos. E todos nós poderemos estar fora de Morganville para sempre.

Ela estava me dizendo coisas que eu sabia que ela não tinha a intenção de me fazer entender, e em algum nível eu entendi... e eu sabia que algo estava muito errado. Mas já era tarde demais para cautela, analisar ou resistir.

Eu odiava a sua espécie, mas eu faria qualquer coisa por Gloriana, e ela sabia disso.

– Agora – ela disse, e acariciou a minha mão da mesma maneira que ela daria um tapinha em um cão na cabeça. – Você não vai ter um problema com o seu concorrente, não é?

– Com quem eu vou lutar?

– O seu velho amigo. Michael.

Michael. Eu analisei isso no meu cérebro trabalhando lentamente, e eu queria dizer não, mas eu não conseguia fazer isso sair da minha boca. Em vez disso, eu disse, e eu quis dizer isso: – Claro, não há problema. – Michael e eu tínhamos lutado antes. Inferno, eu o joguei no chão um par de vezes, embora ele fosse um vamp rápido. Eu poderia lidar com ele.





– Eu só pergunto porque seria inconveniente se você tivesse... segundas intenções. Nós vamos fazer isso ao vivo, não em gravação, veja bem. Tem mais emoção dessa forma. Mais dinheiro. Haverá uma plateia ao vivo, assim como online.

Não importava para mim quem estava assistindo ou o motivo. – Eu luto com vampiros – eu disse. – Isso é o que eu deveria fazer. Não importa quem são ou quem eles costumavam ser. Certo?

– Certo – ela disse, e riu. Eu tentei não notar o brilho das presas em sua boca. – Eu amo um homem que sabe o que quer, Shane. Ah, e lembre-se... esta luta não para até que um de vocês seja carregado para fora. Sem piedade.

– Sem piedade – eu disse. Eu me senti estranhamente vazio por dentro, vazio onde eu tinha sido cheio de todos os tipos de coisas antes. Havia apenas ódio agora, brilhando e irradiando dentro de mim, e ele estava começando a parecer algo tóxico. Algo que estava me comendo por dentro, semeando cânceres como nuvens negras.

Mas isso não importava. Nada disso importava quando ela abriu a porta e eu vi a gaiola no meio da arquibancada, e as pessoas tomando os seus assentos.

– Isto é seu – Glory sussurrou para mim. – Isso é tudo seu, Shane. Porque você vai vencer esta noite, e vamos todos ser livres.

Eu olhei para ela, de repente, eu tive certeza de que ela estava mentindo... mas havia algo estranhamente sincero e honesto em seus olhos azuis.

– Você está falando sério? – eu perguntei. – Livre?

– Livre – ela repetiu. – Eu prometo. Depois desta noite, você nunca vai ter que lutar novamente.

Então ela me levou por um corredor e eu me sentei em uma cadeira, e Vassily apareceu fazendo a sua imitação estúpida de Drácula, com câmeras que olhavam para mim com os olhos vazios. E então tudo acabou e a contagem regressiva parou.

Hora de lutar.



– Pagantes – Myrnin disse. Ele acenou para as pessoas saindo dos carros e andando em direção à porta, a porta de segurança do armazém. Havia de todos os tipos – os que se passavam por colarinho branco em Morganville, mães, jovens universitários, caras durões. Uma seção de loucos. Havia vampiros, também, trabalhando na porta... Claire reconheceu um deles, e avisou a eles. – Sim – Myrnin concordou. – Ele estava com o Bishop antes.





Um deles Amelie disse que estava desaparecido. Agora sabemos onde ele esteve. Sem dúvida, Vassily contratou muitos dos ex-funcionários de Bishop para equipar o seu pequeno empreendimento.

— Mas o que ele quer? — Eve perguntou. Ela estava observando a sucessão de pessoas desembolsando mais dinheiro com uma expressão perplexa e um pouco enojada. — Tudo isso por dinheiro?

— Milhões de dólares, que para um vampiro significa segurança e estabilidade — Myrnin disse. — E a independência. Nossos amigos que se afastaram de Amelie para formar sua pequena colônia em Blacke não são os únicos que querem sair de Morganville; Os amigos e simpatizantes de Bishop temem Amelie. Fora desta cidade, eles poderiam ser seus próprios pequenos reis e rainhas. — A maneira como ele disse parecia amarga e distante, como se ele tivesse pensado nisso antes. Ou feito isso antes. — Em qualquer caso, nunca pense que o dinheiro é um motivo menos significativo do que a paixão. Você ficaria surpresa com o que as pessoas fazem por dinheiro que eles não fariam por amor.

— Temos que entrar — Eve disse.

— Sem dúvida — Myrnin concordou. — Mas eles vão reconhecer você imediatamente. Claire é menos reconhecível, e quase ninguém conhece o meu rosto. Eu sugiro que você fique aqui e...

Eve deu-lhe um olhar fulminante e disse: — Passe-me o seu chapéu.

— Perdão?

— O seu chapéu. E o seu casaco.

Myrnin deu-lhe um olhar de dúvida e os entregou. Ela sacudiu-os, cheirou-os, fez uma careta e depois os colocou. Em Eve, o casaco parecia ainda maior e mais mal ajustado do que em Myrnin, e o chapéu praticamente engolia a sua cabeça. Tudo o que Claire podia ver dela era um lampejo branco do seu rosto.

Assim como uma vampira.

— Hum — Myrnin disse, e inclinou a cabeça com grande interesse. — Para alguém tão singular, você pode desaparecer de forma bastante eficaz.

— Cale-se e prepare-se — Eve disse. — Você vai precisar mover a sua bunda se você não quiser que ela seja frita.

Ele olhou para si mesmo e franziu a testa. — Não vou assim, não vou assim. Muito comum. Não... — E antes que Claire pudesse detê-lo, ele tirou o





casaco e jogou-o no chão, junto com o colete de brocado. Ele ficou apenas com a camisa vermelha e as calças pretas – muito prático. – Melhor?

– Claro – ela disse. Por incrível que pareça era melhor. – Pronto?

– Pronto.

Eve saiu primeiro e correu em direção à porta com a cabeça abaixada. Os vampiros deram uma olhada em seu rosto e acenaram sem uma palavra. Claire seguiu, levando ambas as bolsas pretas. Eles pararam ela e pediram dinheiro, que Myrnin pegou de um bolso e entregou... em moedas de ouro. Provavelmente não tão incomum para o bando de presas, Claire imaginou, porque eles simplesmente deram de ombros e embolsaram o dinheiro e deram a ela e Myrnin tiras de plástico para usarem em torno de seus pulsos. – Vocês não podem trazer sangue para dentro – um deles disse enquanto selava a pulseira. – Concessão na parte de trás da sala. Dez dólares pela cerveja.

– Isso é ridículo! – Myrnin disse. – O preço...

Claire cutucou ele. Ele parecia indignado. – Bem, está muito caro – ele murmurou. – Oh. Aí está a sua amiga, Even. Ever?

– Eve – Claire disse. – Aqui, pegue a sua bolsa. Eu estou com a minha e a de Eve. Eu estou indo encontrar Shane. Você e Eve...

– Não há necessidade para isso – Myrnin disse quando as luzes se apagaram e a porta se fechou na parte de trás da sala. Claire teve a nítida impressão de que ela estava sendo trancada, e quem chegou depois ia ficar do lado de fora aproveitando o dia, humano ou vampiro. – Aqui vem ele.

Claire se virou. Eles estavam de pé no chão de concreto, e as arquibancadas de alumínio baratas estendiam-se em dez ou mais fileiras em todos os quatro lados da sala grande e aberta. No centro, havia uma plataforma, e sobre a plataforma havia uma gaiola de ferro com uma porta aberta. Era do tamanho de um ringue de boxe, e havia luzes brilhantes e incandescentes que apontavam para baixo dela vindas de todos os ângulos para transformá-la em uma tela em branco.

Vassily caminhou para o meio dela, com as presas brilhando quando ele sorriu e acenou para a multidão. Os estandes estavam metade cheios, Claire percebeu; talvez eles não tinham sido capazes de divulgar com rapidez suficiente. Não importava. O dinheiro de verdade deles vinha das apostas e associações da internet.





Vassily estava usando a roupa exata de Myrnin, só que nele parecia barata e estúpida. Ele estava com um microfone sem fio, e agora ele levantou-o à boca e disse: — Bem-vindos, amigos, ao Batalhas Imortais, onde as pessoas com vidas eternas jogam para perdê-las, e aquelas com força meramente humana aprendem o que é ser heróis! — Ele recebeu alguns gritos e aplausos. Ao lado dela, Myrnin estava muito quieto, observando. Claire percebeu que ele estava segurando o braço dela, mantendo-a imóvel. Ela não sabia o motivo até que Vassily disse: — E agora, conheçam o nosso herói mortal da noite: Shane “O Martelo” Collins, vencedor de dois combates anteriores, sobrevivente, e caçador! Deem-lhe uma recepção calorosa e imortal!

A multidão aplaudiu. Claire ficou lá se sentindo frágil e quente, como se ela tivesse sido transformada em cinzas que poderiam ser sopradas a qualquer momento, e viu quando Shane, *seu* Shane, entrou na jaula de aço com os braços erguidos.

Ele estava sorrindo, mas seus olhos estavam mortos e assombrados pelo fantasma do homem que ele tinha sido. Claire queria cair. A mão de Myrnin estava esmagadoramente apertada em torno de seu braço, mas ela não tinha vontade de fazer nada estúpido; ela não tinha certeza de que ela poderia se mover por conta própria. Parecia um pesadelo.

E depois, claro, ficou pior.

— E o adversário — Vassily gritou. — O vampiro novato, músico, aspirante a campeão, *Michael Glass*! Este é um jogo de rancor, Senhoras e Senhores, anos compondo! Agora conhecido como...

Vassily tinha calculado mal, Claire viu; ele pensou que ele poderia continuar vampirando (trocadilho intencional) para coordenar a aposta, mas Shane tinha outras ideias. Ele circulou a gaiola, e, em seguida, com rapidez antinatural, ele se virou e bateu em Vassily, que ainda estava falando em seu microfone. Vassily deixou cair o microfone, mas Shane o segurou pela gola do casaco extravagante e jogou-o rolando e batendo no chão. Antes de Vassily conseguir se levantar, Shane estava sobre ele.

Michael puxou-o para longe e segurou os seus braços atrás dele. — Pare — ele disse. Claire podia ouvi-lo, mas ela não tinha certeza se a multidão podia; todos eles estavam pisoteando-se e gritando, criando um estrondo de metal que abafava a maioria das coisas. Michael não estava prestando atenção na





plateia. Ele estava falando com urgência com Shane. — Mano, pare com isso. Este não é você.

Shane parou. Ele ainda estava nos braços de Michael e com os olhos fechados. Mas quando Michael o soltou, pensando que ele tinha conseguido, Claire viu os lábios de Shane torcerem em um sorriso, e tentou gritar um aviso.

Ela ouviu claramente quando Shane disse: — Você está errado sobre isso. Mano.

SHANE

Eu já estava querendo tirar um pedaço de Vassily há algum tempo, e ouvi-lo falar constantemente sobre Michael, bem, já chega. Michael fodão Glass. O Sr. Perfeito. Ele não era apenas qualquer vampiro, agora, ele era? Não, ele veio de uma longa linhagem humana de Renfields, todos curvados por vampiros. Inferno, Sam tinha até mesmo...

Não. Alguma coisa em mim desligou quando eu tentei associar o avô de Michael, Sam, nesse discurso mental; Sam, eu sabia, não merecia isso. Eu gostava de Sam. Inferno, todo mundo amava Sam.

Como todo mundo amava Michael. O Sr. Perfeito.

Eu pulei em Vassily, e me senti bem. Era bom pensar com o meu corpo, em vez do emaranhado confuso de ódio, culpa e medo que estavam dentro de mim — de ser apenas algo, fazer algo, sem o cérebro de cima ficando no caminho. Eu chutei ele, mas com o ângulo mais duro do meu pé. Você não chuta com os dedos dos pés, não com os pés descalços; você usa o lado ou o calcanhar. Eu escolhi o calcanhar, e coloquei um pouco de impulso por trás dele, e senti as costelas de Vassily rangerem quando o golpe o atingiu.

Legal.

Em seguida, Michael me puxou para longe, e, droga, ele me segurou por trás. Ele tinha poder e força. Vassily levantou-se, pegou o microfone e saiu da gaiola, fechando-a atrás de si.

Michael disse com urgência: — Pare. Mano, pare com isso. Este não é você.

Eu fechei os olhos e deixei os meus músculos tensos se soltarem do seu agarre. Só um idiota iria cair nessa, mas Michael gostava de acreditar que ele podia fazer tudo. E ele achava que eu não era muito inteligente, de qualquer maneira.





Quando eu senti ele me liberar, eu estava sorrindo tanto que doía. – Você está errado sobre isso. Mano.

Ele provavelmente foi avisado ao ouvir isso, mas eu não me afastei para ficar longe dele. Ah, não. Eu me lancei para trás, me atirando contra ele e nos lançando para baixo no chão de lona ressoante e elástico. A multidão gritava; soava como um trovão em meus ouvidos. As luzes atingiram a minha pele, e eu podia sentir Glory na minha cabeça como um holofote.

Ela queria que eu ganhasse. Vencesse a qualquer custo.

Eu me virei. Michael estava preso sob mim e ele estava lutando para se levantar. Desta vez eu tinha o peso e a força, e enquanto eu o impedia de se estabelecer, eu poderia machucá-lo.

Eu queria machucá-lo.

– Shane! – ele gritava. Eu o vi, mas eu não o vi, não claramente; ele era uma forma, uma voz, um adversário, e quem ele era não importava. Ele não era uma pessoa; ele era uma coisa, e eu bati nele com força total no rosto. Uma e outra vez. Toda vez, dor sacudia o meu braço e náuseas seguiam com ela, como se eu estivesse bêbado e tombasse para a fase do vômito, mas então eu recuava e eu batia nele novamente.

Eu bati nele com uma força especial, e eu senti um osso estalar na minha mão. Um dos pequenos – não é grande coisa – mas a pressão alta e brilhante parecia como um flash de luz estroboscópica vermelha passando por mim, e por um segundo ou dois depois, a minha cabeça estava cristalina.

E eu vi uma menina se aproximando da porta da gaiola, tentando abri-la. Uma menina alta em um casaco rasgado e surrado e com um chapéu estúpido e gigante que caiu enquanto ela lutava com o cadeado da porta, revelando seu cabelo brilhante preto e curto e um rosto tão pálido como o de qualquer vamp.

– Deus, Shane, pare! – Eve estava gritando e batendo nas barras duras o suficiente para fazer elas zunirem. – Pare com isso! O que você está fazendo?

Foi chocante, foi como ver Alyssa ali de pé, e por um segundo eu pensei que eu vi Lyss, do jeito que eu a tinha visto pela última vez, parecendo tão bonita e inteligente e pronta para qualquer coisa, pronta para morrer, e eu não poderia salvá-la, porque eu era um perdedor e eu tinha sido fraco, tão fraco. Eu deveria ter aberto a porta mesmo que estivesse quente, tão quente, e eu tinha desmaiado por causa da fumaça.

Eu olhei para baixo.





Eu tinha feito algum dano no rosto de Michael, mas ele estava se curando. Havia sangue no chão, em minhas mãos e escorrendo pelo seu rosto. Qualquer cara humano teria estado pronto para ir ao hospital.

Eu percebi que ele não estava lutando de volta.

Dinheiro fácil.

Eu afastei o meu punho para dar outro soco, e ele não vacilou. Ele não desviou o olhar, tampouco. Ele apenas disse: – Não é culpa sua, cara. Eu não culpo você.

Por alguma razão, essa foi a primeira coisa que ele disse que eu realmente ouvi. Era quase como se eu estivesse ouvindo a voz do meu pai de novo, dizendo algo que eu precisava ouvir todo dia desde que Lyss desapareceu de nossas vidas.

Isso não foi culpa minha.

Eu não poderia ter parado.

A verdade era que o fogo não tinha sido culpa minha. Ninguém poderia ter chegado até a minha irmã para salvá-la.

Mas isso – isso era culpa minha.

Eu me sentei, olhando para ele. Seus olhos azuis estavam vermelhos, piscando com a cor vermelha, mas ele não iria dar um de vampiro em mim nem mesmo se eu fosse machucá-lo pra valer. Ele iria apenas aguentar.

– É a Glory – ele disse. – Você sabe disso, certo? Não é culpa sua.

Glory. Eu olhei em volta, mas eu não a vi. Tinha apenas um mar de rostos agora, rostos gritando que não se preocupam comigo ou Michael ou nada, além do seu próprio entretenimento. Exceto por Eve, parecendo tão ferida e horrorizada do outro lado das grades. Ela se importava. Até demais, provavelmente.

– Bishop está aqui – Michael disse. – Eles vão colocá-lo aqui com você quando você acabar com isso. Eu não posso deixar que isso aconteça. Eu tenho que ficar aqui com você. Vai ser necessário nós dois para conseguirmos isso. Você entendeu? Temos que ficar juntos, Shane.

Eu entendi. Eu estava certo antes; esta era uma espécie de pesadelo, algum feitiço estranho que ia acabar a qualquer momento, e as coisas ficariam ok, tudo ok. Nada disso era... real...

Então eu vi Claire.

Ela estava de pé fora da gaiola perto das arquibancadas, e Myrmin estava segurando o seu braço como se ele estivesse tentando impedi-la de ir até Eve e correr para a gaiola, mas eu não acho que ela estava tentando. Como eu, ela estava





paralisada, presa em seu pesadelo, e aqueles olhos escuros estavam me olhando, me vendo, e eu me vi neles também. Suado, machucado, selvagem, irritado, cruel.

Isso me fez ficar enjoado.

Eu rolei para longe de Michael e me enrolei em uma bola, de frente para Claire, olhando de volta. Talvez tenha sido a dor da minha mão ainda machucada; talvez fosse, finalmente, o meu próprio cérebro acordando e gritando.

Talvez ele estivesse vendo aquele olhar de horror em seu rosto. Eu não me importava que ela estivesse com Myrnn; Eu estava feliz que ela tenha alguém para protegê-la aqui. E eu sabia que ele faria. Era melhor ele fazer isso. Eu mataria ele se ele deixasse que algo acontecesse com ela, e ele sabia disso.

Eu vi os seus lábios pronunciarem o meu nome. Shane. Eu não podia ouvi-la, mas eu sabia como soaria, o quão inconsolável, decepcionado e assustado. Eu tinha que mandar isso tudo para longe de mim. Eu a machuquei e ela me machucou, e nós íamos consertar isso. Nós tínhamos. Porque eu não podia deixar que isso destruísse as pessoas que eu amava.

Isso incluía Michael, o idiota. Eu tombei nas minhas costas, respirando rápido, e o vi se sentando. O sangue muito-claro-para-ser-normal escorria pelo seu queixo e pingava em seu peito nu. Sem uma camisa ele parecia sarado, mas muito, muito pálido, quase fantasmagórico. Ainda Michael, no entanto.

Ainda o meu amigo.

Sempre o meu amigo, mesmo quando eu era o maior idiota do planeta.

Ele estava olhando para mim com um olhar severo, verificando se eu ainda estava no outro lugar assustador, e eu acenei para ele e limpei o suor do meu rosto. Eu senti frio agora, não o ardor que eu sentia. Quando eu flexionei a minha mão, a dor do osso quebrado me cortou como uma faca, afastando todos os fantasmas remanescentes de raiva.

– Você não lutou – eu disse. – Jesus, cara, eu poderia ter te matado.

– Não pense que você conseguiria, não depois de um longo tempo – ele disse. – De qualquer forma, você não me matou. – Ele olhou em volta e viu Eve. Seu sorriso era verdadeiro e cheio de prazer, mas havia algo mais lá, também. Algo parecido com medo. – Eu estou bem, Eve. Nenhum dano permanente.

Ela estava agarrada às grades como se ela pretendesse forçar o seu caminho por pura fúria. – Shane, se você machucá-lo, eu vou te matar!

Eu acenei para ela, cansado. – Sim, obrigado. Eu sou o único com um osso quebrado.





Eu troquei um olhar rápido com Michael, que estava fazendo planos. – Afaste-se da porta – ele disse.

– Por quê?

Michael se levantou. – Porque eu vou abri-la com um chute.

Precisou de sete chutes constantes com uma força de vampiro para quebrar o bloqueio e enviar a coisa voando; Eve afastou-se, mas não para muito longe. Eu estava observando lá fora, a multidão. Vassily tinha, nenhuma surpresa, desaparecido. Ele nunca tinha tido a intenção de ficar por muito tempo, apenas tempo suficiente para pegar os recibos de apostas e ir embora. Mas eu não estava preocupado com ele. Ele era um idiota ganancioso; não é grande coisa.

Eu estava preocupado com Gloriana, porque eu ainda podia sentir aquela tensão cinza sutil dentro de mim, o que significava que ela estava por perto. Não focada em mim, não agora, mas definitivamente...

Eu a vi um segundo antes de ela agarrar Eve pelo pescoço e puxá-la para trás, segurando-a firme como um escudo humano gótico. O chapéu estranho de Eve foi esmagado em meio ao caos – e agora estava um caos porque as pessoas nas arquibancadas estavam descobrindo que as coisas não estavam indo de acordo com o plano padrão do clube de luta, e eles queriam sair. Só não havia qualquer forma de sair daqui. As portas estavam trancadas. A maioria dos vampiros já haviam ido embora, deixando Myrmin, Michael e Gloriana para trás.

Os olhos azuis de Glory encontraram os meus em cima do ombro de Eve, e eu congelei no ato de me levantar. A minha mente foi pressionada e apagada em um branco perfeito e bom, e eu senti aquela fúria ferver de novo, quente, louca e perfeita. Ela me conhecia. Ela sabia exatamente onde pressionar, e o que me causar mais dor. Eu nem sequer precisava mais pensar sobre isso conscientemente para machucar.

Machucar. Claro...

Eu bati o meu punho direito para baixo no chão e mandei outro choque de agonia pelo meu corpo. A fúria quebrou e derreteu, e eu dei a Gloriana um sorriso. Um sorriso grande e gentil. – Eu acho que não – eu disse. – Você queria me fazer matar Michael, não é? Como uma coisa de perseguidora se-eu-não-posso-ter-ele-ninguém-pode, certo? Eu sou apenas a sua arma. Cara, garota, faça terapia.

Ela sorriu para mim. – É só nisso que você é bom, Collins, ser uma arma – ela disse. – Isso é tudo o que você vai ser bom. Acabar com os inimigos.

– Isso é bom o suficiente para mim – eu disse. – Mas você acabou de subir na minha lista de inimigos. Muito ruim para você. Você não acha?





Ela apertou Eve. Os olhos dela ficaram enormes e ela me deu um olhar suplicante, em seguida, olhou em direção a Michael, que estava descendo as escadas para fora da gaiola, caminhando para ela e Glory.

Eu senti o poder de Glory, o seu encanto bater nele como um trem de carga, e ele abrandou... e parou. Ele estendeu a mão para Eve, movendo-se como se estivesse debaixo d'água... e Gloriana riu um pouco, um desses risos baixos, doces e inocentes que pareciam tão bonitos antes, e disse: – Eu odeio quando você olha para ela desse jeito, você sabe. Um desperdício. Ela não merece você, Michael. – E eu soube então que ela ia matar Eve na frente dele.

E não havia como Michael ser capaz de detê-la.

Ele não precisou. Eve apalpou no bolso do lado de seu vestido gótico, e eu vi um flash de prata um segundo antes de ela mergulhá-lo debaixo do braço, por baixo do seu próprio corpo e no peito de Gloriana.

– Droga – eu disse. Porque ela fazer isso em sua primeira tentativa – não é uma coisa fácil, mesmo quando você está enfrentando um vampiro incapaz de ver o seu objetivo.

Gloriana caiu, arrastando Eve com ela. Sua boca estava aberta num grito silencioso, e seus olhos estavam brilhantes e vermelhos e cheios de fúria. Ela ainda estava tentando fechar a mão e esmagar a traqueia de Eve.

Michael pulou para a frente e bateu a estaca de prata com mais força no peito de Glory, por todo o caminho, pelo que eu sei, em direção ao chão de cimento embaixo dela. Em seguida, ele arrastou Eve para longe e colocou os braços em volta dela e segurou-a como se o mundo estivesse caindo aos pedaços, mas os dois nunca cairiam.

Era meio bonito.

E eu observei Gloriana – a vampira mais bonita que eu já vi, e a mais perigosa – ficar quieta e silenciosa quando a prata começou a queimar e descolorir o seu corpo, matando-a de dentro para fora.

Ela tinha morrido.

Eu deixei um pouco da raiva sair. Só um pouco, e a senti evaporar em uma satisfação quente e assustadora.

E Deus, eu me senti bem.



– Shane?





Claire não tinha visto o que tinha acontecido nos últimos segundos — pessoas demais correndo e gritando, e ela perdeu a visão de Eve. Quando o caos diminuiu um pouco, ela viu Eve sentada no colo de Michael no concreto. E Gloriana deitada ao lado deles, meia estacada no chão. Prata, Claire percebeu. Ela estava na metade do caminho para estar totalmente morta.

E Claire decidiu que ela não poderia se importar muito com isso. O que ela se importava era que Michael e Eve estavam bem, e que Shane ainda estava de pé dentro da jaula, olhando para o corpo moribundo de Glory. Ele parecia... inexpressivo, exceto por seus olhos. Eles estavam cheios de algo quente, selvagem e estranho, e então... pacíficos.

Myrnin ainda estava pendurado nela. — Ei! — ela disse, e sacudiu o braço dele para tentar afastá-lo. — Vamos lá! Eu estou bem!

Ele estava franzindo a testa e tentando olhar em todos os lugares ao mesmo tempo. — Acho que devemos ir embora — ele disse. — Eu posso facilmente quebrar um buraco nos tijolos dali. Sim, devemos ir agora. Veja, o seu garoto está bem. Está tudo bem. Exceto Glory, obviamente, isto não é definitivamente muito bem, mas, honestamente, nós nos importamos? Eu certamente não.

— Me solte!

— Não — Myrnin disse. — Você é minha responsabilidade. E isso é perigoso. Eu não sei onde Bishop está, e até que o encontremos, eu não quero você por conta própria.

Claire jogou a bolsa preta que estava segurando no chão, vasculhou e tirou uma faca fina banhada de prata. — Você sabe o que é perigoso? — ela perguntou. — Eu. Se você não me soltar.

Ele suspirou, revirou os olhos e a soltou. Ela pegou a bolsa e saiu correndo para a gaiola, ricocheteando estranhos em pânico e algumas pessoas que ela realmente conhecia que tinham vindo para apostar em seu namorado morrendo em uma *gaiola* — Deus, ela queria bater neles — em seguida, deu passos que levaram à grande gaiola quadrada. A gaiola da luta.

Com Shane.

Shane olhou para cima enquanto ela golpeava as barras e voava como um pássaro em seus braços. Parecia a melhor coisa que ela já tinha feito, colocar os braços em volta dele, sentir a sua pele quente e úmida pressionada contra a dela.





Ele soltou um suspiro longo sem palavras e caiu contra ela, abraçando-a como se o mundo estivesse acabando, como se ele nunca quisesse deixá-la ir novamente. — Eu sou um tolo — ele disse. — E um idiota. Você deve correr para longe de mim o quanto pode. Eu sinto muito.

— Se eu correr, você corre comigo — ela disse. — Você está bem?

Ele ergueu a mão direita. Parecia vermelha e um pouco inchada. — Osso quebrado — ele disse. — Nada que eu não possa lidar.

Ela pegou a mão dele entre as suas, embalando-a e colocando-a gentilmente na bochecha dela. Ele estava olhando para ela com uma expressão de fome, que lhe parecia ser mais com esperança do que com qualquer outra coisa.

— Simplesmente assim — ele disse. — Simplesmente assim, você vai esquecer tudo isso. Todas as coisas que eu fiz. O que eu disse. Deus, Claire...

— Uh, não, idiota — Claire disse. — Você vai ter que batalhar pelo perdão. Mas isso... isso você consegue de graça. Porque eu te amo.

Ele sorriu um pouco e, em seguida, ele a beijou, e por alguns segundos longos, doces, e sem fôlego, estava tudo bem de novo.

E, em seguida, Claire ouviu as sirenes.

— Que diabos é isso? — Shane disse, porque não era apenas uma sirene. Era um coro delas, gritando umas sobre as outras. Todas as sirenes da cidade, parecia, todas indo em direção a eles.

Claire sentiu uma onda nauseante de entendimento, que se tornou ainda mais claro quando Myrnin subiu as escadas para se juntar a eles dentro da gaiola, pegou-a pelo braço e disse: — E agora estamos indo. Sem argumentos. Amelie e Oliver estão chegando, e eles estão trazendo tanta força avassaladora que tinha disponível para eles. Se você quiser manter o seu corpo, alma e liberdade, pare de tontear e venha. Ninguém nesta sala vai estar seguro quando eles chegarem. Eles estão com humor de atirar-primeiro e fazer perguntas depois.

— Tontear? — Claire repetiu sem expressão. — O que é...?

— Devemos discutir a escolha de palavras? Agora?

— Não — Shane disse. — Nós estamos com você. E nós vamos embora.

E eles teriam ido, só que quando Myrnin virou-se e dirigiu-se para o portão de ferro aberto, alguém subiu os degraus e bloqueou a abertura.





Bishop. Incredivelmente, ele parecia ainda mais *jovem* do que no vídeo, como se ele estivesse envelhecido em sentido inverso. Havia sangue fresco em sua boca e manchado na gola de sua camisa. Seus olhos eram velhos, cruéis e basicamente loucos, Claire pensou enquanto ele sorria com as suas presas para fora e dizia: — Deixe eles virem. A minha filha pensou que poderia me deixar passar fome, me prender, fazer de mim um exemplo. Eu vou fazer dessa sala cheia de gente um exemplo — não, toda esta *cidade* — que ninguém vai dizer o nome novamente sem ter arrepios. O pesadelo está chegando agora. Prestem atenção e se divirtam.

Myrnin olhou para Bishop em completo horror e se afastou rapidamente. Ele soltou Claire. Na verdade, ele colocou ela e Shane no caminho.

— Qual é o problema, meu velho amigo? — Bishop perguntou. Ele calmamente virou para trás, agarrou a porta e fechou-a atrás dele com uma pancada e rugido de metal. Em seguida, ele entortou a soleira para que ela não abrisse mais — mais eficaz do que uma trava. — Sem planos inteligentes? Sem jogos bobos? Porque você sabe que eu não esqueci o que você fez quando você me traiu. Você sabe que eu vou partir você por um membro de cada vez... dedos das mãos e pés primeiro, em seguida, caminhar para o resto. E seus pequenos humanos aqui, eles vão ser apenas um trabalho rápido. No momento em que Amelie e a sua recepção chegar até nós, eu vou estar bebendo o sangue do seu crânio.

— Você ainda pode correr — Claire disse. Ela não podia acreditar que tinha força suficiente para falar, mas ela falou. Ela estava com medo, mas não com *tanto* medo assim. De alguma forma, depois de tudo o que ela tinha visto, Bishop não era o pior. — Você pode quebrar uma parede e desaparecer em meio à confusão. Você sabe que se Amelie pegar você, ela vai te matar.

— Na verdade, eu acho que Oliver convenceu ela de que fazer de mim um exemplo é uma má estratégia — Bishop disse. Ele andava de um lado para o outro, mas cada vez mais diminuía a distância entre eles. — Espero que ela me execute imediatamente. Ou tente. Mas eu sou melhor nisso do que eles, qualquer um deles ou todos eles. Eu sou o melhor assassino que já viveu.

— Sim, você não parece muito preocupado — Shane disse.

— Eu tive uma grande quantidade de tempo para considerar o meu lugar neste mundo, enquanto ela me manteve naquele inferno pequeno sem ar.





Nada para comer. Nada para ouvir, sentir ou tocar. Apenas a eternidade infinita e escura. Você sabe o que eu decidi?

Shane balançou a cabeça. Claire percebeu que ela ainda estava segurando a faca pequena revestida de prata, e agora ela empurrou a bolsa preta para mais perto de Shane, que olhou para a bolsa.

— Eu percebi que se eu posso sobreviver a isso, sobreviver a fome até os ossos, eu posso sobreviver ao pior de Amelie — Bishop disse. — Eu não preciso de Vassily e Gloriana. Eu pensei que eu precisasse de um exército para tomar essa cidade, e eles estavam fazendo um para mim — humanos como você, Shane, que iriam acabar com os vampiros sem vacilar. Mas eu não preciso deles. Ou de você. Qualquer um de vocês. — Seus olhos queimaram com vermelho sangue. — Exceto como combustível.

Shane se agachou e colocou a mão dentro da bolsa, puxando uma besta, mas ela não foi ajustada. Levaria segundos para armar e carregar, e Bishop não ia dar a eles.

Bishop esmagou a besta em lascas com um golpe, e jogou Shane de cabeça nas barras.

Claire gritou, porque isso deveria tê-lo matado... e provavelmente mataria, se ele não tivesse tomado a bebida que Vassily tinha dado aos lutadores. Em vez disso, isso apenas o espantou. Shane caiu no chão, gemendo e tentando se levantar. Bishop o chutou duas vezes: uma no estômago, uma vez na cabeça.

Claire não pensou. Ela se atirou nele, e quando as suas mãos fortes e pálidas se estenderam para rasgá-la, ela o cortou com a faca de prata que segurava. Ela não sabia o que ela cortou, mas Bishop uivou e se afastou dela. Então ele veio atrás dela.

Shane não podia se levantar, mas ele *podia* rolar, e ele o fez, bem na frente dos pés de Bishop enquanto ele se movia. Bishop caiu e agarrou a cabeça de Shane em suas mãos mutiladas.

Claire tentou detê-lo, mas não conseguia chegar perto o suficiente. Ela o cortou com a faca e o impediu de agarrar o pescoço de Shane, mas foi inútil; ela não conseguia chegar até ele, não sem ser morta também.

Isso foi o que Bishop queria. Matar um deles enquanto os outros observavam.





— Ei! — Eve gritou, logo do outro lado das grades. Ela tinha algo na mão, algo longo, fino e afiado. — Segura aí, CB! — O objeto veio voando até ela, e Claire o agarrou.

Era uma espada. Uma das coisas que Eve tinha usado contra Oliver. Ela até tinha conseguido atingi-lo com uma.

Esta tinha uma ponta, e as bordas eram afiadas em todos os três lados da lâmina triangular.

Claire agarrou o cabo e se jogou em uma estocada. Provavelmente não era uma boa estocada, provavelmente não era constante, mas foi *rápida*.

E ela furou o ponto direto na garganta de Bishop.

Ele soltou Shane e agarrou a espada. Claire deixou-a cair e agarrou o tornozelo de Shane, e arrastou-o de volta para o outro lado da gaiola. Ela correu para a frente, mas Bishop agarrou a lâmina antes dela. Shane tentou se levantar, mas não conseguiu.

Claire era a única ainda de pé.

Myrnin. O que diabos ele estava fazendo? Ele caiu no chão, remexendo em sua bolsa, ignorando-a, ignorando o perigo mortal. *Estúpido*, covarde idiota...

Claire não podia nem olhar para ele — ela não tinha tempo, porque Bishop chicoteou a lâmina através do ar com um barulho como o de seda rasgando, e deu a Claire um sorriso longo e lento.

— Isso vai levar cerca de dez segundos — ele disse. — Eu gostaria de fazer isso durar, mas, infelizmente, a minha filha me aguarda. Eu tenho uma cidade inteira para destruir. Eu não posso ficar tanto tempo com vocês como eu gostaria.

Ele deu um passo em direção a ela.

— Claire — Myrnin disse atrás dela. Ele parecia preocupado e, na verdade, bastante calmo. — Por favor, se abaixe agora, se você não se importa.

Ela não tinha absolutamente nenhuma razão para confiar nele, mas ela o fez. Ela apenas... se abaixou.

Ela atingiu o chão e olhou para cima. Myrnin estava sobre ela e Shane, ereto e alto, e havia uma espécie de espingarda de aspecto selvagem em suas mãos, e a sua bolsa Nike estava do lado em seus pés. Ele estava apontando a arma diretamente para Bishop.





— Agora — ele disse, — você parece ter trazido a arma errada, Bishop. Rende-se?

Bishop enterrou a espada no peito de Myrnin em um movimento tão incrivelmente rápido que Claire nem sequer viu isso acontecer.

Myrnin não vacilou. Ele puxou os dois gatilhos.

Um *boom* pesado sacudiu as barras da jaula ao redor deles, e por um segundo Claire pensou que algo tinha dado errado, muito errado, porque o ar estava cheio de fumaça e glitter e Bishop ainda estava lá.

Ele caiu, com dedos com garras no chão a apenas três centímetros mais ou menos do rosto de Shane. Ele estava queimando, queimando rápido, inteiro. Parecia que ele tinha sido atingido por um lança-chamas, e ele gritou, rolou e continuou queimando enquanto Myrnin calmamente estendeu a mão, puxou a espada de seu peito, e recarregou a espingarda.

— Isso dói — ele disse. — Mas não, eu imagino, tanto quanto isso doerá. — Ele apontou e então parou. Ele olhou para Claire. — Talvez seria melhor se você tirasse o seu namorado daqui.

Claire engoliu em seco. — Está trancado.

Myrnin se aproximou e bateu a sua bota na porta da gaiola. As dobradiças se curvaram e racharam. Seu segundo pontapé enviou voando as dobradiças a um metro de distância com o som de latas caindo de um telhado.

— Para fora — ele disse, e afastou-se quando Claire agarrou Shane e os dois pularam o corpo em convulsão de Bishop.

Lá fora, Claire se virou para olhar. Myrnin se virou para Bishop e mirou o centro do peito do vampiro abatido.

Bishop mostrou os dentes sangrentos. Ele estava se desintegrando, pedaços dele derretendo em uma confusão horrível. A dor devia ser extrema.

— Você não tem a coragem — ele falou com raiva, e depois cuspiu rios de sangue muito claros. — Você nunca tem, marionete. Você pega a garotinha para fazer o seu trabalho por você. Ela é mais corajosa do que você sempre foi.

Myrnin ergueu as sobrancelhas e olhou para ele, em seguida, virou a arma para cima e encostou-a contra o seu ombro. — Oh, eu acho que isso provavelmente é verdade — ele disse. — E eu acho que eu gostaria de dizer a Amelie que você morreu devagar e com dor. Morreu sozinho, seu animal velho e malvado.





Demorou muito, foram minutos agonizantes. Bishop nunca gritou. Deixou para trás um esqueleto que lentamente entrou em colapso em cinzas no meio da gaiola.

Myrnin caiu e se inclinou contra as grades com a cabeça abaixada. Claire voltou a subir os degraus e estendeu a mão para tocar o seu ombro. — Por que você não terminou? — ela perguntou.

Como resposta, Myrnin apontou a arma para os ossos desintegrando de Bishop e disparou dois canos.

Nada aconteceu. Apenas um clique vazio e seco.

— Eu percebi que eu nunca carreguei os projeteis nos cartuchos — ele disse. — Isso deveria estar com chumbo grosso de prata.

— Mas você sabia que a primeira coisa iria funcionar.

— Na verdade — Myrnin disse, em voz baixa, confidencialmente, — eu achei que eu tinha esquecido de carregar aqueles cartuchos, também. Viu como tudo deu certo?

Houve um barulho enorme nas portas exteriores, fazendo as pessoas enlouquecerem e correrem em pânico. Myrnin suspirou, afastou-se das barras, e seguiu Claire para baixo das escadas. Ela agarrou a mão não quebrada de Shane e segurou-a firme, e os três se encontraram com Eve e Michael, ainda sentados ao lado do corpo gravemente queimado de Glory. Apenas seu cabelo dourado foi deixado, e ele até mesmo estava salpicado de cinzas e levemente encaracolado.

— Sigam-me — Myrnin disse. — E fiquem juntos. E, a propósito, esta é a *última* vez que eu vou a qualquer lugar com vocês. Vocês são todos loucos.

Ele pegou uma barra de ferro e bateu com ela na parede cerca de meia dúzia de vezes em alguns segundos, e os tijolos voaram em uma névoa de poeira e estilhaços.

Claire e Shane entraram pelo buraco juntos, e congelaram quando armas viraram em direção a eles. Um monte de policiais estava gritando para eles ficarem parados, e eles ficaram, levantando as mãos e inclinando-se contra a parede para serem revistados e algemados.

Claire olhou para trás. Amelie e Oliver estavam na fila seguinte, atrás dos policiais, juntamente com fileiras e fileiras de vampiros. Amelie estava olhando para frente com uma expressão em branco; Oliver, por outro lado, estava *sorrindo*. Ele estava dando ordens, enviando um conjunto de vamps para





um lado, um para cima, outro para o outro lado... um general implantando suas tropas enquanto a rainha esperava em isolamento gelado pela vitória.

Myrnin saiu do buraco na parede, olhou malignamente para a polícia, e acenou para Amelie com entusiasmo demente. — Olá! Seu querido pai está, infelizmente, muito morto — ele falou. — E você disse que o meu sistema de dispersão nunca iria funcionar!

Amelie piscou e focou nele. — O que você disse? — ela perguntou.

— Morto — ele disse, de forma clara e distintamente. — O seu antepassado ilustre não existe mais. Ele é poeira e lágrimas de anjo, embora eu ache que nenhum de nós estará de luto por ele por muito tempo. Você pode ver por si mesma, mas eu te juro que ele é, de fato, o seu não lamentado, Sr. Bishop. Agora você poderia por favor, pedir a esses idiotas para parar de apontar as suas balas para mim? É terrivelmente um desperdício.

Claire tentou não rir, mas transformou a risada em uma tosse sem ar e, em seguida, Shane começou a rir também, e de repente ele estava bem.

Amelie passou por eles, entrando no buraco que eles tinham saído; Oliver se apressou para passar na frente dela, segurando o que parecia ser um verdadeiro facão antigo. Claire supôs que, no mundo de guerras de vampiros, uma espada poderia ser muito útil, especialmente com uma borda de prata. Decapitação sempre funcionava.

Michael e Eve saíram depois de mais alguns segundos, e Eve olhou em volta e viu Shane e Claire em suas poses de quase-presos. Ela bufou. — Saiam daí vocês dois — ela disse. — O que há com você e as gaiolas, Shane? — Deve ter ocorrido a Eve um segundo mais tarde que talvez isso pudesse não ter sido legal para dizer no momento. Mas Shane apenas deu de ombros.

— Se Amelie quer me jogar de volta na prisão, está tudo bem. Eu assinei para lutar. Eu bati em dois vampiros pra valer. E eu poderia ter machucado Michael.

Michael inclinou-se contra a parede ao lado dele, de braços cruzados. Ele estava usando o estúpido chapéu — agora, pelo menos, cinquenta por cento mais estúpido ainda, graças a ter sido esmagado por pés correndo — e o casaco velho, mas sob a roupa, seu sorriso era completamente presunçoso. — Desculpe. O que você disse? Você poderia ter me machucado?





— Cara, eu estava chutando a sua bunda. — Ocorreu a Shane, Claire imaginou, que talvez ele não devesse ter ficado tão orgulhoso disso. — E por isso eu sinto muito.

— Eu não estava nem mesmo tentando, Shane.

— Sim, eu sei. Mas... — Shane ficou em silêncio.

Agora Michael parou de sorrir e olhou para ele por alguns longos segundos. Ele balançou a cabeça e se afastou. — Vamos falar sobre isso mais tarde — ele disse. — E, sim, você vai se arrepender. Você sabe disso.

— Oh, eu sei — Shane disse. — Você não tem ideia do quão arrependido eu já estou.

Mas Claire tinha. Ela viu o olhar em seus olhos e o brilho das lágrimas. E a vergonha.

Ela o abraçou e sussurrou: — Nós vamos superar isso. Vamos.

Ele deu uma respiração profunda, tremeu e relaxou contra ela.





CAPÍTULO 16

No final, o placar foi dezessete vampiros capturados; Vassily era um deles, o que surpreendeu Claire, até que ouviu que Frank tinha bloqueado seus fundos de transferências, e Vassily havia passado tempo demais tentando conseguir o dinheiro. Ele sempre pensou nos lucros. No momento em que ele finalmente desistiu, já era tarde demais para ele, para evitar os obstáculos criados nas saídas de Morganville. Ele acabou de joelhos na frente de Amelie, enquanto Oliver estava lá com a espada em suas mãos. Vassily implorou e, ordinariamente, se desculpou, mas Amelie não deu atenção. Nem um pouco.

Claire teve que sair antes que qualquer decapitação de verdade começasse. Mais tarde, ela ouviu que dos dezessete, quatro foram julgados mais culpados, incluindo Vassily. Ninguém disse o que tinha sido feito com eles, mas na verdade, ninguém tinha que dizer. Ela só presumiu.

Shane tinha uma audiência especial na frente de Amelie e Oliver em sessão fechada, com o prefeito Richard Morrell como membro oficial do conselho. Claire não era permitida lá. Nem Myrnin, não que Myrnin fosse se incomodar de aparecer, de qualquer maneira. Claire estava sentada na sala de espera com Eve, Michael e a assistente de Amelie, Bizzie O'Meara, à espera de alguma notícia.

As portas finalmente se abriram, e Amelie e Oliver saíram e caminharam diretamente através deles, ignorando o trio esperando. Richard veio depois, parecendo que tinha uma dor de cabeça e tinha acabado a aspirina da cidade, mas ele não parecia com raiva ou chateado. Isso era bom.

Shane o seguiu. Ele não estava algemado, pelo menos, e quando viu Claire, ele disse: – Não fique tão preocupada. Eu estou em liberdade condicional.





— Que tipo de liberdade condicional? — Ela estendeu a mão, e ele pegou-a com a esquerda; sua direita ainda estava fortemente enfaixada, e ela deveria doer, porque ele não a mexia muito.

— Do tipo que você não faça coisas estúpidas ou ruins acontecerem — Shane disse. — Todo mundo concorda que Glory ferrou com a minha cabeça. Nem todos concordam que eu estou melhor agora. Então eu tenho que provar que eu não vou brigar com os vampiros mais.

— Jesus, Shane. Você faz isso desde que você tinha doze — Eve disse. — Esse vai ser um hábito difícil de quebrar.

— Você sabe o que eu quis dizer. — Os olhos escuros de Shane encontraram os de Claire por um segundo. — Eles estão certos sobre isso. Eu ainda me sinto... você sabe, com raiva. Desconfortável. Eu acho que vai demorar algum tempo.

Michael se levantou. — Você está bem comigo?

— Tão bem como eu sempre estive. Eu queria que você não fosse... o que você é. Mas você sempre será o meu irmão. — Ele deu uma respiração profunda e instável. — Gloriana não poderia ter me feito fazer o que eu fiz, você sabe. Não sem que isso seja parte de mim, do jeito deformado que eu sou, como eu fui criado, o que o meu pai era. Eu sempre odiei vampiros. Culpei eles. É difícil para mim olhar para você e não pensar em tudo isso. Eu estou tentando. Isso é tudo o que posso fazer.

Michael estendeu a mão, a sua esquerda, e Shane pegou-a, em seguida, abraçou-o.

— Isso é tudo o que você pode fazer — Michael concordou. — Você é meu irmão.

— Que irmão, não é?

— Irmãos brigam. — Michael deu de ombros e o soltou. — Apenas se lembre, eu poderia ter acabado com você se eu quisesse.

— Nos seus sonhos, garoto de presas. Nos seus sonhos.

Enquanto eles estavam conversando — se insultos era uma conversa — Claire viu Amelie passar pelo corredor, falando com Oliver em voz baixa. Ela foi a essa direção. — Senhora? — ela disse. — Posso te fazer uma pergunta?

— Eu creio que não seja um favor. Eu não estou me sentindo muito generosa agora. — Amelie parecia cansada e irritada, e — como Richard — precisando de uma grande aspirina. — Bem? Declare.





– Eu... recebi um telefonema de um recrutador. Do ITM.

– ITM – Amelie repetiu. – O que é isso, ITM?

– Instituto de Tecnologia de Massachusetts. É... a escola fantástica que eu queria participar. Eles me aceitaram. É muito importante, e eles... disseram que iam me levar.

As sobrancelhas de Amelie levantaram muito ligeiramente. – Quando?

– No início do próximo ano.

Silêncio. Claire apertou a língua, à espera; Amelie estava pensando, mas ela também estava testando ela. Querendo que ela balbuciasse nervosamente. Bem, ela não iria. Ela não ia mostrar qualquer fraqueza. Em vez disso, ela imitou a imobilidade de Amelie, seu olhar direto.

Amelie sorriu. Isso aconteceu lentamente, quase imperceptivelmente, mas definitivamente aconteceu. Ela assentiu com a cabeça lentamente e disse:

– E a pergunta é: *você quer ir a este ITM?*

– É o que eu quis a minha vida inteira – Claire disse. – Sempre foi o meu sonho.

Amelie não deixou de notar o tempo passado em seus verbos. – *Quis* – ela repetiu. – Sempre *foi*.

– Eu deveria ir. É uma oportunidade única na vida. E se eu não for agora, eles não vão me levar; eles têm muitas pessoas, pessoas boas, tentando entrar.

– Então – Amelie disse. – O que você acha que deve fazer?

– Pedir permissão para deixar Morganville – Claire disse. – Permanentemente, talvez.

Amelie considerou isso por alguns segundos. – E você acredita que, de todas as pessoas, precisa da minha permissão para sair? Você sabe os segredos de Morganville. Você pode sair mais facilmente do que qualquer um, exceto, possivelmente, por Myrnin. Eu tenho certeza de que você já identificou muitas maneiras de escapar sem ser detectada.

Ela tinha, é claro, e Amelie sabia disso; Claire não confirmou ou negou nada disso. Ela só esperou. *Engraçado*, ela pensou. *Um ano atrás, eu estaria tremendo*. Agora, ela não sentia nem um pouco de medo. Amelie poderia matá-la se ela quisesse. Ela sempre teve esse poder. Não havia nenhum ponto em temê-la.





Claire de repente se lembrou de Miranda enfrentando Gina, sabendo que ela ia ser atingida, mas também sabia que, às vezes um pouco de dor e sangue era melhor do que a alternativa.

— Eu não vou pedir a você para fazer qualquer coisa, Claire — Amelie disse então. — Seria um exercício inútil. Você vai fazer o que quiser, e eu vou fazer o que eu preciso. Vamos torcer para que os nossos desejos não entrem em um conflito muito grande. Tudo bem?

Ela se afastou. Ela nem sequer fez a pergunta.

O que você vai fazer?

Mas Claire já sabia. Ela se virou para os seus amigos, e Shane se moveu em direção a ela, sem nem mesmo estar consciente de sua direção.

— Podemos ir para casa? — ela perguntou.

— Parece um plano decente — Shane disse. — Eu vou ter serviço comunitário por quatro noites por semana. Mas não esta noite. Eu acho que ela quis me dar um descanso⁴. — Ele ergueu a mão direita. — Eu já tenho um, no entanto.

Eve gemeu e chutou ele. — Você é tão sortudo que eu estou muito cansada para matá-lo agora. Não estou me sentindo melhor com o seu humor.

— Eu estou — Claire disse. Ela sorriu. Parecia que algo realmente tinha sido tirado de seus ombros. Ela estava indo para casa fazer uma ligação que iria mudar a sua vida, talvez para sempre. Mas não para pior.

— Do que você está rindo? — ele perguntou.

— Eu não vou para o ITM — ela disse, e beijou-o. Ele ficou surpreso, mas ele a beijou de volta docemente, então calorosamente.

— É claro que você vai — ele disse a ela. — Assim que Amelie permitir que você vá, você vai. Você me prometeu que iria.

Ela olhou para ele e a sua euforia diminuiu um pouco. Ela *havia* prometido. Mas agora o momento era esse, e ela não queria ir.

Seu celular tocou, interrompendo o momento, e Claire cerrou os dentes e olhou para o identificador de chamadas. É claro que era Myrnin, exatamente no momento errado.

Ela clicou no botão e disse: — Alô, Myrnin. — Shane deu um passo para trás e olhou para longe. Então isso não tinha ido embora, tampouco, aquele

⁴ **Break:** Shane fez um trocadilho com *break* que pode significar “descanso” e “quebrado”.





sentimento de ciúme. De traição, mesmo que ela não tenha traído ele. Isso ia levar tempo. Ela poderia escolher um momento pior para falar do ITM? Não. Não, ela não poderia fazer isso — era definitivo.

Myrnin parecia agitado. Não era uma verdadeira surpresa. — Eles esqueceram da minha entrega de novo — ele disse. — Estou completamente sem O positivo. Vá e pegue o meu cooler, por favor.

— Agora? Eu estou no caminho...

— Agora, ou eu não vou me responsabilizar pelo meu comportamento desagradável mais tarde. — Myrnin desligou na cara dela sem esperar por uma resposta. Não que houvesse qualquer coisa que ela pudesse dizer a não ser *Sim, é claro que eu vou pegar o seu sangue antes que você coma alguém.*

— Mudança de trajeto? — Shane perguntou.

— Eu posso ir sozinha. Vocês vão para casa.

— Não. Eu vou com você — Shane disse, e hesitou. — Eu deveria pedir desculpas a ele, também. Quero dizer, o que eu disse...

— Você não disse a ele.

— Meio que ainda preciso dizer a ele que eu sinto muito. Ele salvou as nossas vidas.

Ela não estava feliz com isso; Myrnin não gostava de Shane aparecendo, e depois, tinha o problema de Frank. Mas Frank teria que ser louco para se manifestar com Shane lá. Certo?

Então, Shane caminhou com ela para o banco de sangue, pegou o cooler, e levou-o por todo o caminho de volta para o beco e desceu as escadas, no laboratório de Myrnin.

O mesmo lugar velho e louco. Myrnin estava rigidamente em um só lugar, com as mãos para trás, logo atrás de uma das mesas de laboratório. Ele estava usando o jaleco branco sobre sua camisa havaiana, parecendo mais do que nunca o cientista menos confiável do mundo.

— Ei — Claire disse. — Trouxemos. — Myrnin não se moveu e não falou. Ela franziu a testa. — Você está se sentindo bem?

Ele se contorceu um pouco, piscou, e disse, com uma voz plana: — Com fome. Apenas deixe aí.

— Aqui? — Shane perguntou, e quando Myrnin não respondeu, deu de ombros e deixou-o cair. — Ok. Aí está o seu fast-food entregue. Estamos indo agora.





— Eu pensei que você queria pedir desculpas — Claire sussurrou. A mandíbula de Shane parecia apertada e imóvel, e ele enviou-lhe um olhar rápido e ilegível.

— Eu queria — ele disse. — Mas agora eu não sei. É que eu apenas estou me forçando ao máximo para não bater nele. Então vamos nessa, ok? Eu não quero me sentir assim. Não mais.

— Espere — uma nova voz disse. Feminina. Myrnin virou a cabeça em direção a ela, e Claire piscou quando viu Kim — *Kim?* — saindo das sombras e caminhando em direção a eles. — Eu sabia que você viria com ela. Oi, Shane.

Shane piscou, claramente tão confuso quanto Claire se sentia. — Uh, oi? — Ele olhou para Claire. — De onde ela veio?

Oh. Ela não tinha tido a oportunidade de explicar — Kim, a fuga, tudo isso. Ela imaginou que Kim teria corrido para as fronteiras da cidade, não vindo aqui. Por que ela tinha vindo?

— Myrnin, o que ela está fazendo aqui? — Claire perguntou. Ela sabia que ela parecia um pouco nervosa, mas era muito estranho ele ter convidados. Especialmente convidados que Amelie queria prender.

— Ela está fazendo exatamente o que a agrada — Myrnin disse, e virou um pouco para que eles pudessem ver as correntes de prata envolvidas em torno de seus braços, dos cotovelos para baixo até os pulsos. Algumas estavam cobertas por um pano, mas não todas. Onde tocava a sua carne, estava queimando-o. — Eu preferiria que você tirasse isso.

— Como é que ela...?

— Ela fingiu ser a pessoa da minha entrega — ele disse. — Eu estava focado em assinar pelo o sangue. Realmente não é culpa minha, Claire.

Kim ainda estava vindo em direção a eles — não, de Shane. Seus olhos estavam focados nele com um fascínio estranho. — Você não parece tão bem — ela disse. — Eu soube que Bishop quase o matou.

— Um de nós ainda está de pé — Shane disse, e estendeu a mão para afastá-la quando ela chegou muito perto. — Espere. Nós não vamos nos abraçar.

— Oh, nós vamos — Kim disse. — Você e eu, Shane. Sempre fomos nós dois. Tudo o que precisamos fazer é se livrar da interferência.

Os olhos de Shane se arregalaram, e ele olhou de Kim para Claire. — Não...





Uma flecha assobiou do outro lado da sala, um borrão de madeira e metal, e Shane empurrou Claire para fora do caminho. A flecha mergulhou em seu ombro, e ela sentiu os respingos de sangue quente de Shane em seu rosto.

Ele girou para longe dela e caiu.

Quem estava *atirando*? Claire tentou se proteger, mas outra flecha veio em sua direção, ricocheteando na parede, e levando-a a uma parada rápida e derrapada.

Kim estava sorrindo, e agora o sorriso se tornou amargo e cruel. — Eu não vim sem amigos — ela disse. — Garotos?

Havia dois homens no jipe que a tinham resgatado no deserto, Claire percebeu, e agora ela os viu, usando roupas camufladas, se misturando nas sombras. Ambos carregavam bestas.

— Amigos — Claire disse. — Você não tem amigos, Kim. Você esfaqueia os seus amigos pelas costas...

— Apenas atirem nela — Kim disse. Um dos homens apontou e disparou novamente, mas Claire conseguiu abaixar a cabeça. A flecha raspou em seu cabelo. Ela se escondeu atrás de uma das mesas de laboratório.

Kim revirou os olhos. — Uau, vocês são terríveis. Vocês não conseguem matá-la?

Todos tinham praticamente esquecido de Myrnin, mas de repente, houve um som de metal rangendo. Kim olhou para ele, assustada. — Corrente fraca — ele disse. — Que apropriado. — Ele ignorou Kim e atravessou o laboratório ziguezagueando, em seguida, virou em um canto. O homem camuflado lá gritou, então ficou calado. O outro tentou atirar em Myrnin, mas não se saiu tão bem, também.

Myrnin estava se dirigindo para Kim quando ela pegou uma besta de uma mesa próxima e atirou à queima-roupa no peito dele.

Ele cambaleou para trás, e murmurou: — *De novo* não, — e, em seguida, a madeira afundou através do seu coração. Não o suficiente para matá-lo. Apenas o suficiente para imobilizá-lo.

Kim soltou a besta.

— Pare — Shane disse. Sua voz soava irregular e angustiada, e quando Claire olhou, ele estava tentando ficar de pé. — Apenas *pare*. O que você está fazendo?





— Sinto muito que você tenha se machucado. Eles não estavam apontando para você — Kim disse. — Eu não quero te matar, Shane. Eu passei muito tempo pensando sobre isso. Como fazer a coisa certa.

Kim parecia séria e muito louca. Claire não sabia do que ela estava mais com medo — Shane, ferido, com o sangue escorrendo dos seus dedos para conseguir ficar de pé, ou do vampiro deitado completamente imóvel nas proximidades.

— Você está louca — Shane disse, e quis dizer isso. — Se você está esperando que eu a ame...

— Você me ama. — Kim soou absolutamente certa disso. — É só que ela está no caminho.

— Confie em mim, não é isso.

— Então você está dizendo que você não me quer?

— Definitivamente.

Kim puxou uma arma do bolso da calça, e apontou diretamente em Shane. Ele não se moveu. Talvez ele estivesse muito cansado.

— E agora? — ela perguntou. — Você me quer agora?

Shane suspirou. — Tanto quanto eu quero câncer. Então atire em mim.

Ela iria atirar — Claire podia ver isso em seus olhos — mas, em seguida, Frank Collins apareceu a trinta centímetros de distância do rosto de Kim.

Ela gritou de terror. Mesmo as pessoas loucas poderiam fazer isso quando um fantasma com a face cruel do pai de Shane aparecia em seu momento de triunfo.

— Não o meu filho — Frank disse. — Você não vai machucar o meu filho.

Os olhos de Shane se abriram. — Pai? — Ele parecia confuso e incrédulo, mas ele podia vê-lo, também — a imagem plana em preto-e-branco do seu pai, translúcida e parada entre Shane e a sua suposta assassina.

Kim atirou, mas a flecha saiu selvagememente, errando Shane por pelo menos trinta centímetros. Claire suspirou e correu o mais rápido que pôde através do labirinto de livros, roupas descartadas e copos de vidro. Ela saltou por cima de uma cadeira e caiu ao lado de um armário aberto onde Myrnin mantinha todos os tipos de coisas que eram muito perigosas de manejar.

Incluindo um conjunto de estacas de prata que Eve tinha feito para Claire, e que Myrnin tinha confiscado e colocado no armário por precaução.





Claire pegou uma e atirou-a desesperadamente assim que Kim tentou mirar novamente. Isso não iria matá-la, mas ela a golpeou na cabeça, machucando o seu crânio de lado, fazendo-a cambalear e cair sobre um joelho.

Frank Collins se virou para Claire e gritou: — Algemas, segunda prateleira! Apresse-se, caramba!

Ela as encontrou. Elas eram de prata, mas elas funcionavam muito bem. Ela chegou em Kim assim que a garota estava se apoiando nos joelhos, e a derrubou para colocar as algemas nela. Kim gritou, chutou e amaldiçoou, mas Claire segurou-a para baixo. Ela queria bater a cabeça estúpida de Kim no chão, mas não se atreveu, porque ela sabia que não seria capaz de parar. Ela estava tremendo de raiva.

Ela olhou para cima e viu Shane olhando para elas com uma expressão horrorizada e vazia no rosto. Ela não conseguiu raciocinar por um segundo — não poderia ser Myrnin; ele não se importava com isso. Ele não estava preocupado com *Kim*, com certeza...

E, em seguida, a neblina de adrenalina desapareceu, e atingiu Claire com um estrondo feio para o que ele estava olhando.

Seu pai.

Frank Collins.

O fantasma preto-e-branco de um homem que ele pensava que estava seguramente, e até mesmo heroicamente, morto.

— Olá, meu filho — Frank disse. Sua voz soava suave, mas desumana enquanto ele sussurrava do rádio e dos alto-falantes dos celulares de todo o laboratório. — Desculpe por você ter descoberto sobre isso assim. Eu nunca quis que fosse dessa forma. Eu nunca quis que você soubesse.

Shane estava com uma flecha no seu ombro, mas parecia que ele tinha esquecido sobre isso, porque isso machucava muito, muito mais. Ele deu um passo para a frente, depois outro, depois parecia que apenas... colapsou. Claire fez a cabeça de Kim estrondar no chão, apenas uma vez, o suficiente para fazê-la parar de lutar por um minuto e, em seguida, ela foi para o lado do seu namorado.

Frank Collins permaneceu onde estava, a uma distância segura. — Não tire a flecha — ele disse. — Melhor fazer isso no hospital. Pode ter atingido uma artéria.

— Você está morto — Shane disse. — Você está *morto*.





— Eu ainda estou — Frank concordou. — É apenas uma imagem, filho. Eu não estou realmente aqui.

— Sim, você está. — A garganta de Shane trabalhou como se ele estivesse tentando engolir um pedaço enorme e engolível de choque e tristeza. — Ele fez isso. Myrnin trouxe você de volta. Para a *máquina* dele.

— Não culpe Myrnin. Era eu ou Claire. Eu prefiro que seja eu.

Shane balançou a cabeça. Ele não estava olhando para o pai mais, ou para Claire, ou para qualquer coisa além do tecido manchado de sangue de seus jeans azuis. Seu rosto estava pálido de choque e seus olhos muito amplos.

— Shane... eu vou chamar a ambulância — ela disse. — Você vai ficar bem. Isso tudo...

— Não — ele disse, e encontrou os olhos dela. Ela se encolheu. — Você sabia. Você sabia. E você não me disse.

— Eu disse para ela não dizer — Frank disse.

Shane ignorou. — Você sabia — ele disse, como se o seu coração estivesse quebrando. Ele se inclinou de lado e fechou os olhos. — Você sabia, Claire.

Ela sentia-se sem fôlego e aterrorizada. Ele estava morrendo? Não, o sangramento não era tão ruim; certamente ele ficaria bem... Certamente eles ficariam...

— Claire. — A voz de Myrnin, apenas um sussurro. — Claire, me ajude. Socorro.

Ela olhou para cima. Seus olhos estavam abertos, escuros e sofrendo... assim como os de Shane. Era a flecha. Não tinha acertado ele completamente no coração, mas estava perto o suficiente para que estivesse o machucando.

Mas isso significava deixar Shane.

— Vá — Frank disse. — Shane está estável o suficiente. Veja Myrnin.

Ela não teve escolha, mas ela sabia que Shane não veria dessa forma.

Ela foi até o seu chefe vampiro, pegou a flecha e puxou-a em três tentativas terríveis.

Shane estava curvado agora, parecendo horrível, abatido e derrotado, e no segundo em que a flecha estava livre do peito de Myrnin, ela o deixou e correu, *correu* de volta para Shane. Ela pegou-o nos braços e disse: — Sinto muito. Eu sinto muito. Eu nunca vou deixar você de novo. Me ligaram para eu ir para o ITM agora, mas eu não vou agora, nem em janeiro, nem nunca. Eu não vou. Eu te amo...





Os olhos escuros de Shane se abriram e fixaram nela, e ela sentiu o mundo inteiro desmoronar na escuridão debaixo dela.

– Você sabia — ele disse, e, em seguida, uma centelha de entendimento queimou em sua expressão. — Janeiro. Você ia em janeiro.

– Não, eu...

– Você não me disse isso, tampouco.

– Shane, eu...

– Eu não posso fazer isso. Me deixe em paz.

Claire se arrastou para trás, atravessando a imagem tremeluzente de Frank, até que ela estava pressionada contra a estrutura fria e pesada de uma das mesas de laboratório.

Em seguida, ela usou o seu celular para pedir ajuda.

Shane não disse mais uma palavra para ela. Nem mais uma palavra a ninguém.

Por dias.



Fazia quase uma semana, e Claire ainda se sentia congelada, presa em um lugar horrível e vazio que estava cheio de escuridão e solidão. Eve tentou animá-la. O mesmo aconteceu com Michael. Mas era o fantasma de Shane, que nunca saía do quarto, exceto para pegar comida ou ir ao banheiro, que assombrava a casa agora.

Shane, que a odiava.

Os médicos fizeram bons pontos na ferida dele; com um pouco de tempo e de reabilitação, ele ficaria bem. Kim voltaria para a prisão definitivamente. Myrnin tinha se recuperado em menos de duas horas, drenado metade do cooler de sangue, e olhado desconfiado e interessado para o chão sangrento onde Shane estava de pé. Mas Claire não queria pensar nisso. Ela não tinha falado com ele, e ele não tinha pressionado.

Frank continuou a tentar falar com ela em seu telefone, então ela finalmente o desligou. Hoje era o primeiro dia em que ela o ligou novamente.

Havia três mensagens do ITM.

Claire deitou na cama, olhando para o teto, colocando-as uma após a outra no alto-falante. *Srta. Danvers, apenas ligando para saber se você chegou a uma*





decisão... Srta. Danvers, Eu preciso urgentemente saber de você até o final do fim de semana, se vamos manter o seu lugar para o próximo período... Srta. Danvers, eu estou preocupado por você não ter retornado as nossas ligações...

Ela começou a discar o telefone. Seus dedos estavam dormentes e pesados, e ela não tinha certeza de que não ia explodir em lágrimas, mas ela discou.

Ele atendeu no segundo toque. — Senhor? — Ela tinha razão; as lágrimas ameaçavam imediatamente. Claire limpou a garganta. — Senhor, aqui é Claire Danvers. Sinto muito por eu ter demorado tanto tempo para ligar de volta para o senhor.

— Oh, excelente. Eu estive esperando saber de você — o Sr. Radamon disse. — Você já resolveu todas as suas pendências? Podemos confirmar você nos registros? Porque eu tenho que lhe dizer, Srta. Danvers, que é um pouco intrigante que tenha levado tanto tempo para sabermos notícias de você. Nós normalmente não temos nenhuma hesitação.

Claire ouviu um som na porta. Shane estava ali de pé, olhando para ela. Ele estava com uma camisa velha e esfarrapada e calças de moletom, e seu ombro ainda estava volumoso com as ataduras. Seu cabelo parecia que tinha sido penteado por uma bateadeira de ovos... e ainda assim, ela sentiu o seu coração pular e depois acelerar.

Claire sentou-se lentamente com o telefone em seu ouvido.

— Sobre o início de janeiro — ela disse, e molhou os lábios. — Eu sei que você precisa da minha decisão final. — Ela estava olhando diretamente nos olhos escuros de Shane, à espera de um sinal. À espera de *alguma coisa*.

Ele não lhe deu nada. Mas ele estava lá. Pela primeira vez, ele estava lá.

Claire soltou uma respiração forte e dolorida, e disse: — Me desculpe, mas eu não estarei disponível. Obrigada por me considerar. Se for possível que eu coloque o meu pedido de novo no ano que vem, eu colocarei.

— Srta. Danvers, eu espero que você perceba que esta é uma decisão muito importante — o Sr. Radamon disse. — O ITM ficaria muito feliz em tê-la como aluna.

— Sim, senhor. Obrigada. — Ela hesitou, e tentou colocar todo o seu amor no olhar que ela estava segurando com Shane. — Mas eu preciso ficar aqui por enquanto. Eu absolutamente não posso sair. Não agora.

Ela desligou e deixou o celular cair na cama.





Shane disse muito baixinho: — Você fez isso por mim?

— Sim. E não. Porque eu não posso ir embora enquanto você está magoado, mas eu também não posso ir porque tem muita coisa que eu posso aprender. — Ela deu uma respiração rápida. — O ITM pode me ensinar coisas incríveis, mas sempre estará lá, e a ciência não é um campo de morte. Myrnin sabe coisas que ninguém mais no mundo inteiro pode me ensinar, coisas que foram esquecidas e precisam ser lembradas. Eu sei que você não gosta dele, mas aprender com ele é... único.

— Bem, você tem razão nisso. — Ele não tinha qualquer expressão ainda, e sua linguagem corporal estava cautelosa na melhor das hipóteses. — O que mais?

— Eu não posso sair antes de Eve e Michael resolverem essa coisa de casamento.

— Isso pode demorar um pouco.

— E eu nem tenho dezoito anos ainda. Acho que os meus pais estavam certos o tempo todo. Eu não acho que eu esteja pronta para me mudar para muito longe.

Ele quase sorriu. — Ainda não está pronta para deixar Nenhum Lugar, Texas, para ir para *Boston*. Você acha isso?

— Ah, sim — ela disse. — Eu estive pensando sobre isso por alguns dias.

— Você já pensou em outra resposta?

— Sim — ela disse. — Mas não há um bom tempo. Porque há mais uma razão: eu não quero deixá-lo.

Shane deu um passo para dentro de seu quarto. Apenas um único passo. Ela saiu da cama e deu dois na direção dele.

E eles se encontraram no meio, não se tocando, apenas se olhando. Tentando encontrar algo no rosto um do outro. Com ânsia e com medo de ter esperança.

Claire disse: — Eu preciso fazer isso direito com você, Shane. Porque eu te amo. — Ela tinha prometido a si mesma que não iria chorar, *prometido*, mas agora seus olhos estavam queimando e cheios de lágrimas. Ela não deixou-as cair quando ela torceu o anel de seu dedo e estendeu-o para ele. — Mas eu entendo se você quiser isso de volta. Eu entendo se você não ache que pode confiar em mim. Você acha que eu te traí, mas eu não o fiz. Eu realmente tentei...





— Deus — Shane disse. — Você não me entende nem um pouco.

E então ele se inclinou para a frente e, com a mão boa, deslizou o anel de volta em seu dedo. Ele colocou a testa na dela por um momento, em seguida, beijou-a. Era o beijo mais doce e mais hesitante que ele já tinha dado a ela, e isso fez as lágrimas se libertarem, e tudo o que ela podia sentir era o gosto de sal, desespero e o silêncio entre eles... E então seus braços foram ao redor dela.

— Eu não estava com raiva de você, e eu não acho que você me traiu — ele disse. — Não depois dos primeiros minutos. Eu sei porque você fez aquilo, por que você manteve o segredo. Você tinha que fazer. Você não queria me machucar. Eu entendo.

Ela estremeceu de alívio e relaxou contra ele. Sua mão acariciou o cabelo dela.

— Eu gostaria que você tivesse me dito — ele disse, — mas Frank estava certo. Eu preferia que fosse ele que tivesse que viver naquela máquina, se tivesse que ser alguém. E talvez esteja tudo bem que seja assim. Ele não se foi exatamente, mas ele não pode me machucar mais. Ele é apenas uma voz. Um fantasma. Uma memória. Talvez todas as melhores partes do meu pai, e nenhuma das piores.

— Então por que você não falou comigo sobre isso? — Ela tentou dizer isso razoavelmente, mas saiu em um gemido cheio de dor.

— Porque eu queria que você decidisse sozinha. E eu sabia que se eu dissesse alguma coisa, você saberia o quanto eu preciso de você agora.

— Você precisa de mim? — Ela olhou para ele e sentiu o coração acelerar.

— Tem sido a semana mais difícil da minha vida, não te tocar. Não falar com você. Esperar para ver o que você ia fazer. — Ele a beijou novamente, um toque quente e úmido dos lábios, requintadamente controlado. — Mas não importa se você vai ou fica. Eu ainda vou precisar de você. Então, se você quiser sair para Boston, eu vou esperar. Bem aqui, sempre que você precisar de mim.

Claire sorriu contra a pressão de seus lábios e sentiu ele sorrindo também. Ele era como o sol que sai depois de todos os dias longos e frios.

— Você sabe de uma coisa? — ela murmurou. — Eu preciso de você agora. Sua voz ficou mais baixa. — Agora?

— Agora mesmo.





— Oh — Shane disse, e apoiou-a lentamente em direção à cama. — Isso era exatamente o que eu ia dizer.

— Pensamos igual — ela sussurrou, mas a palavra foi perdida entre eles, quando ele a beijou, tão quente e doce.

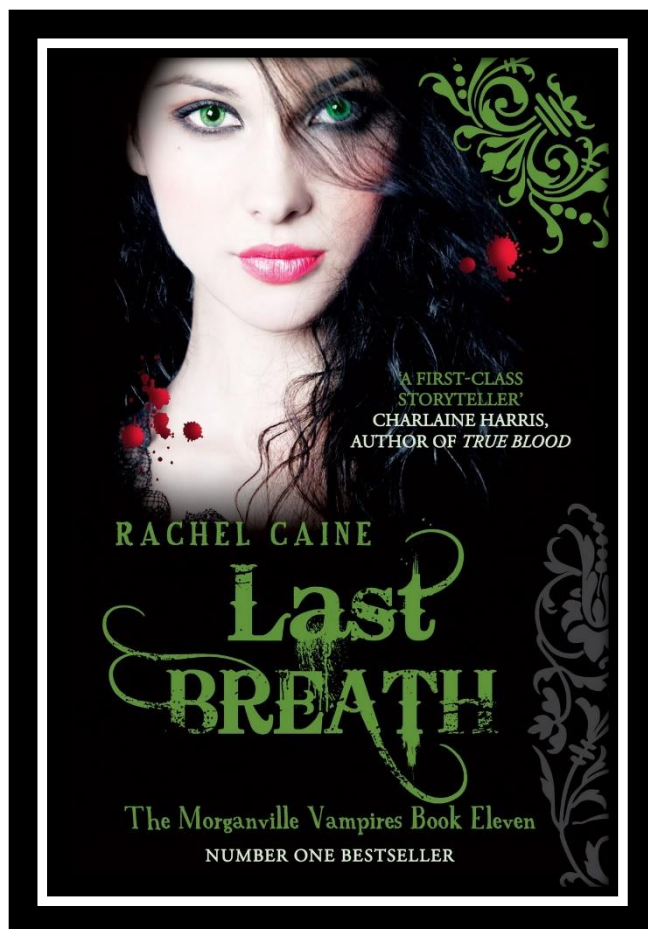
E mais uma vez... ela gostava mais da versão dele.

CONTINUA...



PRÓXIMO LIVRO

Last Breath (Último Suspiro)





The Morganville Vampires Series

